

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

GEOGRAFIA DE MOÇAMBIQUE  
*UM OLHAR PARA A HISTÓRIA E A EPISTEMOLOGIA*

JOSÉ MARIA DO ROSÁRIO CHILAÚLE LANGA

ORIENTADOR:

PROF. TITULAR ELISEU SAVÉRIO SPOSITO

PRESIDENTE PRUDENTE – SP, 2017

JOSÉ MARIA DO ROSÁRIO CHILAÚLE LANGA

GEOGRAFIA DE MOÇAMBIQUE  
*UM OLHAR PARA HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Campus Presidente Prudente, como requisito parcial para obtenção do título de doutorado em Geografia sob orientação do Professor Titular Eliseu Savério Sposito.

PRESIDENTE PRUDENTE – SP, 2017

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Aquisição e Tratamento da Informação – Diretoria  
Técnica de Biblioteca e Documentação – UNESP, Campus de Presidente Prudente

Langa, José Maria do Rosário Chilaúle

L26g

Geografia de Moçambique: um olhar para história e epistemologia / José Maria do  
Rosário Chilaúle Langa. - Presidente Prudente: [s.n], 2017  
261 p.

Orientador: Eliseu Savério Sposito

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia  
Inclui bibliografia

1.Geografia. 2. História da Geografia. 3. Epistemologia. 4. Ensino de Geografia.

I. Langa, José Maria do Rosário Chilaúle. II. Sposito, Eliseu Savério. III. Universidade Estadual  
Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. IV. Geografia de Moçambique: um olhar para  
história e epistemologia

Claudia Adriana Spindola  
CRB-8ª/5790



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Geografia de moçambique: um olhar para história e epistemologia

AUTOR: JOSÉ MARIA DO ROSÁRIO CHILAULE LANGA

ORIENTADOR: ELISEU SAVÉRIO SPOSITO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em GEOGRAFIA, área:  
PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. ELISEU SAVÉRIO SPOSITO  
Departamento de Geografia / FCT/UNESP/Presidente Prudente (SP)

Prof. Dr. MANOEL FERNANDES SOUSA NETO  
FFLCH / USP/São Paulo (SP)

Prof. Dr. ZACARIAS ALEXANDRE OMBE  
Geografia / Universidade Pedagógica - Moçambique

Prof. Dr. NÉCIO TURRA NETO  
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/UNESP

Profa. Dra. ROSANA FIGUEIREDO SALVI  
Geociências / Universidade Estadual de Londrina/Londrina (PR)

Presidente Prudente, 15 de dezembro de 2017

## DEDICATÓRIA

Em memória à Albertina Chilaúle, razão da minha existência.

Aos meus pais, Maria Inocência e Benedito Langa, por terem acreditado em mim e aceitado os planos de Deus, ensinando-me o amor, a educação e a luta.

Aos meus irmãos: Mano Xexe, Mana Nininha, Mana Bela, Mano Linho, Nucha “Ngoras” e Melquisedec, pelo amor, incentivo, apoio incondicional, companheirismo e suporte emocional, além dos sacrifícios e concessões.

Aos meus Sobrinhos Matheus, Didi, Mariana, Paloma, Thandi, Lanai, Príncipe, Cibelle, Tamika, Sharon e Henriques, vós sois um dos motivos da minha caminhada acadêmica.

A ti, minha esposa Érica, aos meus filhos João Leonardo e Pedro Inocência de Jesus ainda que no ventre de tua mãe, me fazem acreditar no amor e na família.

À Geografia de Moçambique.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que nos momentos de pesquisa desta tese estiveram ao meu lado, ajudando-me de variadas formas a desenvolvê-la, meu desejo é agradecer a todos.

Todos que puderam estar presentes direta ou indiretamente durante esta caminhada pelo curso de doutorado. Passado este período, (Março de 2014 – Dezembro – 2017) quero destacar o contributo de todos com vista a chegar ao fim desta pesquisa.

Em primeiro lugar, agradecer ao Eterno Pai Celestial, pela saúde e proteção durante todo este tempo. As minhas palavras de agradecimento ao Pai Celestial e Maria, Nossa Senhora de Fátima a quem confio e sou devoto, devem materializar-se agradecendo os meus pais Maria Inocência e Benedito Langa.

Sem o amor, carinho e todo o apoio que sempre me deram, tenho certeza que não estaria aqui. Sempre tive de vós o necessário para que o meu aproveitamento escolar dependesse apenas de mim, inculcando-me desde pequeno, um grande sentido de responsabilidade. Se por um lado me davam liberdade de escolher o meu caminho, simultaneamente mostraram-me bem cedo que essa liberdade tinha de acarretar sentido de responsabilidade. Por estas razões tenho orgulho de vocês e penso que também sentem o mesmo por mim. Obrigado, Mamã e Papá, vossa luta chegou ao fim e hoje mais uma vez somos VENCEDORES.

Em seguida e de forma muito especial, quero agradecer ao orientador desta pesquisa, Professor Eliseu, a quem hoje com mais respeito e admiração quero chamar de amigo e pai, sou grato pelas orientações, conhecimentos e saberes, pelo acompanhamento académico e incentivo de querer saber mais Geografia. Com o senhor não só aprendi Geografia, mas também sobre humanização e respeito para com o próximo.

Estendo meu agradecimento para as Bancas Examinadoras desta pesquisa (no processo de qualificação e defesa final). Meu muito obrigado aos Professores Doutores Manoel Fernandes e Nécio Turra Neto, Rosana Figueiredo Salvi e Zacarias Alexandre Ombe pela leitura, pelas contribuições e apontamentos pertinentes sobre a pesquisa, vossa arguição possibilitou o avanço na construção dos saberes que nesta tese apresento.

À Érica Bernardes, minha namorada, esposa, amiga ao meu filho João Leonardo pelo companheirismo, amizade, emoção e acima de tudo por me compreenderem nos momentos de ausência nesse processo de querer ser doutor. Foi em casa que sempre exercitei minha prática de fazer Geografia.

À família Silva, vai meu muitíssimo obrigado, pela simplicidade, carinho e especial saudação especial para minha sogra e mãe Dona Cleide.

Ao pessoal da Secção da Pós-Graduação – UNESP/FCT-PP, Ivonete Gomes de Andrade, “SUPER ALINE” Aline da Silva Ribeiro Muniz, André Trindade Meira, Cinthia Thiemi Onishi, Lincoln Tadeu Kohara e Iara Marques Roberto Alves pela atenção dada durante esse percurso acadêmico, vocês são parte deste trabalho, ainda bem que chegou ao fim, vai ter sim chocolate!!!!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia, pelos conhecimentos, acolhimento e orientação necessária, levarei cada um comigo para sempre, afinal já desde 2010, partilhamos corredores, salas de aulas e juntos temos feito a Geografia em Presidente Prudente. Professores amigos eu fiz nestes 7 anos de Prudente, sou grato pela amizade aos professores: Raul, Carminha, Rosângela, Arthur, Cezar, Bernardo, Encarnita, João Lima, Tommaselli, João Osvaldo, Margarete, Eliseu mais uma vez e Márcio, este último que recebeu enquanto Representante Discente em 2010. Muitos destes professores possibilitaram me pensar em práticas de ensino e aprendizagem, pelo fato de não se estabelecerem hierarquias durante esse processo de ensino e aprendizagem, o que para mim foi e é um os maiores aprendizados.

Ao Professor Rui Jacinto, mesmo longe, mas sempre presente, aprendi muito com vossa calma, mestria e profissionalismo, foram muitos e-mail e mensagens pelo *facebook* e *whatsapp* tudo isso para possibilitar me aprendizado.

Por isso, desde já quero me comprometer com a profissão de Professor Geógrafo e com zelo e dedicação esforçar me na construção de lugares melhores e na formação de homens e mulheres, cidadãos em Moçambique e outros lugares

Aos Governos da República Federativa do Brasil e República de Moçambique pelo acordo de cooperação no setor de Educação, a CAPES – PEC-PG pela bolsa estudos, graças ao atento olhar de relação SUL-SUL que o Governo do PT possibilitou ao continente africano.

Viver no Brasil desde sempre me fez pensar várias coisas dentre elas a questão da Igualdade e Equidade tanto de Raça como de Gênero. Enquanto homem, negro, cristão católico, Bantu e heterossexual, experimentei várias formas de ser, estar e pensar. Não tendo formas pré-indicadas e pensadas para cada um desses processos vividos, aprendi que é sempre bom viver com diferentes, pois é sabendo ou conhecendo as diferenças que melhor nos conhecemos. Agradecer a todos que aceitaram me e também agradecer por aqueles que fizeram o contrário, afinal minha mudança em busca de ser uma pessoa melhor se deve muito aos espaços de não aceitação que conheci enquanto transitava pelos espaços e lugares no meu dia a dia.

Aos meus tios, Helena e Diniz Banze, tia Nunucha pela motivação, atenção acima de tudo amizade, conselhos de vida durante este percurso.

Aos Vicentinos, Ada, Vitor, Botega, Thyão, Nilton, Tânia Guarda (Mamy) Marta Baba, Bolivar pelo contributo, para que encontrasse no Brasil enquadramento, amparo enquanto longe de minha família e do meu lugar.

A minha conferência Mãe da Igreja de Presidente Prudente, por sempre me possibilitar a construir esse cidadão que quero ser, tendo o respeito e a caridade os princípios de convivência no cotidiano.

Aos Conselhos Metropolitanos de São Carlos e Bauru, Conselho Central de Presidente Prudente, que sem eles este trabalho não seria possível.

Ao Gilmar, Agnaldo, Reginaldo, Hamilton, “Meu Vô” e demais Confrades e Consociais. Obrigado pelos muitos anos de vida e aprendizado para a construção do “Homem Novo”, onde a fraternidade se tornaram bases do dia a dia.

Sem economizar, o meu obrigado agora vai as Professores em Moçambique, primeiro para minha professora da primeira classe, Professora Joana, ler, escrever e pensar que traduzem esta tese, iniciaram sem sombra de dúvida naquela sombra, a minha primeira sala de aula, aquela árvore, Acácia de Flor Amarela na Escola Primária Completa Josina Machel.

Aos outros meus professores do ensino primário, básico e médio. Aos professores de Geografia: Professores Beto, Kapa, Paula, Matusse, Matsinhe, Olávio e Professor Alberto Cuambe (Professor de Filosofia) por me ajudar a despertar e não aceitar pouco para mim.

Aos meus mestres na Universidade em Moçambique eu agradeço em particular aos Professores Rosita, Inês, Cau, Elmer, Chicamisse, Serafim, Dgedge, Ximena, Ombe, Malauene, Sabil, Alice, Mungói, Sabil, Apolinário e Stela sem o vosso compromisso e atenção não poderia ter conseguido fazer meu trabalho de campo.

Agradeço também pelo compromisso e apoio a Faculdades de Letras e Ciências Sociais da UEM e a Ciências da Terra e Ambiente da UP, pela abertura e disponibilidade desde o início desta pesquisa.

Katia Ferrari sempre vou chamar te *Boss Katia*, contigo aprendi a diferença de chefe e líder obrigado pela confiança e motivação.

Estudar longe de tudo e todos aqueles que com eles cresci foi pesando, mas ainda bem que amizade é construção e não acaba com distância. Vocês meus amigos, ajudaram a superar obstáculos do dia a dia. Aos meus Amigos, Magu, Isildo, Achimo, Tiva-Tiva, Edy, Lola, Chindas, Tina Sono, Pretinha, Zandamela, Simão, Jaque, Ana Paula, Wilton, Helio Maria, Gleyson, obrigado pela força, pela amizade que mesmo longe e ausente conseguiram fazer-me perceber que as minhas lutas eram vossas e vice-versa, meu KHANIMAMBO.

Aos meus colegas e amigos da Pós-Graduação, Nino, Guilherme, Baiano, Juninho, Guilherme Claudino, Mateus, Mariana, Larissa, Clediane, Claudio, Robin, Yolima, César, Luisa, Aurélio, Eduardo (Dú), Yves e Thiago, grato pelos convívios, companhia e inúmeros debates acadêmicos, picaretagem entre os momentos construídos.

Ao famoso e numa mais esquecido Grupo *Bolsistas Capes*, palavras para quê se podemos tretar mesmo. Cada partilha, das mais e menos importantes, as piadas, as longas esperas pelo depósito da querida bolsa (milagroso quinto dia útil), por isso tudo e muito mais vai meu agradecimento, e lembrar que o foco é não ter foco.

Aos amigos e companheiros Mozucas (moçambicanos estudando no Brasil), com especial atenção para Alexandre Timbane, Nirza Fumo (minha super amiga) obrigado pelos papos e claro boas cervejas geladas, Lito, Cabo, Malua, Faria, Lobato, Ester, Egor, Nyimpini Khosa, Osvaldo, Inês, António e Lourenço obrigado pela amizade, nossas ambições acadêmicas nos fizeram iguais neste vasto, lindo e inesquecível país, Brasil FOREVIS.

Não teria como não agradecer aos vários movimentos de luta contra as desigualdades de várias ordens, ao movimento pelo direito a terra, pelo direito a cidade, ao movimento Negro que de forma recíproca ajudamo-nos e construimos, esses espaços que tem me ajudado a pensar em outras formas de ler e entender o mundo que quero e acredito.

"Se ficarmos neutros perante uma injustiça, escolhemos o lado do opressor. Se o elefante está pisando o rabo do camundongo (rato) e ficamos neutros, com certeza o camundongo não apreciará tal neutralidade."

Desmond Tutu

**Resumo** - Com a tese intitulada Geografia de Moçambique: um olhar para história e epistemologia, apresentamos a narração da História da Geografia em Moçambique onde usamos o processo de institucionalização da Geografia no ensino superior para datar o início desta história. Para tal usamos como metodologia, três metodologias que ajudaram nos na aproximação de nosso objeto de pesquisa: pesquisa documental e bibliográfica e entrevistas. Em 1969 foi criado o primeiro curso de Geografia no ensino superior em Moçambique, desde o tempo colonial, assim, podemos entender três períodos da Geografia em Moçambique, que são: colonial, pós-colonial e contemporâneo. Nesses três períodos fica que a Geografia foi feita de forma diferente, tanto sob ponto de vista de temas, Escola Geográfica e atores, muito por causa do processo histórico e político que país viveu e tem vivido. Destacam-se nesta História da Geografia em Moçambique três geógrafos moçambicanos Aniceto dos Muchangos, Manuel de Araújo e Rachael Thompson, professores e pesquisadores da Geografia que com sua prática docente e investigativa vão delimitando os vários saberes desta ciência, caracterizando a Geografia de Moçambique em três áreas de saber: Geografia das Regiões Naturais, Geografia da População e Povoamentos e Ensino de Geografia. A Geografia em Moçambique nasce do berço da Escola Francesa, sendo responsáveis por esse nascimento as Professoras Maria Eugénia, Celeste Coelho e Clara Mendes, geógrafas que formaram-se em Portugal e iniciaram suas práticas docentes em Moçambique na então Universidade Lourenço Marques, onde fizeram do território moçambicano, objeto de estudo da Geografia, por isso a elas chamamos de Mães da Geografia em Moçambique. Após o período colônia há incidência da Escola Russa de Geografia marcou o sul deste saber e isso não foi só na Geografia mas em todos setores de desenvolvimento do país após o processo do fim da colonização. Nesse período dá para pensar uma Escola Nacional de Geografia, pelo papel deste saber científico na definição e construção de país, principalmente na formação de professores. O terceiro momento é o que a Geografia em Moçambique vem vivendo nos dias de atuais, a diversidade de temas, o encontro de várias Escolas que se materializam em Moçambique por causa dos vários destinos de formação dos docentes e profissionais de Geografia quando decidem fazer estudos de pós-graduação, o Brasil e a África do Sul ganham destaque neste período. Se antes vinham os Professores Doutores para Moçambique, quase todos esses professores de um país só, nos dias hoje os moçambicanos vão estudar em diversos países. O que nos possibilitou chegar aos vários conhecimentos nesta pesquisa foram conceitos que marcaram o processo de delimitação e indicação do sul desta tese, *Campo Científico, Currículo e Escolas*. Um exercício possível foi a análise das teses defendidas pelos docentes nos Departamentos de Geografia tanto na UEM - Universidade Eduardo Mondlane como na UP – Universidade Pedagógica ambas de Moçambique, exercício esse, que dá corpo a uma primeira pontuação sobre a Epistemologia da Geografia em Moçambique. Um conceito ou categoria que podemos indicar como comum no debate teórico da Geografia em Moçambique é o de Território ou o da tríade TDR – Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização. Ficou claro também a preocupação da academia em buscar seu caminho próprio, principalmente dando valor ao local, a cultura, isto é, as peculiaridades que podem servir para pensar e fazer Epistemologia do Sul na Geografia. Por ser juvenil a Geografia em Moçambique, nossa pesquisa aponta para a necessidade de fazer de forma constante um debate e ir acompanhando os fatores que no desenvolvimento deste saber vão surgindo. Não temos em Moçambique uma Escola, pois falta uma proposta teórica e metodológica para fazer leitura do espaço, existem trabalhos que apresentam esta estrutura, mas não tem

continuidade o que trava esse nascimento de Escola, característica de um campo científico onde vários pesquisadores buscam dar valor aos seus capitais científicos.

**Palavras-chave:** Geografia; História da Geografia; Epistemologia; Ensino de Geografia; Moçambique

**Resumen** - Con la tesis titulada Geografía de Mozambique: una mirada para la historia y la epistemología, presentamos la narración de la Historia de la Geografía en Mozambique donde usamos el proceso de institucionalización de la Geografía en la educación superior para registrar la fecha de comienzo de esta historia. Para esto usamos tres metodologías que nos ayudaron en la aproximación de nuestro objeto de investigación: investigación documental, bibliográfica y entrevistas. En 1969 fue creando el primer curso de Geografía de educación superior en Mozambique, desde el tempo colonial, así, podemos entender tres períodos de la Geografía en Mozambique, que son: colonial, post colonial y contemporáneo. En estos tres períodos la Geografía fue desarrollada de forma diferente, desde el punto de vista de temas, Escuela Geográfica y actores, bastante debido al proceso histórico y político que el país vivió y ha vivido. Se destacan en esta Historia de la Geografía en Mozambique tres geógrafos mozambiqueños: Aniceto dos Muchangos, Manuel de Araújo y Rachael Thompson; profesores e investigadores de la Geografía que con su práctica docente e investigativa fueron delimitando los diferentes saberes de esta ciencia, caracterizando la Geografía de Mozambique en tres áreas del saber: Geografía de las Regiones Naturales, Geografía de la Población y los Pueblos y Educación de Geografía. La Geografía en Mozambique nace bebiendo de la Escuela Francesa, siendo responsables por este nacimiento las Profesoras Maria Eugénia, Celeste Coelho y Clara Mendes, geógrafas que se formaron en Portugal e iniciaron sus prácticas docentes en Mozambique en la entonces Universidad Lourenço Marques, donde hicieron del territorio mozambiqueño, objeto de estudio de la Geografía, por eso a ellas las llamamos Madres de la Geografía en Mozambique. Después del período colonial hay incidencia de la Escuela Rusa de Geografía la cual marcó el sur de este saber y no solo en la Geografía sino también en todos los sectores de desarrollo del país, después del proceso del fin de la colonización. En este período se puede pensar una Escuela Nacional de Geografía, por el papel de este saber científico en la definición y construcción de país, principalmente en la formación de profesores. El tercer momento es el que la Geografía de Mozambique está viviendo en la actualidad, la diversidad de temas, el encuentro de varias Escuelas que se materializan en Mozambique por causa de los diversos destinos de formación de los docentes y profesionales de Geografía cuando deciden hacer estudios de post graduación, Brasil y África del Sur se destacan en este período. Si antes venían los Profesores Doctores a Mozambique, casi todos profesores de un solo país, en la actualidad los mozambiqueños estudian en diversos países. Lo que nos permitió llegar a varios conocimientos en esta investigación fueron conceptos que marcaron el proceso de delimitación e indicación del sur de esta tesis, *Campo Científico, Currículo y Escuelas*. Un ejercicio posible fue el análisis de las tesis defendidas por los docentes en los Departamentos de Geografía tanto en la UEN - Universidad Eduardo Mondlane como en la UP – Universidad Pedagógica, ambas de Mozambique, ejercicio este que da cuerpo a una primera puntuación sobre la Epistemología de la Geografía en Mozambique. Un concepto o categoría que podemos indicar como común en el debate teórico de la Geografía en Mozambique es el de Territorio o el de la triada TDR – Territorialización, Desterritorialización y Reterritorialización. Quedó claro también la preocupación de la academia en buscar su propio camino, principalmente dando valor al lugar, a la cultura, esto es, a las peculiaridades que pueden servir para pensar y hacer Epistemología del Sul en la Geografía. Por ser juvenil la Geografía en Mozambique, nuestra investigación apunta para la necesidad de hacer de forma constante un debate e ir acompañando los factores que en el desarrollo de este saber van surgiendo. No tenemos en Mozambique una Escuela, pues falta una propuesta teórica y metodológica para hacer lectura del espacio, existen

trabajos que presentan esta estructura, pero no tienen continuidad lo que obstaculiza ese nacimiento de la Escuela, característica de un campo científico donde varios investigadores buscan dar valor a sus capitales científicos.

**Palabras-cave:** Geografía; Historia de la Geografía; Epistemología; Enseñanza de la Geografía; Mozambique

**Résumé** – Avec la thèse intitulée Géographie du Mozambique: un regard sur l'histoire et l'épistémologie, nous présentons le récit de l'histoire de la Géographie au Mozambique, où nous utilisons le processus d'institutionnalisation de la Géographie dans l'enseignement supérieur pour dater le début de cette histoire. Pour ce faire, nous utilisons trois méthodologies qui nous ont aidés à aborder notre objet de recherche: la recherche documentaire, la recherche bibliographique et les interviews. En 1969, il a été créé le premier cours de Géographie dans l'enseignement supérieur au Mozambique, depuis l'époque coloniale, de sorte que nous pouvons recenser trois périodes de Géographie au Mozambique: la coloniale, la postcoloniale et la contemporaine. Pendant ces trois périodes, la géographie a été établie différemment, à la fois du point de vue des thèmes, de l'École Géographique et des acteurs, en grande partie à cause du processus historique et politique que ce pays a vécu et vit. De cette histoire de la géographie au Mozambique se démarquent trois géographes mozambicains, Aniceto dos Muchangos, Manuel de Araújo et Rachael Thompson, professeurs et chercheurs en Géographie, qui, avec leur pratique de l'enseignement et de la recherche, délimitent les diverses connaissances de cette science, caractérisant la Géographie du Mozambique en trois domaines de connaissance: la Géographie des Régions Naturelles, la Géographie de la Population et du Peuplement et l'Enseignement de la Géographie. La Géographie au Mozambique est née du berceau de l'École Française. Sont responsables de cette naissance les professeurs Maria Eugenia, Celeste Coelho et Clara Mendes, géographes qui ont obtenu leur diplôme au Portugal et ont commencé leur pratique de l'enseignement au Mozambique à l'Université de Lourenço Marques, où ils ont fait du territoire mozambicain un objet d'étude de la Géographie. C'est la raison pour laquelle nous les appelons les mères de la Géographie au Mozambique. Après la période coloniale, l'incidence de l'école russe a marqué le sud de cette connaissance et ce n'était pas seulement en Géographie mais dans tous les secteurs de développement du pays, après le processus de fin de colonisation. Durant cette période, il est possible d'imaginer une École Nationale de Géographie, de par le rôle de cette connaissance scientifique dans la définition et la construction du pays, en particulier dans la formation de professeurs. Le troisième moment est celui que la Géographie au Mozambique connaît actuellement. Une diversité de thèmes, la rencontre de diverses Écoles qui se matérialisent au Mozambique en raison des différentes destinations de formation des enseignants et professionnels de Géographie quand ils décident de faire des études de troisième cycle. Le Brésil et l'Afrique du Sud sur cette période ressortent du lot. Si auparavant venaient au Mozambique des Professeurs Docteurs, presque tous enseignants d'un même pays, les mozambicains aujourd'hui, vont plutôt étudier dans divers pays. Ce qui nous a permis d'atteindre les différentes connaissances dans cette recherche ont été les concepts qui ont marqué le processus de délimitation et indication du sud de cette thèse, *Domaine Scientifique, Curriculum et Écoles*. Un exercice possible a été l'analyse des thèses soutenues par les enseignants aux Départements de Géographie, aussi bien à l'UEM (Université Eduardo Mondlane) qu'à l'UP (Université Pédagogique), toutes deux du Mozambique. Cet exercice donne corps à une première ponctuation sur l'Épistémologie de la Géographie au Mozambique. Un concept ou une catégorie que nous pouvons indiquer comme commun dans le débat théorique de la Géographie au Mozambique, est celui du Territoire ou celui du trio TDR - Territorialisation, Déterritorialisation et Reterritorialisation. Il était également manifeste le souci de l'académie de rechercher sa propre voie, principalement en valorisant le lieu, la culture, c'est-à-dire les particularités qui peuvent servir à penser et à faire L'épistémologie du Sud en Géographie. Étant jeune la Géographie au Mozambique, nos recherches soulignent la nécessité de faire de

manière constante un débat et d'accompagner les facteurs qui surgissent au cours du développement de cette connaissance. Nous n'avons pas au Mozambique une école, faute d'une approche théorique et méthodologique de lecture de l'espace. Il existe bien des travaux qui présentent cette structure, mais sans continuité. Il s'en suit donc un blocage de cette naissance de l'école, caractéristique d'un domaine scientifique où plusieurs chercheurs cherchent à valoriser leurs capitaux scientifiques.

**Mots-clés:** Géographie; Histoire de la Géographie; Épistémologie; Enseignement de la Géographie; Mozambique

## Índice de Quadros

Quadro 1. Lista de entrevistados, suas ocupações e tipo de entrevista.....	65
Quadro 2. Distribuição dos professores responsáveis pelo curso de férias. ....	81
Quadro 3. Coleções coloniais do museu da comissão geológica.....	87
Quadro 4. Disciplinas do Bacharelato em Geografia em 1969 na ULM-Moçambique.....	91
Quadro 5. Disciplinas do curso de formação de professores de Geografia 1976 na UEM.....	99
Quadro 6. Disciplinas do IV e V ano do curso de Licenciatura em Geografia da UEM, 1977 ..	102
Quadro 7. Disciplinas do curso de bacharelato e Licenciatura em Geografia do ano de 1990-2001, na UEM.....	107
Quadro 8. Cronologia da Geografia em Moçambique (período colonial e pós-colonial) .....	110
Quadro 9. Plano de estudos do curso de Licenciatura em Ensino de História e Geografia da Universidade Pedagógica, o qual vigorou até 2003.....	118
Quadro 10. Disciplinas do tronco comum do curso de Licenciatura em Geografia, 2001, na UEM (I e II ano) .....	121
Quadro 11. Orientação em População, Desenvolvimento e Ambiente.....	123
Quadro 12. Orientação em Desenvolvimento Regional .....	124
Quadro 13. Orientação em Ensino de Geografia .....	124
Quadro 14. Orientação em Cartografia e Sistemas de Informação Geográfica .....	125
Quadro 15. Informação dos doutores efetivos na UEM e UP em 2016.....	132
Quadro 16. Fundadores e percussores das Geografias em Moçambique.....	137
Quadro 17. Cronologia da Geografia em Moçambique (período contemporâneo) .....	138

## Índice de Gráficos

Gráfico 1. Distribuição das disciplinas por área de saber nos primeiros quatro currículos da UEM .....	128
Gráfico 2. Evolução dos principais domínios disciplinares dos currículos (1969-2012) no Curso de Geografia na UEM.....	129
Gráfico 3. Número de teses defendidas pelos professores dos Departamento de Geografia na UEM e UP, nos anos 1983 – 2016.....	151

## Índice de Ilustrações

Ilustração 1. Capas dos Quatro livros de Geografia escritos por José de Oliveira Boléo .....	86
Ilustração 2. Professora Maria Eugénia (a segunda, da direita para a esquerda) e parte dos alunos que fizeram outrora o Curso de Geografia em Moçambique na então Universidade Lourenço Marques.....	88
Ilustração 3. Professora Celeste Coelho.....	90
Ilustração 4. Capa do primeiro livro de Geografia de Moçambique, feito por um moçambicano. ....	98
Ilustração 5. Mapa de proveniência dos professores de Geografia no Ensino Superior em Moçambique, entre os anos 1969-1990. ....	105
Ilustração 6. Mapa de destino dos professores moçambicanos para cursar estudos de Pós-Graduação, entre os anos 1980-1992.....	106
Ilustração 7. Logomarca da Associação.....	139
Ilustração 8. Nuvem de palavras com os títulos de tese sobre Geografia em Moçambique de 1983 – 2016.....	143

## Sumário

Apresentação.....	22
Momento lírico.....	24
INTRODUÇÃO .....	25
Momento lírico.....	35
CAPÍTULO I. CONSTRUINDO O OBJETO DA PESQUISA .....	36
DISCUSSÃO METODOLÓGICA .....	60
PROBLEMA E HIPÓTESES .....	74
História da Geografia <i>versus</i> História do Pensamento Geográfico.....	75
SÍNTESE DO PRIMEIRO CAPÍTULO .....	77
CAPÍTULO II. HISTÓRIA DA GEORAFIA EM MOÇAMBIQUE.....	78
SÍNTESE DO SEGUNDO CAPÍTULO .....	140
Momento Lírico .....	141
CAPÍTULO III. PENSANDO NUMA ESCOLA MOÇAMBICANA DE GEOGRAFIA.....	142
SÍNTESE DO TERCEIRO CAPÍTULO.....	165
APONTAMENTOS FINAIS .....	166
REFERÊNCIAS.....	173
APÊNDICES.....	182
ANEXOS .....	252



## **Apresentação**

Esta tese tem, como principal objetivo, contribuir para o entendimento específico da questão didática, necessária em Moçambique, mais concretamente no que concerne ao saber científico geográfico. Nossa pesquisa iniciou tendo a preocupação em contribuir na sistematização da História da Geografia em Moçambique.

A motivação, em si, era querer saber mais sobre esse tema, o que possibilitou criar um problema de pesquisa, desenvolver um estudo e apresentar os seus resultados, aspectos que iremos apresentar no decorrer do presente trabalho.

Esta tese não só quer contar a história deste saber, mas também quer fazer da História e da Epistemologia eixos temáticos da Geografia em Moçambique, passando então a mesma a constituir um primeiro passo deste longo caminhar, que a Geografia nos vai possibilitando.

Em Moçambique são poucos os pesquisadores que estudam História e Epistemologia, são também poucos os que visualizam nestes dois eixos de pesquisa uma possibilidade para fazer Geografia.

O que nos levou a escolher este caminho (estudar História e Epistemologia) foi entender os fatos, os agentes e seus produtos que são um caminho para conhecer a Geografia e, com isso, entender como se dá a construção de tal olhar para este objeto de pesquisa.

Para nós, este caminhar é certamente o início, mesmo porque em quase quatro anos de trabalho não conseguimos responder às várias perguntas que inicialmente fizemos e temos muitas outras que foram surgindo, como resultado deste caminhar.

Sentimo-nos congratulados por chegar aqui, mesmo que cansados, mas muito animados, porque foi bom conhecer a Geografia em Moçambique e pensar sua História e ensaiar um exercício Epistemológico.

Ter conversado com vários agentes da Geografia em Moçambique e ter falado sobre, apresentar este saber para as outras geografias tem sido para nós um momento para exercitar nossa mente e buscar estar mais próximos deste saber.

O nosso convite é que esta tese seja lida e estudada por quem sentir vontade de conhecer a Geografia em Moçambique, pois ela não é tão nova para não ser conhecida e nem tão velha para não ser questionada e ou criticada.

*Não estudamos a História da Geografia de Moçambique porque ela já tem muito tempo, mas porque não devemos deixar que a Geografia passe sem a História.*

Entre os momentos entregues à pesquisa deste que constitui hoje o centro da presente tese - a Geografia em Moçambique - fizemos o trabalho pensando em várias coisas, dando voz e vez à mente, que nem sempre esteve quieta, mas mergulhada na Geografia, daí então o convite em sugerir que se possa ler nesta tese alguns versos, que são sem dúvida os responsáveis em aquietar a mente e reforçar na construção da pesquisa.

Tomamos a liberdade de apresentar momentos líricos da nossa autoria e outros não, mas todos eles com uma relação forte com a caminhada em busca dos saberes que adiante passaremos a apresentar.

**Estar longe**

Acordo diferente  
Todos os dias a minha mente  
Acorda diferente  
Acordar diferente é acordar sem norte e buscar o sul  
Minha cama mudou, minha fala mudou  
Meu andar mudou, minha vida parou  
Começou outra vida, minha vida começou  
O sol não mais nasceu  
Não mais vi mamas de xibjumbas e capulanas<sup>1</sup>  
Passando bem perto do meu quarto só porque amanheceu  
Por quê?  
Minha cama mudou, minha fala mudou?  
Meu andar mudou, minha vida parou?  
Minha vida começou?  
É essa saudade que me faz estar perto, perto estou.

José Maria Langa

Presidente Prudente, 2014

---

<sup>1</sup> Mamas – mães ou senhoras; Xibjumbas – trochas; Capulamas - tecidos típicos africanos

## INTRODUÇÃO

“A ciência só realiza progressos reais quando uma nova verdade já encontra um meio preparado para aceitá-la”

Kropotkin

O presente produto científico constitui uma tese de doutorado em Geografia, realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, no Campus de Presidente Prudente, São Paulo - Brasil, sendo este produto intitulado *GEOGRAFIA DE MOÇAMBIQUE: UM OLHAR PARA A HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA*, sob a orientação do Professor Titular Eliseu Savério Sposito.

Este trabalho tem, como propósito, desenvolver uma análise sobre este saber científico - A GEOGRAFIA - de Moçambique, tendo como base de recorte temporal os anos desde 1969 até 2016, 47 anos de institucionalização da Geografia no ensino superior no país. Escolhemos este recorte pois em 1969 cria-se o primeiro curso de Geografia no ensino superior em Moçambique e em 2016 defende-se a primeira tese em Geografia em um programa de pós-graduação moçambicano.

Entendemos que a busca em saber ou conhecer a Geografia de Moçambique se far-se-á sobre os saberes e conhecimento da Geografia em Moçambique, isto é: Geografia de Moçambique é resultado e Geografia em Moçambique é processo, pesquisa, dinâmicas entre outras coisas.

Esse desejo em querer saber, nos levou a mergulhar na História e nos vários caminhos que a Geografia vem percorrendo desde 1969, levando em conta as forças internas e externas a este saber, o que também pode se entender como noção de contexto, defendido por Berdoulay (2003), que deu vida a esta tese, ao que chamaremos de *Geografia em Moçambique*.

O que fez com os resultados desta pesquisa fossem pensados tendo em conta outros dois contextos: o historiográfico e narrativo, que vão depois resumir esta tese.

Para Berdoulay (2003), não há dicotomia radical entre fatores internos e externos da mudança científica. É necessário entender como conjunto estes fatores, o que nos levará a reconhecer e dar valor a todas as dinâmicas que ocorreram em torno deste.

A Terra está em constante mudança, e uma forma de identificar, perceber ou compreender essas mudanças, pode ser a partir do desenvolvimento da ciência nas suas variadas áreas, desde as ciências humanas até as naturais.

Entendemos que a Terra pode ser vista como uma tela onde se encenam todas as atividades do homem, buscando (re)produzir o espaço, como resultado de diversas relações, sendo essas, simples ou complexas. Por isso, as ciências vivem constantes transformações que podem ser consideradas como resultado dessas mudanças.

Por tal fato, a Geografia como ciência que tem como foco descrever a Terra (*Geo+Grafia*) vai, também, sofrer alterações; segundo Araújo e Raimundo (2002), a Geografia não é o percurso da Terra ao longo do tempo, os seus avanços e recuos, mas as incessantes tentativas de encontrar os novos caminhos e respostas para os velhos problemas.

Esses autores buscam apresentar o espaço geográfico como palco atuante de várias representações, sendo a Geografia a ciência que irá interpretar as relações dos homens e das mulheres na Terra, esse espaço produzido pelos vários atores, agentes ou sujeitos e este de forma dialética sofrendo mudanças e adequações derivadas do espaço, isto é, também produtor.

O desejo de estudar a Geografia em Moçambique surgiu depois de um questionamento individual, durante a graduação em Moçambique, entre os anos 2005-2009. Durante o curso, não foi dado um tratamento considerável sobre a História e a Epistemologia, como linhas de pesquisa na construção deste saber, mas isto não significa que alguns geógrafos (as) moçambicanos (as) não tenham esboçado pesquisas ou textos sobre tal. Daí, referir que este é o primeiro estudo feito que se propõe a estudar este objeto de pesquisa e contribuir para o desenvolvimento desta linha de pesquisa.

Sabemos ou somos conscientes de nossa responsabilidade, e é por isso que queremos estudar desta fora a Geografia em Moçambique.

Andrade (1987) considerou que a Humanidade (homens e mulheres), através das suas experiências, desenvolveu ideologias de ordem geográfica e lançou sementes que no futuro seriam desenvolvidas com caráter científico.

Este pensar ganha vida desde os homens e mulheres nômadas, os recolhedores e os sedentários com a descoberta da agricultura. Em cada um dos tempos, a Geografia foi sendo feita, mesmo sem ter quem lhes desse uma abordagem científica, sob ponto de vista de sistematização e ou institucionalização.

Afinal, a Geografia comporta, em seu campo de estudos, a relação entre a natureza e o homem, então ela é enquanto saber, muito anterior a sistematização como ciência, corroborando dessa forma com Claval (2011), que chama isso de “geografia vernacular” ou “pré-científica” que são as práticas desenvolvidas sem pensar, de caráter não científico e relacionadas com a vida diária.

Desde sempre e em várias Escolas da Geografia, estudou-se a História da Geografia, ou melhor, não é recente esta preocupação, são vários estudos que versam sobre a História do Pensamento Geográfico e são também diversas as histórias, afinal, ela vai ser diferente no tempo e no espaço e até mesmo pelos atores que vão fazer essa História.

Podemos ter uma só História da Geografia, mas isso não nos impede de fazer estudos particulares dessa mesma história.

Pensando assim, este estudo vem contribuir para o conhecimento desta grande História da Geografia, a História Universal da Geografia, e por ser pioneira em Moçambique, abre espaço para o debate sobre esta linha de pesquisa como também apresenta uma forma de fazer este tipo de investigação. Isto é, com esta pesquisa apresentamos uma contribuição tanto sob ponto de vista de resultado, a *tese*, como também o tecer metodológico, por isso passível de ser questiona.

É responsabilidade do pesquisador encontrar o melhor caminho para mais próximo do objeto ficar, logo, é necessário criar metodologias, para a partir do objeto, construir informação e conhecimento, sempre tendo em conta o leitor, ou para quem esse conhecimento vai ser útil.

[...] tu és a metodologia que usas e tu és a história que narraste [...] existe uma articulação muito forte entre os *modos de ser*, que são resultantes dos *modos de fazer* e *modos de pensar*. Que também apresentam e refletem o *modo de estar* no Mundo do sujeito que pesquisa [...] ele é o que faz e o que compreende (HISSA, 2013, p. 128).

Cássio Hissa nos desperta para o seguinte: mesmo sendo a proposta desta pesquisa apresentar uma arte de tecer sob o ponto de vista metodológico, não é e jamais será a única forma de pesquisar a História da Geografia em Moçambique, pois cada pesquisador tem uma forma de se aproximar do objeto que deseja estudar, daí ser importante reforçar a ideia de que se deve fazer da História da Geografia uma linha de pesquisa nos departamentos e programas de pós-graduação em Geografia.

Estariamos completamente enganados se pensássemos que neste produto científico têm-se o fim de uma pesquisa. Esta tese é o início de um exercício, de querer saber mais. É o acreditar que podemos fazer Geografia em Moçambique estudando sua História, sem abrir mão de um exercício epistemológico. Aliás, esse erro é por muitos cometido, acreditar que o curso é a pesquisa, enquanto na verdade, devemos pensar sempre que o curso nos conduz para a pesquisa. Sendo assim, podemos acabar o curso de doutoramento que em média tem quatro anos, mas não podemos finalizar a pesquisa da Geografia em Moçambique, pois esta vai muito para além de quatro anos.

Apresentamos nesta pesquisa a Geografia em Moçambique da forma como ela se deixou estudar. Buscamos entender os 47 anos de história, a partir do que foi possível ligar à Geografia, daí então entender os recursos metodológicos que usamos nesta pesquisa e o nosso desejo de apresentar uma proposta de metodologia para estudar este objeto.

Três grandes assuntos nortearão este trabalho e serão apresentados da seguinte forma:

a) *A construção do objeto* é o primeiro capítulo desta tese, e é onde vamos apresentar todo o tecer metodológico desta pesquisa. Um olhar detalhado sobre a metodologia e procedimentos que utilizamos, para chegar às informações e conhecimentos nele contidos.

Para Hissa (2006) e Chizzotti (1995) a interpretação tem a ver principalmente com a intencionalidade, os conhecimentos, a construção social e ideológica do pesquisador no descrever, analisar e, também, na relação entre o pesquisador e seu objeto de estudo. Sendo assim, faz-se

necessário recorrer a outros campos disciplinares, buscando novos saberes e práticas metodológicas para fazer pesquisas, isso, nos permite chegar muito próximo do que estamos a estudar em Geografia.

O método diz respeito às concepções amplas de interpretação do mundo, de objetos e de seres [...] cada método poderia estar compreendido, assim, por um paradigma (HISSA, 2006, 159).

Para Chizzotti (1995, p.11) a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Contudo, ela só existe com o apoio de procedimentos metodológicos adequados, que permitam a aproximação ao objeto de estudo.

Sendo assim, é então nossa responsabilidade escolher os caminhos pelos quais vamos estudar a Geografia em Moçambique, não hesitamos em nadar no profundo mar da pesquisa qualitativa, com recurso às seguintes metodologias: *entrevista semiestruturada*, *pesquisa bibliográfica* e, por fim, e não menos importante *a pesquisa documental*, possibilitando assim uma triangulação metodológica para a produção de conhecimento e informação sobre o objeto estudado.

Será nesta primeira parte também, que apresentaremos as hipóteses e a pergunta de partida desta pesquisa, lembrando que não é preocupação nossa trazer respostas finais sobre a Geografia em Moçambique, mas sim questionar sobre ela nos vários âmbitos, momentos e abordagens possíveis.

A busca em construir o nosso objeto de pesquisa fez-nos trazer para este capítulo, algumas questões e posicionamentos sobre a fundamentação teórica, são eles: campo científico defendido por Pierre Bourdieu; o conceito de Escola Científica, apresentado por José D'Assunção Barros, e também uma breve apresentação das escolas geográficas das Escolas Francesa e Soviética.

Discutimos ainda nesta primeira parte da tese sobre a diferença entre História do Pensamento Geográfico e História da Geografia, sendo este um eixo para entender um dos resultados desta pesquisa.

É neste capítulo, que apresentamos o *passo a passo* usado em nossas metodologias. Por fim, elencamos os objetivos como forma de fazer uma concatenação entre a pergunta de partida e

as das hipóteses, que no final retomaremos para dar um desfecho a esta pesquisa e apresentar nossa tese.

b) *História da Geografia em Moçambique* é o segundo capítulo. Num primeiro momento buscamos temporalizar nossa pesquisa, para não nos perdermos em relação ao que queremos estudar. Sendo assim, este estudo centrar-se-á entre os anos 1969 até 2016. Este intervalo temporal não foi escolhido ao acaso, ele surge, a partir do seguinte critério: 1969 - início do desenvolvimento do primeiro curso de Geografia no ensino superior, na então Universidade Lourenço Marques, hoje Universidade Eduardo Mondlane e 2016, ano de defesa do primeiro Doutor formado em um programa em Moçambique (dois marcos da Geografia em Moçambique).

A partir desta informação temporal fica evidente que a formação de geógrafos (as) tem o seu início no tempo colonial e a cada tempo o processo e formação vai trazendo especificidades até aos dias de hoje, como iremos ver mais adiante.

Com base nesses currículos que desde 1969 foram desenvolvidos em Moçambique possibilitou-nos uma análise inicial. Uma primeira imagem sobre a História da Geografia em Moçambique, principalmente no que se refere às mudanças e permanências na proposta de formação, centrando se nos conteúdos e disciplinas. Aqui percebemos que, com o tempo, a Geografia em Moçambique apresentou alterações, sem querer fazer juízo de valor dessas alterações, é importante referir que foram e tem sido dessas alterações que a Geografia em Moçambique vem se fazendo e ganhando vida.

Com base nos relatos de alguns geógrafos e geógrafas, indicados por nós como fundamentais para compor este saber, na tentativa de contar a História da Geografia em Moçambique, só é possível, conhecendo as outras histórias ou até contextos, como por exemplo: a História de Portugal ou parte dela, a História de Moçambique e principalmente a História da Geografia, afinal se olharmos com mais profundidade neste estudo podemos concluir que não tão somente estamos a narrar a História da Geografia em Moçambique, mas sim estamos a narrar a História da Geografia Universal, acreditando que esta é uma e tem suas particularidades.

Grandes nomes da Geografia tiveram contato com a Geografia em Moçambique, uns servindo a Coroa Portuguesa na hora de conhecer e traçar estratégias de colonização, como é o

caso de Orlando Ribeiro<sup>2</sup>, alguns como docentes nas universidades, e outros ainda vindo como convidados, são eles: Maria Celeste Coelho, Maria Eugénia Moreira Lopes, estas duas geógrafas participaram do primeiro curso de Bacharelato em Geografia, na então Universidade Lourenço Marques.

Outros nomes de geógrafos (as) estrangeiros (as) fazem parte desde grupo, sendo: Ximena Andrade (Chilena), Benjamin Wisner (Estadunidense), Yves Lacoste (Francês), Douglas Santos<sup>3</sup> (Brasileiro), este fato parece ser desconectado do que estamos a estudar, mas não, esses geógrafos e geógrafas são e têm sido nos dias de hoje os atores influenciadores das formas de fazer e produzir os conhecimentos da Geografia em Moçambique.

Vamos apresentar ainda neste segundo capítulo, a cronologia da Geografia em Moçambique, o que nos possibilitará pensar na terceira parte desta investigação, afinal é com base nas datas e atores, sujeitos ou agentes, que podemos pensar nos eventos da Geografia em Moçambique ou vice-versa e, a partir disso, pensar e apresentar os elementos que nos permitiram dividir no tempo a Geografia em Moçambique nos seguintes períodos: colonial, pós-colonial e a contemporaneidade.

c) *Pensando numa Escola Moçambicana de Geografia*. Terceiro capítulo vamos debruçar-nos sobre a *Epistemologia da Geografia em Moçambique*, que dela pode nascer uma Escola. O debate sobre a existência ou não de uma Escola Moçambicana é o que vai nutrir este capítulo.

---

<sup>2</sup> Muito antes desta ciência ter sido institucionalizada, *Orlando Ribeiro*, estudioso da geografia humana das regiões tropicais correspondentes ao antigo império colonial português, já tinha estado em Moçambique, fazendo trabalhos para a Coroa Portuguesa, entre os anos 1960-1963. Apesar de só ter visitado Moçambique pela primeira vez em 1960, não se pode dizer que Orlando Ribeiro desconhecesse a realidade geográfica e social do território. Na verdade, além do conhecimento que tinha da cartografia, que lhe permitiu uma interpretação da paisagem e da ocupação humana, Orlando Ribeiro dotou-se ainda de conhecimentos de outras áreas de investigação, designadamente da antropologia, da agronomia, da zootecnia e da veterinária. Além do próprio conhecimento que tinha do território, contou também com o apoio de outros credenciados investigadores portugueses da época, residentes ou não residentes, etnólogos, biólogos e agrónomos, todos com ligação aos principais centros de investigação existentes na colónia, designadamente o Centro de Investigação Científica Algodoeira, a Estação de Biologia Marinha e o Instituto de Investigação Científica. Desses colaboradores permito-me destacar os professores Jorge Dias, um dos mais credenciados etnólogos portugueses, e Aurélio Quintanilha, eminente biólogo e geneticista, opositor político ao regime do Estado Novo a desenvolver a sua atividade de investigação e de ensino em Moçambique, onde deixou obra mérito. (Centro de Estudos Africanos – Universidade do Porto, 2013) In: <http://www.africanos.eu/ceaup/index.php?p=k&type=B&pub=96&s=4>. Acesso dia 13 de julho de 2016.

<sup>3</sup> Este participando do projeto de construção da Pós-Graduação em Geografia na Universidade Pedagógica

Queremos lembrar mais uma vez que, não é nossa intenção dar por terminada esta pesquisa, mas sim criar bases para que se continue pesquisando sobre esta temática.

Segundo Manuel Correia de Andrade em seu livro *GEOGRAFIA: Ciência da sociedade - uma introdução à análise do pensamento geográfico*, publicada em 1987, podemos considerar as seguintes Escolas da Geografia: Alemã, Francesa, Britânica, Norte Americana e Soviética, cada uma com suas características, tendo atingido o seu apogeu em tempo também bem definido, o que é um fato é que estas escolas tiveram um contato com a Geografia em Moçambique, ou melhor, a Geografia em Moçambique deixou-se relacionar com elas.

É também fato que, em Moçambique já se iniciou um debate sobre a existência ou não de uma Escola Moçambicana de Geografia.

Dois cenários são importantes destacar neste debate, o primeiro é a presença de pesquisadores que afirmam a existência dessa Escola, exatamente por ela ser capaz de epicentrar (centralizar) as Escolas acima indicadas. Um dos defensores dessa ideia é o Professor Manuel de Araújo, o primeiro geógrafo de Moçambique. O segundo cenário é a necessidade de sistematizar os conhecimentos de Geografia em Moçambique, e a partir disso, será possível verificar a existência ou não de uma Escola. Quem assim defende é o Professor Gustavo Dgedge, Presidente da Associação de Geógrafos de Moçambique – GAM.

Segundo o Presidente da GAM esta é uma das prioridades da Associação. Se, por um lado existe esta preocupação em pensar numa Escola Moçambicana de Geografia, vários podem ser os entraves para se chegar a ela, pois não é consensual este debate em Moçambique.

Ainda em Moçambique, de forma geral as universidades ainda apresentam grandes dificuldades em desenvolver pesquisa por pesquisa, e isso sim é um fator que cria penumbra quando se deseja fazer uma análise epistemológica da Geografia. Pois, são poucos os produtos de pesquisa encontrados neste centro acadêmico. A universidade, que deve juntar ensino, pesquisa e extensão universitária, parece somente dar valor ao ensino.

Outro dado interessante que surgiu durante a pesquisa e que vamos detalhar mais adiante tem a ver com a formação dos docentes em seus níveis de doutoramento, existiu uma redução de doutores em Geografia. Daí aquela pergunta que não quer calar, "como criar uma Escola Moçambicana de Geografia sem ou/e poucos doutores em Geografia e ou sem teses em Geografia",

isto é, sem pesquisas em Geografia. Não queremos com esta pergunta dizer entre linhas que só se faz Escola com Doutores, mas que as pesquisas de doutoramento em Geografia podem ajudar a entender melhor esse fenômeno de Escola.

Neste capítulo usaremos como base para análise epistemológica algumas teses defendidas por professores que trabalham nos Departamentos de Geografia na Universidade Eduardo Mondlane - UEM e Universidade Pedagógica - UP, todas feitas por moçambicanos. Associado a isso vamos também fazer análise nos currículos atuais dos cursos de Licenciatura em Ensino de Geografia e Licenciatura em Geografia na Universidade Pedagógica e Universidade Eduardo Mondlane respectivamente.

Com base nesse exercício analítico, usaremos o conceito de meio técnico científico-informacional desenvolvido por Milton Santos, para avançar nesse mergulho sobre a epistemologia.

E para terminar, iniciaremos nesta tese um debate sobre Geografia em Moçambique e a *Epistemologia do Sul*.

Com essas três partes desenvolvidas, acreditamos que esta pesquisa passa a ter um peso educacional formativo de valor para a Geografia em Moçambique. Para um melhor entendimento deste objeto de pesquisa, é necessário abordarmos as principais perspectivas que foram predominantes no decurso temporal e na orientação das pesquisas realizadas no mundo. As formas de explicar ou responder os vários problemas da Geografia tem relação direta com as correntes do Pensamento Geográfico e isso não é diferente em Moçambique. Segundo Moreira (2006), cada fase pela qual a Geografia passa, ela se mostra com evidência a uma tendência na forma de produzir os conhecimentos geográficos.

Em jeito conclusivo desta pesquisa, apresentaremos as seguintes contribuições de pesquisa: uma proposta metodológica, a História da Geografia e o debate sobre uma Escola Moçambicana de Geografia elementos esses que no nosso olhar são fundamentais para iniciar debates sobre a Geografia em Moçambique.

Como forma de garantir que os leitores desta pesquisa tenham uma aproximação idêntica à nossa em relação ao nosso objeto de pesquisa e assuntos aqui discutidos e, desenvolvidos, terá o

leitor uma síntese a cada capítulo, ora ao mesmo tempo que desejamos deixar o leitor próximo, não queremos de forma alguma impossibilitar crítica e a partir disso gerar debate.

## **Momento lírico**

Sejamos felizes

Sejamos felizes por inteiros

Costumo refletir que ninguém tem saúde física e mental sem limpar o coração,

Sem largar o passado e perdoar a ignorância alheia!

Perdoemos todos os dias e amemos mais!

Em dias difíceis, nos parece ser impossível,

Mas tudo é questão de dedicação e força de vontade!

Só temos uma vida!!!

Sejamos felizes por inteiros

Por: Jaque Vieira

GeoAmiga e professora de Geografia

Machu Picchu - 2017

## CAPÍTULO I. CONSTRUINDO O OBJETO DA PESQUISA

“O desenvolvimento de produções científicas só se dá de maneira efetiva [...] mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos”

Gil (2002)

Iniciamos esta pesquisa com a construção do seu objeto, lembrando desde já que este exercício vem desde o tempo que escolhemos fazer este estudo, afinal, os questionamentos sobre, a Geografia em Moçambique vem desde lá, no tempo dos estudos de graduação, em Moçambique em 2005 e no de pós-graduação no curso de Mestrado, no ano 2010, onde podemos indicar algum amadurecimento em relação a dar início à pesquisa nos anos de 2012-2013. Estes questionamentos avançaram e foram dando sul a este processo de construção, de tal modo que é necessário deixar claro que fazer estudos sobre História, Epistemologia - *objeto de pesquisa* só foi possível recorrendo à metodologia qualitativa, pois estes estudos, por sua natureza, apresentam como centralidade a questão temporal para perceber o objeto e ainda depende muito de um grupo social, que são as pessoas que fazem este saber.

Quase sempre, ou é muito usual que, na pesquisa qualitativa não se utilizem elementos estatísticos no processo de análise de dados ou informações. O interesse desta pesquisa é amplo, e parte da aproximação das informações, mediante o contato direto do pesquisador com seu objeto de estudo, isto é, fontes primárias.

A História da Geografia apenas torna-se inteligível dentro da realidade social na qual historicamente está inserido. Sendo assim, faz-se necessária, então, uma releitura histórica da própria sociedade para compreender o que se fez, o que se faz e até mesmo o que far-se-á na Geografia.

É sobre estas linhas de pensamento que buscaremos estudar a Geografia em Moçambique - *o nosso objeto de pesquisa*. Por vários momentos, a pergunta que primeiramente buscamos responder quando iniciamos este estudo é a seguinte: por que uma construção e não delimitação do objeto de pesquisa?

Por muitas vezes, a resposta foi que numa delimitação nós estaríamos a estudar o Objeto (já construído) um Objeto dado *a priori*. Isto é, nosso trabalho partiria do objeto que outrora já teria sido construído. Ora, a proposta nesta pesquisa não é pensar a partir do que já está pensado (Geografia de Moçambique), mas sim *a posteriori*, a partir do nosso olhar e acima de tudo, questionar ao que já é conhecido e concebido, para assim chegar à Geografia em Moçambique, essa é a nossa construção.

Ora, com esses questionamentos próprios, queremos, com os sujeitos, atores ou agentes da Geografia de Moçambique, chegar ao novo conhecimento; isto é, avançar um pouco para o que já é dado *a priori*, mesmo que ainda não se tenha estudado.

Sendo assim, acreditamos que, fazendo um estudo centrado na Geografia desenvolvida na Universidade Eduardo Mondlane – UEM<sup>4</sup> podemos perceber como foi e está sendo desenvolvido este saber científico em Moçambique, tendo em conta que esta ciência é dinâmica e está em constante transformação, apresentando resultado de novos questionamentos na área e até pelo fato de ter pesquisadores e professores formados em diferentes Escolas e que trabalham sob abordagens diferentes da Geografia, resultando numa Geografia Diversa, como vamos destacar mais adiante.

O fundamental, nesta pesquisa, é que, durante o desenvolvimento da mesma, possibilitamos o diálogo sobre métodos, teorias, temas de investigação entre estudiosos, professores de Geografia e comunidades científicas de outras áreas em Moçambique, principalmente na UEM, abrindo espaço para que este debate seja presente e profícuo. Fazer estudos nesta área (objeto) é estudar para além do método outros elementos, que são a doutrina, a teoria, as leis, os conceitos e as categorias (SPOSITO, 2004, p. 55).

Sposito apresenta, a partir destes elementos, várias possibilidades de trabalhar com esta ciência, sempre focado no encontro entre a ciência e filosofia.

---

<sup>4</sup>A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) é uma instituição pública de âmbito nacional, a mais antiga instituição de ensino superior em Moçambique. Foi fundada no dia 21 de Agosto de 1962, pelo Decreto-Lei nº 44530, sob a designação de Estudos Gerais Universitários de Moçambique. Em 1968, ascendeu à Universidade, sendo então designada por Universidade Lourenço Marques. A 1 de Maio de 1976, o Presidente Samora Moisés Machel atribuiu a esta instituição o nome de Universidade Eduardo Mondlane, em homenagem ao relevante papel histórico representado em Moçambique pelo Doutor Eduardo Chivambo Mondlane. É ainda em sua homenagem que no dia 20 de Junho, data de seu nascimento, é comemorado como o Dia da Universidade Eduardo Mondlane (<http://www.uem.mz/index.php/sobre-a-uem/historial>).

Nossa maior preocupação com esta pesquisa não é só historicizar sobre a Geografia em Moçambique, mas também apontar elementos que podem dar unicidade narrativa a esta História. Entender as idas e vindas desse percurso histórico e acima de tudo indicar elementos da construção e validação do conhecimento científico que é a Geografia em Moçambique. Entendendo que unicidade estamos a pensar nos fatos históricos.

Muitos são os acadêmicos que negam a existência de uma relação entre a ciência e a filosofia, ora, é impossível pensar na ciência sem chamar a filosofia e vice-versa. Pois, vejamos segundo Murcho (2004) o uso dos termos epistemologia e teoria do conhecimento como sinônimos não é totalmente errado, apesar de cada uma dessas áreas apresentar certas particularidades.

A epistemologia, para este autor, objetiva estudar o conhecimento científico, mas também a crença e o conhecimento em geral. A filosofia da ciência se ocupa em parte da teoria do conhecimento científico, ou seja, a própria epistemologia, porém seu campo de estudos é mais abrangente, contemplando também a metafísica da ciência e a lógica da ciência (Idem).

É com base na filosofia entendida como mãe das ciências, que podemos aprofundar sobre a epistemologia e ontologia das ciências e isso é, em parte o que queremos fazer com esta pesquisa, lembrando que este é só o início.

A partir destes elementos (epistemologia e ontologia), criam-se bases de diferentes métodos de apreensão da realidade que conhecemos por “espaço geográfico”. As Escolas do saber geográfico fazem isto, cada uma da sua forma.

A busca por entendimento sobre os sujeitos, atores ou agentes deste saber, as temáticas desta ciência, os vários contextos e processos do seu desenvolvimento nos levarão a ter um resultado epistemológico da Geografia em Moçambique.

Para a Geografia em Moçambique, são dois os momentos que influenciaram mais o saber geográfico e a construção deste saber: o primeiro é o período colonial entre os anos de 1969-1974 e o segundo no período de construção de Nova Nação entre os anos 1975-1990, tendo também duas Escolas construindo esse processo, a Escola Francesa e a Escola Soviética.

A Escola Francesa foi trazida pelos portugueses desde a institucionalização desta ciência em Moçambique, já desde 1969. Segundo relatos e informações encontradas em documentos, o

primeiro currículo de ensino e planos de estudos na então Universidade Lourenço Marques era o mesmo na Universidade de Lisboa em Portugal.

Nos anos 1960, a Europa vivia o auge dos ensinamentos de La Blache, pregados principalmente por Orlando Ribeiro<sup>5</sup> em Portugal e isso passa a se refletir na Geografia em Moçambique.

Logo após a independência, no ano de 1975, Moçambique passou a defender e aplicar a política Socialista, e a Educação sempre foi vista como a base para a doutrinação desta política, daí que em 1976 com a mudança do nome da Universidade, de Lourenço Marques para Eduardo Mondlane, chegaram também muitos cooperantes dos países do Leste, para ocuparem os postos de formação não só na Geografia, mas em toda a Universidade.

Na Geografia passou então a ser marcante a Escola Soviética. Estas duas Escolas marcaram o início da Geografia em Moçambique, acredita-se que a Escola Francesa é a que tenha feito a base de formação dos geógrafos e geógrafas no país, embora com um aumento de pesquisadores experimentando outras escolas, como: Alemã, Australiana, Norte Americana e Brasileira, isto, como resultado de complementação de estudos (pós-graduação) de alguns pesquisadores que atuam tanto na UEM, como na Universidade Pedagógica - UP. Sendo assim, a Geografia em Moçambique tem o seu berço na Escola Francesa e influências de outras Escolas.

Em suma, a Escola Francesa foi defendida desde o início e principalmente, pelo cunho das primeiras formadoras em 1969, que vieram de Portugal como já fizemos referência.

Depois seguiu a Escola Soviética, que acompanha o saber geográfico em Moçambique marcado pelos conceitos principalmente ligados ao sistema político socialista, que o país viveu depois da Independência (1975).

Estudos apresentando misturas de abordagens, resultado de influências de várias Escolas, vão sendo produzidos em Moçambique, criando assim, de certa forma várias maneiras de perceber

---

<sup>5</sup> Em 1932 licenciou-se em História e Geografia e, em 1935, defendeu a sua dissertação de Doutoramento em Geografia com uma pequena, mas exemplar monografia sobre uma serra dos arredores de Lisboa, Arrábida, esboço geográfico [...] Orlando Ribeiro partiu para Paris, como leitor de cultura e língua portuguesa na Universidade da Sorbone. Em Paris, assiste às aulas de grandes mestres da História e da Geografia, como Marc Bloch, Emmanuel de Martonne e Albert Demageon. (GARCIA, 1998. In Revista da Faculdade de Letras - Geografia. I série, Vol. XIV, Porto, 1998, pp 107-11).

o espaço, lançando bases e hipóteses para a criação de uma nova Escola de Geografia, a Escola Moçambicana, segundo alguns pesquisadores moçambicanos, este é um assunto que dever-se-á retomar novamente com profundidade nesta pesquisa.

Esta questão sobre a existência ou não de uma Escola Moçambicana de Geografia tornou-se importante em nossa pesquisa e tem preocupado os geógrafos e geógrafas em Moçambique, este assunto merecerá nesta pesquisa, espaço apropriado para ser discutido, coisa que faremos no terceiro capítulo.

É possível verificar três períodos distintos em que a Geografia passou em Moçambique, esses períodos foram basicamente ditados pelo percurso histórico-político que o país viveu e vem vivendo, são eles: I período colonial (1969- 1975), II período pós-independência (1976 – 1990) e III período atual ou contemporâneo (1991-2016).

A partir desses três períodos, vamos procurar fazer questionamentos sobre a Geografia em Moçambique, para a partir deles chegar ao novo conhecimento. Em cada um desses períodos foram discutidos conceitos diferentes, sempre condicionados pelo alcance ou olhar histórico e político que o país viveu.

Mesmo com esses períodos claramente definidos, em Moçambique a existência de duas grandes linhas de pesquisa, identificando as duas grandes áreas do saber, a Geografia Humana e Geografia Física, foram e ainda são, até a atualidade, as duas formas de fazer e pensar a Geografia. Aqui é interessante perceber a força que existe para vincular alguns nomes de pesquisadores moçambicanos com a Geografia. É quase consensual em Moçambique para os geógrafos e geógrafas que a linha de pesquisa sobre Geografia Humana, com foco para estudos populacionais tem o Professor Manuel Garrido Mendes de Araújo como o maior pesquisador, e na linha de pesquisa da Geografia Física, com foco para estudos de Regiões Naturais o Professor Aniceto do Muchangos como o maior pesquisador, ambos com Cátedras pela Universidade Eduardo Mondlane, nessas linhas de pesquisa.

Manuel de Araújo também conhecido como o primeiro geógrafo de Moçambique e Aniceto dos Muchangos como o primeiro geógrafo moçambicano e de Moçambique Independente.

A partir dos pontos acima apresentados, pode-se pensar em várias amarrações sobre a Geografia em Moçambique, pois são várias as inquietudes que podem ser levantadas para esta

pesquisa, principalmente quando olhamos para a Geografia como fundamental saber para o crescimento ou desenvolvimento de Moçambique ou ainda para a leitura da Geografia nesses períodos em que o país passou (colonial, pós-independência e atual).

Diante de tudo o que foi apresentado, ficam como perguntas indicadoras do sul desta pesquisa as seguintes:

1. Por que em Moçambique são poucos ou quase inexistentes estudos sobre a História da Geografia?
2. O que deve ser entendido como fundamental na História da Geografia em Moçambique?
3. Quais as percepções dos geógrafos e geógrafas na construção da Geografia nos períodos históricos e políticos de Moçambique e até que ponto pode-se pensar numa Escola de Geografia moçambicana?

Como já foi citado neste texto, nos estudos em que a metodologia é qualitativa, é usual, para o alcance dos objetivos da mesma, conjugar conhecimentos de outras ciências. Nesta pesquisa, para além de conhecimentos teóricos da Geografia, a Sociologia se tornou bastante fundamental para melhor entender este objeto que estudamos.

É importante lembrar desde já que as perguntas antes indicadas não foram desde o início desta pesquisa as mesmas, inicialmente este estudo tinha como questões de sul as seguintes:

1. Em que medida a produção do conhecimento geográfico em Moçambique contribuiu para a construção do país nos três períodos indicados?
2. Quais as percepções dos geógrafos na construção da Geografia nos períodos históricos e políticos de Moçambique e até que ponto pode-se pensar numa escola de Geografia Moçambicana?

A primeira pergunta foi suprimida, pois vimos com o trabalho de pesquisa uma forte relação entre a História da Geografia e a História de Moçambique, o que nos levou a periodizar a Geografia em Moçambique a partir dos fatos históricos moçambicanos. Foram em parte esses fatos que possibilitaram o desenvolvimento da Geografia em Moçambique da forma como ela se apresenta.

O conceito que nos permitiu fazer a aproximação desejável sobre Geografia em Moçambique é o do *Campo Científico*, proposto por Pierre Bourdieu.

Este autor construiu uma metodologia de pesquisa baseando-se na noção de campo, sendo este uma construção que vai comandar ou orientar algumas das opções e práticas desta pesquisa.

Assim sendo, com a noção de campo,

[...] torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista ou, para dizer como Cassirer, substancialista. É preciso pensar relacionalmente. Com efeito, poder-se-ia dizer, deformando a expressão de Hegel: o real é relacional. (BOURDIEU, 2002, p.27-28).

A questão do método se faz importante quando se fala de campo, afinal é a partir dele que se pode construir com uniformidade saberes científicos e daí serem entendidos como sendo do núcleo científico.

O campo pode ser também considerado tanto como um *campo de forças*, pois pressiona os agentes nele inseridos, quanto um *campo de lutas*, no qual os agentes atuam conforme as suas posições, mantendo ou modificando sua estrutura (BOURDIEU, 1996. nosso grifo).

O campo científico é então essa forma, ou esse espaço em que pesquisadores disputam o monopólio da competência científica, cujo seu funcionamento pode ser comparado a um jogo, onde os princípios do funcionamento são dominados por seus participantes.

A elaboração da teoria geral dos campos por Bourdieu está relacionada de certa forma à influência de Weber que aplicou, em outros domínios, conceitos retirados da esfera econômica. Ao observar o trabalho deste pensador, Bourdieu afirma ter se encontrado diante de propriedades gerais válidas para vários campos, ressaltando, entretanto, que “[...] em vez de ser a transferência que está na origem do objeto [...] é a construção do objeto que a fundamenta” (BOURDIEU, 1989, p.68).

Bourdieu pontua que a esfera econômica não é um modelo fundador da teoria dos campos, mas sim apenas um exemplo de um campo. Tendo em vista a existência de leis invariantes em certos campos, como o da política e o da religião, o autor vê a possibilidade de um projeto de uma teoria geral dos campos.

Este autor avança ainda que na ciência é necessário analisar o objeto relacionando-o sempre com aquilo o que há ao seu redor, com as condições objetivas da sua existência, pois ele nada é fora da sua interação com o todo. Por isso, ainda para este autor, é mais interessante estudar a amplitude, a extensão, o conjunto de elementos pertinentes e relacionados ao objeto, que estudar intensamente uma pequena parte deste mesmo objeto.

A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. [...] Em outras palavras é preciso escapar à alternativa da ‘ciência pura’, totalmente livre de qualquer necessidade social, e da ‘ciência escrava’, sujeita a todas as demandas político-econômicas. O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. (BOURDIEU, 2004, p.21).

Com este conceito construímos parte de nosso embasamento teórico para produzir conhecimento sobre o objeto acima indicado, onde só será possível por via da crítica.

Os campos são resultados de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo e o que dá suporte são as relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, isto é, o monopólio da autoridade, que concede o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo (BOURDIEU, 1984 p.114).

As contribuições deste sociólogo permitiram entender a Geografia em Moçambique, desde questões ligadas aos agentes pesquisados e até mesmo as questões sobre a produção dos conhecimentos geográficos. Foi com este conceito de campo que percebemos melhor situações simples, que foram desde: aceitar conceder uma entrevista, disponibilizar material, entre outras coisas, isto durante os trabalhos de campo.

O conceito de campo é fruto do “estruturalismo genético” de Bourdieu. Um estruturalismo que se detém na análise das estruturas objetivas dos diferentes campos, mas que as estuda como produto de uma gênese, isto é, da incorporação das estruturas preexistentes (BOURDIEU, 1987, p.24).

Os campos são mundos, no sentido em que falamos no mundo literário, artístico, político, religioso e científico. São microcosmos autônomos no interior do mundo social. Todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo *habitus*.

O campo estrutura o *habitus* que constitui o campo (BORDIEU, 1992b, p.102-103; DORTIER, 2002, p.55). O *habitus* é a internalização ou incorporação da estrutura social, enquanto o campo é a exteriorização ou objetivação do *habitus* (VANDENBERHGE, 1999, p.49).

A nossa posição em um campo determina a forma como consumimos não só as coisas, mas também o ensino, a política, as artes. Determina, igualmente, a forma como as produzimos e acumulamos (BOURDIEU, 1984, p.210).

O campo é um espaço de relações objetivas entre indivíduos, coletividades ou instituições, que competem pela dominação de um cabedal específico (Bourdieu, 1984, p.197).

A posição é a face objetiva do campo que se articula com a face subjetiva, a disposição. A posição é causa e resultado do *habitus* do campo. Conforma e indica o *habitus* da classe e da subclasse em que se posiciona o agente.

Bourdieu sustenta que os agentes e instituições dominantes tendem a inculcar a cultura dominante, de modo a reproduzir o *habitus*, as desigualdades sociais nas maneiras de falar, de trabalhar, de julgar (DUBET, 1998, p.46).

Para ele, a família, a escola e o meio não só reproduzem as desigualdades sociais, como legitimam inconscientemente esta reprodução.

Quando iniciamos o nosso trabalho de campo foram várias tentativas de ouvir os agentes, atores e ou sujeitos da Geografia em Moçambique, mas nem todos que desejamos entrevistar aceitaram ou facilitaram esse processo. Outros ainda se limitaram a indicar quem poderiam ser então os sujeitos, atores ou agentes a serem entrevistados. Isso no nosso entender é sem sombra de dúvida a demarcação de limites e territórios de saber, que vão ser feitos a partir do campo científico.

Mesmo sem ter estudos sobre a História da Geografia e Epistemologia, os vários agentes sabem a quem pertence o capital científico deste saber em Moçambique.

Segundo Kropf & Ferreira (1998) na concepção de Bourdieu, a ideia de um capital social permite justamente compreender como os cientistas se posicionam desigualmente no campo científico. A partir destas posições, eles assumem diferentes movimentações nesse campo, investindo o seu capital científico de forma a ocupar novas posições. Nesse sentido, as posições iniciais dos cientistas nesse jogo de forças que constitui o campo da ciência são muito relevantes, pois suas pesquisas dependem do capital acumulado em outros campos, dentre os quais, o escolar assume importância destacada e aqui podemos ver quem são os cientistas com mais ou menos capital e daí fotografar, por exemplo, a Geografia em Moçambique.

Para Freire (1995) o campo de atividade da ciência, evidencia-se então pela luta em torno da autoridade científica, das instâncias legitimadoras do poder e distribuidoras do seu capital social. Assim, os resultados das atividades dos atores no campo científico dependem das condições iniciais de cada um.

Segundo Ortiz (2003), a teoria crítica caracteriza-se por ser um pensamento da negação contrapondo-se ao imediatamente dado, à empiria do cotidiano. Para se compreender a realidade é necessário dela fugir, escapar à sua aparência de verdade.

Isto significa não se deixar levar pelo conjunto de práticas, ver para além do exposto, perguntar e, acima de tudo, negar algumas verdades, mesmo que já defendidas pela ciência, pois, mais adiante, ficará clara a atmosfera que envolve o campo científico da Geografia em Moçambique. Desta forma torna-se possível perceber algumas limitações e problemas da Ciência.

Para Bourdieu (2013), o exercício da dúvida e a crítica só podem manifestar-se quando historicizadas, localizadas num lugar específico produzido pela sociedade e passível inclusive de leitura sociológica.

Isto significa que é o tempo e as relações sociais que fazem nascer a crítica de um saber ou mesmo de um conhecimento. Sendo assim:

[...] campo é este território. Lugar hierarquizado, estruturado segundo uma determinada lógica de interesses, nele se agrupa, interage, se complementa e entra em conflito um grupo específico de atores: os cientistas. (BORDIEU, 2013, p. 11).

O campo científico enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. (BOURDIEU, 1976, p.88).

Essas lutas são por um lado boas, e podem ajudar no desenvolvimento das ciências. Outro dado importante é pensar que essas lutas podem se dar dentro de um mesmo campo, ou mesmo fora dele.

Para este autor, o que está em jogo, especificamente nessa luta, é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto que capacidade de falar e de agir legitimamente, que é socialmente outorgada a um agente determinado.

Sendo mais específico, é desta luta que resulta a sócio espacialização do saber científico produzido nas universidades e institutos acadêmicos, isto é, os elementos de disputa na Geografia só têm importância na Geografia e somente os agentes deste campo se importam sem eles.

Dizer que o campo é um lugar de lutas não é simplesmente romper com a imagem irenista da "comunidade científica" tal como a hagiografia científica a descreve – e, muitas vezes, depois dela, a própria sociologia da ciência. Não é simplesmente romper com a ideia de uma espécie de "reino dos fins" que não conheceria senão as leis da concorrência pura e perfeita das ideias, infalivelmente recortada pela força intrínseca da ideia verdadeira. É também recordar que o próprio funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse (as práticas científicas não aparecendo como "desinteressadas" senão quando referidas a interesses diferentes, produzidos e exigidos por outros campos). (BOURDIEU, 1976, p. 89).

Estudar a Geografia em Moçambique a partir deste conceito possibilitou fazer amarrações pertinentes para compreender seus múltiplos atores e agentes, entender suas lutas, tanto dentro como fora deste e mais importante, verificar a existência do método para chegar ao Campo, tal como defendido por Bourdieu.

A indicação de que esta luta pode ser feita tanto dentro como fora do campo científico, far-nos-á compreender a questão do interesse (intrínseco e extrínseco) do fazer ciência, Bourdieu, citando Rief (1961), diz que o funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse (as práticas científicas não aparecendo como "desinteressadas" se não quando referidas a interesses diferentes, produzidos e exigidos por outros campos).

Isto significa que, o interessante é o que pode ou vai ser reconhecido em um determinado grupo, como sendo importante. Aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como interessante aos olhos dos outros – *capital científico*.

Esta é a força que blinda o campo científico, criando assim, o seu território de um saber ou de um conhecimento.

Assim sendo, indicamos um outro questionamento que deve se juntar aos três anteriormente enumerados.

Até que ponto é importante ou interessante estudar a Geografia em Moçambique, nos moldes que esta pesquisa vai trazer, sabendo que os proponentes desta pesquisa não pertencem ao campo científico da Geografia em Moçambique e este assunto foi pouco ou nada estudado em Moçambique, como já também referimos anteriormente.

Uma resposta imediata para esta pergunta, é que o conhecimento científico não é só feito dentro do campo científico, mas sim, é todo aquele que segue a construção e concepção de cientificidade, e é, na verdade, isso que nos faz perceber o campo científico, pois fica claro delimitar essas lutas para dar valor ao capital científico.

Na luta em que cada um dos agentes deve engajar-se para impor o valor dos seus produtos e da sua própria autoridade de produtor legítimo, está sempre em jogo o poder de impor uma definição da ciência (isto é, a de limitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias que podem ser considerados científicos, válidos ou não) e que mais esteja de acordo com seus interesses específicos. A definição mais apropriada será a que lhe permita ocupar legitimamente a posição dominante e a que assegure aos talentos científicos de que ele é detentor a título pessoal ou institucional, a mais alta posição na hierarquia dos valores científicos (BOURDIEU, 1976).

Sendo assim, a luta científica faz parte do jogo, por isso, é importante esta pesquisa. Vencem nesta luta aqueles que conseguem impor uma definição de ciência, segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem, daí também se percebe a extensão do campo científico, esse quase sempre aceite pela Universidade, nossa luta com esta tese.

Nós, com esta tese, passamos ser vistos como agentes dinamizadores deste campo, principalmente pela carga e conteúdo que nossa pesquisa trata.

Como ex-estudante desde núcleo de saber, desde cedo acompanhei vários debates sobre a Geografia em Moçambique, fui e tenho sido até os dias de hoje um agente que emite um parecer sobre a Geografia ou Geografias em Moçambique. E é com base nessa emissão de opinião, que tem sido feita pela produção de artigos e ocupando outros lugares de fala tanto em Moçambique bem como nos lugares onde me faço ouvir e ler.

Depois do mestrado conseguimos emitir opinião com mais propriedade, isto é, o que nos possibilita fazer se à luta, dentro deste que é o campo científico da Geografia em Moçambique.

Falar de campo científico é falar de lutas; para que haja luta, significa que há comum ou proximidades de pensamento de todos os atores do mesmo campo científico, alunos, professores/cientistas, estes com reconhecimento do seu capital científico, logicamente a existência de outros atores fora deste território, que produzem com conhecimento, com outro capital científico.

Uma definição rigorosa do campo científico, enquanto espaço objetivo de um jogo onde compromissos científicos estão engajados. Resulta que é inútil distinguir entre as determinações propriamente científicas e as determinações propriamente sociais das práticas essencialmente *sobredeterminadas* (BOURDIEU, 1976, p. 90).

Tendo como foco esta luta, a valoração do capital científico, que não só depende do campo científico, mas de muitos outros elementos, como a história, a cultura e, acima de tudo a política, vamos buscar conhecer e fazer conhecer a Geografia em Moçambique. É possível entender como este fenômeno se dá em Moçambique, mesmo porque é um construto da história, cultura e política.

Sendo assim, estudar e/ou conhecer a Geografia em Moçambique abriu um vasto campo de discussões teóricas, filosóficas, institucionais, epistemológicas e metodológicas, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas nesta área, preocupando-se, dessa forma, principalmente, com a formação de geógrafos, geógrafas, professores e professoras de Geografia em Moçambique.

Este estudo despertou nos pesquisadores do campo científico da Geografia em Moçambique, a preocupação e a importância de criar e realizar um diálogo permanente sobre a

História e a Epistemologia da Geografia, na medida em que, já existe um debate sobre a existência ou não de uma Escola Moçambicana de Geografia.

A partir das entrevistas e conversas com vários professores, pontuamos em primeiro lugar a importância da nossa pesquisa e criação de bases teóricas e metodológicas para a construção de linhas de pesquisa que estudem História e Epistemologia. O entendimento de totalidade da Geografia em Moçambique é sem dúvida uma grande contribuição desta pesquisa. E isso é em parte o que todos os atores, agentes ou sujeitos da Geografia em Moçambique desejam.

Foram muitas as idas e vindas para chegar à base teórica que constitui esta pesquisa, este mergulho na Sociologia foi tão importante quanto o mergulho que daremos na Geografia de duas grandes Escolas, a Francesa e Soviética, sendo que, os motivos da escolha destas duas Escolas, apresentamos anteriormente.

Ora vejamos, a Escola Francesa, segundo Andrade (1987), formou-se na primeira metade do século XX, tendo por centro as ideias defendidas por Vidal de La Blache, primeiro geógrafo francês a ocupar uma cátedra universitária de Geografia.

A derrota da França frente à Alemanha em 1871 foi, por muitos investigadores, tida como consequência do ensino de Geografia ministrado no país e considerado de inferior qualidade em relação ao ministrado na Alemanha.

Segundo Moraes (1987) para compreender o processo de eclosão do Pensamento Geográfico na França, é necessário focar as feições gerais do desenvolvimento histórico Francês do século XIX. A França foi o país que realizou de forma mais pura, uma revolução burguesa.

Esta Escola foi pensada para contrapor à Escola Alemã, e para isso se tornar possível, alguns defensores da Escola Francesa tiveram de estudar os teóricos da Escola Alemã.

Élisée Reclus (1830-1905) foi aluno de Karl Ritter e produziu uma Geografia com forte referência em Humboldt e Ritter. A obra de Reclus teve impacto importante na educação da França, Espanha e outros países da Europa. De fato, foi essa referência que teve relevância para os geógrafos franceses que o sucederam, embora haja registros de que La Blache combateu essa influência na França. Seus livros, sua atividade política como anarquista e sua dedicação à educação fez Reclus ser popular e reconhecido. (SPOSITO e SOBREIRA, 2011, p. 33).

Estes autores indicam ainda que a passagem de Élisée Reclus pela Escola Alemã, não o fez determinista. Aliás, a sua atuação política é prova do que a Escola Francesa defendia, que a ação humana pode sim alterar o espaço.

Vidal de La Blache foi o grande expoente do possibilismo geográfico, a ideia central da Escola Francesa. Segundo Moraes (1987), a proposta deste autor manifestou um tom mais liberal, condizente com a revolução francesa. As críticas ao determinismo dizem respeito ao tratamento das questões políticas, ao seu caráter naturalista, a minimização do elemento humano e a concepção mecanicista das relações entre homens e natureza.

Moraes diz ainda que o historiador e geógrafo francês definiu o objeto da Geografia como sendo a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem. A Humanidade deve ser compreendida como ser ativo, que sofre a influência do meio, porém, que atua sobre este, transformando-o.

Esta corrente tem como intenção contrariar o pensamento de Ratzel que impulsionava o imperialismo alemão através do autoritarismo. Para Vidal, mesmo tendo intenção expansionistas de seu país ele apresentou suas ideias no tom mais liberal. Vidal de La Blache criticou o conceito de ‘espaço vital’ e a politização explícita contida no discurso de Ratzel, defendendo a ‘neutralidade científica’. Na França, esta vinculação política corria de forma dissimulada.

Outra crítica a Ratzel refere-se à passividade do elemento humano às imposições do meio. Vidal nega a determinação humana pelas condições naturais, mas as vê como possibilidades para a ação humana, colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio

Para La Blache a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens, visto que a preocupação estava em estudar a ação humana materializada sobre o espaço e não as relações sociais e seus efeitos (SUERTEGARAY, 2001).

Nesta definição, é bem clara a diferença entre as duas escolas, a Alemã e a Francesa, pois a primeira dizia que a Geografia é a ciência da Terra.

O interesse por estudar áreas pequenas, chamado de estudos regionais, onde os aspectos físicos, humanos e econômicos tinham relevância, se dá na Escola Francesa. Os estudos regionais

passaram a ser preocupação e o objetivo de vários centros acadêmicos. Estes tinham como características descrever minuciosamente os quadros físicos, humanos e econômicos para posteriormente apresentar as relações existentes.

Outras características desta escola, segundo Sposito e Sobreira (2011) são as seguintes: abordagem é colonial, a apresentação de resultados com base na síntese, metodologia é relacional.

Em linhas gerais estas são as características da Escola Francesa.

Em relação à Escola Soviética, vale a pena referir que ela concentrou os seus estudos no desenvolvimento da agricultura e do solo, visto as condições climáticas em que se encontrava a Rússia. Sua geografia clássica manteve-se ambientalista na análise da relação entre o homem e o meio ambiente, sendo mantida a unidade da ciência.

Segundo Andrade (1987), a Geografia Russa do período imperial recebeu influência do pensamento alemão, em vista da proximidade geográfica entre os dois países e das relações culturais estabelecidas desde o tempo de Pedro, *o Grande*. Vivendo em uma região de condições climáticas muito rigorosas e tendo dificuldades para o desenvolvimento da agricultura, os russos concentraram os seus estudos nos climas e nos solos, daí o grande desenvolvimento da pedologia soviética.

O vasto complexo natural de terra, que até hoje caracteriza a Rússia foi entendido pelos cientistas, como um composto de corpos individuais, irregularmente distribuídos, mas relacionados entre si (PASSOS, 2006; 2008).

Segundo este autor, aqui se dá o primeiro passo para chegar a um campo, como já antes referimos, a existência de um método que possibilitasse estudar de forma única esta vastidão, deste modo, essa escola desenvolveu a noção de *Naturlandschaft* (paisagem natural), que tinha como propósito a identificação, classificação e cartografização das unidades naturais.

Os soviéticos se empenharam em desenvolver modelos sistemáticos de mapeamentos dos elementos da natureza, levando em consideração as diversas escalas. Uma vez mais, é interessante verificar isto, não dá para pensar numa Escola ou método sem ter conhecimento do que já existe, isso é o diferencial de todas as Escolas.

Para Passos (2006;2008) a Escola Soviética tem se apoiado no materialismo dialético, onde a natureza forma uma totalidade dialética. O empenho dos soviéticos em encontrar um modelo teórico que possibilitasse realizar a classificação sistemática das unidades taxonômicas da paisagem levou-os à elaboração da Teoria dos Geossistemas.

A Teoria dos Geossistemas foi desenvolvida a partir da Teoria Geral dos Sistemas, criada nos anos de 1930 por Ludwig Von Bertalanffy, num esforço de Viktor Borisovich Sochava<sup>6</sup> na década de 1960 (nessa década, Moçambique inicia suas relações com a Ex-URSS, que tornam-se fortes após a independência em 1975) de aplicar esta teoria aos estudos da superfície terrestre.

O geossistema foi concebido por Sochava como “os sistemas naturais, de nível local, regional ou global, nos quais o substrato mineral, o solo, as comunidades de seres vivos, a água e as massas de ar, particulares às diversas subdivisões da superfície terrestre, são interconectados por fluxos de matéria e de energia, em um só conjunto”. (PASSOS, 2008, p. 44).

Para Sochava, geossistema é um modelo global, territorial e dinâmico que abarca todos os elementos de paisagem.

Vários fatores participaram na formação da ciência da paisagem na Rússia: a necessidade de inventar meios eficazes para estudar vastas extensões pouco habitadas; as tradições das grandes expedições; a participação ativa dos militares e engenheiros nas investigações geográficas; a inspiração dos naturalistas russos no século XIX pelas ideias da Natur Philosophie; sem esquecer as perturbações políticas e a influência da ideologia marxista no século XX (FROLOVA, 2007, p.60).

Rougerie (1991) citado por Frolova (2007), fruto da investigação de meios eficazes de gestão do seu imenso espaço e a criação rápida de mapas dos vastos territórios, a Geografia Russa, como na Alemanha, tenta substituir o estudo das relações funcionais pelos dados fisionômicos.

Segundo Frolova (2007), os cientistas russos, desenvolvendo a lógica de investigação geográfica proposta por A. V. Humboldt, continuam a refletir sobre a paisagem como objeto específico do estudo geográfico, cuja função é englobar uma relação universal existente entre os diversos elementos do meio e a sua subordinação no espaço, isso levou, no séc. XX, a criação do *Landschaftovedenie* ou a ciência da paisagem.

---

<sup>6</sup>Viveu entre 1905-1978, definiu os conceitos de modelo e de sistema. Foi acadêmico do Instituto de Geografia da Sibéria e Extremo Oriente (hoje Viktor Borisovich Sochava Institute of Geography).

Depois de levantar esses elementos que no nosso olhar, são básicos para entender a Geografia em Moçambique, durante o trabalho de campo, percebemos que era necessário dar uma especial atenção para a Geografia que foi feita e estudada no então Instituto Superior Pedagógico - ISP, hoje Universidade Pedagógica - UP<sup>7</sup>.

Um segundo fator que nos levou a pensar sobre Geografia da UP é que vários professores da UEM são ou foram também professores da UP e mais, quase todos os professores da UP fizeram sua graduação na UEM, e basicamente o professor só ensina o que aprende, ou melhor, são na sua maioria as mesmas entidades, sujeitos, agentes que permeiam o saber nestes dois centros acadêmicos, na UEM e na UP.

Nesse processo de escolher, ou surgir caminhos pelos quais podem ser usados para estudar a Geografia em Moçambique, as idas e vindas, pensamos muito sobre a imparcialidade e ou neutralidade. Não há nas ciências ou no exercício de fazer conhecimento científico imparcialidade e/ou neutralidade, pois, a partir da escolha de certa definição do objeto, a escolha de métodos, já se faz esperando obter certos resultados. Logo a atividade do cientista, ou do estudioso não é neutra nem imparcial, mas sim feita por escolhas precisas, escolhas antes pensadas, sendo assim, a neutralidade científica é ilusória.

Pensar na imparcialidade e ou neutralidade foram importantes para nós neste processo de pesquisa e construção de saberes no campo científico da Geografia em Moçambique.

Ora, é necessário este exercício, mesmo porque é parte do processo de construção de conhecimento, como apresenta Lacey (1998).

---

<sup>7</sup>A Universidade Pedagógica de Moçambique foi criada em 1985, como Instituto Superior Pedagógico (ISP) por Diploma Ministerial n° 73/85, de 4 de dezembro, como instituição vocacionada para a formação de professores para todos os níveis do Sistema Nacional de Educação (SNE) e de outros técnicos de educação. O ISP passa a Universidade em 1995 com aprovação dos Estatutos, ao abrigo do Decreto 13/95, de 25 de Abril. Até 2010 a UP já estava presente em todo o país através das suas Delegações: 1. UP-Sede 1985; 2. UP-Beira 1989; 3. UP-Nampula 1995; 4. UP- Quelimane 2001; 5. UP-Niassa 2005; 6. UP-Gaza 2005; 7. UP- Massinga 2007; 8. UP- Montepuez 2008; 9. UP-Manica 2008; e 10. UP-Tete 2009; O ano a seguir ao nome refere-se ao de criação da Delegação (BUQUE, 2013).

O conhecimento alcançado através da ciência estaria completamente isento de valores não cognitivos. Ora vejamos, para Lacey, esta é a tese mais geral de “neutralidade da ciência” em três subteses, logicamente interligadas, que seriam: a imparcialidade, a neutralidade e a autonomia.

Para este autor, o conhecimento científico é parcial no sentido em que a escolha entre teorias, se fundamenta apenas e tão somente em um procedimento baseado em regras (ou algoritmos), segundo alguns autores, ou de acordo com determinados valores cognitivos, de acordo com outros.

A imparcialidade, portanto, é uma tese *ex ante*, uma vez que se refere às razões epistêmicas consideradas legítimas para a aceitação ou rejeição de teorias (LACEY, 1998 p. 62-64).

Ora, nas ciências sociais há riscos de negar, com as práticas, a imparcialidade e a neutralidade, mas Durkheim e Weber apresentam como lição que o cientista social está diante de uma dupla condição: o de ser humano e o de cientista.

Por um lado, ele tem o compromisso com a sociedade e, ao mesmo tempo, com a ética científica. Esta dupla condição é bastante evidente nas ciências sociais, pois o seu objeto de estudo é o social. Mas é esta segunda condição que nos chama sempre a sermos imparciais e neutros na hora de fazer ciência.

Para Weber (1991), é impossível ser neutro ao fazer ciência. Este autor diz que não tem como se desligar da questão dos valores na pesquisa como supõem à maneira positivista. Weber insiste que o investigador deve deixar sempre claro quando as suas afirmações advêm de uma pesquisa lógica, de cunho científico (de acordo com sua visão de ciência), e quando ela representa uma convicção pessoal ou fruto de um ideal.

Este é um assunto que daria outra tese, e não é objetivo deste trabalho. Sendo assim, o convite que faço é voltar para as questões que nutriram o desejo de estudar a Geografia em Moçambique.

A construção da pesquisa transita o curso de doutorado, ela faz parte de um processo que Guimarães Rosa chama de *travessia*. Entendemos nós, que essa travessia só pode ser percebida ou

clarificada neste momento e a partir desta Tese, podemos entender como caminhos, e estes se fazem de escolhas pessoais e profissionais.

*Escolhas pessoais:* as inquietações de pesquisa começam antes do curso de doutorado como já indicamos, e entendemos serem na verdade resultados do mundo que em nós vive e também do mundo que temos vivido nele.

Particularmente minha saída (viagem) para o Brasil no ano de 2010, as conversas do *rádio-corredor*, os *cafés geográficos*, mas também os momentos de solidão os vazios mentais, as viagens que fiz só no exercício da leitura, a as aulas são sem sombra de dúvida a força motriz para levar em diante esta pesquisa. O caminhar solitário, singular ou em grupo (práticas do cotidiano) possibilitaram pensar o objeto/realidade empírica, a nossa espera, para que possássemos avaliar minuciosamente cada detalhe relevante na análise que escolhemos estudar ou pesquisar.

*Escolhas profissionais:* geógrafo e mestre em Geografia, essa é a condição de sujeito investigador portador de subjetividades, que escolheu dialogar entrevistando com outros sujeitos, igualmente portadores de subjetividades. Mesmo sendo muitos destes agentes meus pares sob ponto de vista de profissão, quase todos foram meus professores e falar da Geografia a partir do campo científico foi exercício interessante de o fazer, mesmo porque não existisse um aporte teórico metodológico uniforme. Enfim, trata-se da condição de ser sujeito posto no mundo, que vive dois ou mais mundos de uma mesma totalidade.

Estes caminhos passam a ser produto e produtores de um saber, o que vamos aqui apresentar. Sendo assim, por mais que as regras das ciências nos orientem à adoção do rigor teórico e metodológico é na travessia e ou nos caminhos que aprendemos e escolhemos fazer nossos percursos.

O chamado pela pesquisa começa com questionamentos leves, sobre as várias Geografias, tentando comparar a Geografia ensinada e estudada em Moçambique, quando comparada a do Brasil. Ora este questionamento ganha corpo na medida em que já existe diferença, pois em Moçambique somente a Universidade Eduardo Mondlane ensina Licenciatura em Geografia no ensino superior, e a Universidade Pedagógica ensina Licenciatura em Ensino de Geografia, sendo então estes os centros deste saber científico, no Brasil contrariamente a situação é bem diferente,

capaz de nos fazer pensar não na Geografia no Brasil, mas sim nas Geografias, na USP, no UFRJ, da UNESP de Presidente Prudente, da UNESP de Rio Claro dentre outros, pois são vários os centros científicos deste saber no Brasil. O que deveria ser um simples questionamento me fez pensar e questionar outras coisas sobre a Geografia em Moçambique. É por isso que contextualizamos sobre algumas bases metodológicas, que fundamentaram este caminhar.

Este assunto parece ser repetitivo, mas é importante destacar mais uma vez: esta pesquisa é uma construção, que não se encerra neste documento, com esta pesquisa, com esta tese. Aliás, este documento passará a ser uma síntese, primeira e parcial, que apresenta de forma organizada a nossa leitura e entendimento sobre a Geografia em Moçambique e abre portas para um debate permanente sobre esta temática em Moçambique. Afinal, é possível fazer e/ou estudar Geografia em Moçambique, trabalhando assuntos ligados à História e Epistemologia, isso nós acreditamos.

Tal como Mills (2009), compreendemos que o ato de fazer pesquisa como uma espécie de ‘artesanato intelectual’ que exige criação, esforço, repetição, paciência para que possa ser construído e que não tem receitas prontas, formas e moldes acabados, é sempre uma construção singular.

Para Charles Mills, "é necessariamente um relato pessoal, mas escrito na esperança de que outros, em especial, aqueles que estão iniciando um trabalho independente, o tornem menos pessoal através dos fatos de sua própria existência" (2009, p. 21).

Um elemento importante que deve ser pensando é o seguinte, o que desejamos estudar jamais ficará à espera de nós, objeto/realidade empírica não fica estante, à nossa espera, para que possamos avaliar minuciosamente cada detalhe que possa ser relevante na análise.

É por isso que as escolhas teórico-metodológicas são fundamentais e, em muitos casos, o que mais marca nesse caminhar, nessa travessia.

[...] construir uma forma alternativa de uso dos conceitos, trabalhar as teorias e os conceitos como um dispositivo, uma "caixa de ferramenta" que funcionam como alavancas que nos permitem pensar o mundo e suas problemáticas (CRUZ, 2013, p. 44-54).

Nosso olhar e nossa forma de pensar o mundo são direcionados a partir da “caixa de ferramenta” que adotamos. Segundo Sulzbacher (2015), a escolha teórico-metodológica tem implicações decisivas ao longo da travessia.

Um outro conceito que nos ajudou muito durante a pesquisa sobre a Geografia em Moçambique é o currículo.

Inicialmente temos de indicar que são vários os autores que tiveram a preocupação de construir uma definição de currículo (não é de modo algum nosso objetivo neste trabalho discutir o currículo sob ponto de vista conceitual) são eles: Silva (2000, 2007), Moreira e Silva (2001), Kelly (1981), Goodlad (1979), Yamamoto & Romeu (1983), Sacristán (2000) entre outros.

Cada contribuição destas com uma ligação específica com uma época histórica, com uma corrente pedagógica, com uma teoria de aprendizagem.

Não somos pedagogos e nem temos como objeto estudar o currículo em si, mas de forma vasta e em vários lugares, currículo é usado, indiscriminadamente, para designar o programa de uma disciplina, de um curso inteiro, ou num sentido mais amplo, descrito como abrangendo as várias atividades educativas por meio das quais o conteúdo é desenvolvido, bem como os materiais e metodologias utilizadas (MALTA. 2013).

Independentemente da concepção de currículo, Domingues (1985, p. 27) reitera a posição de John Goodlad (1979), afirmando que existem diferentes situações de currículo percebidas em sala de aula:

- a) um currículo formal – prescrito como desejável de forma normativa;
- b) um currículo operacional – que realmente ocorre e pode ser observado em sala de aula;
- c) um currículo percebido – que o professor diz estar desenvolvendo;
- d) um currículo experienciado – que é percebido pelos alunos e ao qual eles reagem.

Podemos dizer, então, citando Domingues (1985) que o currículo aparece pela primeira vez, em torno dos anos de 1920, como um objeto específico de estudo e pesquisa nos Estados Unidos da América.

Segundo Malta (2013), houve um impulso, por parte de pessoas que estavam ligadas, sobretudo a administração da educação para racionalizar o processo de construção, de desenvolvimento e de testagem de currículos.

Para Silva (2007), o currículo é visto como processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos. O modelo institucional dessa

concepção de currículo é a fábrica. Sua inspiração “teórica” é a “administração científica” de Taylor.

O currículo está diretamente relacionado a nós mesmos, a como nós desenvolvemos e ao que nos tornamos. Também envolve questões de poder, tanto nas relações professor/aluno e administrador/professor e muito mais.

Silva (2007, p. 15-16) diz que:

O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados. [...]

Um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão “seguir” aquele currículo. [...]

A cada um desses “modelos” de ser humano corresponderá um tipo de conhecimento, um tipo de currículo. [...]

Além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade. É sobre essa questão que se concentram também as teorias do currículo.

Entender o currículo e principalmente a sua função deu-nos a possibilidade de buscar um maior e melhor entendimento da Geografia em Moçambique que se produz com resultado do desenvolvimento de um certo currículo.

A organização curricular pode ser entendida como sendo uma ação dos professores para os conteúdos e conceitos, a didática, para repensar a prática para ensinar as questões do vivido e produzido na sociedade em que o aluno está inserido.

O professor deve elaborar um currículo que não só destaque os conteúdos dessa disciplina, como a transforme e também possibilite conhecimento ao aluno e este compreenda a importância desta ciência. Acreditamos dessa forma que o professor só ensina o que aprendeu.

O currículo é o modo de organizar a prática realizada num contexto, segundo uma construção cultural, que supõe a concretização das intenções sociais e culturais atribuídas à educação escolar. É o meio de ter acesso ao conhecimento a partir das condições que se realizam e se convertem, numa forma de entrar em contato com a cultura do outro (SACRISTÁN, 2000).

A geografia como ciência possui em seu conteúdo conceitual o estudo do espaço e a partir dele as categoriais de análise: paisagem, região, território, lugar, rede e outros.

Uma questão importante a ser analisada nos currículos é certamente que bases teóricas e epistemológicas foram ou são usadas para dar corpo e desenvoltura a esse currículo. Que olhar, com que lentes os alunos são ensinados a ver e entender as categorias acima indicadas.

A preocupação maior da Geografia escolar deve ser com o “espaço vivido”, seja a casa, a escola, o bairro, a cidade ou o país. Isto porque os conhecimentos geográficos são construídos na prática cotidiana para serem discutidos e ampliados através do saber geográfico. Assim, faz-se necessária a busca por uma prática pedagógica que estimule os educandos à reflexão crítica dos acontecimentos ao seu redor. Não se trata apenas de ensinar os conteúdos desta disciplina, mas buscar a formação de cidadãos críticos e o estímulo ao raciocínio (KAERCHER, 1999; CAVALCANTI, 2007).

Os conceitos indicam não somente uma visão de mundo, mas criam uma nova linha, “um novo regime de enunciação, que torna possível, que justifica, legitima, mas também interdita e que exclui determinados modos de falar, narrar sobre determinados aspectos e determinadas problemáticas a realidade” (CRUZ, 2013, p. 4458-9).

Ao assumir a preocupação da qual “a caixa de ferramentas” que indica Aline Sulzbacher o aparato teórico metodológico, é uma escolha e ação epistêmica, ética e política, cujo reflexo é a produção de uma leitura sobre uma determinada realidade. Adotamos o desafio de uma caminhada que busca, a todo tempo, lançar-se em prol de um pensar relacional, de forma a evitar a tendência de centralizar a análise a partir de um único conceito. Isso é um exercício do qual somos sempre aprendizes (SULZBACHER, 2015, p.33).

Pensar nos termos metodológicos é um dos exercícios que nos remete a reflexividade, o que implica uma aproximação ao outro, um reconhecer da alteridade, implica na capacidade de “conversar com eles” para ter acesso ao “mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos”, como diz Geertz (1978, p. 17).

Para conseguir chegar à caixa de ferramentas nesta pesquisa, tivemos os seguintes momentos: uma pesquisa exploratória desenvolvida em Moçambique, onde as consultas bibliográfica e documental foram relevantes. Foi nesse mesmo momento em que foram feitas algumas entrevistas para conseguir construir um objeto e elencar os conceitos base desta pesquisa, e aqui nasceu, ou melhor, foi construído o projeto de pesquisa.

O segundo momento foi para lapidar este projeto, pensar e repensar as escolhas antes de feitas e pensar em outras possibilidades, tanto conceituais, teóricas e até metodológicas, por exemplo: a Epistemologia do Sul, que melhor nos deixaram aproximar do nosso objeto de pesquisa, abrindo novos caminhos para pesquisar e saber mais da Geografia em Moçambique.

O terceiro momento desta pesquisa foi de valor imensurável, o trabalho de campo, ora, estando a estudar a Geografia em Moçambique, se fez necessário lá ir, afinal a Geografia em Moçambique tem o seu lugar, mesmo porque escolhemos como base desta pesquisa fazer entrevistas para os vários sujeitos, atores e agentes que tenham alguma relação com este saber, neste caso os Professores que trabalham tanto na Universidade Eduardo Mondlane e Universidade Pedagógica, com foco para os departamentos de Geografia.

A pesquisa chamou como fundamental, a metodologia qualitativa, sendo importante ainda como associação, o trabalho de campo, aqui entendidos como toda e qualquer atividade investigativa para chegar aos novos conhecimentos e novas informações.

Para Callai (2001), o trabalho de campo tem o grande desafio de tornar as coisas mais concretas e mais realísticas. Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção de conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos e não só.

Foi com o trabalho de campo que nos aproximamos dos nossos sujeitos, atores e agentes e assim do objeto de pesquisa.

O trabalho de campo não pode ser um mero exercício de observação da paisagem, mas parte da metodologia para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos (ALENTEJANO E ROCHA-LEÃO, 2006, p. 57).

O trabalho de campo não só pode ser então aplicado para a área da Geografia Física, mas para toda a Geografia, afinal, essa aproximação é desejável para todos os conteúdos estudados. Fazer pesquisa sobre a História e Epistemologia da Geografia nos remete a uma pesquisa teórica, mas existe trabalho prático e só com trabalho de campo é possível chegar à essência do que pretendemos estudar.

\*\*\*

## **DISCUSSÃO METODOLÓGICA**

O melhor e maior exercício durante uma pesquisa científica é pensar e repensar a metodologia. É importante referir que esse exercício se deu a todo o momento neste estudo, desde a elaboração do projeto, o desenvolvimento do trabalho de campo, e continuou durante a digitação e sistematização desta tese.

Este exercício de pensar e repensar a metodologia ou as metodologias se fez necessário, pois nós como pesquisadores escolhemos não deixar escapar uma sequer informação, vinda de nosso objeto, daí a escolha desse caminho, a flexibilidade.

Existe um debate forte na academia sobre técnica de pesquisa e/ou metodologias de pesquisa. Nesta tese, para facilitar o entendimento dos leitores chamaremos de metodologias, pois, segundo Andrade (2003, p. 129), metodologia “é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento”.

Sendo assim, os recursos técnicos que vão ser empregues só são entendidos quando juntos, pois, somente interligados conseguimos avançar no estudo da Geografia em Moçambique.

A pesquisa pode variar segundo os objetivos e procedimentos. Segundo Gil (1999), a presente pesquisa é entendida como, exploratória-descritiva, quanto ao objetivo e quanto aos procedimentos técnicos ela é: bibliográfica, documental e de estudo de caso.

Tendo este trabalho o intuito também de apresentar uma proposta metodológica para o estudo do objeto acima indicado, é importante esclarecer o seguinte: a metodologia não pode jamais ser vista ou entendida como algo que nos prende na pesquisa, muito pelo contrário, a metodologia é libertadora.

Segundo Marre (1991), após delimitar o objeto de pesquisa, é necessário atentar para as estratégias metodológicas de obtenção das informações, caracterizando a dialética descendente. Portanto, impossível prescindir de uma reflexão sobre a relação entre teoria e empiria.

Entendemos em nossa pesquisa, que a dialética ascendente se deu na construção do quadro de hipóteses teóricas, entendida também com as idas e vindas dos processos dedutivos de pesquisa. Em seguida, passaremos ao exercício da dialética descendente, isto é, a elaboração teórica à verificação empírica, entendida também com as idas e vindas dos processos indutivos de pesquisa.

Pensando a dialética ascendente, o fato de ser moçambicano e geógrafo me fazem pensar ouvir e observar, mesmo que a partir do senso comum ou da opinião pública o que é Geografia em Moçambique e, contudo, busca-se qualitativamente, um novo modo de perceber tal fenômeno.

Segundo Marre (1999, p.1), “não se veem as mesmas coisas no fenômeno observado, se essa observação é feita a partir da observação imediata ou a partir de um ponto de vista teórico”.

Enquanto pesquisadores nós buscamos também ouvir agentes, atores ou sujeitos que, a partir de suas práticas puderam desenvolver este saber em Moçambique.

A perspectiva teórica, por conseguinte, “modifica sensivelmente o conteúdo e as propriedades que se devem observar no tema escolhido” (MARRE, 1991).

Assim, falando da Geografia em Moçambique, assunto central de nossa pesquisa, não se trata apenas do fato de perceber que sobre este assunto ou temática ou ainda saber, mas sim a percepção da reconstrução do mesmo. Esta observação só foi possível mediante a introdução de um ponto de vista teórico. Isso se manifesta, em nosso caso, em conceitos específicos como campo científico e currículo, já abordados anteriormente.

São várias as tensões entre a teoria original e os seus desdobramentos. “Um novo tipo de racionalidade emerge, que retifica o anterior, o purifica dos seus aspectos ou cumplicidades imaginárias” (MARRE, 1999, p.5).

O encontro entre o conhecimento empírico e científico não nos deixou de forma igual, nos fez pensar em muitas outras coisas, uma delas, ter certeza desse exercício de ascendência, pois foi nesse exercício que, por exemplo, abandonamos o ideia de estudar uma Geografia de Moçambique e buscamos entender a Geografia em Moçambique, isto significa que, a teoria e metodologia pensada para uma “Condição 1 – Geografia DE” e agora está sendo confrontada, tensionada, deslocada para uma “Condição 2 – Geografia EM”, imprevista em sua concepção original.

Mas não é apenas a teoria que é impactada pelos confrontos com novos objetos, mas também o cientista, “reaprendendo a pensar a partir de novos atos e limiares epistemológicos” (MARRE, 1991).

Como indica Ferreira (2011, p.82), o método é justamente “uma operação de distinção entre reprodução e construção social do conhecimento”.

Assim, após “ascender” ao ponto de vista teórico, é preciso equilibrar o processo com o gesto de “descender”, segundo a proposta de Marre (1999). Isso significa colocar em ação, em gestos operacionais e metodológicos indutivos, o arcabouço teórico apropriado.

Pensando na dialética descendente, “se eu raciocino, [...] eu experimento. Se eu experimento, eu raciocino” (BACHELARD apud MARRE, 1999, p.30). Trata-se, portanto, de uma dialética descendente por se encaminhar das teorias aos objetos.

Portanto, o processo indutivo é a percepção de fenômenos iguais em casos similares, “algo distinto ao que observamos diretamente, e com frequência algo que nos seria impossível observar diretamente” (PEIRCE, 1970, p.10).

Pensar por exemplo, a História da Geografia, a História do Pensamento Geográfico, e a Epistemologia do Sul, nos possibilita um exercício para chegar às novas teorias e contribuições, novas sobre o que queremos estudar e fica claro, quando apresentamos o resultado de nossa pesquisa, nosso desejo lá no final.

Fechamos assim nosso exercício ascendente e descendente ao percebermos que o cotidiano do senso comum em geral pensa e têm construído o que é a Geografia em Moçambique, sendo que para muitos é somente o resultado de práticas e os discursos de alguns agentes, atores ou sujeitos, ora essas práticas e discursos são segundo algumas teorias, resultados teóricos.

A preocupação em estudar um certo objeto, a forma como se faz esse estudo, as referências bibliográficas que são usadas denunciam uma relação teórica e isso no cotidiano do senso comum não se consegue ver.

A investigação científica depende de um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos” (Gil, 1999), como já tínhamos referido. Para que os seus objetivos sejam atingidos, é fundamental que exista o método científico.

Assim, sendo, entendemos o método científico como, o conjunto de processos ou operações mentais que se devem empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa. Os métodos que fornecem as bases lógicas à investigação são: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico (GIL, 1999; LAKATOS, MARCONI, 1993).

O campo científico, o currículo, as Escolas Francesa e Soviética, nos facultaram elementos para estudar a Geografia em Moçambique, é importante apresentar as metodologias pelas quais fomos construindo os conhecimento e informações nesta tese.

Pelo descrito acima, no momento de construção do objeto de estudo, ficou claro que a Geografia em Moçambique, *a priori* é um objeto não sociável, daí que indicamos alguns agentes, atores e sujeitos, ou produtos sociais que nos permitiriam estudar este objeto, são eles: professores e profissionais da área, onde todos têm relação com a Universidade Eduardo Mondlane – UEM, a única instituição que forma geógrafos em Moçambique e a Universidade Pedagógica - UP, a instituição que forma professores com nível superior em Ensino de Geografia, documentos e bibliografia relacionada a este saber em Moçambique (produtos). Como antes falamos a aproximação com sujeitos e produtos da Geografia de Portugal também se fizeram importantes para esta pesquisa.

Sendo assim, para a produção de conhecimento e informação sobre o objeto, foram usadas a seguintes metodologias: *Entrevistas semiestruturadas* (professores da UEM, UP, moçambicanos e portugueses que trabalharam em Moçambique, e profissionais de geografia), *pesquisa documental e bibliográfica*, possibilitando uma triangulação metodológica, o que resultará numa narrativa.

A pesquisa social tem sido marcada fortemente por estudos que valorizam a utilização de métodos qualitativos para descrever e explicar os seus fenômenos. Gil (1987, p.42) argumenta que é possível defini-la “como o processo, que utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”.

Foi necessário desenvolver então, um trabalho de campo, o que possibilitou a aproximação e a confiança, para uma maior abertura dos sujeitos que escolhemos pesquisar. Durante o ano de 2015, entrevistamos professores que trabalham nas duas Universidades em Moçambique. Esta aproximação ajudou a perceber um pouco mais sobre o campo científico da Geografia em Moçambique. Nesse mesmo período nos organizamos para seguir os trâmites burocráticos e ter acesso aos documentos e também fazer uma aproximação nas bibliografias, ligadas ao nosso objeto de pesquisa.

O fato de não ter nenhum vínculo com as universidades foi um dos maiores problemas durante o campo, pois sentimos ser isso que dificultou a partilha de informações que demandamos para melhor conhecer nosso objeto.

Foi com base na conversas e entrevistas com os professores e profissionais (quadro abaixo) da Geografia que fomos pensando sobre pesquisa. A busca constante em manter contato com estes foi um primeiro passo para possibilitar a aproximação. Dos 13 entrevistados 5 foram meus professores durante a Graduação, sendo que dessas entrevistas consegui chegar aos outros professores entrevistados.

Diferente foi o trabalho de campo de fizemos no ano de 2017, o fato de estar a terminar a pesquisa, ter já algumas informações e conhecimentos resultantes deste caminhar, possibilitou mais aproximação, tanto na UEM como na UP, como resultado desta aproximação foi possível atravessar os limites do território deste saber, sendo dado voz, recebemos dois convites palestrar para estudantes e professores das duas universidades. Palestras essas que usamos em nossa pesquisa como processo construção de saberes para esta tese, claro abrindo se para o diálogo com os vários agentes deste saber em Moçambique.

Vale destacar que este quadro não reflete ainda a Geografia em Moçambique, pois, por exemplo, poderíamos pensar que este saber em Moçambique é paritário ou ainda que as Mulheres têm certo peso na construção deste saber. Vamos destacar este assunto no próximo capítulo.

Quadro 1. Lista de entrevistados, suas ocupações e tipo de entrevista

Nome do Entrevistado	Ocupação	Tempo e tipo de entrevista
Alice Freia	Docente – UP	44:21 – Oral
Boaventura Cau	Docente – UEM	58:33 – Oral
Gustavo Sobrinho Dgedge	Docente – UP	49:10 – Oral
Inês Raimundo	Docente – UEM	43:52 – Oral
Celeste Coelho	Docente – UA (Portugal)	1:56:58 – Oral (Skype)
Ramos Muanamoha	Docente – UEM	56:51 – Oral
Rachael Thomson	Docente – UP	40:40 – Oral e Escrita

Rosita Alberto	Docente – UEM	37:07 – Oral
Stela Duarte	Docente – UP	23:54 + 15:15 – Oral
Ximena Andrade	Docente – UEM	1:16:51 – Oral
Manuel de Araújo	Docente – UEM	47:00 – Oral e Escrita
Zacarias Ombe	Docente – UP	Escrita
Dionísio Cherewa	Geógrafo	Escrita

Fonte: Trabalho de Campo (2015)

Organizado por José Maria Langa

Durante o trabalho de campo foram identificados e contactados os agentes acima indicados, que os entrevistamos. Nem todos foram possíveis entrevistar de forma oral e presencial, uns por vários motivos, dentre eles: a não disponibilidade de tempo para entrevista, alguns estavam para fora de Moçambique e outros por desencontros.

Para quem não conseguimos entrevistar oralmente, foi feita a entrevista escrita, e para uns a entrevista oral foi concluída de forma escrita, esse exercício, foi importante para dar vida a esta metodologia. Estes ajustes nos permitiram não ficar presos as situações e momentos durante o campo, destacando ainda que algumas entrevistas não foram concluídas, sendo elas as entrevistas de: Manuel de Araújo, Ximena Andrade e Dionísio Cherewa. Entrevista com Ximena não terminou por motivo de saúde da entrevistada e os outros dois entrevistados por falta de tempo e resposta em tempo devido por parte dos entrevistados.

Para a concepção e aplicação desta metodologia, usamos como base, a ideia proposta por Colognese & Mélo (1998), assim, classificamos as entrevistas sob cinco aspectos principais:

- Quanto à padronização: as entrevistas serão semidiretiva, ou semiestruturadas, onde há formulação da maioria das perguntas prevista com antecedência e sua localização é provisoriamente determinada, o pesquisador segue um roteiro mais ou menos preciso e ordenado de questões, porém, apesar do roteiro o pesquisador pode fazer perguntas adicionais para elucidar questões.
- Quanto à natureza das informações, as entrevistas serão orais, a fim de obter informações amplas e detalhadas sobre o processo social em processo de estudo, o registro das informações será feito por meio de gravação e depois transcritas, para a análise do discurso.

- Quanto aos informantes tenderam a ser individuais, ou seja, obtenção de respostas de indivíduos isoladamente. O local da entrevista será combinado previamente, onde o entrevistado achar melhor.
- Quanto ao nível de controle, as entrevistas serão formais, na fase informativa da pesquisa, tendo em vista testar as hipóteses formuladas. Esse tipo de entrevista é passível de um pré-teste, com o objetivo de determinar a eficácia dos instrumentos de coleta e possibilitar correções preliminares.
- Quanto à elaboração do roteiro de entrevista tenderá a ser específico e contextual, na medida em que terá perguntas semiabertas e tópicos orientadores da entrevista, elaborados e organizados de forma lógica, de acordo com a problemática da pesquisa (COLOGNESE & MÉLO, 1998).

Em Moçambique, para estudar a Geografia, tivemos que, primeiramente relacionar as duas Universidades acima indicadas, e ir um pouco além delas, pois sabemos que foi em 1969 que fora criado o primeiro curso de Geografia sob a orientação e gestão de uma universidade portuguesa. Foi com base nisso que passamos a procurar para entrevistar alguns sujeitos ou agentes de Portugal, ligada a este fato, neste caso a Professora Celeste Coelho.

A história oral foi fundamental para esta pesquisa, pois nos deixou mais próximos do saber do nosso objeto de pesquisa

O roteiro de entrevista comportou as seguintes temáticas: (ver em anexo o roteiro de entrevista)

- História da Geografia de Moçambique,
- Papel da Geografia para o desenvolvimento ou construção do País,
- Pensamento Geográfico,
- Existência ou não de uma Escola da Geografia Moçambicana

Em vários momentos, desde texto, falamos sobre Escolas, e percebemos ser importante pontuar algumas questões base sobre o que seria, ou entendemos por ESCOLAS.

Recorrendo a Barros (2011) “escola historiográfica”, o “paradigma científico”, e o de “matriz disciplinar” são três conceitos fundamentais para entender o que está ou faz parte de uma Escola.

Uma “Escola” – fora a noção mais vulgar que se refere a instituições de Ensino – pode ser entendida no sentido de uma “corrente de pensamento”, sempre que ocorre um padrão ou programa mínimo perceptível no trabalho de grupo formado por um número significativo de praticantes de determinada atividade ou de produtores de certo tipo de conhecimento, sendo ainda importante que haja uma certa intercomunicação entre estes praticantes, a constituição de uma identidade em comum, frequentemente também ocorrendo a consolidação de meios para a difusão das ideias do grupo, como é o caso de Revistas especializadas controladas por seus membros ou programas veiculados em mídias diversas. Será importante entender ainda que as “escolas” podem apresentar uma referência sincrônica – relacionada a autores ou praticantes de uma mesma época – e uma referência diacrônica, no sentido de que a “Escola” pode se estender no tempo e abarcar sucessivas gerações, ou ser por elas reivindicada (BARROS, 2011, p. 2).

Em relação ao conceito de Escola, vale a pena destacar o seguinte: correntes de pensamento são os produtores de certo tipo de conhecimento, é isso que vai ser nossa referência, para identificar a existência ou não uma Escola Moçambicana de Geografia.

O que mais se aproxima à corrente de pensamento é o paradigma, definido por Kuhn (1962) no sentido sociológico, como sendo “conjunto de crenças, valores e técnicas comuns a um grupo que pratica um mesmo tipo de conhecimento”.

Estes elementos vão ajudar-nos a desenvolver melhor este debate sobre a Geografia em Moçambique.

Tínhamos como metodologia fundamenta para esta pesquisa, o grupo focal, que também ia orientar se pelas temáticas acima indicadas, mas devido à falta de poder e comunicação para com os professores, não foi possível desenvolver esta metodologia. Acreditamos que a falta de interesse e abertura por parte dos professores, em serem entrevistados coletivamente foi o maior entrave. Na verdade, durante a redefinição do projeto já tínhamos indicado que esta metodologia poderia ser um dos problemas, pois ela partiria da aceitação dos vários docentes (cada um com seu capital científico), a participar da mesma entrevista e pensar, ao mesmo tempo, sobre a Geografia em Moçambique.

A pesquisa qualitativa, para Godoy (1995), ocupa um lugar significativo entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes.

Quase sempre, nas pesquisas qualitativas, o pesquisador procura na sua elaboração, seguir, de acordo com Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p.131), a tradição compreensiva ou interpretativa: “as pessoas agem em função das suas crenças, percepções, sentimentos e valores

[...] seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvendado”.

Ora, não é por ela depender do comportamento do pesquisador que ela não segue regras, é necessário usar adequadamente os procedimentos e os instrumentos e saber fazer a interpretação. Nesse sentido, Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2002), mencionam;

[...] a confiabilidade e a aplicabilidade dos conhecimentos produzidos nas ciências sociais e na educação [e a geografia] depende da seleção adequada de procedimentos e instrumentos de interpretação cuidadosa do material empírico (ou de “dados”), de sua organização em padrões significativos da comunicação precisa dos resultados e conclusões e da validade destes através do diálogo com a comunidade científica. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002, p.146).

É importante dizer que não somos os primeiros a fazer uso desta metodologia (pesquisa qualitativa), em estudos geográficos. A crise da Geografia, sob ponto de vista de ciência levou ao surgimento de novas formas de estudar ou fazer Geografia (ANDRADE, 1987).

Diante desse cenário, o instrumento de pesquisa da Geografia tornou-se defasado implicando em uma crise das técnicas tradicionais de análise, pois estas não davam mais conta de estudar a Geografia, isto é, a metodologia de pesquisa (MORAES, 1987).

Com a crise da Geografia, outros métodos surgiram para poder atender a esta ciência, que se preocupavam com a descrição, caracterização de fenômenos, recursos metodológicos como: imagens de satélite, computadores, sensoriamento remoto, entre outros.

Outra metodologia que usamos, a entrevista semiestruturada, esta “tem o seu caráter aberto”, ou seja, o entrevistado responde às perguntas dentro da sua concepção, mas, não se trata de deixá-lo falar livremente, ora o pesquisador não deve perder de vista o seu foco (MAY, 2004, p. 149).

Gil (1999, p. 120) explica que “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. Percebe-se que nesta técnica, o pesquisador não pode valer-se de outros entrevistadores para realizar a entrevista, mesmo porque faz-se necessário um bom conhecimento do assunto, é desejável quase sempre, que seja o pesquisador o entrevistador.

Richardson (1999, p. 207) salienta ainda que a entrevista é “uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas”, ou seja, ressalta-se

novamente a interação entre entrevistado e entrevistador, a criação de um contato próximo e estimulador.

Dentro de uma abordagem mais prática, Gil (1999, p. 118) afirma que na entrevista “os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação”, naturalmente referindo-se principalmente às entrevistas estruturadas.

Por fim, avaliando-se aspectos favoráveis a esta metodologia, nota-se que a possibilidade de entrevistar grupos, no caso da entrevista focal poderia ser bastante interessante quando, desejasse explorar “as normas e dinâmicas grupais ao redor de questões e tópicos” conforme May (2004, p. 151).

Fizemos válidas as informações e conhecimentos que foram repetidos pelos entrevistados e as que conseguimos confrontar nos documentos e bibliografia pesquisada.

Por outro lado, as entrevistas também têm as suas limitações, como por exemplo, o tempo necessário para sua execução, (GIL, 1999, p. 119) ou no caso das técnicas onde se faz necessário que o próprio pesquisador realize as entrevistas, a concentração da atividade em apenas uma única pessoa.

Além disso, May (2004, p. 169) chama a atenção para o fato de que “as entrevistas estruturadas não refletem o positivismo simplesmente, nem as não-estruturadas refletem uma abordagem de construção social associada ao idealismo”.

Por caracterizar-se por uma forte interação social, podem surgir respostas erradas ou imprecisas, pois, de acordo com Gil (1999), pode ocorrer alguma influência pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado ou por suas opiniões, aqui aflora novamente a questão da intencionalidade do pesquisador.

Outro detalhe nesta metodologia é sem dúvida a forma como o pesquisador vai participar da produção das informações e conhecimento, principalmente pelo fato de existir um preconceito sobre a problemática a ser pesquisada.

São vários autores que discutem sobre o uso desta metodologia. Contudo, durante o processo de entrevista, situações imprevistas surgiram, pois, quando estávamos no campo, foi necessário entender cada entrevistado como único, os momentos e tempos não foram os mesmos,

e nós enquanto pesquisadores tivemos que nos adequar a realidade de cada um. Sendo assim, alguns problemas surgiram durante o desenvolvimento e ou aplicação desta metodologia, tais como:

**1. Nem todos os entrevistados assinaram o termo de autorização para a gravação de voz, pois algumas entrevistas foram feitas de forma esporádica, aproveitando a disponibilidade do entrevistado.**

Como forma de corrigir este problema, fizemos no ato da entrevista, tanto no início como no fim desta, um agradecimento pela disponibilidade e pelo facto de o entrevistado ter aceite conceder a entrevista.

O termo de autorização para a gravação de voz, também pedia a autorização para sempre que for possível divulgar a identidade dos entrevistados, por motivos da própria pesquisa, afinal alguns sujeitos, das entrevistas são também atores e agentes fundamentais para contar a História da Geografia em Moçambique.

Vele referir que o termo foi alterado por decorrência do Exame de Qualificação, mas nem todos os entrevistados aceitaram assinar o novo termo.

O que levou-nos a mudar e pedir novas autorizações aos entrevistados, foi a possibilidade de ter que ajustar o ponto 5 do antigo termo, onde este previa a destruição do áudio e transcrição. Depois da qualificação achamos válida a sinalização de um dos professores da Banca, quando citou ser importante guardar este material e assim preservar a História.

**2. Algumas entrevistas não terminaram**

Os entrevistados já indicavam falta de tempo para conceder a entrevista e quando o faziam, não buscavam tempo para tal, alguns dos entrevistados usavam intervalos de atividades acadêmicas. Quase todos foram entrevistados em dependências acadêmicas, tendo até algumas entrevistas sido interrompidas, devido à demanda dos entrevistados em seus locais de trabalho.

Cabe mencionar que muitas entrevistas foram feitas em cima da hora, quase sempre depois de uma insistência telefônica, lembrando o entrevistado sobre a entrevista.

Como forma de garantir sucesso nestas atividades, mesmo porque escolhemos fazer entrevista semiestruturada, foi elaborado um roteiro de entrevista, que foi o que deu sentido às

nossas conversas. Somente duas entrevistas não foram usadas neste roteiro por completo, entrevista da professora Maria Celeste e do geógrafo Dionísio Cherewa. Para os dois algumas perguntas não se faziam aplicáveis, ou pelo tempo e/ou pela ocupação atual, elemento que os tornavam distantes da realidade atual sobre a Geografia em Moçambique, mas mesmo assim importantes para pensar a História da Geografia em Moçambique

Após ter as gravações, veio aquela questão que muitos entrevistadores fazem: o que fazer com tanta informação; como organizá-la, que tratamento dar? Também são vários pesquisadores que usam do seu tempo para tecer regras para fazer a transcrição das entrevistas, mesmo até para dar validade a toda informação conseguida.

Os papéis dos pesquisadores ao entrevistar e ao transcrever são diferentes, segundo Manzini (2006), no primeiro momento, o pesquisador necessita focalizar a sua atenção no processo de interação, realizada por meio de perguntas (interação verbal e interação social), e no segundo momento é manter a interação, já não mais presente.

Marcuschi (1986) compilou quatorze sinais que considerou mais frequentes e úteis para realizar uma transcrição, mas para esta pesquisa, escolhemos fazer uma transcrição livre, devido ao que falamos antes. Essa escolha em fazer a transcrição livre foi também para possibilitar maior fidelidade aos ditos que por meio da entrevista conseguimos ter.

Mesmo sendo uma transcrição livre, o que tecnicamente podemos comparar ao igualar, muitos chamam de transcrição integral, que é a produção que tenta retratar de forma mais completa “o que se ouviu no áudio”, objetivando reproduzir com fidelidade as características e peculiaridades dos turnos e atos de fala, assim como registrar adequadamente as ocorrências de fala.

Todas as transcrições foram feitas pelo entrevistador, e este momento foi um dos mais importantes na pesquisa, pois nessa relação (entrevistador e transcritor), possibilitou aproximação entre o pesquisador em relação ao objeto, a cada transcrição, foi um momento de aula sobre a

Geografia em Moçambique, e nesse processo, usou-se uma ferramenta digital, chamada *dictanote*<sup>8</sup> que é a junção das seguintes palavras (ditar + notas).

Depois de transcrever as entrevistas, enviamos para todos os entrevistados o áudio e a transcrição, e pedimos que cada um fizesse a leitura da transcrição, acompanhado com a audição, após isso, e mais uma vez, que estes autorizassem a utilização e publicação de trechos da transcrição quando a finalidade for para trabalhos científicos, mas somente a Professora Alice Freia retornou ao nosso *e-mail*. Os outros entrevistados não responderam ao nosso email.

Ficou notório, neste texto, que a metodologia que demandou uma prática e adequação em sua aplicação ou desenvolvimento foi a entrevista.

Com todo esse exercício metodológico e de construção do objeto de pesquisa pretendemos, atingir o seguinte objetivo geral:

- Apresentar a História e Epistemologia da Geografia em Moçambique, tendo como foco o período de 1969-2016.

Para o alcance do objetivo geral, consideramos como objetivos específicos, os seguintes:

- Identificar e caracterizar as Escolas do pensamento geográfico defendidas e/ou estudadas pelos geógrafos e geógrafas na UEM e UP,
- Narrar a História da Geografia em Moçambique, tendo como foco o processo de produção desta ciência na UEM e UP,
- Apresentar a Epistemologia da Geografia em Moçambique, como resultado do processo de formação dos geógrafos e geógrafas, professoras e professores de Geografia e a produção deste saber.
- Apontar mesmo que de forma inicial uma perspectiva de saber científico em Moçambique.

---

<sup>8</sup>É um software de reconhecimento de voz e transforma em texto. Consegue se programar a pontuação, assim como outras frases padrão, deixando o ditado quase pronto. Este programa faz parte dos vários pacotes de programa gratuitos do *Google Chrome*.

## PROBLEMA E HIPÓTESES

A existência de duas linhas de pesquisa, compreendidas nas duas grandes áreas deste saber (Geografia Humana e Geografia Física) em Moçambique, sendo estas encabeçadas por dois geógrafos moçambicanos, os professores catedráticos Manuel de Araújo e Aniceto dos Muchangos, relança a este saber um olhar de totalidade, na perspectiva da dualidade de Geografia.

Outra questão fundamental, para problematizar este estudo é lembrar que estes dois geógrafos foram formados dentro da tradição e conhecimentos da Escola Francesa e Escola Alemã.

A partir dos pontos acima indicados, pode-se pensar em vários nós sobre a Geografia em Moçambique, pois são inúmeras as inquietudes que podemos levantar para esta pesquisa. Quando olhamos para a Geografia como fundamental saber para o crescimento ou desenvolvimento desta Nação ou ainda, se pensarmos que a Geografia desenvolveu se em vários períodos que o país passou (colonial, pós-independência e contemporâneo), indicamos como questão de partida para o transcorrer desta pesquisa a seguinte:

- Quais as percepções dos geógrafos e geógrafas na construção da Geografia nos períodos históricos e políticos de Moçambique e até que ponto pode-se pensar numa Escola de Geografia Moçambicana?

Para responder a esta pergunta de partida elegemos duas hipóteses, que são:

H1- A falta de estudos e debates sobre a Geografia na perspectiva histórica e epistemológica, que resultaria na sistematização da Geografia em Moçambique, ofusca a percepção das geógrafas e geógrafos, mesmo tendo de forma implícita tais percepções em seus trabalhos científicos.

H2- Embora haja crescimento qualitativo e quantitativo, demonstrados na forma de fazer a Geografia em Moçambique, o campo científico da Universidade Eduardo Mondlane e Universidade Pedagógica apresenta se distante de uma Escola de Geografia Moçambicana.

## **História da Geografia *versus* História do Pensamento Geográfico**

Queremos de agora em diante apresentar a nossa visão sobre estes dois eixos de pesquisa da Geografia.

Sentimos por várias vezes no nosso caminhar acadêmico e científico, principalmente no Brasil uma negação ao termo *História da Geografia*. Diante disso, buscamos nesse mesmo caminhar entender a origem desse sentimento e ou postura de negação.

Poderíamos nesta tese, ocupar, tempo e páginas para este assunto, o meu convite é simplesmente, explicar porque escolhemos fazer uma tese sobre História da Geografia.

A História é uma ciência humana que estuda o desenvolvimento das Mulheres e Homens no tempo. A História analisa os processos históricos, personagens e fatos para poder compreender um determinado período histórico, cultura. Seu maior objetivo como ciência é resgatar aspectos marcantes ou caracterizantes de um povo, região e até de uma ciência para melhor entender o seu o processo de desenvolvimento.

Entender o passado se faz importante para compreender o presente e perspectivar o futuro, isso todos falamos ou pelo menos já ouvimos. Não existe uma só forma de estudar o passado, isto é, uma questão de História.

Os Homens e Mulheres deixam há todos instantes vestígios no tempo, passíveis a todo o momento, de reconstruir o passado pelo presente, um desses vestígios pode ser a Geografia.

Moraes (2000) faz um alerta que achamos válido para pensar sobre a Geografia e a História.

o universo da história é, ao meu ver, muito mais amplo que o da geografia, e que, nesse sentido, a própria geografia é vista como um produto da história. Seja a geografia material objetivada no espaço terrestre, seja o discurso geográfico acerca de tais realidades, ambos constituem elementos do fluir histórico, sendo por ele explicáveis (MORAES, 2000, p.3).

Para este autor a abordagem metodológica, o tratamento da informação é que dita se é História ou de Geografia que estamos a fazer, para ele a historicidade é vista como o caminho de entendimento dos objetos e processos sociais, entre eles os referentes à Geografia.

Em nossa pesquisa, escolhemos usar a terminologia História da Geografia e convidamos a que os leitores entendam dessa forma. Outras questões que fomos pensando a cada instante é que éramos questionados se nossa pesquisa não era de História do Pensamento Geográfico, ora

percebemos que somente se chega à História do Pensamento Geográfico depois de se ter conhecido a História da Geografia, esta última como a história disciplinar da Geografia (centrada também no campo institucionalizado).

A História do Pensamento Geográfico é o ramo da Geografia que estuda os postulados, pensamentos e correntes dos autores no processo da sistematização desse saber, é um aprofundamento filosófico.

Buscamos ficar atentos em nossa pesquisa para não cometer erros de abordagem geográfica, como tem acontecido em vários trabalhos, por exemplo, a escolha de conceitos e títulos que não são contemplados e nem abordados no desenvolvimento do texto.

Escolhemos estudar a História da Geografia a partir da sua institucionalização no ensino superior em Moçambique, isto não significa de modo algum que a Geografia em Moçambique se restrinja a este processo de institucionalização, muito pelo contrário, queremos com esta tese reafirmar que a Geografia em Moçambique pode também ser lida, conhecida de várias formas de entre elas, esta que apresentamos.

O nosso exercício se faz a partir do que França (2001) apresenta no texto o *Objeto da comunicação/a comunicação como objeto*. Para ela os principais elementos envolvidos no processo de conhecer são o sujeito: que conhece e a "coisa" que é conhecida (que, uma vez conhecida, torna-se "objeto", isto é, a "coisa", elemento da realidade, da perspectiva de quem a conhece, para quem se torna "objeto"), o movimento do sujeito em direção ao objeto (que é o próprio processo de conhecer) e os instrumentos utilizados neste processo.

Conhecer significa voltar-se para a realidade, e 'deixar falar' o nosso objeto; mas conhecer significa também apreender o mundo através de esquemas já conhecidos, identificar no novo a permanência de algo já existente ou reconhecível. O predomínio de uma ou outra dessas tendências tem efeitos negativos, e é através de seu equilíbrio que se pode alcançar o conhecimento ao mesmo tempo atento ao novo e enriquecido pelas experiências cognitivas anteriores" (FRANÇA, 2001: 43).

É a partir destes aspectos (os elementos que compõem o processo de conhecer e as duas dinâmicas envolvidas) que podem ser distinguidos diferentes tipos ou formas de conhecimento. Logo, nossa escolha mesmo que criticada no campo da História da ciência nos faz chegar a um conhecimento e vários saberes sobre a Geografia em Moçambique.

No final do nosso trabalho vamos fazer uma análise epistêmica da Geografia em Moçambique, que no nosso entendimento é um exercício posterior ao da História do Pensamento Geográfico.

## SÍNTESE DO PRIMEIRO CAPÍTULO

Como forma de construir um objeto de pesquisa para esta tese, aproximamo-nos da Geografia em Moçambique e elegemos as pesquisas documental, bibliográficas e entrevistas como as metodologias para desenvolver este trabalho. Vários foram os movimentos para construir e desenvolver conhecimentos sobre este objeto, alguns conceitos marcaram o processo de delimitação e indicação do sul desta pesquisa, são eles: *Campo Científico, Currículo e Escolas*. A dialética ascendente e descendente marcaram e têm marcado o processo de fazer pesquisa, afinal nós somos a gênese e resultado do que pesquisamos. Olhar e pensar neste objeto, sendo nós parte da história foi e tem sido marcante, chamou nossa responsabilidade e se faz uma problemática de pesquisa, mas nem com isso deixamos com que essa particularidade influenciasse de forma negativa a pesquisa. Neste capítulo sinalizamos a diferença entre os estudos da História da Geografia e História do Pensamento Geográfico – HPG. Vale lembrar que é responsabilidade do pesquisador encontrar o melhor caminho para se aproximar do objeto estudado. E isso foi o que fizemos nesta primeira parte da tese.

## CAPÍTULO II. HISTÓRIA DA GEORAFIA EM MOÇAMBIQUE

“O conhecimento da complexidade estimula a existência de um pensamento que permita ligar as coisas que nos parecem separadas umas em relação às outras”

Morin (2001)

Não é intenção deste capítulo dissertar sobre a História de Moçambique em si, e/ou outras histórias, mas tomaremos de forma objetiva o passado como recurso, mormente a dimensão histórica, pela importância que ela ganha como “fio condutor” da análise que fazemos, particularmente em ciências sociais, neste caso, na Geografia.

Quando buscamos estudar a História da Geografia em Moçambique, esse retorno temporal que a História é importante na medida em que possibilita o levantamento de determinados aspectos que caracterizaram a Geografia no passado e que a caracterizam no presente, mas também traçar perspectivas para o futuro.

Para Rosário (2013), o início da década de 1960 foi caracterizada por vários acontecimentos decorrentes das consequências do fim da II Guerra Mundial. Tais acontecimentos tiveram impacto também no sistema colonial implantado em África, tendo gerado muita preocupação entre as potências europeias que tinham possessões no continente africano, as quais olhavam o desmoronar do império que lhes dava acesso às inúmeras riquezas africanas.

O ano de 1960 é, igualmente, conhecido historicamente como *Ano de África*, pelo fato de muitos países africanos, mais de quinze países, terem alcançado as suas independências nesse ano. Este fato levou as metrópoles europeias a pensarem em novas formas de colonização para permanecerem em África, e também deu origem a um novo mapa de relações em África, com forças do nacionalismo africano que cresceu bastante.

[...] a década de 1960 foi a fase da consolidação da consciência nacionalista que, de uma forma mais clara, contestava os processos de integração e assim o nacionalismo que apareceram como recurso dos sistemas coloniais que procuravam apressadamente encontrar, entre os povos das colônias, quem pudesse continuar o sistema sem a presença dos próprios colonos na administração. O início dessa década é, igualmente, o despontar dos grandes conflitos regionais, nomeadamente no Vietnã, e dos golpes militares na América Latina, o que fazia prever um período de grandes mudanças que marcariam definitivamente o virar do século. (ROSÁRIO, 2013, p.46).

As mudanças ocorrem em todos os aspetos nos países que foram colônias. A Educação, objeto de estudo de discussão neste trabalho, é uma das áreas que resultam das transformações que ocorreram naquele período. Assim, para Arlindo Chilundo, apresentando a Coletânea sobre Legislação sobre o Ensino Superior em Moçambique, escrito por Premagy (2012), indica que o ensino superior em Moçambique tem a sua gênese no ano de 1962, a 21 de Agosto, com a abertura dos Estudos Gerais Universitários de Lourenço Marques, então capital de Moçambique.

Importante detalhe é o fato de que o Decreto-lei nº 44.530 que criava o Ensino Superior em Moçambique, também criava em Angola, podendo-se interpretar uma estratégia colonial e não apenas territorial moçambicana. Este dado concede os primeiros sinais de uma filosofia de Ensino superior virada para os interesses do domínio das nações colonizadas, através da formação de ideologias compactuantes. (PREMUGY, 2012, p.5).

Segundo Almeida (1988), já em 1951, D. Sebastião de Resende, Bispo da Beira, chamou a atenção dos responsáveis políticos para o fato de não haver ensino superior universitário nas terras portuguesas de África. Mais uma vez se retomava publicamente tal problema. Sendo assim, se foi nos anos 1960 que o ensino superior foi criado em Moçambique, já era antigo o debate, principalmente entre os portugueses que conheciam aquelas terras.

Parece-me, pois, que chegou o momento próprio para se fundar também no nosso ultramar o ensino universitário quanto possível completo [...] Hoje todo o ultramar português carece, justifica e exige uma universidade [...] O local mais indicado para ela seria Moçambique, principalmente pela sua situação geográfica em relação às possessões portuguesas [...] É certo, quanto às suas linhas mestras pelo modelo da Metrópole a universidade que mais parece ideal para a nossa África haveria de ter cunho profundamente local no que diz respeito principalmente, ao estudo das ciências e das letras (ALMEIDA, 1988, p.58).

Ora, se alguns acreditavam em uma Universidade em Moçambique e/ou nas províncias de Ultramar, a metrópole portuguesa era a favor de que, num primeiro momento, dever-se-ia mandar os estudantes para Portugal, que eles lá assimilariam melhor os estudos, mesmo porque os Estudos Gerais estavam sendo pensados para portugueses que estavam nas províncias do Ultramar e não para moçambicanos.

A deslocação para Portugal dos candidatos a universitários permitiria uma mais perfeita assimilação dos mesmos. A convivência entre metropolitanos e oriundos do Ultramar criaria laços de amizade com espírito de unidade difíceis de destruir, mesmo sujeitos aos embates maliciosos da subversão. A Alma nacional fortalecer-se-ia com os valores resultantes da vivência com comum e tornar-se-ia menos vulnerável à corrosão ideológica. (ALMEIDA, 1988, p.59).

Outro fator que justificava a não criação de universidades nas possessões do Ultramar tinha a ver com a necessidade de estancamento da corrente nacionalista que vinha crescendo nos países africanos.

Os novos condicionalismos podem generalizar-se a partir do caso de Moçambique: Eduardo Mondlane, em 1950, fixou-se em Lisboa, como aluno universitário, uma vez ter sido expulso da África do Sul, depois de se haver matriculado (1948) na Universidade de Witwatersrand (Joanesburgo). As autoridades portuguesas estavam convencidas que o espírito embrionário de nacionalismo africano de Mondlane podia ser sufocado e dirigido para serviço do Estado português através da influência direta da metrópole portuguesa [...] Em Lisboa, Mondlane estabeleceu fortes laços com os poucos estudantes provenientes das colónias africanas portuguesas. Em vez de ficarem mais ligados a Portugal, tornaram-se ainda mais antagónicos a este país. Apesar de uma estreita vigilância, Mondlane e outros estudantes africanos formaram uma rede embrionária anti-portuguesa da qual derivam muitos dos dirigentes que estão hoje (1969), na frente da luta anticolonialista contra Portugal em África (ALMEIDA, 1988, p.59-60).

O debate sobre a criação ou não da universidade nas terras do Ultramar continuou e, nessa direção, foi pensado no primeiro curso de férias para as províncias do Ultramar, Angola e Moçambique. Entretanto, nesse período, muitos portugueses tinham voltado a Portugal para fazer seus estudos superiores e, nesse mesmo tempo, alguns moçambicanos deram início aos seus estudos naquele país:

O mesmo se poderia dizer para as terras do Índico. Também ali, alguns graduados da MP<sup>9</sup> se ligaram à FRELIMO, onde contribuíram com muito do que haviam aprendido, tais como Chissano, Pascoal Mocumbi, etc. Pena foi que não tivessem conseguido manter o ideal de Portugal Grande. Pois, hoje, os povos que diziam defender viveriam em condições totalmente diferentes. [...] Portugal tinha de acertar o passo com os Estados ao Sul do Sahara, onde existiam universidades e institutos superiores. Angola e Moçambique, ao serem comparados à projeção cultural de tais instituições, sentiam azedume. Estudar na Metrópole ainda não estava ao alcance de todas as famílias, apesar dos apoios oficiais. O ambiente não se mostrava propício para os seus educandos se afastarem do lar paterno, ficando entregues a si próprios, sujeitos a todas as tentações (ALMEIDA, 1988, p. 61-71).

O curso de férias teve início em 1960, e acreditamos que este foi o principal momento para a Metrópole Portuguesa fazer uma averiguação das condições para a instalação da Universidade nas províncias do Ultramar.

A 14 de Agosto quando começaram a chegar os professores universitários a Luanda, iniciou-se no Instituto de Angola um curso destinado a médicos e a farmacêuticos, regido por três professores da Faculdade de Medicina de Lisboa. A partir de 16 de Agosto, o Curso de Férias realizou-se, em simultâneo, em Luanda e Lourenço Marques, estabelecidos que foram dois grupos de 6 professores. Nos finais do mês proceder-se-ia à troca dos grupos, repetindo-se as lições. O número de inscrições correspondeu totalmente aos desejos dos governos-gerais, tanto de Angola como de Moçambique (ALMEIDA, 1988, p.74).

Para este autor, uma forma de garantir a qualidade desses cursos de férias o governo português enviou 12 professores, divididos em dois grupos, cada um com 6, que tinham a responsabilidade de fazer a gestão dos cursos que constam e dessa forma iniciar um estudo de viabilidade do ensino superior em África.

---

<sup>9</sup>Metrópole Portuguesa.

Quadro 2. Distribuição dos professores responsáveis pelo curso de férias.

<b>Universidade Clássica</b>	<b>Angola</b>	<b>Lourenço Marques<sup>10</sup></b>
<b>Letras</b>	Victorino Nemésio	Delfim Santos
		Orlando Ribeiro
<b>Direito</b>	Marcelo Caetano	Paulo Cunha
<b>Medicina</b>		Lopes de Andrade
		Almeida Lima
<b>Ciências</b>	Torres de Assunção	Flávio Resende
<b>Farmácia</b>	Almeida Ribeiro	
<b>Universidade Técnica</b>	João Sequeira	
<b>I.S.T</b>		
<b>ISCEF</b>	Jacinto Nunes	

Fonte: Almeida (1988).

Depois de testados esses cursos de férias, pelo Decreto-Lei nº 44.530, a Coroa Portuguesa criou o ensino superior em Angola e Moçambique; sendo assim, o Ministro pôde anunciar ao Governador Geral de Angola a assinatura do Decreto-Lei que criava os Estudos Gerais Universitários, em Angola e Moçambique, integrados na Universidade Portuguesa (Decreto-Lei nº 44.530, de 21 de Agosto de 1962, assinado por Oliveira Salazar e Adriano Moreira).

[...] Artigo I indicava que eram criados nas províncias de Angola e Moçambique os estudos gerais universitários, integrados na Universidade Portuguesa. [...] Artigo IV refere que as cadeiras e cursos professados nos estudos gerais universitários terão perfeita equivalência com as cadeiras e cursos correspondentes professados em qualquer outro estabelecimento de ensino superior e serão válidos em todo o território nacional. (DIÁRIO OFICIAL, 21 DE AGOSTO DE 1962).

Para acabar com o debate que nos anos 1950 foi muito desenvolvido, a Corôa criou, nas províncias do Ultramar, cursos com o mesmo formato que tinham nas Universidades em Portugal que reduziriam as críticas negativas em relação a estes cursos por parte dos portugueses que

<sup>10</sup> Nome de Moçambique durante o período colonial

estavam nas províncias do Ultramar, quando cursados tanto em Angola bem como em Moçambique.

Logo a seguir à sua criação, o Governo Português publicou, também, o Decreto-Lei nº 44.530, de 5 de Agosto de 1963 que promulgava o regime de funcionamento dos Estudos Gerais Universitários de Angola e de Moçambique, onde indicou também que cursos seriam oferecidos nas províncias do Ultramar.

Artigo VII. Os Estudos Gerais compreendem os seguintes cursos: a) Curso de Ciências Pedagógicas; b) Curso Médico-Cirúrgico; c) Curso de Engenharia Civil; d) Curso de Engenharia de Minas; e) Curso de Engenharia Mecânica; f) Curso de Engenharia Electrotécnica; g) Curso de Engenharia Químico-Industrial; h) Curso Superior de Agronomia; i) Curso Superior de Silvicultura; j) Curso de Medicina Veterinária. Parágrafo único. Para cada um dos cursos das alíneas b) a j) será determinado por despacho conjunto dos Ministros do Ultramar e da Educação Nacional, em função das possibilidades docentes e das necessidades discentes, o número dos anos a professor no ultramar e o dos que deverão ser cursados nos estabelecimentos congêneres da metrópole. (DIÁRIO OFICIAL, 5 DE AGOSTO DE 1963).

Estando a funcionar os Estudos Gerais Universitários de Moçambique e de Angola plenamente desde 1963, foi em 1968 que, com base em indicações da Coroa, as unidades de ensino superior mudaram de nome, passando a se chamar Universidade de Lourenço Marques e Universidade de Luanda, respetivamente. Com esta alteração, ficava mais local e ganhava autonomia o ensino superior nas províncias do Ultramar, mas ainda estavam ancorados a Portugal os cursos destas universidades. Logo, não podiam, ainda, satisfazer as necessidades educacionais dos povos nativos em Moçambique e em Angola.

[...] supunha-se que a criação de Estudos Gerais constituísse uma elite negra que continuasse a administrar o sistema colonial na África. Contudo, não foi isso que aconteceu. O ensino superior criado em Angola e em Moçambique na década de 1960 não absorveu a elite negra, de tal forma que, quando uma década depois colapsou o regime colonial, a elite negra não estava nas universidades de Angola e de Moçambique. Estava sim, sobretudo, nas matas combatendo o regime colonial, ou exilada no estrangeiro. (ROSÁRIO, 2013, p. 47).

Só em 1969 abriu-se, na Universidade de Lourenço Marques, o primeiro curso de Bacharelato em Geografia através do Decreto-Lei 49 072 de 20 de Junho.

Considerando que as especiais dificuldades que se depararam no recrutamento de pessoal docente para o ensino secundário nas províncias ultramarinas aconselham a que nas Universidades de Luanda e de Lourenço Marques passe a ministrar-se o ensino da parte geral das licenciaturas em Filologia Românica, História e Geografia, a que corresponde o grau de Bacharel; considerando que, extintas as categorias de professores adjuntos do 8º e do 11º grupos de ensino profissional deixam de ter justificação os cursos organizados pelo Decreto nº 37 087 , de 6 de Outubro de 1948; [...] Artigo 1º . Passa a ser professada nas Universidades de Luanda e de Lourenço Marques a parte geral das licenciaturas em Filologia Românica, História e Geografia que corresponde ao grau de Bacharel. Artigo 2º.

São extintos nas Universidades de Coimbra, Lisboa, Luanda e Lourenço Marques os cursos de preparação de professores adjuntos do 8º e do 11º grupos do ensino profissional [...] (DIÁRIO OFICIAL, 20 DE JUNHO DE 1969).

Segundo Buque (2013), esse Decreto-Lei não faz referência à segunda parte, que seria a da Licenciatura. Esse curso foi ministrado na Faculdade de Letras da Universidade de Lourenço Marques e teve apoio direto da Universidade de Lisboa, a qual teve papel de tutora, na organização e desenvolvimento do curso.

Segundo Araújo (1999), foi da Universidade de Lisboa que vieram as duas primeiras docentes do referido curso de bacharelato<sup>11</sup>: Maria Eugênia Correia e Celeste Coelho. Também foi nesta universidade que alguns dos estudantes do primeiro curso de bacharelato em Moçambique terminaram a Licenciatura em Geografia, com destaque para o Professor Manuel de Araújo, que terminou a sua Licenciatura em 1974, tornando-se assim no primeiro geógrafo de Moçambique.

A Coroa portuguesa, por vários momentos, teceu discursos a favor do desenvolvimento para as províncias do ultramar e um dos suportes desse discurso foi a criação do ensino superior. Contudo, a Coroa só assim, o fez devido os seus interesses, ora vejamos:

Na altura em que se instituiu o Ensino Superior em Moçambique, no ano de 1962, “o ensino secundário tinha poucos africanos e consequentemente a entrada ao ensino superior obedeceria à mesma lógica de privilegiar os assimilados, os filhos dos colonos e filhos de indianos” (TAIMO, 2010, p.78).

Para Buque (2013), os cursos introduzidos nas províncias do Ultramar corresponderiam aos domínios de atividade, onde se verificasse maior carência de pessoal habilitado com cursos superiores. Julga-se que a questão não era vista apenas pela necessidade de suprir a carência, mas sim pelo interesse político e econômico.

Dessa forma, Buque (2013) e Taimo (2010) denunciam, mais uma vez, a exclusão de povos nativos na universidade, por dois motivos: primeiro, porque poucos moçambicanos tinham escolaridade para chegar à Universidade; segundo, porque o objetivo maior da Universidade era formar pessoal que asseguraria a proposta política e econômica da Coroa, logo, não seriam portanto, moçambicanos muito menos negros.

Por esse segundo motivo, Araújo (1999) em seu texto *A Geografia em Moçambique*, indica que o regime colonial não introduziu cursos da área de ciências sociais que não lhes interessavam

---

<sup>11</sup>Em Moçambique e Portugal, Bacharelato é nível acadêmico e não profissão. Este nível acadêmico era conferido a quem fizesse a primeira parte em uma Licenciatura, isto é, os primeiros 3 anos de curso.

desenvolver, foi o caso dos cursos de Geografia e História que não foram introduzidos desde o início do ensino superior.

Ainda na senda da origem do ensino superior em Angola e Moçambique, há que vincar um fato. O ensino conforme afirmamos, foi criado pelos mesmos dispositivos legais, todavia a sua evolução não obedeceu ao mesmo percurso. Nestes dois países o cenário foi diferente, segundo Araújo (1999), Taimo (2010) e Buque (2013) já faziam menção, quando se referiram sobre a importância e prioridade dos cursos nas colônias portuguesas em África.

Em Angola, por exemplo, para além de se ter criado o *Centro de Estudos de Engenharia de Minas e Geologia* no dia 29 de Setembro de 1972, a Universidade de Luanda, no ano de 1975, ramificou-se em três novas universidades, que são: Luanda, Huambo e Lubango.

Em Moçambique, diferentemente de Angola, foi criado o Curso de Geografia, mesmo sem ter um enfoque para a Geografia de Moçambique. Este cenário nos faz pensar sobre o porquê dessas diferenças e quais eram as principais e reais intenções da Coroa ao criar o ensino superior em Moçambique e Angola.

Segundo Araújo e Raimundo (2002), durante o período colonial, na Geografia, assim como noutras Ciências Sociais, foram produzidos, de alguma forma, conhecimentos que não pusessem em causa a situação política e económica imposta ao povo moçambicano e vivida naquele período.

Poucos estudos que se realizavam eram do âmbito da geografia física, como são os casos de estudos levados a cabo por Freire de Andrade<sup>12</sup> e Oliveira Boléo<sup>13</sup>. Os estudos realizados sobre a sociedade moçambicana eram de cunho exclusivamente etnográfico, o que fica bem patente pelos estudos de Raquel Soeiro de Brito e de Oliveira Boléo (ARAÚJO E RAIMUNDO, 2002, p. 98).

Na sua totalidade, os estudos visam conhecer mais, para até certo ponto facilitar a colonização que sempre foi o objetivo da Coroa Portuguesa.

---

<sup>12</sup>Freire de Andrade (1859-1929), engenheiro militar pela Escola Politécnica de Lisboa, e de minas pela Escola Superior de Paris. Enviado para Moçambique em 1889 como Comissário Geral de minas, pedras preciosas e metais preciosos e posteriormente como Administrador da Companhia de Moçambique, F. de Andrade teve a oportunidade de percorrer a antiga província, visitando diversas minas e estudando detalhadamente a sua geologia (Brandão, 2010)

<sup>13</sup>José de Oliveira Boleo, português, (1905-1974), autor de algumas obras que estão no grupo das primeiras obras da Geografia de Moçambique. Em 1950, escreveu Geografia Física de Moçambique (Esboço Geográfico); no ano seguinte, publicou o livro Moçambique; em 1961, escreve Moçambique, pequena monografia que foi reeditado em 1968 e, finalmente, em 1971 publicou Monografia de Moçambique, os quatro livros foram editados e publicados pela Agência Geral do Ultramar.

Segundo Brandão (2010) para além de Freire de Andrade, outros pesquisadores da área da geologia fizeram trabalhos em Moçambique, corroborando Araújo e Raimundo (2002). Outro fator que merece menção é o fato de que era quase comum nesse tempo os pesquisadores fazerem estudos sobre a Geografia bem como sobre outras áreas de estudos; exemplo é o de Oliveria Boléo.

O interesse em conhecer a estrutura física de Moçambique ou a Geografia Física levou à produção de vários trabalhos, que marcam o início da produção científica neste campo do saber.

Um olhar claro da Geografia colonial, vai caracterizar este saber em Moçambique desde o ano de 1900 até início dos anos de 1980.

Segundo Araújo (1992) até aos anos 1980 a Geografia de Moçambique estava por ser feita, pois tudo o que se sabia e ou se ensinava nas escolas primárias e secundárias, era a partir de Oliveira Boléo e Ministério de Educação de Portugal.

Ilustração 1. Capas dos Quatro livros de Geografia escritos por José de Oliveira Boléo



Fonte: [http://homemdoslivros.blogspot.com.br/2014\\_09\\_01\\_archive.html](http://homemdoslivros.blogspot.com.br/2014_09_01_archive.html) ,  
[http://www.livrariaferreira.pt/13617/Mo%E7ambique/MO%C7AMBIQUE/BOLEO+\(Jose+de+Oliveira\)](http://www.livrariaferreira.pt/13617/Mo%E7ambique/MO%C7AMBIQUE/BOLEO+(Jose+de+Oliveira)),  
[http://www.coisas.com/MOCAMBIQUE-PEQUENA-MONOGRRAFIA-JOSE-DE-OLIVEIRA-BOLEO-1961,name,220750899,auction\\_id,auction\\_details](http://www.coisas.com/MOCAMBIQUE-PEQUENA-MONOGRRAFIA-JOSE-DE-OLIVEIRA-BOLEO-1961,name,220750899,auction_id,auction_details) e <http://www.doutrotempo.com/livros/monografia-de-mocambique---40%E2%82%AC/2438/>

Muito antes desses escritos de José de Oliveira Boléo, já existiam alguns ensaios sobre a Geografia, conhecimento esse usado na área de estudos geológicos, como mostramos no quadro abaixo.

Quadro 3. Coleções coloniais do museu da comissão geológica

Local de pesquisa	Nome do Pesquisador	Ano
Buzi, Sofala	Mj. Teixeira de Morais	1902
Maxixe, Inhambane	Com. Militar de Maxixe	1903
Moatize	Gago Coutinho	1906

Fonte: Brandão (2010)

Como já referimos, anteriormente, o ensino superior iniciou em Moçambique no ano de 1962, mas não foi nesse ano em que o curso de Geografia começou na universidade.

Em 1969, segundo Araújo e Raimundo (2002), o Diário Oficial de 20 de Junho (1969) indica que depois de ter atingido o estatuto de universidade, a antiga instituição Estudos Gerais Universitários de Moçambique passou a lecionar o Bacharelado em Geografia, repetido o currículo deste curso na Universidade de Lisboa.

Apenas em 1969 é aberto o curso de Geografia que, através das suas fundadoras, Maria Eugénia Moreira<sup>14</sup> e Celeste Coelho<sup>15</sup>, dá início a estudos geográficos mais sistemáticos sobre o território de Moçambique. No entanto, estes estudos continuam a centrar se essencialmente, na área de geografia física, como são os casos dos trabalhos realizados por Maria Eugénia Moreira, sobre a geomorfologia do litoral do sul de Moçambique e o vale do rio Umbelúzi (ARAÚJO E RAIMUNDO, 2002, p. 98).

Maria Eugénia Moreira e Celeste Coelho chegam a Moçambique ainda recém-formadas, com o grau de Licenciadas em Geografia, e como indicaram Araújo e Raimundo (2002), foram as professoras que asseguraram a implementação deste primeiro curso.

---

<sup>14</sup> Maria Eugénia Soares de Albergaria Moreira Lopes defendeu em 1979 sua Tese intitulada: A Bacia do Rio Umbelúzi (Moçambique): Estudo Geomorfológico. Atualmente é professora jubilada (aposentada) pela Universidade de Lisboa. Esteve em Moçambique nos entre os 1970 a 1973.

<sup>15</sup> Maria Celeste de Oliveira Alves Coelho é atualmente Docente da Universidade de Aveiro, nascida a 26 de novembro de 1944 em Penhascoso, Mação, licenciou-se em Geografia em Lisboa e adquiriu o seu título de Ph.D. em Ciências Aplicadas ao Ambiente na Escócia. Principiou a sua atividade como docente na Universidade de Lourenço Marques, Moçambique, mas foi em 1985 na Universidade de Aveiro onde continuou a sua atividade de professora universitária e investigadora no Departamento de Ambiente. No seu percurso como docente e investigadora além de elaborar inúmeras publicações na área de investigação de Intervenção e Gestão Ambiental, participou igualmente em projetos dessa área.

Ilustração 2. Professora Maria Eugénia (a segunda, da direita para a esquerda) e parte dos alunos que fizeram outrora o Curso de Geografia em Moçambique na então Universidade Lourenço Marques



Foto: Rui Jacinto – Março de 2017

Este curso surgiu como demanda das províncias do Ultramar, que já tinham muitos portugueses e estes reivindicavam a falta de direito para dar continuidade aos seus estudos no ensino superior.

Segundo Moreira (2017, p.11), A jovem Universidade de Lourenço Marques, e a ainda mais jovem Universidade de Nova Lisboa (Angola), também criada por Veiga Simão, em 1973, já como Ministro da Educação Nacional, tentariam responder às pertinentes observações internacionais sobre a ausência de ensino universitário nas colónias portuguesas em África. Esta falta, notória em colónias tão vastas, vinha a ser interpretada como mais uma tentativa do Estado Novo para evitar o desenvolvimento de elites intelectuais favoráveis aos movimentos de libertação que se multiplicavam pelo continente.

Vale destacar que os primeiros professores na sua maioria vieram da Universidade de Coimbra, muitos escolhidos pelo Professor Doutor José Veiga Simão.

[...] 1962, fora iniciada com a supervisão da Universidade de Coimbra, e dirigida por J. Veiga Simão, físico nuclear pela Universidade de Cambridge, e Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Ao mesmo se deve o impulso para a criação da Universidade, e o desvelo com que desempenhou o cargo de seu primeiro Reitor,

bem como o havia feito no reitorado dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique (MOREIRA, 2017, p.11).

Depois de uma forte base da universidade Coimbra o Curso de Geografia em na Universidade Lourenço Marques passa a receber mais professores da Universidade de Lisboa, como cita Moreira (2017), jovens docentes vindos de Coimbra ou de Lisboa, ainda que alunos dos Mestres tropicalistas (Alfredo Fernandes Martins, Orlando Ribeiro, Suzanne Daveau e Ilídio do Amaral), conheciam ambientes naturais diferentes e esforçavam-se até ao limite, para aprender a novidade que queriam ensinar.

Para Araújo e Raimundo (2002), a Geografia em Moçambique iniciou, nesta altura, com as duas geógrafas, a quem depois se juntou Clara Mendes. Geógrafas formadas em Portugal nos anos de 1960, tempo em que a Geografia na Europa, particularmente em Portugal, estava marcada pela Escola da Geografia Regional de Vidal de La Blache, que tinha seu principal precursor em Orlando Ribeiro. Portanto, não se pode falar das origens da Geografia em Moçambique sem se ter em consideração o trabalho empreendido por estes dois geógrafos (La Blache e Ribeiro).

O curso de Bacharelato em Geografia que foi oferecido na Universidade Lourenço Marques não era para os moçambicanos, tendo mesmo assim, alguns iniciado esse curso, os Moçambique que iniciaram este curso eram os assimilados<sup>16</sup>.

Segundo Professora Celeste Coelho, quando ela chegou a Moçambique em Setembro de 1970, encontrou o curso já em andamento, tendo ela sido apenas responsabilizada pelas disciplinas da área da Geografia Física.

---

<sup>16</sup> Estes indivíduos são “produto” da sociedade colonial, na medida em que o Estado Colonial, por meio de seus dispositivos jurídicos e burocráticos, assim os classificou, atribuindo-os a condição de cidadãos portugueses por terem supostamente incorporado os costumes e hábitos que caracterizavam os colonos portugueses.

### Ilustração 3. Professora Celeste Coelho



Fonte: <http://www.cesam.ua.pt/images/cc3.JPG>: acessada em Junho de 2017.

Ela esteve em Moçambique por duas passagens, a primeira entre 1970-1974 no período colonial e depois entre 1977-1980 no período pós-colonial.

O primeiro período caracteriza-se pela execução da proposta curricular que vigorava em Portugal, conforme fizemos referência, os cursos neste período (colonial) haviam sido pensados para os portugueses que viviam nas colônias, o que implicou que se ensinasse em Moçambique a Geografia de Portugal, exatamente da forma como era ensinada na Universidade de Coimbra e Lisboa, como se pode verificar no quadro abaixo.

Quadro 4. Disciplinas do Bacharelato em Geografia em 1969 na ULM-Moçambique

	Disciplinas
I Ano	Geografia Física I
	Minerologia e Geologia Gerais
	Zoologia Geral
	Botânica Geral
II Ano	Geografia Física II
	Geografia Humana I
	Pré-História
	Geologia Geral
	Curso de Desenho Topográfico (1º semestre)
III Ano	Geografia Humana II
	Geografia de Portugal
	Geografia Regional
	Etnologia Geral
	História de Portugal

Fonte: ULM (1969/1970, p.50)

Com este quadro, temos as disciplinas que deram início à institucionalização da Geografia no ensino superior em Moçambique, ora muitos antes de 1969 alguns pesquisadores, geógrafos em particular tinham estado em Moçambique e por lá também fizeram Geografia, muitos destes respondendo às demandas e interesses da Coroa.

Assim sendo, não podemos deixar de vista tanto os sujeitos como os resultados dessa Geografia, pois estes podem ser entendidos como os primeiros fazedores da Geografia de Moçambique, mesmo não sendo esses produtos usados para formação dos primeiros bacharéis e geógrafos da então Universidade Lourenço Marques.

Como já referimos antes, quem encabeçou este primeiro curso foram as professoras Eugénia e Celeste, segundo relato em entrevista a professora Celeste, a componente física do curso

era já dada pelo currículo, até mesmo porque tanto ela como os outros professores vinham de formações da graduação da área física.

Nesse período foi fundamental a colaboração dos seguintes professores: Esmeralda Teixeira, Maria Eugénia Soares de Albergaria Moreira Lopes, Joaquim Renato Araújo e António Ferreira Soares, que com outros faziam o corpo docente da Universidade nesse período.

Para Celeste Coelho:

*[...] Havia na área de Geografia Humana, a professora Esmeralda [...] que era uma professora do ensino secundário, mas que foi chamada para dar a disciplina de geografia humana, a professora Maria Eugénia Soares de Albergaria, [...] da área da Geografia Física [...] Depois, havia uma colaboração estreita com o departamento de geociências, e estavam enquanto professores que davam a componente de mineralogia e geologia, [...] o professor Renato de Araújo que depois veio a ser Reitor da Universidade de Aveiro da área da Geologia e o professor António Soares (COELHO, 2015).*

Mesmo tendo como base o currículo que estava sendo desenvolvido em Portugal, foi preocupação destes docentes, que na maioria eram portugueses, fazer uma aproximação com a realidade local moçambicana para seus estudantes, e isto foi para Celeste Coelho um dos primeiros marcos do curso, a preocupação com território moçambicano.

Com efeito, desenvolveram-se trabalhos de campo tanto na Geografia Física como na Geografia Humana, seguindo propostas do curso, que apresentavam uma forte abordagem física e com orientação para estudos regionais, característica da Escola Francesa.

Segundo a Moreira (2017), as práticas de pesquisa sempre fizeram se característica desta jovem Universidade.

Na jovem Universidade existiam Professores com vasta experiência de investigação no mundo tropical. Uns porque eram nascidos e criados em Moçambique; outros porque viajados pelo resto de África, outros estavam integrados em instituições de investigação sediadas em Moçambique, outros porque, integrados em universidades, beneficiavam do apoio das Missões Científicas do Ministério do Ultramar. Veja-se a riqueza de publicações científicas do IICT (Instituto de Investigação Científica Tropical), acabado de reintegrar na Universidade de Lisboa, e a importância científica dos seus espólios e dos numerosos investigadores, ainda hoje nomes ligados à autoria de obras de referência mundial. Dentre elas, apenas enuncio a importância e a riqueza da informação rigorosa da Cartografia do Índico e suas costas, realizada pela Marinha Portuguesa (MOREIRA, 2017, p. 13).

Para Araújo, eram muito poucos os moçambicanos que frequentavam o curso e isso ficou claro durante a transição do Governo colonial para o Governo moçambicano.

Um outro motivo que pode ter lavado os docentes a fazerem a aproximação de realidades, mesmo tendo a mesma proposta curricular portuguesa, foi o fato de se ter nesses cursos alguns moçambicanos, com destaque para Manuel de Araújo e Aniceto dos Muchangos que segundo Celeste Coelho, faziam parte do segundo curso e a tendência em aumentar o número de moçambicanos era evidente.

Segundo Santos (1984), a hegemonia econômica da burguesia agrária portuguesa entrou em declínio no início da década de sessenta, enquanto a sua hegemonia ideológica só entrou em declínio no final da mesma década. A eclosão da guerra colonial no princípio dos anos sessenta marcou o início da fase final do colonialismo português.

Em 25 de Abril de 1974 deu-se o fim da crise que vinha desde os anos 60, mas este não implicou o colapso generalizado do Estado. Nesse mesmo dia se viveu a Revolução dos Cravos, que derrubou o regime salazarista, que vinha desde o ano 1926 (PENAS et al, 2007).

Ora, a crise em Portugal se fez sentir diretamente nas suas colônias, mesmo porque já muitos cidadãos portugueses não eram mais a favor da colonização. Isto enfraqueceu o poder colonial, ao ponto de em Moçambique serem assinados em 1974 os Acordos de Lusaka, que anunciavam a independência de Moçambique e criava-se o governo de transição.

Segundo Brito (2010 apud BRAGANÇA, 1986) esse processo levou ao que se chamou de “Independência sem descolonização”. Passados quatro meses da Revolução<sup>17</sup>, foram celebrados,

---

<sup>17</sup> Foi o movimento que derrubou o regime salazarista em Portugal, em 1974, de forma a estabelecer as liberdades democráticas promovendo transformações sociais no país. Após o golpe militar de 1926, foi estabelecida uma ditadura no país. No ano de 1932, Antônio de Oliveira Salazar tornou-se primeiro-ministro das finanças e virtual ditador. Salazar instalou um regime inspirado no fascismo italiano. As liberdades de reunião, de organização e de expressão foram suprimidas com a Constituição de 1933.

Portugal manteve-se neutro durante a Segunda Guerra Mundial. A recusa em conceder independência às colônias africanas estimulou movimentos guerrilheiros de libertação em Moçambique, Guiné-Bissau e Angola. Em 1968 Salazar sofreu um derrame cerebral e foi substituído por seu ex-ministro Marcelo Caetano, que prosseguiu com sua política. A decadência econômica e o desgaste com a guerra colonial provocaram descontentamento na população e nas forças armadas. Isso favoreceu a aparição de um movimento contra a ditadura.

No dia 25 de abril de 1974, explode a revolução. A senha para o início do movimento foi dada à meia-noite através de uma emissora de rádio, a senha era uma música proibida pela censura, Grândula Vila Morena, de Zeca Afonso. Os militares fizeram com que Marcelo Caetano fosse deposto, o que resultou na sua fuga para o Brasil. A presidência de Portugal foi assumida pelo general António de Spínola. A população saiu às ruas para comemorar o fim da ditadura e distribuiu cravos, a flor nacional, aos soldados rebeldes em forma de agradecimento (In:

a 7 de Setembro de 1974, entre o Governo Português e a Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO, os Acordos de Lusaka, cuja tarefa principal era preparar o país para a proclamação da independência, no dia 25 de Junho de 1975.

Segundo Sobrinho (2017) com a revolução do 25 de Abril de 1974, acelerou-se o processo de independência de Moçambique, inclusive, mudou o plano curricular do curso de Geografia. Segundo este ex-estudante na Universidade de Loureço Marques é então que surge no curso de Geografia um destacado elemento da FRELIMO, Dr. Fernando Ganhão, indivíduo cordato que sabia ouvir mas, simultaneamente, transmitir as novas diretrizes relativas ao funcionamento dos cursos de Letras, incluindo o de Geografia.

À época, o delegado do curso de Geografia era o Aniceto dos Muchangos. No entanto, como se encontrava de férias em Manica, coube-me a mim substituí-lo a fim de assegurar a representação por parte dos alunos do curso de Geografia. A pequena comissão que procedeu à reestruturação do curso era composta por: Maria Eugénia Soares de Albergaria Moreira Lopes (Assistente); Manuel G. Mendes de Araújo (Assistente); António José Pedrosa de Souza Sobrinho (Aluno); Fernando Ganhão (FRELIMO) (SOBRINHO, 2017, p. 27).

Muito antes de proclamar a independência, a FRELIMO já pensava na educação sob ponto de vista geral, e mais específico para o ensino superior. Segundo Taimo (2010), esses assuntos foram a centralidade no Primeiro bem como no Segundo Seminário de Educação e Cultura, organizados nos anos 1968 e 1970.

[...] irá chamar atenção da necessidade de a educação na medida em que é ela que permite o domínio da ciência para que a luta avance, visto que “A luta moderna é uma luta científica. Como tal, ela tem que ser dirigida por indivíduos com um mínimo de conhecimento científico”. (CONFERÊNCIA DO DEC, 1968, p. 4).

[...] a educação para nós não significa ensinar a ler e escrever, fazer dum grupo uma elite de doutores, sem relação directa com os nossos objectivos. Por outras palavras, assim como fazer luta armada sem se fazer revolução, também se pode ensinar sem se educar de uma maneira revolucionaria. Não queremos que a ciência sirva a enriquecer a minoria, oprimir o homem e retirar a iniciativa criadora das massas, fonte inesgotável do processo coletivo. Cada um de nós deve assumir com o ensino as suas responsabilidades revolucionarias. Conceber o livro, estudo, como um instrumento ao serviço exclusivo das massas. Ver no estudo uma tarefa revolucionaria, que deve ser combinada com as tarefas revolucionárias de produção e combate. Aquele que estudou deve ser o fósforo que vem acender a chama que é o Povo. (...) A educação deve preparar-nos a assumir a nova sociedade e as suas exigências. A Educação deve dar-nos uma personalidade moçambicana, que sem subserviência alguma, assumindo a nossa realidade, saiba, em contacto com o mundo exterior, assimilar criticamente as idéias e experiências de outros povos, transmitindo lhes também o fruto da nossa reflexão e prática. Necessitamos de uma consciência de

---

<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/revolucao-dos-cravos.htm>. Acessado em 14 de Julho de 2017)

responsabilidade e solidariedade colectivas, livre de todo o individualismo e corrupção. (CONFERÊNCIA DO DEC, 1970, p. 36).

Após a proclamação da independência, Moçambique só contava com uma instituição de ensino superior, e foi nesta instituição que se pensou a educação do país. Muitos dos portugueses que eram docentes voltaram para Portugal o que deixou o setor fragilizado, mas em 1975 existiam alguns moçambicanos frequentando o ensino superior.

[...] quando da proclamação da Independência do País em 1975 o país contava com uma única instituição de ensino superior, a Universidade de Lourenço Marques, uma instituição para servir o número cada vez crescente dos filhos de colonos no país. Havendo a necessidade de colocar a universidade ao novo momento em que o país vivia, a partir de 1º de Maio de 1976, quando da visita do então Presidente da República, Samora Machel, passa a ser chamada Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em homenagem ao primeiro presidente da FRELIMO, académico assassinado ainda no processo da luta contra o colonialismo. A mudança do nome da universidade não se cingia somente a esse aspecto, mas passava também por impor uma nova concepção do que é universidade, o seu papel na nova situação do país (TAIMO, 2010, p. 145).

Os cursos na universidade, visando a formação de moçambicanos, não tiveram seu início nesse ano, pois foi necessário que em Moçambique se planificasse esse novo cenário.

Segundo Buque (2013), havia a necessidade de se reformularem os programas de ensino para adequá-los à nova realidade e construir um currículo único que correspondesse ao contexto sociopolítico de Moçambique. Assim sendo:

[...] convocou-se todos os professores do país, com larga experiência, para um seminário que se realizou na cidade da Beira, no mês de Janeiro de 1975, ainda no período de Governo de Transição. Esse seminário teve a duração de dez dias e tinha como objetivos discutir e definir métodos de organização das escolas e analisar programas de ensino de todos os níveis em curso excetuando-se o ensino superior (BUQUE, 2013, p.77).

Segundo esta autora, foi nesse seminário que foram elaborados os novos programas da 1ª à 11ª classe, na base da alteração dos conteúdos; introduziu-se a disciplina de educação política (tendo como objetivo a formação política e ideológica dos alunos); introduziu-se o estudo político no seio dos professores; introduziram-se as disciplinas de História e Geografia de Moçambique, com carácter obrigatório durante o ano de 1975; introduziram-se, no currículo escolar, atividades culturais, como forma de afirmação da personalidade moçambicana; deu-se um valor especial às atividades produtivas como forma de estabelecer a ligação do estudo à produção, da teoria com a prática.

Estava assim lançada de forma generalizada a segunda era da Educação em Moçambique, e que esta deveria exercer um papel fundamental para construção desta Nova Nação.

À data da independência nacional, Moçambique herdou uma ciência geográfica e um ensino de geografia profundamente marcados pelos interesses do poder colonial, o que exigia à jovem nação uma mudança radical na sua concepção e metodologia. Além disso, com a saída em massa de professores, na altura pouco eram os professores de Geografia no país. Como encetar mudanças e implementar novos programas sem professores qualificados para tal? Surge assim, o grande desafio da realização da primeira experiência de formação de professores de Geografia no país em 1976. A formação destes professores, alguns deles hoje geógrafos de renome nas diversas áreas de atividade, constituiu o primeiro passo para a concepção da formação de professores mesmo para outras áreas de ensino no país, na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane (THOMPSON, 2007, p. 2).

Este curso de formação de professor de Geografia deu início aos trabalhos desta nova Universidade, preocupada em construir essa Nova Nação usando a Educação.

Segundo Thompson (2007) e Araújo (1999), a forma como se pensou este curso já mostrou diferença no regime político em Moçambique, pois pela primeira vez se criou uma turma em que estavam alunos de todo o país, sendo três de cada província.

Como estava em alta o debate sobre que caminhos deve seguir a Geografia após a independência, este curso trouxe respostas, mostrando uma relação muito forte entre Educação e Marxismo e Leninismo, correntes políticas que o país adotou.

Estes professores foram formados durante um ano, pela Faculdade de Educação, sendo que deveriam trabalhar por dois anos nas suas províncias de origem.

*[...] com a saída em massa dos portugueses, incluindo técnicos e particularmente professores, com a conquista do poder político pelos moçambicanos, fruto da luta que culminou com a proclamação da independência nacional, em 25 de junho de 1975, havia um vazio total em termos da falta de quadros profissionalmente competentes em todas as instituições da jovem República. Foi assim, que em finais de abril de 1976, foram selecionados três graduados do então 5<sup>o</sup> dos liceus (atual 10<sup>a</sup> classe) em cada uma das 10 províncias existentes na altura da independência (CHEREWA, 2016).*

Durante o ano de formação, segundo este entrevistado, os futuros professores de Geografia foram ensinados sobre: Geografia, Psicopedagogia e Didática, sinais de que a Educação era o início e fim nesse processo de formação.

Segundo muitos profissionais da Educação, foi deste curso que surgiu a experiência que resultou no 8 de março de 1977<sup>18</sup>.

O dia 8 de Março de 1977 como uma data marcante nas suas vidas e no seu percurso estudantil, e importa aqui recordar que foi nesse dia que Samora Machel se reuniu na cidade de Maputo com estudantes, professores e responsáveis do setor da educação e anunciou a supressão dos então sexto e sétimo anos do liceu, devendo os alunos desses níveis passar a frequentar cursos de formação de professores, cursos agrários, o exército ou o curso pré-universitário da Universidade (COSTA, 2012 apud GÓMEZ, 1999, p. 311).

Sendo assim, enquanto uns iam se formando como professores em 1977, o país já tinha mais de 30 professores de Geografia, os quais nesse ano, foram alocados para trabalhar para vários lugares do país, como já fizemos referência.

Depois de terem trabalhado por um período de dois anos, alguns voltaram a estar envolvidos noutro processo de formação, mais uma vez, protagonizada pela Universidade Eduardo Mondlane, na Faculdade de Letras e pelo Departamento de Geografia, oferecendo ensino superior para parte daquele grupo de professores de Geografia.

*[...] Depois de dois anos de trabalho como professor e delegado provincial de Geografia, junto da Escola Secundária de Nampula e da Direção Provincial de Educação e Cultura, em 1979, fui selecionado e convocado para com outros colegas (a maioria) entramos no curso formal de Geografia, [...] tendo feito o Bacharelato em 1982 e a Licenciatura em 1984, fomos o primeiro grupo de geógrafos formados após a independência nacional. (CHEREWA, 2016).*

O desenvolvimento deste curso incorpora elementos que, segundo vários autores, constituirá o segundo momento da Geografia em Moçambique. Para Araújo e Raimundo (2002) e Thompson (2007), a Geografia deixa de ter a Escola Francesa como sua única referência, herdada com o tempo colonial e passa a Escola Soviética, associada ao regime político socialista como orientação deste saber.

Após a independência nacional, vivenciou-se, por um lado as tendências das escolas regionais e quantitativas da Geografia, e por outro a expansão da geografia crítica, radical de relevância social ou marxista como é conhecida esta corrente. (THOMPSON, 2007, p.2).

A partir da proposta do currículo desenvolvido neste primeiro curso de licenciatura em Geografia, é possível perceber essa mudança do referencial paradigmático da Geografia em Moçambique. Ora, mesmo tendo a Escola Soviética como orientação deste processo de formação,

---

<sup>18</sup>Dia em que uma geração de jovens, adiu sonhos e desejos para responderem ao apelo do Presidente Samora Machel de participar ativamente na reconstrução do país. Onde na sua maioria, esses jovens deixaram de ser estudantes e passaram a trabalhar principalmente na área de Educação.

ainda esteve presente a Escola Francesa, muito pelo fato de que os professores que assumiram a formação nesse novo curso tinham sido formados com base na Escola Francesa.

Segundo Araújo e Raimundo (2002,) na primeira metade da década de 70, forma-se o primeiro geógrafo moçambicano, que ensaia o início de uma Geografia moçambicana com a publicação em 1977 da *Pequena Geografia de Moçambique, intitulada: Noções elementares da Geografia de Moçambique*.

Foi em entrevista que Araújo cita esta obra fornece alguns dados muito simples sobre a República Popular de Moçambique, mas é com ela que se quer iniciar um estudo que deseja conhecer o nosso Povo. Esta obra pretendia mostrar que o Povo moçambicano queria conhecer o seu país.

Ilustração 4. Capa do primeiro livro de Geografia de Moçambique, feito por um moçambicano.

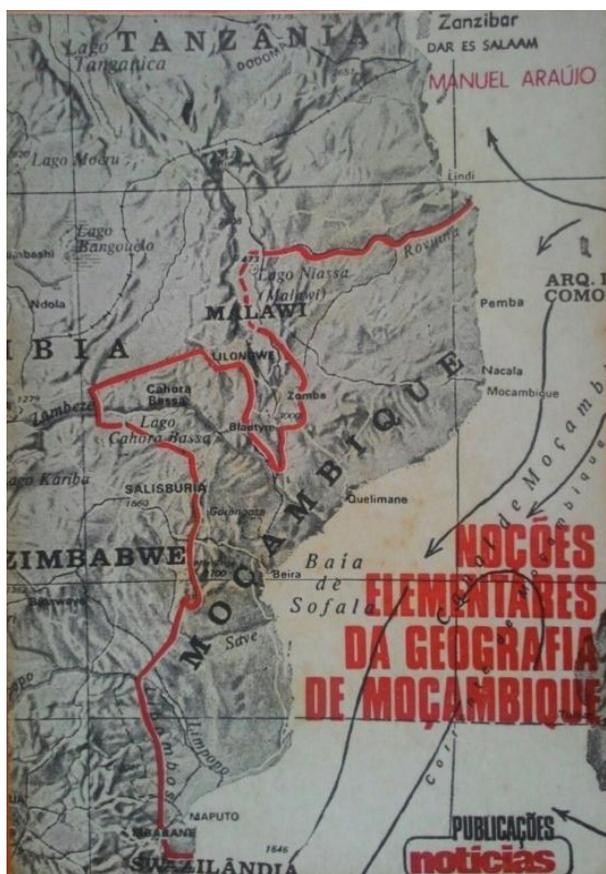


Foto de José Maria Langa

Na segunda metade da mesma década formaram - se mais dois geógrafos moçambicanos, são eles: Aniceto dos Muchangos e Rachael Thompson, como referiu Manuel de Araújo em entrevista, mas antes destes a Isabel Coelho forma-se.

*[...] o surgimento dos primeiros geógrafos moçambicanos, começando por mim, e a sua inserção na formação e na pesquisa, eu e a Isabel Coelho, eu com alguma antecedência e essa Isabel Coelho, somos os primeiros geógrafos moçambicanos, ok, porque percorrendo a história não há anteriores (ARAÚJO, 2015).*

É com estes primeiros graduados em Moçambique e moçambicanos que podemos pensar na gênese da Geografia moçambicana, se o olhar for estritamente nacionalista, pois aqui, temos uma Geografia de Moçambique, ensinada ou pensada por moçambicanos para moçambicanos.

Vejamos então, como estava pensado o primeiro curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Eduardo Mondlane, em 1976.

Quadro 5. Disciplinas do curso de formação de professores de Geografia 1976 na UEM

		Disciplinas
I Ano	I Semestre	Cartografia e Topografia
		Introdução à Geografia
		Geologia Física geral
		Matemática
		Materialismo Histórico Dialético (anual)
		Climatogeografia
	II Semestre	Pedogeografia
		Economia Política
		Estatística Económica
		Geografia da População e Povoamentos
II Ano	I Semestre	Geomorfologia
		Hidrogeografia
		Biogeografia
		História da República Popular de Moçambique
		Geografia Física de África

	II Semestre	Geografia Física de Moçambique
		Geografia Agrária
		Geografia Urbana
		Defesa da Natureza e do Meio Ambiente
III Ano	II Semestre	Geografia Económica de África
		Geografia Económica de Moçambique
		Geografia da República Popular de Moçambique
		Metodologia
		Estágio Pedagógico
	II Semestre	Geografia Económica dos Países Capitalistas, Socialistas e em Desenvolvimento
		Geologia de Moçambique
		Seminário de Geografia Física
		Seminário de Geografia Económica
		Métodos de Ensino
		Língua Inglesa

Fonte: Certificado de disciplinas feitas de ex-estudante do curso para o nível de Bacharelato e Licenciatura em Geografia

A principal mudança neste curso foi observada nas áreas de Geografia e História, cujo conteúdo deixa de ser sobre Portugal. O protagonismo e nacionalismo moçambicano são visíveis neste curso, e é importante referir que nesse período começam a chegar os docentes dos países do Leste, para cooperarem na área de Educação, não só na Geografia mas também em outras áreas do saber. O início deste curso, em 1977, também é visto como elemento marcante do segundo momento da Geografia em Moçambique.

A mudança no quadro de docentes é também algo que pode caracterizar este saber neste período, tendo passado de professores portugueses na sua maioria, para professores moçambicanos, russos, chilenos, estadunidenses entre outros. Nesse período, a proposta curricular formou geógrafos e professores de Geografia, algo que expressa alguma mudança em relação ao curso que foi iniciado em 1969. Nesse novo curso passam a ter importância as seguintes disciplinas: Metodologia, Métodos de Ensino e Estágio Pedagógico.

Após a independência era necessário criar bases fortes para construir essa Nação Nova, principalmente o homem novo, com alto grau de comprometimento pela causa da moçambicanidade.

Helena Copetti Callai, em seu artigo intitulado *A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?* Apresenta uma discussão da Geografia como componente curricular para a escola e a possibilidade de construção da cidadania.

Para Callai (2001), o ensino de Geografia tem que considerar necessariamente a análise e a crítica que se faz atualmente à instituição escola, situando-a no contexto político social e econômico do mundo.

É com esta base contextual que podemos ter elementos para pensar na Geografia que se deve ensinar na escola ou ainda que foi ensinada. E assim sendo, podemos também ver o quão foi importante este saber em Moçambique.

Com relação ao ensino da Geografia e a Educação no seu todo, acredita-se que esta disciplina possa contribuir na tarefa de envolver os indivíduos, capacitando-os a conceber a visão holística da realidade, ou seja, a sociedade como uma totalidade dinâmica e contraditória, fruto de múltiplas relações e no caso de Moçambique importante para pensar esta Nova Nação. Pode-se aqui ver a importância deste saber.

Como forma de terminar o curso de Licenciatura em Geografia, os estudantes deveriam fazer após fazer o Bacharelato (os primeiros 3 anos) cursar mais dois anos com as seguintes disciplinas:

Quadro 6. Disciplinas do IV e V ano do curso de Licenciatura em Geografia da UEM, 1977

Disciplinas	IV ano		V Ano	
	I Semestr e	II Semestr e	I Semestr e	II Semestr e
Geografia do Países em Desenvolvimento				
Prática de Investigação				
Educação Política e Ideológica				
Teoria da Terra e da divisão das Regiões Naturais				
Estágio Produtivo				
Trabalho de Diploma				

Fonte: Certificado de disciplinas feitas de ex-estudante do curso para o nível de Bacharelato e Licenciatura em Geografia

Tendo este curso iniciado depois de 1975, ano da independência nacional, é de destacar a presença de professores provenientes dos países do Leste, com a antiga URSS e outros países que tinham uma ligação forte com o sistema político socialista, o caso do Chile.

Segundo Manuel de Araújo, depois da independência, houve um esvaziamento ao nível da Educação, posto que não havia discentes nem docentes, dado que foram poucos os portugueses que decidiram ficar em Moçambique.

Para Celeste Coelho e Manuel de Araújo, este tempo marcou a Geografia de Moçambique; ora, se por um lado, foi neste tempo em que foi necessário repensar esta ciência, de modo que ela não terminasse, tornando assim um momento importante, para Manuel de Araújo, foi nesta fase que a Geografia de Moçambique nasce, para Celeste Coelho, este foi o momento crítico, sob ponto de vista de acompanhamento da corrente da Geografia mundial, pois segundo ela, o corpo docente

presente em Moçambique focou-se quase e somente na Geografia de seus países, neste caso do Leste, como já referimos anteriormente.

*[...] depois daquele período entre o Governo de transição e a independência, houve a criação, e o surgimento dos primeiros geógrafos moçambicanos, e depois a criação do curso de formação de professores de História e Geografia, para não morrer, foi isso que não deixou morrer, foi isso que não deixou morrer nem a Geografia e nem a História (ARAÚJO, 2015).*

*[...] Eu em 74 tive uma dispensa de serviço docente para ir fazer o meu doutoramento (ok) e, portanto, eu saí de Moçambique em agosto e esse tempo esse ano iniciei o meu programa e doutoramento na Universidade de Aberdeen na Escócia, [...] portanto eu mantive o vínculo com a universidade, certo, só que é evidente que em 74 as coisas começaram a mudar mas eu estava pouco distanciada, mas no ano letivo 77/78, voltei então e encontrei outra realidade, [...] para depois, 77/78 aí sim, eu acho que houve uma mudança radical, no paradigma da geografia (ok) certo. E a mudança foi, portanto eu penso muito grande, porquê, talvez pela própria natureza do corpo docente, estamos em 77,78 e a maior parte eu diria quase a totalidade do corpo docente era estrangeiro. Quando digo estrangeiro não era nem moçambicano e os estrangeiros europeus portugueses eram poucos, eram praticamente poucos e com uma forte componente ideológica marxista leninista, saberá isto perfeitamente não é. Portanto, de tal modo que a Geografia que havia sido ensinada no período anterior era conotada como uma geografia de ideologia burguesa, e inclusivamente, portanto se tentava encontrar explicação para muitas das teorias da geografia a luz do materialismo certo (COELHO, 2015).*

Segundo Manuel de Araújo, foi desse curso, iniciado em 1977, que outrora servia para a formação de professores de Geografia e História, que se formaram os primeiros geógrafos de Moçambique independente, tendo se destacado, alguns deles no panorama deste saber.

*[...] é verdade que todos não conseguiram fazer a Licenciatura, mas Ebenisário Chonhiça fez a Licenciatura, Leonel Lopes fez a Licenciatura, a Ebenisário fez, a Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, o Leonel Lopes fez Licenciatura e Mestrado, Dionísio Cherewa fez Licenciatura e Mestrado, Tírcio Santos fez a Licenciatura e Mestrado, Alberto da Barca fez Licenciatura, não fez Mestrado [...] assim que surgiram os primeiros geógrafos, mas cumpriu se, dois anos de formação, dois anos foram para as províncias depois voltaram e acabar a Licenciatura.(ARAÚJO, 2015).*

É importante lembrar que tanto o Bacharelato ou Licenciatura em Geografia, bem como o primeiro curso de formação de professores de Geografia e História, só foram possíveis pelo fato do novo Governo ter tido a certeza de que a Educação era a base para o povo apropriar-se do poder<sup>19</sup>, e isso foi possível, pois mesmo com o esvaziamento do setor de Educação, a Ministra da

---

<sup>19</sup> Um dos slogans do Governo após a Independência.

Educação e Cultura, a Graça Machel<sup>20</sup>, fez de tudo para reorganizar o setor e contou com ajuda de Teresa Veloso<sup>21</sup> e Fernando Ganhão<sup>22</sup>, este último nomeado primeiro Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, tendo ocupado tal cargo entre 1976-1986<sup>23</sup>, assim falou Araújo durante a entrevista. É interessante destacar que após a independência Moçambique recebeu muita ajuda de pessoas particulares que com sua experiência foram construindo esta Nação.

Nessa reorganização do sector, também tiveram importância Olga Iglesias, Narciso Matos, Carmo Vaz, Manuel de Araújo e Lobo, a estes se juntam mais dois recém-formados em Geografia, o Aniceto dos Muchangos e Rachael Thompsom.

Estes dois últimos geógrafos foram convidados a trabalhar na Universidade, tendo depois, seguido para iniciar a construção do projeto do Instituto Superior Pedagógico - ISP, hoje a Universidade Pedagógica - UP.

É importante destacar que vários destes primeiros geógrafos formados em Moçambique se destacaram por ocupar, também, cargos políticos, uns por meio de nomeação e/ou por eleição, demonstrando assim, o poder e importância que este saber teve principalmente depois de Moçambique ter se tornado independente, e mais tarde um país democrático, pois como podemos verificar, a proposta curricular desenvolvida no primeiro curso de Geografia, na UEM, incorporava disciplinas, que no nosso entender tinham função de preparar os futuros profissionais em assuntos políticos, são elas as disciplinas: Geografia dos Países em Desenvolvimento, Educação Política e

---

<sup>20</sup> Graça Machel é uma política e ativista dos direitos humanos moçambicana. Foi a primeira-dama de Moçambique, desde 1976, quando se casou com Samora Machel, o primeiro presidente de Moçambique, morto em 1986. Em Moçambique, assumiu fundamental importância como Ministra de Educação e Cultura, no primeiro Governo de Moçambique independente, por cerca de 14 anos.

<sup>21</sup> Esposa de Jacinto Soares Veloso – portugueses que ainda no tempo colonial aliaram-se às forças nacionais de resistência colonial. Jacinto Veloso desempenhou vários cargos, funções partidárias e governativas, desde a independência de Moçambique, tendo sido membro da Comissão Política do Partido Frelimo. É membro da Frelimo desde 1963.

<sup>22</sup> Conhecido como nacionalista exemplar, académico brilhante e de uma extraordinária universalidade, Fernando dos Reis Ganhão tornou-se militante da Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO desde os tempos da luta armada, tendo ajudado a formar vários quadros nas escolas da organização, tanto na Tanzânia como no interior do país. Após a independência nacional foi nomeado pelo então Presidente da República Popular de Moçambique Samora Machel, para o cargo de Reitor da Universidade Eduardo Mondlane. Foi sob a sua direção, aliás, que a UEM, numa fase bastante crítica da sua vida, face à total ausência de professores nacionais, conseguiu, apesar destas adversidades, afirmar-se como uma grande instituição do Ensino Superior e virada para a verdadeira moçambicanidade, tendo fornecido ao país centenas de quadros para as diferentes áreas de desenvolvimento económico e social do país. Fernando Ganhão pertenceu à Comissão Permanente da Assembleia Popular, atual Assembleia da República. Fernando Ganhão foi o primeiro Presidente do Comité Olímpico de Moçambique.

<sup>23</sup> Depois vieram os seguintes Reitores: Rui Baltazar (1986-1990), Narciso Matos (1990-1995), Brazão Mazula (1995-2006), Felipe Couto (2006-2011) e Orlando Quilambo (2011 -)

Ideológica, Materialismo Histórico Dialético e Geografia Econômica dos Países Capitalistas, Socialistas e em Desenvolvimento.

Depois dos 5 anos de formação, esses profissionais, foram trabalhar na Educação e em outras instituições de Governo, sendo muitos destes, responsáveis pela planificação nos setores onde trabalhavam, responsáveis por indicar e garantir um rumo a Nova Nação.

Nesse primeiro momento de implementação do curso, a presença de professores que vinham dos países do Leste, com forte relação com o Socialismo é um dos marcos da Geografia em Moçambique. Esses professores e acadêmicos visitantes é que possibilitaram as várias formas de fazer Geografia nesse período.

Ilustração 5. Mapa de proveniência dos professores de Geografia no Ensino Superior em Moçambique, entre os anos 1969-1990.



Fonte: GERDES (2013) e Trabalho de Campo (2015)

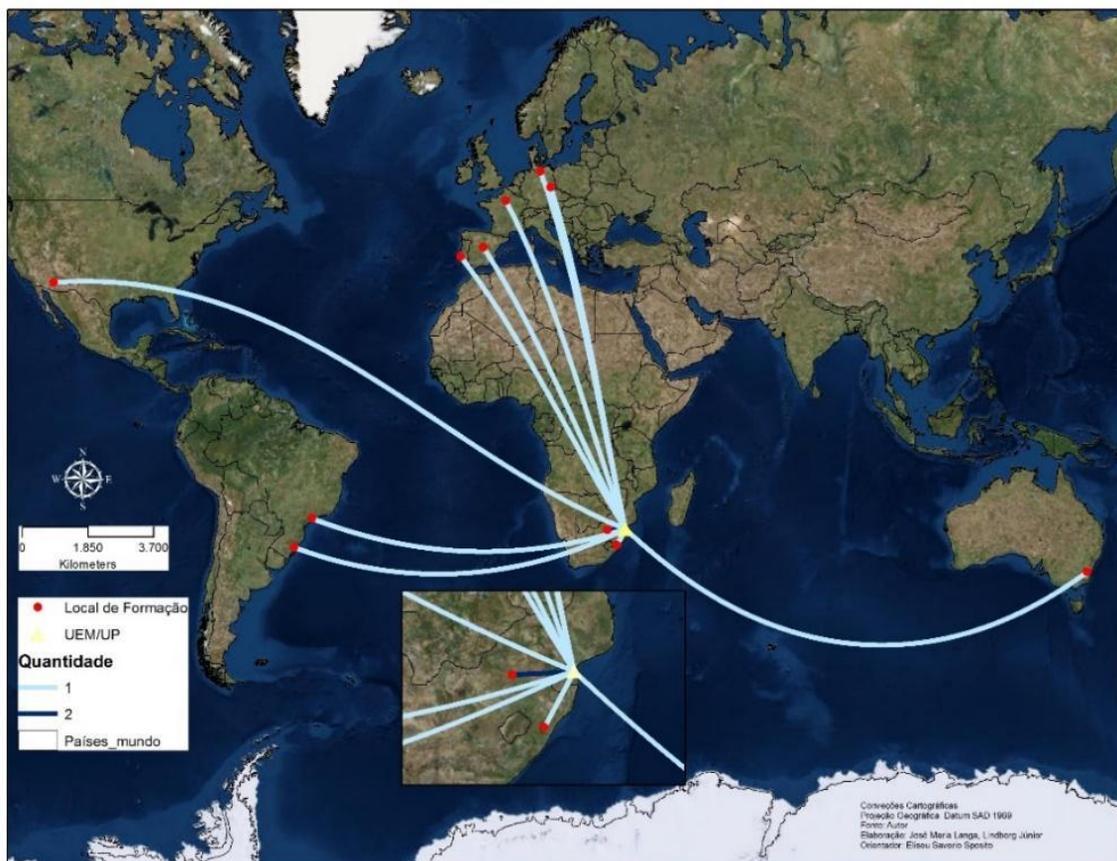
Destacam se professores vindos dos países do Leste, algo constantemente relatado pelos entrevistados, até mesmo porque o curso desenvolveu também durante o período em que o regime

social político do Socialismo é que vigorava, durante cerca de 13 anos, tempo bastante suficiente para reprodução de ensinamos nesse tempo. Vale destacar que não foi só a Educação que recebeu mão de obra vindo desses países. O mapa faz referência a vinda do professor Martin Gloviar, citado numa entrevista. Mas é consensual que vieram muitos outros professores.

Referir que durante esse período, 1969-1990, alguns moçambicanos iniciaram e terminaram seus cursos no ensino superior, uns fazendo os três ciclos do ensino superior: graduação, mestrado e doutoramento, assim sendo, isto possibilitou o início de mais uma nova fase da Geografia em Moçambique.

Se, num primeiro momento, os professores e pesquisadores vinham até Maputo - Moçambique, a partir de 1975, moçambicanos começam a sair do país para se formar, trazendo assim as outras Geografias para Moçambique.

Ilustração 6. Mapa de destino dos professores moçambicanos para cursar estudos de Pós-Graduação, entre os anos 1980-1992.



Fonte: GERDES (2013) e Trabalho de Campo (2015)

O ano de 1992 é referência na História de Moçambique e passa a ser também na História da Geografia em Moçambique, pois foi nesse ano que Moçambique se abre para a economia de mercado, como resultado da assinatura dos Acordos Gerais de Paz<sup>24</sup>, deixando de ser Socialista e, assim, abrindo espaço para novos países se relacionarem com ele, relações essas que foram visíveis em vários setores com destaque para a Educação.

Aqui inicia o novo marco e as novas facetas deste saber que estava em permanente construção, muitos professores vindos do Leste regressam para os seus países de origem. Em 1990 foi iniciado um novo currículo, que já se apresentava bem diferente da antiga proposta curricular que era desenvolvida em Moçambique, na verdade, aqui pode se ver, nesse currículo a proclamação de um advento político, a abertura ao capitalismo.

Quadro 7. Disciplinas do curso de bacharelato e Licenciatura em Geografia do ano de 1990-2001, na UEM

I Ano	I Semestre	Disciplinas
		Inglês I
		Física Básica
		Matemática Básica
		História da Geografia
	II Semestre	Inglês II
		Geologia Geral
		Química Geral
		Teoria da Terra
		Bases Metodológicas da Geografia
		Bases Técnicas e Econômicas em Geografia
Elementos de Sociologia I		

<sup>24</sup>O Acordo Geral de Paz, assinado em Roma a 4 de Outubro de 1992, por Joaquim Chissano, presidente de Moçambique, Afonso Dhlakama, presidente da RENAMO e por representantes dos mediadores, a Comunidade de Santo Egídio, da Itália, pôs fim a 16 anos de guerra civil. Pôs-se fim a uma guerra que devastou a economia nacional e teve consequências trágicas para a população.

II Ano	I Semestre	Inglês III
		Geomorfologia
		Elementos de Sociologia II
		Climatogeografia
		Topografia Geral
		Cartografia
	II Semestre	Análise Matemática
		Introdução da Geografia
		Geografia Econômica I
		Demografia
		Hidrogeografia
		Biogeografia
III Ano	II Semestre	Geografia Econômica II
		Oceanologia
		Geografia Regional I
		Geografia da População
		Geografia de Moçambique I
		Probabilidades e Métodos Estatísticos
		Inglês IV
	II Semestre	Pedogeografia
		Geografia dos Povoamentos
		Geografia Regional II
		Geografia de Moçambique II
		Métodos matemáticos em Geografia
		Geografia Econômica III
		I Semestre
Avaliação e Utilização Econômica do Recursos Naturais		
Geografia Regional III		

IV Ano		Teoria da Divisão em Regiões Naturais (anual)
		Geografia da África I
	II Semestre	Teoria da Divisão em Regiões Econômicas
		Sociedade e Meio Ambiente
		Práticas de Investigação II Geografia de África II
Seminário de Especialização I		
V Ano	I Semestre	Planeamento Urbano
		Planificação Territorial
		Práticas de Investigação III
		Seminário de Especialização II
	II Semestre	Trabalho de Licenciatura

Fonte: Faculdade de Letras e Ciências Sociais (1990)

Segundo Inês M. Raimundo, este foi o currículo de Geografia que mais exigiu dos estudantes, em sua formação. Diferentemente dos antigos, este é o primeiro currículo que foi pensando para formação de geógrafos (as), a questão do ensino perde centralidade. É também deste currículo que se formam a maioria dos docentes que hoje atuam tanto na Universidade Eduardo Mondlane bem como na Universidade Pedagógica.

*[...] quando entra o novo currículo, dito currículo de Geografia que tinha tudo quanto se chama de Ciência, de conhecimento [...] bom digo sou geógrafa de formação porque na verdade fiz aquelas disciplinas todas, entra um currículo de licenciatura de cinco anos, e os primeiros dois anos têm aquelas chamadas disciplinas, que diziam que eram as disciplinas complementares, que um geógrafo precisa saber, nomeadamente, ter conhecimentos de química, física, matemática, mas naquele currículo matemática começava no primeiro ano, até o quinto ano, porque era matemática básica, método estatísticos, probabilidades estatísticas, análise matemática, [...] mas o bom disso tudo é que aquele currículo permite um grande conforto, no sentido eu converso a vontade na geografia humana, converso a vontade na geografia física, converso a vontade naquilo que são as ciências ambientais e converso a vontade na geografia da população, então esse currículo, na verdade pra mim até agora foi um dos melhores currículos que nós já tivemos (RAIMUNDO, 2015)*

Este currículo foi pensado para formar geógrafos (as) e estes responderam a demanda que o país apresentava nesse período.

O curso volta a ter a carga elevada de disciplinas das Ciências ditas duras e abre um grande campo para a investigação.

Saliente-se que antes deste currículo, em Moçambique, se fez uma Geografia bastante politizada, principalmente depois da independência. Segundo Sobrinho Dgedge, era possível constatar o seguinte em Moçambique:

*[...] uma geografia política, Moçambique naquela altura, que está associada as questões de unidade nacional, questões ideológicas né uma geografia política em que o ensino de geografia preocupava-se muito mais em mostrar a divisão política mundial, os dois blocos, o bloco socialista e o bloco capitalista, a Guerra Fria, essas coisas todas, de tal modo que nós observamos mesmo a nível de ensino superior, né essa tendência de ver a geografia com grande matriz de docentes que vinham de países socialistas, era a orientação que o país tinha naquela altura, então nós estávamos muito nessa divisão territorial em que a havia aquela questão de hegemonia política [...]era uma geografia orientada para mostrar essa divisão política né, quem era mais forte, quem era mais fraco, os países socialistas aparecendo como os mais fortes, com maior produção, maiores produtores de trigo, maior produtor disto, maior produtor daquilo, os países capitalistas como aqueles que são mais fracos, ok, isso era uma geografia mais ideológica do governo (DGEDGE, 2015).*

Com base nesses quatro entrevistados e nas propostas curriculares que acima apresentamos, podemos pensar na seguinte cronologia da Geografia em Moçambique:

Quadro 8. Cronologia da Geografia em Moçambique (período colonial e pós-colonial)

Período	Data	Fatos
	1930	Publicação do Primeiro Livro sobre a Geografia de Moçambique, escrito por Ário Azevedo
	1950	Publicação da obra Geografia Física de Moçambique. Obra de José de Oliveira Boléo
	1951	José de Oliveira Boléo, publica o livro Moçambique: uma pequena monografia
	1960	Visita à Moçambique do Orlando Ribeiro
	1962	Criação do ensino Superior em Moçambique – Estudos Gerais Universitários
	1969	A Mudança de Estudos Superiores Universitários para Universidade Lourenço Marques  Abertura o primeiro curso de Bacharelato em Geografia, com as Professoras Maria Eugénia e Celeste Coelho

Colonial	1971	José de Oliveira Boléo, publicou Monografia de Moçambique
	1972	Formação dos primeiros Geógrafos em Moçambique. Um deles Manuel de Araújo
	1974	Formação de primeiros Geógrafos Moçambicanos (de gema) Aniceto dos Muchangos, Rachael Thompson
	1975	Independência de Moçambique
Pós-Colonial	1976	Criação da Universidade Eduardo Mondlane Abertura do primeiro curso de formação de professores de Geografia e História
	1979	Abertura do primeiro curso de bacharelato e Licenciatura em Geografia na UEM.  Publicação do primeiro Livro de Geografia de Moçambique feito por um Moçambicano, Pequena Geografia de Moçambique
	1983	Defesa de Doutorado do primeiro moçambicano – Anicetos dos Muchangos na Martin Luther Universitat
	1984	Formação dos primeiros geógrafos da Universidade Eduardo Mondlane
	1985	Criação do Instituto Superior Pedagógico
	1986	Lançamento do primeiro Atlas Geográfico de Moçambique, Editado pelo MINED.  Abertura da Licenciatura em História e Geografia
	1988	Defesa de Doutorado do segundo moçambicano – Manuel de Arsújo na Universidade de Lisboa
	1990	Abertura do primeiro curso de Licenciatura em Geografia  Defesa de Doutorado da Professora Rachael Thompson - Alemanha

Fonte: Trabalho de Campo (2015)

Organizado por José Maria Langa

A influência dos portugueses no processo de formação de geógrafos (as) e ou professores e professoras de Geografia em Moçambique não teve um rompimento imediato. Com a proclamação da independência, a professora Celeste Coelho, depois de fazer o seu Doutorado, voltou a Moçambique onde trabalhou durante algum tempo, enquanto a professora Maria Eugénia, mesmo não tendo regressado a Moçambique, ela defendeu sua tese sobre a Bacia do rio Umbelúzi

em 1979, que segundo o Professor Manuel de Araújo aquela pesquisa é até nos dias de hoje um trabalho de referência da Geografia de Moçambique.

Para Celeste Coelho, depois da independência mudou bastante a forma de fazer Geografia em Moçambique, principalmente em relação ao que se ensinava no curso.

*[...] Voltei então encontrei outra realidade e a mudança foi portanto, eu penso muito grande, porquê, talvez pela própria natureza do corpo docente, estamos em 77/78 e a maior parte, eu diria quase a totalidade do corpo docente era estrangeiro, quando digo estrangeiro, não era nem moçambicano e os estrangeiros europeus eram praticamente poucos, e com uma forte componente ideológica marxista leninista (COELHO, 2015).*

Mais uma vez, a Geografia em Moçambique se vê com ligação forte à ideologia política do país. Se antes, no período colonial, se fez uma Geografia com intuito de desenvolver o projeto de colonização, sendo a Geografia Regional importante para conhecer o território e assim colonizar e explorar seus variados recursos. Depois da independência, a Geografia passa a ter outro objetivo, mas não deixa sua relação forte com o poder político de governação, agora preocupado em conhecer o território para desenvolver o projeto da unidade nacional, dando bases para esta Nova Nação que nasceu.

É importante destacar a importância das Universidades Sul Africanas no desenvolvimento do curso de Geografia em Moçambique. Enquanto Portugal buscava instalar se sob ponto de vista científico, algumas áreas de pesquisa já tinham avançado na África do Sul, quem faz referência a isto é a Professora Celeste Coelho durante a entrevistas, citando os vários trabalhos de campo e o apoio nas temáticas de Climatologia, a mesma referência é feita pela Professora Eugénia.

*[...] Universidade de Witswatersrand, em Joanesburgo, foi o apoio mais eficaz no domínio da Climatologia. A da Cidade do Cabo, também, mas no domínio da Botânica e de outras ciências da Natureza. O custo da distância Lourenço Marques – Cape Town, infelizmente, fez com que não tivesse aproveitado como desejava. Os métodos de ensino e investigação, e a incomparável aprendizagem no campo, porém, perduram. Não sei se pela vegetação, se pelas formas, se pelas rochas e estruturas, se pelas cores e pela austeridade das paisagens, se por tudo junto, a sensação, no regresso, é a de trazer a alma tatuada. É a da vontade imperiosa de voltar, de novo (MOREIRA, 2017, p. 15).*

Temáticas ligadas à População e à Gestão da Terra (Geografia Humana) ganham importância. Consequentemente, a Geografia tornou-se importante para a pesquisa no Centro de Estudos de População - CEP e Núcleo de Estudos de Terra - NET, que em 2008, fundiram se ao Núcleo de Estudos de Boa Governação e Administração Pública à luz do Despacho do Gabinete do Reitor da UEM, número 062/RT/2008 do dia 16 de abril, criando assim o Centro de Análise de

Políticas – CAP. Pensar a população e no Povo só foram demandas de pesquisa depois do ano de 1990.

A partir do ano de 1980, massifica-se a chegada a Moçambique de vários profissionais vindos de países que defendiam e viviam o regime político socialista, daí que, em Moçambique as áreas de pesquisa e ensino vão ser centros difusores do Socialismo, e tal pode ser atestado ao observar-se o currículo de Geografia ensinado nos anos de 1979.

É importante ainda destacar que, neste período, os professores Manuel de Araújo e Aniceto dos Muchangos partem para Europa, terminarem suas Licenciaturas e depois iniciaram seus estudos em Pós-Graduação (Mestrado) e posteriormente, seguiu o mesmo caminho Rachael Thompson.

Em 1992, Moçambique tinha três pessoas com o grau de doutor com graduação em Geografia, nos seus estudos cada um buscou estudar algo particular:

- Aniceto dos Muchangos (O uso e a alteração da natureza numa cidade grande trófico-africana, o caso de Maputo – Moçambique. Área – Geografia Física);
- Manuel de Araújo (O sistema das aldeias comunais em Moçambique: Transformações na organização do espaço residencial e produtivo. Área – Geografia Humana); e
- Rachael Thompson (O estudo de Moçambique no ensino de Geografia da 5ª classe da escola moçambicana – uma contribuição para a estruturação do programa e a configuração do livro do aluno com vista ao processo de ensino aprendizagem. Área – Ensino de Geografia).

Estava em alta, nesta ciência em Moçambique, estudar a Geografia dentro do olhar físico, herdado da Escola Soviética, a descrição profunda dos aspectos físicos nos trabalhos de fim de curso (Licenciatura) havia-se tornado práxis, tanto na UEM como na UP.

*[...] começamos com a geografia de território, uma geografia local posso dizer assim, em que as grandes monografias científicas começam a produzir no ramo da geografia física com temas como caracterização físico-geográfico do território, caracterização físico-geográfico dos distritos, caracterização físico-geográfico disto, caracterização físico-geográfico daquilo, então aí, começa a parecer uma tendência, uma preocupação, isso começa com professores como Zacarias Ombe, Aniceto dos Muchangos que eram os professores aqui ISP, mesmo na UEM (DGEDGE, 2015).*

Para nossa reflexão, vejamos o que aconteceu em Moçambique, no que se refere à distribuição dos pesquisadores e áreas de saber desenvolvidas até esse período.

Professor Aniceto dos Muchangos depois de ter sua passagem pela política, trabalha tanto na UEM, como na UP. Nesta última instituição junta-se Professor Zacarias Ombe e juntos vão encabeçar estudos na área de Geografia Física, onde na sua maioria são feitos seguindo a proposta de Sochava (Escola Russa).

A Professora Rachael Thompson, depois do Doutorado sai da UEM e se junta a outros professores, para desenvolver o projeto da criação da Universidade Pedagógica e lá se dedica a estudos sobre Educação e Ensino, tendo em alguns momentos discutido a questão do ensino e trabalhando também com questões de administração escolar, com Professora Stela Duarte, vão desenvolver pesquisas sobre Ensino de Geografia e Didática.

Em relação ao Professor Manuel de Araújo, ele sai, para Alemanha, depois passa por Portugal, onde antes fizera sua graduação, e por fim volta à UEM, e continua fazendo pesquisa na área de Geografia Humana. Seguem, trabalhando com ele nessa área os Professores Carlos Arnaldo, Inês Raimundo.

É evidente o poder e/ou o papel da Escola Francesa, característica do primeiro período na construção desta ciência e saber, corroborando Araújo e Raimundo (2002), podemos destacar três pontos que provam essa influência: a) a origem dos docentes responsáveis pelo curso, b) publicações que foram feitas nesse período, quase todas, versando sobre Geografia Física, e tendo a Agência Geral do Ultramar como editor dessas obras e c) o currículo desenvolvido nesse período.

O segundo período é dominado pela chegada da Escola Soviética, acompanhando a introdução do regime político Socialista em Moçambique, mesmo ainda com alguns docentes portugueses trabalhando na universidade e o que dá sustentação para conclusão é o seguinte: a) o currículo desenvolvido após a independência; e b) o tipo de pesquisas que foram desenvolvidas na UEM e na UP, como resultado de trabalhos de final de curso, quase todos, usando fundamentação teórica da Escola Soviética.

Ora, após a assinatura dos Acordos Gerais de Paz em 1992, inicia-se o terceiro período, momento em que já se vislumbrava a possível abertura e mudança de sul, principalmente da proposta de formação de geógrafos em Moçambique. Uma das características desse momento da

Geografia em Moçambique é que a maioria dos docentes eram moçambicanos, formados a partir do primeiro currículo de Geografia de Moçambique independente, tendo mais tarde, na sua maioria, seguido para fazer suas pós-graduações em países com tradição política e econômica associada ao capitalismo.

Os Professores Manuel de Araújo e Aniceto dos Muchangos passam a ter uma atuação diferenciada sob ponto de vista de fazer Geografia, pois as suas formações foram resultado de misturas de Escolas, sendo elas: Bacharelato - Escola Francesa para os dois; a Licenciatura, Manuel de Araújo continua na Escola Francesa e Muchangos passa a ter contato com a Escola Russa.

Para os estudos de Pós-Graduação, Professor Aniceto dos Muchangos, faz na Escola Alemã, fazendo o Doutorado, enquanto Manuel de Araújo faz o Mestrado na Alemanha e depois Doutorado e Pós-Doutorado em Portugal, voltando a ter contato com a Escola Francesa.

Com a abertura do mercado, no ano 1992, resultado do novo regime, mudam também as relações econômicas e educacionais em Moçambique, começam a ganhar campo outras Geografias, sobretudo dos países capitalistas.

Há também que realçar que, tanto no primeiro como no segundo período apresentado na cronologia da Geografia de Moçambique, os professores na sua maioria, tiveram que ir à Moçambique e daí ensinar com bases nas Escolas Francesa e Soviética. No terceiro período, foram os professores moçambicanos que rumaram para as outras Escolas, e com isso aumentou a diversidade do fazer Geografia em Moçambique, como vimos anteriormente.

Outras características que podemos referir para abordar esses três períodos são as mudanças na forma de estruturar o curso e as terminologias das disciplinas lecionadas nos cursos.

Com efeito, o primeiro curso, o de 1969, era só de Bacharelato, cursado em três anos e para adquirir o grau de Licenciatura os estudantes deviam estudar mais dois anos em Portugal

Em 1979, a UEM passou a formar Bacharéis e Licenciados, e com foco para o ensino, pois a maioria dos estudantes deste curso são aqueles que em 1977, fizeram o primeiro curso de formação de Professores de Geografia e História, este curso manteve 5 anos de formação.

Segundo o Professor Manuel de Araújo, nesta época (1977), a Geografia em Moçambique contou com o apoio do Professor Martin Gloviar, tendo sido este o primeiro professor estrangeiro vindo dos países do Leste a dedicar-se na construção deste saber.

Com a introdução de um novo currículo do curso de Geografia em 1990, vem a grande mudança no que se refere ao objetivo de formação, o curso Licenciatura em Geografia, que passou a formar profissionais da área (geógrafos e geógrafas), a questão do ensino já estava delegada à Universidade Pedagógica e aos Centros de Formação de Professores. A organização e intenção desse currículo permanece até aos dias de hoje.

Se em 1979, os formandos foram quase todos trabalhar nas escolas, em 1990, os graduados foram ocupar outros setores e instituições de base para o desenvolvimento do país, como é o caso do Instituto Nacional de Estatística - INE, que foi criado em 1996, sendo o primeiro Vice-Presidente para a População, Manuel da Costa Gaspar<sup>25</sup>.

Segundo Manuel de Araújo, estes estudantes do primeiro curso de Geografia de Moçambique pós-independente, depois de sua formação, ocuparam cargos de gestão nacional e internacional de renome e muitos destes apostaram na continuação de seus estudos, fazendo Pós-Graduação, como já indicamos antes.

E assim, pode-se observar o quão importante foi a Geografia na construção dessa Nova Nação, que desde 1975 tem buscado sua independência política e econômica.

Uma questão que também deve ser referida é que a Geografia sempre foi importante, tanto no período da colonização bem como no período pós-colonial, isto é, não existe governação sem Geografia, este cenário dá materialidade teórica ao debate apresentado por Yves Lacoste, em sua obra *A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*, mostrando que, para controlar, gerir um território, delimitar, descrever, comparar, a Geografia se faz importante nesses processos.

Com a introdução do currículo de 1990, a Geografia em Moçambique ganha outros contornos, a liberalização do mercado, que foi imposto ao país pelas instituições do Bretton Woods<sup>26</sup>, isso teve seu reflexo no setor educacional em particular na área da Geografia. Ora

---

<sup>25</sup> Graduado em Geografia, naquele primeiro curso pós independência.

<sup>26</sup> Um sistema que podem ser encontradas na confluência de várias condições principais: as experiências comuns da Grande Depressão, a concentração de poder em um pequeno número de Estados e a presença de uma potência

vejamos, já antes, uma década atrás, a Geografia em todo o mundo passou por uma mudança tecnológica, na medida em que a computação passou a ser usada na Geografia, mas só em finais dos anos 90 é que esta tecnologia chegou a Moçambique, de forma atrasada, fazendo com que até então a Geografia fosse vista por alguns como sendo ultrapassada, mas com traços fortes, sob ponto de vista de relação com o Estado.

Como forma de atualizar este saber, tendo em conta as Geografias que o mundo vinha fazendo, principalmente nos países capitalistas, em 2001 introduz - se um novo currículo. Este vai ser segundo o nosso olhar e o de alguns entrevistados, um outro marco da Geografia em Moçambique, pois quando comparado com os currículos de 1977 e 1990 ele apresenta muito mais diversidades, que podem ser vistos sob o olhar do currículo oculto.

Este currículo, para além de apresentar a redução de tempo de formação, é também quase todo desenvolvido por moçambicanos, tendo somente uma estrangeira, a Professora Ximena Andrade<sup>27</sup>. Muitos desses professores, foram os que se formaram no currículo que foi implementado na UEM, nos anos de 1990 ou ainda, os formandos do Instituto Superior Pedagógico – ISP, hoje Universidade Pedagógica, o caso da Professora Rosita Alberto tendo estes iniciado e estando muitos a desenvolver estudos de Pós-Graduação nos seguintes países: África do Sul, França, Estados Unidos, Brasil, Austrália, Espanha. Essa mistura de Escolas ou centros de saberes possibilita que em Moçambique se faça uma Geografia plural, à qual alguns chamam de *Geodiversa*.

No nosso entender, neste período muda drasticamente o tipo de Escola que a Geografia vai usar para formação de seus docentes. As temáticas e áreas que vão ser estudadas por estes docentes

---

dominante querendo (e supostamente capaz de) assumir um papel de liderança. O sistema Bretton Woods foi o primeiro exemplo, na história mundial, de uma ordem monetária totalmente negociada, tendo como objetivo governar as relações monetárias entre Nações-Estado independentes. Definindo um sistema de regras, instituições e procedimentos para regular a política econômica internacional, os planificadores de Bretton Woods estabeleceram o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (*International Bank for Reconstruction and Development*, ou BIRD) (mais tarde dividido entre o Banco Mundial e o "Banco para investimentos internacionais") e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Essas organizações tornaram-se operacionais em 1946, depois que um número suficiente de países ratificou o acordo.

<sup>27</sup> Professora de Geografia Regional e Geografia Econômica, desde os anos 1977, em sua atividade docente ela produziu material didático para o ensino secundário. Chegou à Moçambique depois do Golpes de Estado de Chile e Argentina.

merecem também atenção, pois estas mudam também quando estes vão saindo de Moçambique para estudar no estrangeiro.

Ora vejamos, enquanto a UEM vive estas várias mudanças profundas em relação à introdução e retirada de currículos, a UP, segundo Buque (2013, p.20) passou por duas reformas curriculares em menos de dez anos, o que fez com que em 2004<sup>28</sup> entrasse um currículo novo, substituído por outro em 2010 e que vigora até os dias de hoje.

A UP desde sempre buscou formar profissionais de Educação, não com isso deixando que as mudanças da Geografia no mundo, particularmente, não tivessem reflexo nessa forma de pensar o processo de formação, logo também é possível ver aqui mudanças.

Esse processo resultou na reestruturação dos planos curriculares de todos os cursos, do qual um dos aspectos fundamentais foi tornar os cursos “profissionalizantes”, ou seja, cursos que permitissem aos alunos em formação conhecer a escola desde o primeiro ano do curso. No entanto, ainda não foram feitos estudos no sentido de verificar as mudanças na atuação do professor que teve essa componente prática desde primeiro ano do curso (BUQUE, 2013, p.20).

Mesmo tendo mudado pouco, sob o ponto de vista de estrutura, a Geografia da UP e da UEM, têm proximidades, principalmente por causa dos vetores que elas vêm seguindo, quando se fala em formação dos docentes. O que tornou esses dois cursos diferentes é que a UP, só em 2003, separou os cursos de Licenciatura de História e Geografia.

Quadro 9. Plano de estudos do curso de Licenciatura em Ensino de História e Geografia da Universidade Pedagógica, o qual vigorou até 2003.

1º ano - Semestre I	1º ano - Semestre II
Introdução à História I	Teoria da História
História do mundo Antigo I	História do mundo Antigo II
Geologia geral I	História da Idade Média I
Cartografia e Topografia I	História de Moçambique I
Português I	Geologia Geral II
Inglês I	Cartografia e Topografia II
Fundamentos de Pedagogia	Climato-geografia
Filosofia I	Português II

<sup>28</sup> No ano de 2004 dá início aos currículos separados de Licenciatura de Ensino de Geografia e de Ensino de História, sendo dois cursos, mudando a cenário anterior em que a Geografia e História era um curso.

Educação Física I	Inglês II Psicologia Geral Filosofia II Educação Física II
<b>2º ano - Semestre I</b>	<b>2º ano - Semestre II</b>
História da Idade Média II História de Moçambique II História Moderna e Contemporânea da Europa e América I História Moderna e Contemporânea da África e Ásia I Geomorfologia Português III Inglês III Psicologia de Desenvolvimento Didática Geral I Antropologia I Educação Física III	História de Moçambique III História Moderna e Contemporânea da Europa e América II História Moderna e Contemporânea da África e Ásia II PedoGeografia Geografia Regional I Português IV Inglês IV Psicologia e Pedagogia Didática Geral II Antropologia II Educação Física IV
<b>3º ano - Semestre I</b>	<b>3º ano - Semestre II</b>
História de Moçambique IV História Moderna Contemporânea Europa e América III História Moderna e Contemporânea África e Ásia III Metodologia do Ensino da História I BioGeografia Geografia Regional II Geografia da População e Povoamento História da Pedagogia I	História de Moçambique V História Moderna Contemporânea Europa e América IV História Moderna e Contemporânea África e Ásia IV Metodologia do Ensino da História II Geografia Regional III Geografia da Agricultura e Pecuária Metodologia de Ensino de Geografia I História da Pedagogia II
<b>4º ano - Semestre I</b>	<b>4º ano - Semestre II</b>
História de Moçambique VI	História de Moçambique VII

História Moderna e Contemporânea Europa e América V	História Moderna e Contemporânea Europa e América VI
História Moderna e Contemporânea África e Ásia V	História Moderna e Contemporânea África e Ásia VI
Metodologia do Ensino da História III	Geografia dos Transportes
Geografia da Indústria	Comércio e Turismo
Geografia de Moçambique I	Metodologia do Ensino da História IV
Defesa e Conservação da Natureza	Geografia da Indústria
Metodologia de Ensino de Geografia II	Geografia de Moçambique II
	Fundamentos de Educação Ambiental
	Metodologia de Ensino de Geografia III
	Práticas pedagógicas (Estágio)
<b>5º ano - Semestre I</b>	<b>5º ano - Semestre II</b>
Seminário	Conclusão do Trabalho de Diploma

Fonte: SUZETE (2013, p. 84)

Para esta autora, embora tenham sido feitos alguns ajustes, sobretudo para diminuir o peso da ideologia marxista, uma vez que Moçambique adotou, a partir de 1990, uma nova constituição, em que se inicia a abertura à economia de mercado e ao multipartidarismo, foi em 1993 que se retirou dos planos de estudos as disciplinas de Materialismo Histórico Dialético, Economia política e História dos movimentos de libertação (UP, 2010). Mesmo assim, considera-se que o ajuste mais significativo aconteceu em 2004, com a introdução de um novo currículo, resultante de um processo de revisão curricular.

Esse fato demonstra mais uma vez, as similaridades que tinham esta duas Geografias.

O Acordo Geral de Paz em Moçambique fez com que o país trilhasse por outros caminhos. Caminhos esses que caracterizarão em nossa pesquisa o terceiro período, que chamamos de período contemporâneo.

Tendo mudado os caminhos, mudam também as formas de fazer em Moçambique a Geografia, pois, como já sabemos os professores ensinam o que sabem ou o que aprenderam, entenda-se aqui que não só estamos a falar do processo de formação dos professores mas de todo o processo de ensino e aprendizagem, é preciso apreender<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Existe também uma diferença entre aprender e apreender, embora, nos dois verbos exista a relação entre os sujeitos e o conhecimento, o apreender, do latim *apprehendere*, significa segurar, prender, pegar, assimilar mentalmente,

Com a mudança do fluxo dos países de formação de docentes, a Geografia de Moçambique passa a ter contato com as Geografias de vários países capitalistas. E tal processo reflete-se no currículo que foi introduzido no ano de 2001 (na UEM), pois a componente especialização começa a ser fundamental em vários setores e a Geografia não foi exceção.

Assim sendo, o curso que antes formava geógrafos e geógrafas de forma geral, passa a ter a componente de especialização, formando, profissionais em:

- População, Desenvolvimento e Ambiente,
- Desenvolvimento Regional e Cartografia e
- Sistemas de Informação Geográfica.

Devido a isso, o tempo de formação passou também de cinco para quatro anos. Nesse mesmo período, mudam também os produtos de pesquisa nos centros da Geografia em Moçambique, se antes tinha muito peso a Geografia Física como área de estudo, passam a ter peso os estudos Populacionais e como resultado disso faz-se abertura do Primeiro Programa de Mestrado em População e Desenvolvimento, coordenado pelo Departamento de Geografia da Universidade Eduardo Mondlane.

Também neste período, foram criados os cursos de Mestrado e Doutorado na área de Geografia, na Universidade Pedagógica. Esses cenários e fatos têm contribuído para o avanço de um debate sobre Escola Geográfica Moçambicana, pois o exercício da pesquisa se faz necessário para a afirmação dessa Escola.

Quadro 10. Disciplinas do tronco comum do curso de Licenciatura em Geografia, 2001, na UEM (I e II ano)

I Ano	I Semestre	Disciplinas
		Matemática
		Técnicas de Expressão
		Geografia Física I
		Geologia
	Sociologia	
		Estatística

---

entender, compreender, agarrar. Não se trata de um verbo passivo; para apreender é preciso agir, exercitar-se, informar-se, tomar para si, apropriar-se, entre outros fatores...

II Ano	II Semestre	Economia
		Geografia Física II
		Cartografia Geral
	I Semestre	Análise de Dados
		Demografia
		Geografia Econômica I
		Geografia Regional
		Ecosistemas de Terra
	II Semestre	Teledeteção e SIG
		Geografia da População e Povoamentos
Geografia Econômica II		
Geografia de Moçambique		
Métodos de Investigação		

Fonte: UEM (2007)

Com base neste novo currículo, as disciplinas acima é que perfaziam o conhecimento comum ou base para formação do (a) geógrafo (a) e é esse conjunto de conhecimentos que os formandos deste curso deveriam ter.

Sendo essa a base de conhecimentos para os formandos, posteriormente cada um poderia escolher sua orientação e se especializar, essa constituía a inovação do currículo em vigor. Esta forma de organizar o curso fez com que alguns pesquisadores criticassem o modelo desta Licenciatura, pois desde cedo, os formandos são levados à especialização, sendo que deveria ser importante ensinar Geografia.

No nosso olhar, esta crítica tem em sua gênese o resultado das formações dos docentes que neste currículo foram responsabilizados a ensinar. Anteriormente, indicamos nesta pesquisa que o professor e ou docente, só ensina o que sabe, ou o que aprendeu.

A redução de docentes com pós-graduação em Geografia pode ser a causa desta rápida especialização dos formandos no curso de Licenciatura em Geografia na UEM, o mesmo cenário é observado na UP.

Ora na UP a especialização é focada para as áreas de ensino e didática, respondendo dessa forma a missão da universidade, essas duas áreas cresceram bastante após as formações das

professoras, Thompson, Alice e Stela, estas três professoras preocupadas com a Ensino de Geografia e Didática na Geografia em suas práticas acadêmicas.

Isto é, tanto a UEM como a UP passaram a adotar currículos que buscam especializar os formandos; ora na UP, isso possibilitou identidade do curso e na Universidade. Enquanto que na UEM esse currículo veio salientar o problema do ensino da Geografia sem a inclusão de disciplinas e conhecimentos básicos.

Vejamos então como se configurou essa especialização no currículo de 2001:

Quadro 11. Orientação em População, Desenvolvimento e Ambiente

III Ano	I Semestre	Economia Ambiental
		População e Desenvolvimento
		Fundamentos de Educação Ambiental
		Opcional 1
		Opcional 2
	II Semestre	Avaliação do Impacto Ambiental
		População e Género
		Dinâmica dos Processos Espaciais
		Opcional 3
		Opcional 4
IV Ano	I Semestre	Planeamento Urbano
		Opcional 5
		Opcional 6
		Opcional 7
	II Semestre	Estágio (Profissionalizante)
		Projeto
		Opcional 8

Fonte: UEM (2007)

Quadro 12. Orientação em Desenvolvimento Regional

III Ano	I Semestre	Uso da Terra
		Agrimensura e Cadastro
		Padrões de Assentamentos Humanos
		Opcional 1
		Opcional 2
	II Semestre	Dinâmica dos Processos Espaciais
		Teoria de Economia de Desenvolvimento
		Opcional 3
Opcional 4		
IV Ano	I Semestre	Planejamento Urbano
		Planejamento Participativo
		Opcional 5
		Opcional 6
		Opcional 7
	II Semestre	Estágio (Profissionalizante)
		Projeto
		Opcional 8

Fonte: UEM (2007)

Quadro 13. Orientação em Ensino de Geografia

III Ano	I Semestre	História e Filosofia da Educação
		Evolução do Pensamento Geográfico
		Fundamentos de Educação Ambiental
		Opcional 1
		Opcional 2
	II Semestre	Dinâmica dos Processos Espaciais
		Sociologia da Educação
		Desenvolvimento Curricular e Modelos de Ensino
		Opcional 3

		Opcional 4
IV Ano	I Semestre	Didática de Geografia
		Organização e Administração Escolar
		Opcional 5
		Opcional 6
	II Semestre	Estágio (Profissionalizante)
		Projeto
		Opcional 7

Fonte: UEM (2007)

Quadro 14. Orientação em Cartografia e Sistemas de Informação Geográfica

III Ano	I Semestre	Geodesia
		Agrimensura e Cadastro
		Teledetecção
		Opcional 1
		Opcional 2
II Semestre	Sistemas de Informação Geográfica	
	Fotogrametria	
	Opcional 3	
	Opcional 4	
IV Ano	I Semestre	Cartografia
		Opcional 5
		Opcional 6
		Opcional 7
	II Semestre	Estágio (Profissionalizante)
		Projeto
		Opcional 8

Fonte: UEM (2007)

O estágio profissionalizante<sup>30</sup> é da responsabilidade do estudante, sendo no mínimo de 180 horas, devendo o estudante escolher e com o apoio de um supervisor desenvolver um plano de atividades e cumpri-lo. No final do estágio, o supervisor do estágio elabora um relatório que servirá de avaliação do mesmo. Cada estudante pode buscar fazer seu estágio onde achar melhor, desde que lhe permita responder às exigências e expectativas do supervisor e claro, um lugar que atenda ao perfil do formando.

As disciplinas opcionais de uma especialização são as obrigatórias em outra especialização, podendo também o estudante fazer outras disciplinas de outros cursos.

Com esta forma de organização do curso, enveredou-se pela especialização como resposta ao pacote de compromissos e imposições da comunidade internacional, que o país em seu todo, e em particular na Educação se viu adotar, como forma de se preparar para esse momento da abertura do mercado, que o Moçambique desde os anos 1990, vem passando.

Para Araújo, as propostas curriculares que foram introduzidas desde 2001, têm um objetivo e são correspondentes ao momento, mas para a Geografia elas suscitam um grande debate e questionamentos.

*[...] o grande debate da Geografia hoje, parece que nós estamos a querer especializar o geógrafo [...] nós estamos a super especializar o geógrafo [...] estamos a super especializar aprendizes, são aprendizes, mas já são superespecialistas, porque já sabem dizer Geomorfologia e mais nada, isso não é Geografia, a Geografia é mais abrangente (ARAÚJO, 2015).*

Entre os anos de 1990 até aos dias de hoje, vemos em Moçambique uma Geografia que busca acompanhar as tendências mundiais deste saber, e esse acompanhamento é hoje feito, a partir da formação de docentes moçambicanos em novos centros produtores deste saber.

É a partir desta formação que a Geografia em Moçambique vem se desenvolvendo e se alimentando de novos conhecimentos. Se antes a centralidade deste saber era feita com base na Geografia Francesa, Alemã e Soviética, nos dias de hoje, ou a partir de 1990, outras Escolas da Geografia ou outras Geografias vêm sendo feitas em Moçambique, com destaque por exemplo,

---

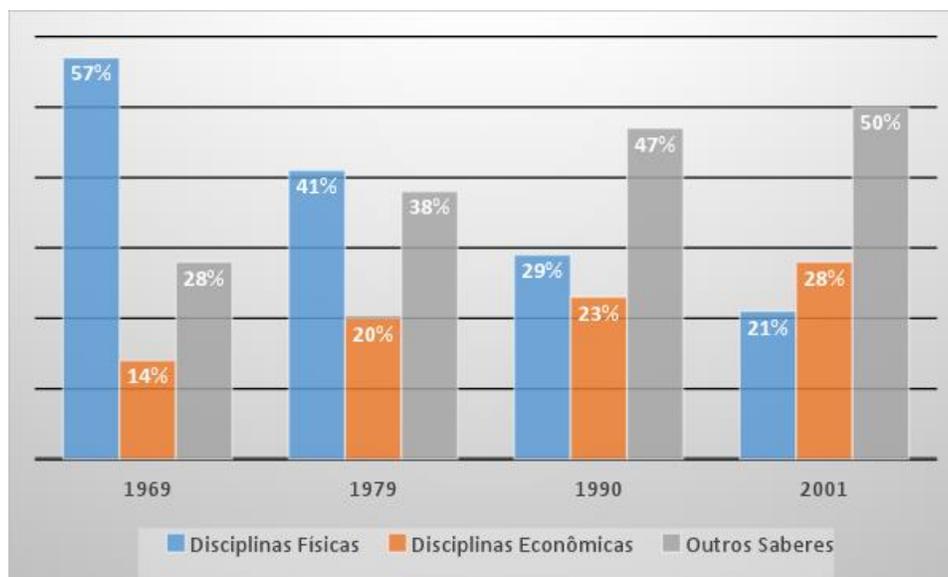
<sup>30</sup> Enquanto estudante finalista, fiz meu estágio na Associação Internacional de Voluntários Leigos - LVIA, ONG Italiana. LVIA é uma organização Italiana que trabalha com solidariedade e cooperação internacional. Nós (entendida como instituição) trabalhamos desde 1966 com o objetivo de combater a desigualdade social, a insegurança alimentar e a pobreza cooperando fortemente para a paz e o desenvolvimento humano. Trabalhei com Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos e com a Proteção Social para População de Rua (Catadores). Nesse estágio apliquei e aprendi muito sobre a minha especialização: Desenvolvimento Regional

para a Geografia Crítica, que vem crescendo, principalmente pelo fato de muitos docentes, bem como outros profissionais moçambicanos que experimentaram ou se formaram a luz da Geografia em Brasil.

Podemos verificar essa mudança de eixo ou conhecimentos a partir de uma análise dos vários currículos que foram desenvolvidos na UEM desde o ano de 1969, e daí pensar que Geografias são ou podem ser feitas em Moçambique.

Vejamos então, como se distribuíram os saberes nesses vários currículos a partir das disciplinas incluídas em cada proposta curricular.

Gráfico 1. Distribuição das disciplinas por área de saber nos primeiros quatro currículos da UEM



Fonte: Currículos dos Cursos de Geografia da UEM

Organizado por José Maria Langa

Com base no gráfico acima, podemos verificar com clareza essa mudança das componentes curriculares (disciplinas e saberes), entre os primeiros quatro currículos que foram desenvolvidos na UEM.

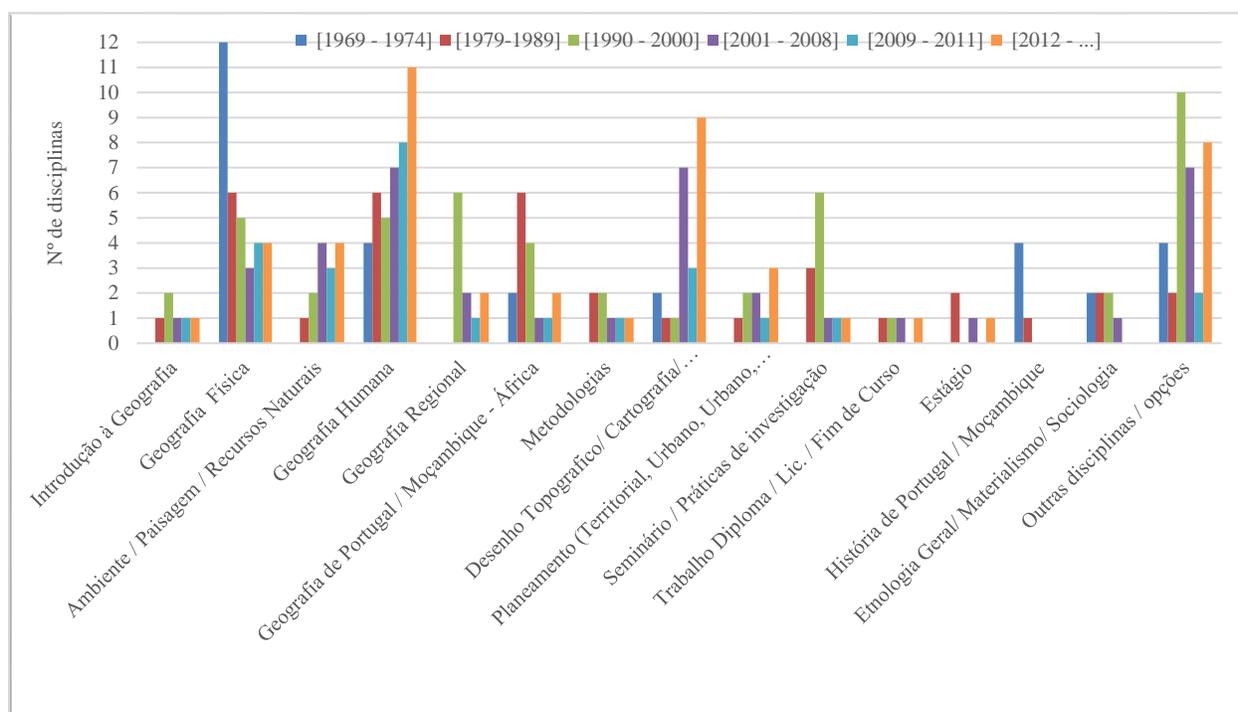
Observamos que os currículos apresentam uma mudança total no foco e oferta de disciplinas, podemos verificar como as disciplinas econômicas e de outros saberes vão aumentando, mostrando assim, que o currículo de 2001 privilegiava a especialização dos formandos, contrário aos primeiros três currículos, onde as disciplinas da área física eram as mais predominantes.

Conseguimos ver também nesses currículos, que a intenção que se expressava a partir de saberes políticos, também perde peso. Em 1979, passa a existir na criação dos currículos a intenção nacionalista moçambicana, algo que não existe nos outros 3 currículos, de 1969, de 1990 e 2001, com disciplinas relacionadas a Geopolítica. (ver anexo 1 – Currículos do Curso de Geografia na UEM).

Essa mudança tem a ver com o papel que a Geografia exerceu ou vem exercendo em Moçambique, desde o tempo colonial até aos dias de hoje, mostrando, dessa forma a importância deste saber nos vários períodos pelos quais o país passou.

Outro aspecto que sofreu mutações nesses currículos tem a ver com a redução das disciplinas das ciências exatas (duras), como Matemática, Física, Química e, no lugar delas, o surgimento de disciplinas variantes de Matemática, sendo elas: Estatística e Análise de Dados. Como podemos observar no gráfico abaixo.

Gráfico 2. Evolução dos principais domínios disciplinares dos currículos (1969-2012) no Curso de Geografia na UEM.



Fonte: Sposito, Langa e Jacinto (2017)

A partir do currículo introduzido em 2001, o curso de Geografia na UEM, passou a ter muitas disciplinas que reproduziram a geografia quantitativa, muito presente na escola Anglo Saxônica. Disciplinas como: Matemática, Estatística e Análise de Dados, ganharam importância, pois, no contexto geral e propositivo do currículo de 2001, os estudos sobre a população vêm aumentando. É nesse mesmo período que ganha destaque a atuação do então Centro de Estudos da População - CEP, hoje CAP, já citado antes.

Segundo Sposito, Langa e Jacinto (2017) no período imediato à independência, sob a perspectiva estritamente geográfica, importa assinalar algumas tendências mais relevantes sobre os currículos e essas mudanças.

Este Centro é que mais dinamizou os estudos populacionais, tendo recebido vários apoios do Fundo de População das Nações Unidas - UNFPA<sup>31</sup>, este fundo apoiou também a Universidade Pedagógica, para um grupo de pesquisa chefiado por João Carlos Lima<sup>32</sup>

*[...] nós temos estudos da população por exemplo há estudos feitos da população, o João Lima, por exemplo, ele criou um grupo bom aqui da geografia econômica que estuda a população, em coordenação com FNUAP, e houve um grupo de quase umas 10 pessoas que fizeram monografias de estudo da população [...] tem pessoas como Justina Winged do INE (DGEDGE, 2015).*

Este depoimento é mais uma prova de que a UP, quase sempre, fez a mesma Geografia que era feita na UEM, tendo nestes dois centros acadêmicos, os mesmos atores influenciadores de saber, tanto sob ponto de vista político bem como econômico, como é o caso da atuação do FNUAP.

Das pesquisas realizadas por geógrafos em Moçambique, depreende-se que os estudos populacionais têm crescido bastante, mormente com o retorno do Professor Carlos Arnaldo, que fez seu doutoramento em Demografia no ano de 2003, na Austrália

A partir daí a Demografia se configura como sendo saber basilar da Geografia em Moçambique, passando a ser então a Geografia em Moçambique a compor - se pelas seguintes grandes áreas de estudos: Regiões Naturais, População, Ensino e Didática da Geografia e, por fim, Demografia. Tendo como pesquisadores - chefe para cada área os seguintes docentes: Aniceto dos Muchangos, Manuel de Araújo, Rachael Thompson, e Carlos Arnaldo, respetivamente.

---

<sup>31</sup> O Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) ou ainda Fundo das Nações Unidas para Atividades Populacionais (FNUAP) é o organismo da ONU responsável por questões populacionais. Trata-se de uma agência de cooperação internacional para o desenvolvimento que promove o direito de cada mulher, homem, jovem e criança a viver uma vida saudável, com igualdade de oportunidades para todos; apoia os países na utilização de dados sócio demográficos para a formulação de políticas e programas de redução da pobreza; contribui para assegurar que todas as gestações sejam desejadas, todos os partos sejam seguros, todos os jovens fiquem livres do HIV/Aids e todas as meninas e mulheres sejam tratadas com dignidade e respeito.

<sup>32</sup> É o primeiro Doutor em Geografia formando em Moçambique, na Escola Doutoral de Geografia da UP, tendo defendido sua Tese sobre: Conflitos entre saberes na urbanização: as tradições das comunidades e o planeamento territorial no Município de Mocuba.

Portanto, buscamos neste capítulo, descrever a gênese da Geografia em Moçambique, descrição feita a partir dos próprios moçambicanos, contraponto seus depoimentos aos documentos pesquisados sobre este saber. Concluímos reiterando que a atuação dos docentes nos departamentos do curso, seja na UP como na UEM, pode ser determinante para a forma e tipo de Geografia desenvolvida naquele país.

- diminuição do número de disciplinas relacionadas com a Geografia Física ou as ciências “duras” (Geologia, Pedologia, Biogeografia) que não foi compensada com a introdução doutras, em reformas mais recentes, como as afins à problemática ambiental, designadamente Gestão dos Recursos Naturais, Direito do Ambiente, Economia Ambiental, Avaliação do Impacto Ambiental ou Geografia da Paisagem;
- aumento da expressão de disciplinas da órbita da Geografia Humana (Geografia da População e Povoamento, Demografia, População e Desenvolvimento), motivada pela crescente especialização (Geografia Agrária, Desenvolvimento Rural, Geografia Urbana), pela importância adquirida pela vertente económica (Geografia Económica, Geografia da Indústria, Geografia do Turismo, Geografia dos Transportes) ou, ainda, porque alguns temas tradicionais da Sociologia passaram a ser tratados no âmbito da Geografia Social (Geografia Social e do Género, Geografia das Migrações);
- perda de importância relativa do segmento de disciplinas relacionadas com a componente Geografia Regional;
- reforço apreciável das áreas “técnicas”, em torno do Planeamento (Planificação Territorial, Planeamento Regional e Urbano, Planificação e Gestão de Projetos) e da Cartografia, declinada com diferentes designações, desde Sistemas de Informação Geográfica e Produção Cartográfica até Teledeteção, Fotogrametria e Fotointerpretação ou, mesmo, Geodesia, Agrimensura e Cadastro;
- o espaço da investigação integrada no período de formação não regista alteração significativa (SPOSITO, LANGA, JACINTO, 2017, p. 82).

Para estes autores a dinâmica curricular espelha, por outro lado, o relacionamento estabelecido com outras Geografias e o envolvimento dos professores e pesquisadores moçambicanos com outras escolas e com certos temas de investigação onde mais investiram

Por tudo isto, a Geografia de Moçambique conheceu uma sucessão de posicionamentos e (re)alinhamentos com que se foi quebrando o vínculo fundador, forte e único, desde a sua institucionalização, com a Geografia portuguesa e a Escola Francesa, enraizando saberes e uma lógica de ensino e aprendizagem que assenta no princípio que o professor só ensina o que aprendeu (SPOSITO, LANGA, JACINTO, 2017, p.82).

Quadro 15. Informação dos doutores efetivos na UEM e UP em 2016

Autor e Local de trabalho	Título da tese	Ano – local e Universidade	Área de conhecimento
Aniceto dos MUCHANGOS (UEM)	O uso e a alteração da natureza numa cidade grande trópico-africana, o caso de Maputo – Moçambique.	1983 - Alemanha Martin-Luther Universität	Geografia Física
Manuel Garrido Mendes de ARAÚJO (UEM)	O sistema das aldeias comunais em Moçambique: Transformações na organização do espaço residencial e produtivo.	1988 - Portugal Universidade de Lisboa	Geografia da População
Rachael Elizabeth THOMPSON (UP)	O estudo de Moçambique no ensino de Geografia da 5ª classe da escola moçambicana – uma contribuição para a estruturação do programa e a configuração do livro do aluno com vista ao processo de ensino-aprendizagem	1990 - Alemanha Pädagogische Hochschule Karl Wander, Dresden	Educação/Ensino
Stela Cristina Mitha DUARTE (UP)	Avaliação da aprendizagem de geografia: desvelando a produção do fracasso escolar na 10ª classe do ensino secundário geral - Cidade de Maputo (Moçambique).	2001 - Brasil Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Educação/Ensino
Carlos ARNALDO (UEM)	Fertilidade e seus determinantes próximos em Moçambique: uma análise de níveis, tendências, diferenciais e variação regional.	2003 - Austrália Australian National University	Geografia da População
Gustavo Sobrinho DGEDGE (UP)	O risco de inundações no Baixo Limpopo (Moçambique).	2003 - Espanha Universidad Alcala	Geografia Física
Zacarias Alexandre OMBE (UP)	Mudança ambiental no centro-sul de Chibuto, no sul de Moçambique (1965-2000).	2006 - Africa do Sul University of the Witwatersrand	Geografia Física

Alice C. BINDA FREIA	A construção da geografia escolar em Moçambique e o estatuto das figuras.	2006 – França Université Paris 7 - Denis Diderot, France	Educação/Ensino
Ramos Cardoso MUANAMOHA (UEM)	Dinâmica moçambicana da migração laboral indocumentada na África do Sul	2008 - África do Sul University of Kwazulu-Natal	Geografia da População
Cláudio Artur MUNGÓI (UEM)	Desenvolvimento Regional no Vale Zambeze - Moçambique em Perspectiva	2008- Brasil Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Economia
Inês Macamo RAIMUNDO (UEM)	Gênero, escolha e migração: dinâmica doméstica e urbanização em Moçambique.	2010 - Africa do Sul University of the Witwatersrand	Geografia da População
Boaventura Manuel CAU (UEM)	Afiliação religiosa individual, contexto da comunidade religiosa e saúde em Moçambique.	2011 – EUA Arizona State University	Sociologia
Serafim Adriano ALBERTO – UEM	Estimativas de mortalidade adulta em Moçambique, 1987 a 2007	2013 – Brasil Universidade Federal de Minas Gerais	Demografia
Suzete Lourenço BUQUE - UP	Conhecimentos docentes dos alunos da licenciatura em geografia da Universidade Pedagógica-Maputo	2013 – Brasil Universidade Federal de Goiás	Educação/Ensino
Elmer Agostinho Carlos de MATOS - UEM	Desterritorialização e reterritorialização das comunidades atingidas pela exploração do carvão mineral em Moatize, em Moçambique	2016 – Brasil Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Geografia Humana

Sabil Damião MANDALA - UP	Análise da degradação ambiental por erosão hídrica de solos na Bacia hidrográfica do rio Lifidzi no planalto de Angónia	2016 – Brasil Universidade Estadual Paulista	Geografia Física
João Carlos LIMA - UP	Conflitos entre sabres na urbanização: as tradições das comunidades e o planeamento territorial no Município de Mocuba.	2016 – Moçambique Universidade Pedagógica	Geografia Humana

Fonte: (Gerdes, 2013) e Trabalho de Campo (2015 e 2017)

Organizado por Jose Mara Langa

É importante indicar que todos estes docentes elencados no quadro acima iniciaram sua atividade de docência na universidade sem terem formação em pós-graduação, tendo na sua maioria se formado na UEM.

Outra informação relevante é que somente após a independência é que se formam com grau de doutores os primeiros moçambicanos, sendo este fato importante para Geografia em Moçambique.

Em nossa pesquisa, e contrariando a todos os entrevistados, entendemos ser o Aniceto dos Muchangos o Pai da Geografia em Moçambique entre os moçambicanos pelo fato de ter sido ele o primeiro a defender uma tese sobre este conhecimento (aspecto de importância meramente científica), isto sem tirar o mérito de Manuel de Araújo, a quem muitos indicam ser a figura paterna deste saber.

Para nós, esse mérito é devido à sua contribuição na Geografia de Ensino, pois como já pudemos observar, como docente, Professor Araújo trabalhou em todos os currículos que o curso de Geografia na UEM desenvolveu com exceção do currículo de 1969, onde ele foi estudante.

Outro aspeto relevante na contribuição de Araújo para a Geografia em Moçambique é a sua produção bibliográfica, como pudemos ver num dos apêndices desta pesquisa, para além de docente, Araújo elaborou vários materiais didáticos para a Geografia, enquanto que Aniceto dos Muchangos teve uma outra atuação, como também já destacamos anteriormente nesta tese.

Assim sendo, para não negar a convicção de muitos atores e agentes da Geografia em Moçambique e o que esta tese apresenta, a paternidade da Geografia em Moçambique será compartilhada por estes dois geógrafos.

Observemos então a distribuição de saberes, por cada um destes docentes e sua atuação na universidade.

Professor Manuel de Araújo se faz presente como principal formador de geógrafos e professores de Geografia em Moçambique, sendo docente dos primeiros geógrafos, profissão essa que ele exerceu até ao ano de 2014, escreveu e produziu saberes sobre a Geografia desde 1977, esta é sem dúvida sua maior contribuição, o que lhe faz no seio deste campo ser reconhecido Pai, dando a este o maior capital científico no campo da Geografia em Moçambique.

Assim sendo, é clara a importância dele no Ensino de Geografia ou Geografia Escolar, é incontornável seu papel como formador de várias gerações em Moçambique.

Um dos atores que teve um papel importante na Geografia em Moçambique é o Professor Aniceto dos Muchangos, pelas razões que a seguir explicamos.

Primeiro: foi ele o primeiro moçambicano quem defendeu a primeira tese em Geografia;

Segundo: suas pesquisas, muitas delas ligadas à Geografia Física, o fizeram ocupar elevados cargos políticos, mostrando assim, o quanto a Geografia é importante no processo de governação e que sempre esteve ligado ao poder governamental, por causa disso poucos o conhecem no campo científico da Geografia, mas isso também denuncia a falta de divulgação da História deste saber dentro do campo científico.

Finalmente, e não menos importante, é necessário destacar o papel da Rachael Thompson, principalmente, pelo fato dela ser quem uniu duas grandes áreas de saber a Geografia e a Educação, passando a ser ela a maior e importante referência deste saber em Moçambique e até mesmo para pensar e organizar o setor de Educação no país, tendo também ocupado lugares de destaque na administração do setor em Moçambique. Pesquisas em Didática e Ensino de Geografia fazem o universo de suas práticas e pesquisas acadêmicas.

Assim sendo, pode se entender a Geografia em Moçambique da seguinte forma: ela nasce influenciada pela Geografia Francesa, após isso, como resultado da independência e

principalmente pelo país ter se tornado socialista, a Geografia da Escola Soviética passa a ditar o Sul deste saber, e isso aconteceu em vários setores em Moçambique não só na Educação, como antes fizemos menção

Tem importância a Escola Alemã, mesmo que forma indireta, pois ela ganha seu destaque como influenciadora deste saber em Moçambique, na medida em que constatamos o seguinte pressuposto: o professor só ensina o que sabe e/ou o que foi ensinado. Assim sendo, a passagem pela Escola Alemã dos três maiores geógrafos de Moçambique é prova desta nossa inferência e daí o reflexo deste saber na Geografia em Moçambique.

Após esses três momentos (relação com as Escolas), sob ponto de vista de processos e tipo de Geografia ensinada e estudada em Moçambique, veio a abertura do mercado, que fez com que a Geografia também tomasse novas direções e contornos.

Os professores e profissionais desta área buscam em outros países sua formação e principalmente outras áreas de saber, o que levou que muitos passassem a fazer outras Geografias, diferentes dos primeiros geógrafos.

Assim, a Geografia em Moçambique fica caracterizada pelo surgimento de novos estudos, entendidos de seguinte forma: a) Geografia Humana, focado nas seguintes temáticas: População, Demografia e Migrações; b) Geografia Física, tendo como principal temática a questão dos Riscos Ambientais e Regiões Naturais e por fim c) Geografia do Ensino, tendo a Didática em Geografia como o assunto mais estudado.

É dessa forma que a Geografia em Moçambique vai ganhando corpo e espaço e é também por esses meandros de saber que o debate sobre a Escola Moçambicana de Geografia vai se fazendo, já deixando translúcido que em Moçambique existem várias Geografias.

Vejamos, como estão distribuídas sob ponto de vista de pesquisadores estas três grandes áreas de saber na Geografia em Moçambique.

Quadro 16. Fundadores e percussores das Geografias em Moçambique

Área da Geografia	Fundador	Percussores
Geografia de Ensino	Rachael Thompson	Stela Duarte, Alice Freia, Suzete Buque
Geografia Física	Aniceto dos Muchangos	Sobrinho Dgedge, Zacarias Ombe
Geografia Humana	Manuel de Araújo	Carlos Arnaldo, Ramos Muanamoha, Inês Raimundo, Serafim Alberto

Fonte: (Gerdes, 2013) e Trabalho de Campo (2015 e 2017)

Organizado por José Maria Langa

Há quem diga que Carlos Arnaldo poderia ser considerado o fundador dos estudos em Demografia em Moçambique, por ter sido ele o primeiro doutorado em Demografia, mas todos os seus estudos ou parte deles foram feitos sob chancela do antigo CEP – Centro de Estudos de População, criado por Manuel de Araújo com quem ele trabalhou durante muito tempo. Esse foco em estudos da população e Geografia quantitativa que por algum tempo caracterizam, a Geografia em Moçambique tem início na Alemanha quando do desenvolvimento do Mestrado do Professor Manuel de Araújo.

Desde o ano de 1990, a Geografia em Moçambique se diversifica bastante, dificultando até certo ponto essa possível unificação de saber e método, para chegar a uma Escola.

Esta nova dinâmica (diversificação) é na verdade o que vai nutrir nossa análise, para falar da existência ou não de uma Escola Moçambicana de Geografia. Aliada a essa análise, buscaremos também fazer uma análise epistemológica<sup>33</sup> da Geografia em Moçambique, tendo como foco a identificação dos conceitos base e categorias ou as formas como esses conceitos são trabalhados nas pelos pesquisadores em Moçambique.

É com base nesse aumento qualitativo e quantitativo resultante da diversificação da Geografia em Moçambique que podemos pensar no terceiro período deste saber geográfico.

Conforme referido antes, com o advento do fim do regime político Socialista em Moçambique, a Geografia desenhou um novo caminho que a possibilitou estudar e entender o

<sup>33</sup>Entendida nesta pesquisa, segundo Gomes (1993) como sendo, a análise crítica da validade e eficiência dos conceitos fundamentais, dos princípios e dos resultados de uma pesquisa científica.

espaço. Dizemos sempre que a mudam as formas, mas a Geografia não, pois sua preocupação em entender e ou conhecer o espaço se fazem sempre presentes nos três períodos da Geografia. Vejamos que fatos caracterizam esse terceiro período.

Quadro 17. Cronologia da Geografia em Moçambique (período contemporâneo)

Período	Data	Fatos
Contemporâneo	1995	Instituição do Instituto Superior Pedagógico e criação da Universidade Pedagógica
	2001	Defesa de Doutorado da Stela Duarte – Brasil Defesa da Cátedra do Professor Manuel de Araújo
	2003	Abertura do Curso de Mestrado em População de Desenvolvimento – UEM Defesa de Doutorado de Carlos Arnaldo – Austrália Defesa de Doutorado do Professor Sobrinho Dge-dge – Espanha Reforma Curricular da UP, abolindo a Licenciatura em Geografia e História
	2005	Formam se os primeiros mestres da UEM no Mestrado População e Desenvolvimento
	2006	Defesa de Doutoramento de Zacarias Ombe –África do Sul Defesa de Doutoramento da Alice Freia – França
	2008	Abertura do curso de Mestrado em Ensino de Geografia – UP (Maputo) Defesa de Doutoramento de Ramos Muanamoha – África do Sul Defesa de Doutoramento de Cláudio Mungoi – Brasil
	2009	Defesa da Cátedra do Professor Aniceto dos Muchangos Criação da GAM – Associação de Geógrafos de Moçambique
	2010	Abertura do curso de Mestrado em Ensino de Geografia – UP (Beira) Defesa de Doutorado da Inês Raimundo – África do Sul Legalização da GAM
	2011	Defesa de Doutorado de Boaventura Cau - EUA
	2013	Defesa de Doutorado de Serafim Alberto e Suzete Buque - Brasil
	2014	Abertura de Doutorado em Geografia – UP
	2016	Defesa de Doutorado do João Carlos Lima – UP – Moçambique Defesa de Doutorado de Elmer Matos e Sabil Mandala – Brasil

Fonte: (Gerdes, 2013) e Trabalho de Campo (2015 e 2017)

Organizado por José Maria Langa

Podemos constatar que neste terceiro período passou a ser preocupação maior tanto da UP como da UEM, buscar foco e se especializar cada vez mais no seu objetivo de formação; formar professores e geógrafos respetivamente e também aumentou a busca na formação do corpo docente destas universidades, destacamos os doutorados, mas também nesse período se fizeram vários mestres. Nas duas universidades aumenta o número de doutorados de um modo geral, mas reduzem os doutorados em geografia, cenário que muda a partir de 2016.

Ora, cada um desses profissionais vem e soma no processo de formação, pois cada um apresenta sua forma de pensar e fazer Geografia, é na verdade essa uma das características da Geografia em Moçambique, esse olhar diversificado para entender o espaço geográfico.

Vale destacar que desde os anos 2000 aumentam o número de mulheres e homens buscando fazer o curso de Geografia, seja na vertente de ensino ou de pesquisa. Este aumento levou a organização e criação da GAM - Associação de Geógrafos de Moçambique<sup>34</sup>. Este espaço vem institucionalizando o debate e discussão tanto da Geografia bem como da atuação dos profissionais de Geografia no país.

Ilustração 7. Logomarca da Associação



Uma preocupação que acompanha estes dois centros de pesquisa (UEM e UP) desde a sua criação sempre foi o interesse em contribuir para o desenvolvimento da Nação, formar profissionais comprometidos com a moçambicanidade e acima de tudo ter pessoal capacitado para desenvolver o país, sempre seguindo o alinhamento indicado pelo Governo, por conta disso, passa em nossa mente depois de desenvolver este estudo que fica próximo da criação em Moçambique de uma *Escola Nacional*, pela função desses cursos de Geografia e o contexto de sua criação, e

---

<sup>34</sup> Criada nos termos e disposto no nº 1 do artigo 5 da Lei nº 8/91, de 18 de Julho e artigo 1 do Decreto nº 21/91 de 3 de Outubro e publicado no Boletim da República III SÉRIE – Número 44 no dia 4 de Novembro de 2010.

não pelo fato de ter nela desenvolvido se um olhar teórico e científico diferente das Escolas Clássicas que apresentamos ou conhecemos.

Isto é, se antes no tempo colonial se desenvolveu uma geografia preocupada com exploração de recursos, hoje a preocupação continua a mesma, somente mudou o gestor ou governante ou somente mudou o tempo, a Geografia deverá sempre contribuir para um melhor entendimento, na construção e reconstrução desse território que é Moçambique.

Após à independência nacional, a Geografia teve uma importância no processo de construção do Estado Nação, também conhecido como Nova Nação, foi com os professores do curso de Geografia que se faz a primeira experiência de formação de professores, que depois foi repetida para outros saberes. Esse envolvimento continuou até ao ano de 1995, a Geografia, a partir de seus cursos indicando rumos e desenvolvimento e influenciando políticas no país. Relação que muda após os anos de 2000, passando a Geografia a buscar uma leitura dos rumos da Nação, entendida a partir da visão global para se conseguir adequar às novas realidades do país, e isso fica claro principalmente com a mudança e adequação das propostas curriculares dos cursos no ensino superior.

## SÍNTESE DO SEGUNDO CAPÍTULO

O olhar histórico possibilitado neste capítulo fez-nos entender a Geografia de Moçambique, desenvolvida em três períodos claramente definidos. Ora isso não significa que os marcos desses períodos são estáticos e fechados, pois alguns fatos iniciam se em um período e se desenvolvem noutro, é o caso das propostas curriculares. Este capítulo é a materialização do segundo objetivo específico desta pesquisa (tese). Alguns fatos marcaram a Geografia em Moçambique e a partir deles fomos pensando e contando a história deste saber. Destacamos como elementos centrais para pontuar sobre essa história: a criação do ensino superior em Moçambique e principalmente a abertura do curso de Geografia, a formação de docentes com o grau de doutoramento, a criação e funcionamento da Pós-Graduação em Moçambique e na área de geografia e certamente os fatos relacionados com a produção de saberes da Geografia neste e sobre este país.

Caminhos  
São possibilidades  
Algumas, nos permitem encontros  
E outras, desencontros  
Em caminhos  
Me perco  
Mas aí, perdido me vejo caminhando  
Nos caminhos  
Desconheço tudo e todos  
Mas aí, me conheço, afinal é sabendo as diferenças  
Que nos conhecemos  
Nos caminhos  
Desejo  
E é esse desejo que e faz querer  
Viver, sentir e sonhar  
Nós caminhos  
E caminhando  
Entendo quão valiosa é a coletividade  
E é no caminho  
Que aprendo  
Que é preciso sempre caminhar

José Maria Langa  
Presidente Prudente, 2017

### **CAPÍTULO III. PENSANDO NUMA ESCOLA MOÇAMBICANA DE GEOGRAFIA**

“O saber científico se faz em dois momentos, primeiro: a vida cotidiana do homem dos saberes-fazer da geografia vernacular, ciência de observação, procedendo também de enquetes e questionários, segundo: a geografia científica que é uma reinterpretação das geografias vernaculares”

Claval (2011)

#### **Pensar na Escola Moçambicana de Geografia!**

As entrevistas efetuadas durante o trabalho de campo em Moçambique, foram muitos os agentes que sinalizaram ser esta tese, uma possibilidade concreta para indicar, se não pelo menos, sinalizar algo sobre essa Escola Moçambicana de Geografia, algo já existente no imaginário de alguns.

Num olhar atento e holístico sobre a Geografia em Moçambique nos permite conhecer e entender o seguinte cenário: existe um movimento, mas este não é conhecido nem consensual neste campo científico (fato claro que é a existência de lutas nesse campo).

Quando questionamos sobre a existência ou não de uma Escola Moçambicana de Geografia, tivemos duas respostas que são: a) existência de uma Escola e b) a inexistência dessa Escola, como já fizemos referência neste texto.

Neste capítulo, vamos nos vender os olhos em relação a estas duas respostas, iniciar um exercício que vai analisar a produção do conhecimento que as teses dos professores da UP e UEM defenderam, que usaremos como base avançar na análise de epistemológica deste saber.

Gostaríamos de ter analisadas todas as teses, mas não conseguimos ter acesso a todas elas, por isso a nossa análise se circunscreve a 17 teses.

Numa análise de títulos das Teses conseguimos verificar que prevalece um olhar sobre Moçambique e Maputo como dá para ver na seguinte nuvem de palavras, criada a partir dos títulos das Teses apresentadas no quadro 14.

Ilustração 8. Nuvem de palavras com os títulos de tese sobre Geografia em Moçambique de 1983 – 2016



Organizado por José Maria Langa

Ganham destaque nessa nuvem as seguintes palavras: Geografia, Maputo, moçambicana, comunidades, urbanização, escolar, classe, ambiental, classe e religiosa.

A partir disso, podemos pensar, a princípio, que a Geografia em Moçambique, faz-se com base no olhar Regional, onde as questões centrais são: ensino e aprendizagem, urbanização e questões relacionadas as comunidades.

Pesquisa com esses assuntos ou temas foram muitos deles desenvolvidos a partir de estudos de caso, onde Maputo (capital do país) foi o local estudado. Continua sendo forte a questão regional nos estudos e pesquisas em Moçambique.

Na Geografia Física parece dominar a temática ambiental, que tem crescido nos últimos tempos, cujo debate está muito ligado à questão do desenvolvimento sustentável.

Onde então foram defendidas estas teses, este indicador pode ajudar a verificar o olhar e elementos para pensar nos saberes geográficos que são produzidos em Moçambique, pois a partir disso podemos verificar o porquê do surgimento dos conceitos acima destacados.

É necessário destacar, como o Brasil e ou alguns atores brasileiros fazem parte desta história que é a Geografia em Moçambique, isso principalmente no período contemporâneo, como antes destacamos.

A primeira tese defendida no Brasil foi a da Professora Stela Duarte, tendo sido orientada pelo Professor Doutor Fernando José de Almeida e pela Professora Doutora Rachael Elizabeth Thompson.

Uma pesquisa centrada em avaliação educacional, rendimento escolar, ensino de geografia, fracasso escolar, educação e currículo, com o título: *Avaliação da aprendizagem de geografia: desvendando a produção do fracasso escolar na 10ª Classe do ensino secundário geral – Cidade de Maputo (Moçambique)*. Esta tese deixa claro como o ensino e a educação são fundamentais para pensar e até conhecer a Geografia em Moçambique.

Por isso, destacamos e podemos reafirmar nesta pesquisa que em Moçambique a Geografia se faz transitar entre três grandes áreas de conhecimento, uma delas a área de Ensino.

Após 7 anos, ainda no Brasil, defende sua tese o Professor Cláudio Mungoi, intitulada, *Desenvolvimento Regional no Vale do Zambeze: Moçambique em perspectiva*, sob orientação do Professor Doutor Aldomar Arnaldo Ruckert, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Mungoi apresenta, na tese conceitos fundamentais da Geografia, sendo eles: Desenvolvimento Regional, Região e Território, buscando entender como é que o Estado e os diferentes atores multiescalares promovem ações de desenvolvimento na região do Vale do Zambeze - Moçambique.

Mesmo sendo um trabalho defendido num programa de Desenvolvimento Rural, a abordagem geográfica se faz presente, pois é com ela que os autores ou pesquisadores desta tese usam para entender como se dá a construção e territorialização na região do vale do Zambeze, isto é, a construção deste espaço, tida em Moçambique como uma centralidade para o desenvolvimento regional local.

Nesta mesma tese, Mungoi usa o embasamento teórico apresentando por Milton Santos, quando este discute dinâmica sócio-espacial.

Segundo Santos (1996), a dinâmica sócio-espacial possui duas dimensões: uma vertical e outra horizontal acionáveis na análise de processos e dinâmicas de desenvolvimento.

Em 2013, mais duas teses foram defendidas no Brasil, uma na Universidade Federal de Goiás - UFG e outra na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Na UFG, foi a Professora Suzete Buque que defendeu sua tese, com objetivo de compreender o processo de construção/mobilização de conhecimentos dos docentes, dos alunos de Licenciatura em Ensino de Geografia e as práticas formativas que os potencializam. Esta tese foi orientada pela Professora Doutora Lana de Souza Cavalcanti, bem conhecida no Brasil principalmente na área de Ensino de Geografia, tese intitulada *Conhecimentos docentes dos alunos da licenciatura em geografia da Universidade Pedagógica-Maputo*.

As autoras com esta tese abordaram as capacidades que o futuro professor precisa ter para avançar na articulação entre o conhecimento das disciplinas específicas e o dos conhecimentos pedagógicos.

Sendo assim, foram fundamentais os seguintes assuntos: formação de professores, conhecimentos dos docentes, ensino de Geografia e práticas formativas.

Segundo Buque (2013), no ensino da Geografia na escola, exige-se que o professor trabalhe no sentido de garantir que os alunos tenham uma aprendizagem significativa, para que possam pensar e agir criticamente no seu meio. Para que isso aconteça, as instituições de formação inicial precisam estar comprometidas com a formação de professores que tenham, para além de outros conhecimentos, o domínio do conhecimento do conteúdo e sua interação com o conhecimento pedagógico; pois isso, pode ajudá-los a escolher as melhores formas de tornar a matéria compreensível para os alunos e contribuir, dessa forma, para o desenvolvimento do seu raciocínio espacial e perceber melhor o seu meio.

Neste mesmo trabalho de pesquisa, Suzete Buque apresenta resultados de outros estudos na área, todos apresentando olhares para a questão de ensino, problemas e dificuldades que os professores vivem no dia-a-dia com a prática docente.

No fim da sua tese, Buque (2013) indica que o desenvolvimento do trabalho e a frequência no doutorado contribuíram muito para ampliar a sua visão sobre o ensino da Geografia e sobre os processos de formação de professores.

Vale destacar que esta tese, se faz apresentando a abordagem histórica, algo semelhante ao que estamos a fazer neste trabalho de pesquisa.

Como indicamos antes, nesse mesmo ano o Professor Serafim Alberto defendia sua tese em Demografia na UFMG.

O seu trabalho é intitulado: *Estimativas de mortalidade adulta em Moçambique, 1987 a 2007* e foi orientado pelo Professor Doutor Bernardo Lanza Queiroz.

Para este autor, as estimativas adequadas de mortalidade são importantes para entender a dinâmica demográfica, compreender as mudanças de saúde de uma população e melhorar o planejamento dos países.

Para Alberto (2013), o conhecimento da dinâmica de mortalidade de um território permite conhecer a saúde da população desse lugar. A existência de dados de população e de óbitos de qualidade permite gerar melhores estimativas de indicadores de mortalidade.

Foi com base nisso que este estudo foi desenvolvido. Esta tese tem como objetivo geral, avaliar a qualidade dos dados de população e de óbitos dos anos de 1997 e 2007 para Moçambique e as suas três regiões (Norte, Centro e Sul).

Segundo Serafim Alberto o estudo é importante pois, para além de estudar a mortalidade adulta para o país (Moçambique), fez-se também para as regiões (Centro, Norte e Sul), o que ajudou para o conhecimento das tendências da mortalidade ao nível geográfico que geralmente é pouco estudado nessas regiões.

Mais duas teses engrossam essa relação na formação de doutores moçambicanos no Brasil, teses, essas, feitas no Programa de Pós-Graduação em Geografia, uma defendida no Instituto de Geociências da UFRGS e outra no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP.

Foi o Professor Elmer Matos sob orientação da Professora Doutora Rosa Maria Vieira Medeiros, que buscou entender a *Desterritorialização e reterritorialização das comunidades atingidas pela exploração do carvão mineral em Moatize, em Moçambique*.

Estes autores trabalharam com base no processo TDR – Territorialização - Desterritorialização - Reterritorialização, articulado neste trabalho com conceitos ou categorias da Geografia: o Território e as Escalas.

Matos (2016) procurou entender as transformações socioespaciais resultantes da introdução da atividade mineira no distrito de Moatize - Moçambique, para isso, a compreensão dessas dinâmicas, a recorrência às transformações político-econômicas atravessadas pelo país permitiu entender como o capital internacional se apossou dos territórios das comunidades locais.

Para este autor, aceitar que o processo TDR faz parte da dinâmica territorial é também uma etapa para compreendermos que os territórios são construídos, destruídos e reconstruídos, num decurso que atende à história. Num mundo em que a globalização neoliberal se assume como o principal fator desterritorializante dos territórios locais, constata-se que o processo TDR torna-se mais rápido e promotor de populações colocadas à margem desse processo (MATOS, 2016, p. 268).

A esses processos Matos (2016) cita Haesbaert (2012), referindo que este chama isso de aglomerados de exclusão ou que pode se materializar em territórios inseguros, sujeitos a novos processos de desterritorialização como resultado da dinâmica capitalista, como na produção de territórios precariamente incluídos no sistema. Porém, mesmo desterritorializadas, as populações procuram se reterritorializar, ainda que, o processo leve muito tempo e seja carregado de precarização das condições de vida.

Esta é a segunda tese defendida na UFRGS, tendo os Professores Aldomar Arnaldo Ruckert e Rosa Maria Vieira Medeiros como banca examinadora, os dois trabalhos trazem, como estruturante, o conceito ou categoria Território e discutindo o desenvolvimento local.

Tanto o Professor Elmer como o Professor Cláudio (os autores das duas teses defendidas na UFRGS) são docentes da Universidade Eduardo Mondlane.

Com o objetivo de realizar uma análise qualitativa e quantitativa da influência antrópica na suscetibilidade erosiva, o Professor Sabil Mandala defendeu a sua tese, com o título: *Análise da degradação ambiental por erosão hídrica de solos na Bacia hidrográfica do rio Lifidzi no planalto de Angónia: contribuição metodológica para Moçambique*. Esta tese foi orientada pelos Professores Doutores Sérgio dos Anjos Ferreira Pinto e Sérgio Luís Antonello.

Mandala (2016, p. 178) refere que os estudos de diagnóstico ambiental são importantes para planejar e gerenciar situações ambientais de forma adequada às características e limitações que uma determinada área pode apresentar.

Segundo ele, a análise da susceptibilidade erosiva pode ser considerada um suporte fundamental para o diagnóstico ambiental, visto que contribui com informações relevantes sobre o meio ambiente, considerando suas possíveis fragilidades e potencialidades, permitindo, desta forma, buscar possibilidades de prevenção e mitigação de degradação de solos por erosão hídrica junto aos órgãos de decisão.

Este trabalho de pesquisa poderá ser bastante útil para a formação na Licenciatura em Ensino de Geografia, principalmente na especialização, chamada Componente de Formação Específica - CFE<sup>35</sup>.

O resultado da tese de Mandala faz-se necessária nessa vertente, pois, não só é fundamental formar professores, mas também formar agentes que podem a partir do entendimento da Geografia fazer leituras do espaço e contribuir para o desenvolvimento e bem-estar das comunidades e sociedade em geral.

O uso de GIS, como ferramenta base de gestão do espaço é a proposta encontrada na tese de Mandala, com os seguintes conceitos: Potencial Natural de Erosão, Riscos de Degradação Ambiental, as geotecnologias foram fundamentais neste trabalho, tendo sido utilizadas as seguintes: Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto.

O ano de 2016 jamais poderá ficar esquecido na Geografia em Moçambique, pois foi defendida a primeira tese em Geografia, de um moçambicano, em Moçambique.

Tese essa, desenvolvida na Escola Doutoral de Geografia em Moçambique, como lema: *Moçambique Geodiverso: Por uma Geografia inclusiva da Geodiversidade Moçambicana*. Este

---

<sup>35</sup> A CFE é constituída por disciplinas que veiculam saberes mais específicos e especializados sobre certas áreas do conhecimento ligadas à Geografia. As competências adquiridas nesta componente visam fornecer um domínio sólido de conhecimentos, habilidades e atitudes mais gerais e mais específicos que fundamentam e definem a ciência, a pesquisa, a técnica, a tecnologia e a arte na área da Geografia, atendendo à perspectiva multidisciplinar ou interdisciplinar (UP, 2014, p. 16).

lema segundo Zacarias Ombe traduz a preocupação com a inclusão das perspectivas da Epistemologia do Sul, a valorização dos saberes locais.

Tendo iniciado suas atividades em 2014, foi o Professor João Carlos Mendes Lima, que apresentou a sua Tese intitulada: *Conflito entre saberes na urbanização: as tradições das comunidades e o planejamento territorial no município de Mocuba*, tese orientada pelos Professores Doutores Zacarias Alexandre Ombe – UP e William Ribeiro da Silva – UFRJ, mais uma vez, a Geografia do Brasil se fazendo próxima à Geografia em Moçambique.

Lima (2016) baseia-se na investigação das razões que podem influenciar o processo de produção de espaço, as formas de ocupação e uso de solo urbano e as desigualdades espaciais na cidade incorporando os saberes locais.

Estudos como este tendem a aumentar em Moçambique, principalmente nesta Escola Doutoral em Geografia, pois segundo alguns entrevistados, entender o Moçambique Geodiverso é prioridade para a Geografia em Moçambique, o olhar de Moçambique por moçambicanos.

Nesta tese foram usados os seguintes conceitos-base: Saberes Locais, Urbanização, Territorialidades. A categoria território, mais uma vez se faz presente numa tese, nesta pesquisa particularmente, foi usada para entender as relações socioeconômicos das comunidades, tendo em conta a mercadorização que desarticulou as formas e tradições quanto a posse de terra, daí então, pensar no planejamento inclusivo como forma de reduzir os conflitos entre as partes.

Esse conceito tem uma relação bastante forte com o processo de formação ou reformulação de Estados nacionais, como é o caso de Moçambique.

Nesse sentido, segundo Gottmann (2012), o território surgiu como uma definição espacial das jurisdições governamentais e da organização política e militar [...] o território funciona como um reduto para propósitos estratégicos, apesar de o controle absoluto do espaço fornecer atualmente muito menos segurança do que até mesmo meio século atrás.

Foi nossa escolha apresentar estas que são as últimas teses sobre a Geografia em Moçambique no início para depois trabalhar com as mais antigas. Este exercício quebrou a visão tradicional de trabalhar sempre com o tempo cronológico na forma crescente.

É uma forma de buscar entender a Geografia, olhar para os produtos e não só os processos muito ligados ao tempo histórico e cronológico.

Uma questão inicial que podemos fazer depois de apresentar estas teses é a seguinte: o que levou estes pesquisadores a estudarem esses temas?

Depreende-se das teses que apresentamos antes, que existe em Moçambique uma necessidade de fazer e estudar Geografia, por isso, as últimas teses (a maioria) estão ligadas a este saber. Este cenário é novo em Moçambique, pois muitos pesquisadores quando saíam do país estudavam o que lhes era oferecido, e, em muitos casos, não era Geografia.

Conteve a muitos pesquisadores estudarem e defenderem suas teses em outras áreas que não incluíam Geografia, com vista a construir vários saberes geográficos com outros olhares, faz ou tem feito crescer em Moçambique a proposta de que se pode ter uma Escola moçambicana, onde essa diversidade seja a característica desse centro académico.

*[...] nós podemos falar de uma geografia regional, né uma geografia regional, porque o que está a acontecer agora é a grande preocupação com os territórios, quer dizer, não é a geografia física como tal mas, se eu tivesse que sistematizar a geografia de Moçambique eu falaria em geografia física, [...] depois teria estudos de território, que é geografia mais regional, depois teria a geografia social e teria a geografia aplicada [...] a geografia aplicada porquê, pra mim a geografia aplicada seria, seriam aqueles estudos que mostram a utilidade da geografia, eu falo por exemplo da geografia de riscos ambientais, que é uma geografia sócio ambiental, mas que tem, tem um certo público, que é aplicada, [...] aquela geografia que é feita para responder algumas preocupações da sociedade, hoje falamos de geografia de estudos dos impactos ambientais, né geografia do ambiente, que é uma geografia mais aplicada para solução de alguns problemas, porque há, aquela geografia que nós vamos levantar e trazer informação empírica, que pode servir de bases para outros estudos mas há aquela geografia que já aparece para mostrar as tendências de atividades, para dar respostas a alguma preocupação que pode ser útil para outros tipos de organismos (DGEDGE, 2015).*

Buscando entender esta questão da diversidade de áreas e temas na Geografia em Moçambique e a ligação disso ao fato de ser uma das características centrais para pensar numa Escola, não é partilhada por todos os pesquisadores em Moçambique.

*[...] tenho receio em dizer que teríamos capacidade de dizer há uma escola geográfica de Moçambique, seria por exemplo dar o enfoque só sobre estudos de Moçambique, seria isso? Não sei, mas para todos efeitos se darmos enfoque aos estudos de Moçambique, estamos a pensar numa geografia regional, seria a escola francesa, esta ver [...] se queremos o dualismo dos alemães o que é que é, e nos agora a não ser que com estas orientações todas que estamos a dizer, porque estamos a dizer que há uma orientação que, a orientação cartográfica, a cartografia não é*

*geografia, mas pode ser um marco, porque ok, uma escola que já incorpora questões da cartografia, é assim não sei, honestamente pra mim é difícil o que seria (RAIMUNDO, 2015).*

Essa questão da existência ou não de uma Escola Geográfica em Moçambique vai abrir muitas portas de pesquisa e questionamentos para continuar pesquisando este saber. Lembrando, vários pesquisadores sinalizaram durante o campo, que esse deve ser um dos pontos a ser respondido por esta pesquisa.

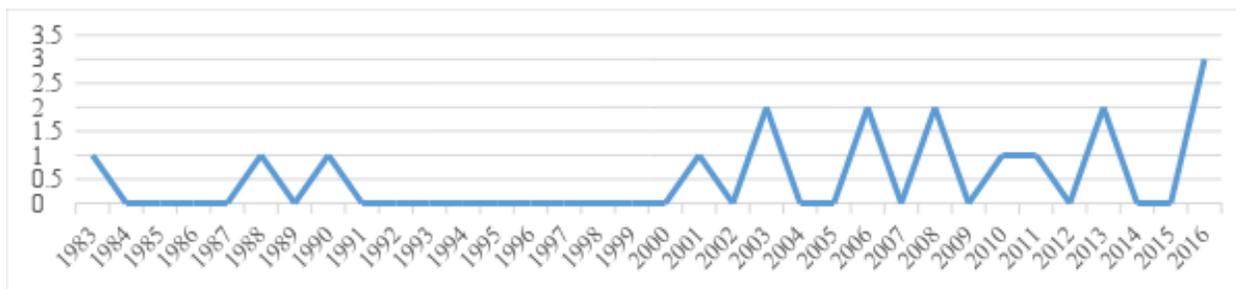
Em nosso entender e a partir do que já apresentamos antes, sobre o que pode ser uma Escola Científica, não concordamos com essa visão para pensar ou identificar uma Escola, por dois motivos: a) faltam estudos para dar continuidade mesmo que visão da diversidade; b) uma Escola é resultado e não a proposta em si.

Falando em proposta em si, podemos destacar que com a criação da Escola Doutoral de Geografia na Universidade Pedagógica existe neste projeto uma meta, resultado que é sistematizar a Geografia a partir das pesquisas feitas nos cursos de pós-graduação em Moçambique.

Vejamos em quanto tempo foram defendidas as teses que nos ajudam a pensar a Geografia em Moçambique, mostrando essa falta de continuidade. O exercício de pesquisar e fazer Geografia deve ser constante, e acima de tudo deve existir uma proposta teórica e metodológica para fazer essa aproximação e claro criar uma Escola.

O fato de terem pesquisadores dos Departamentos de Geografia na UP e UEM, defendendo as suas teses não traduz de forma clara que estas pesquisas sejam em Geografia, o que deixa, cada vez mais distante, a construção desse grande projeto que é uma Escola Moçambicana de Geografia.

Gráfico 3. Número de teses defendidas pelos professores dos Departamento de Geografia na UEM e UP, nos anos 1983 – 2016



Fonte: Trabalho de Campo (2015 e 2017)

Organizado por José Maria Langa

Desde 2001, a cada dois anos em média duas teses relacionadas com Geografia de Moçambique são defendidas, tornando assim uma média de uma tese por ano e acreditamos que o número de teses defendidas por ano aumente, principalmente pelo fato de ter, em Moçambique, desde 2014, um curso de Doutorado em Geografia. Acreditamos por esse mesmo fato que também vai aumentar consideravelmente a produção de teses com conteúdo e olhar geográfico.

Apresentamos antes que o Brasil ganhou destaque no processo de formação de doutores em Moçambique (doutores trabalhando nos departamentos de Geografia da UP e UEM), e isso vem desde 2001. Ora vejamos, onde e o que estudaram os outros professores doutores.

Vários estudos foram feitos na Europa (Alemanha, Espanha, França e Portugal), na Austrália, Estados Unidos da América e África do Sul, este último país africano ganha destaque, pois, nele tem crescido o número de docentes e professores que optam em fazer seus estudos de pós-graduação. Como se pode perceber, são diversos os países e também diversas as geografias que fazem a Geografia em Moçambique. Este pode ser um dos fatores para explicar a diferença nos resultados, formas e objetos de pesquisa na Geografia em Moçambique.

Vamos partir agora para analisar os estudos que foram feitos na África do Sul, o primeiro defendido em 2008, pelo Professor Ramos Cardoso Muanamoha. Sua pesquisa traz o debate sobre a migração indocumentada envolvendo moçambicanos na África do Sul.

Muanamoha (2008) refere que a migração laboral na região sul de Moçambique para a África do Sul é um processo histórico desde o século XVIII. No entanto, sua formalização e regulação ocorreram no final do século XIX e início do século XX, tornando-se parte do Sistema de mercado de trabalho do sul da África.

Segundo este autor, neste sistema do mercado de trabalho, Moçambique é um dos fornecedores de longa data, com um número relativamente consistente de imigrantes contratados para trabalhar nas minas sul-africanas.

O que este estudo traz é o declínio de contratos dessa mão-de-obra, e em contraste, houve um aumento de migrantes moçambicanos indocumentados para a África do Sul.

Com o título “*Dinâmica moçambicana da migração laboral indocumentada na África do Sul*”, Muanamoha tem como objetivo analisar a dinâmica da migração laboral indocumentada para a África do Sul.

Segundo Muanamoha (2008), em sua maioria, os imigrantes sem documentação são principalmente jovens do sexo masculino de áreas rurais do sul de Moçambique que são pressionados pela pobreza e falta de condições de emprego. Eles entram na África do Sul atraídos pela demanda por mão-de-obra não qualificada e barata, e eles trabalham principalmente na agricultura, construção, comércio informal e setor doméstico.

Esses jovens têm como seu principal objetivo enviar ou transportar para casa remessas em dinheiro ou em espécie. Para além de moçambicanos há vários imigrantes indocumentados, de outras partes da África Austral.

Devido a este aumento de imigrantes indocumentados, o governo sul-africano foi obrigado a adotar medidas restritivas, incluindo o repatriamento ou a deportação dos mesmos.

Esta tese teve orientação do Professores Doutores Brij Maharaj e Eleanor Preston-White, onde o conceito de território se faz presente para entender as relações e ou produção de espaço na África do Sul, devido a esta mão-de-obra que chega para trabalhar neste país africano.

Muita pouca pesquisa empírica foi feita sobre a migração em Moçambique e o material existente enfatiza a migração trabalhista, principalmente entre Moçambique e África do Sul.

Segundo Raimundo (2009), os migrantes são uma componente essencial das economias internacionais, regionais e nacionais e um canal significativo para entender o fluxo de trabalho.

Em sua tese, defendida na Universidade de Witwatersrand na África do Sul, Professora Inês Macamo Raimundo estudou a Migração, buscando entender a questão do gênero, desejo ou escolha, migração forçada, agregado familiar e a urbanização.

Em sua tese com o título *Gênero, escolha e migração: dinâmica familiar e urbanização em Moçambique*, sob orientação do Professor Doutor Loren Landau.

Raimundo concluiu que as cidades oferecem mais vantagens, melhores condições econômicas e amenidades para quem lá vive, por isso é crescente a procura por esses espaços, contrariamente às zonas rurais, tornam-se um prejuízo, reduzindo a capacidade dos grupos para

manter um nível de satisfação. Por outro lado, devido à migração para as áreas urbanas, as áreas rurais registram um declínio na força de trabalho.

A maior causa da Migração é a econômica, pois com as remessas os trabalhadores migrantes fornecem dinheiro e bens para aqueles que ficaram na sua terra de origem. Segundo Raimundo (2009), os familiares que permanecem em casa usam o dinheiro para pagar serviços como saúde, educação, ferramentas agrícolas, pequenas empresas, tanques de água, painel solar, esquemas de irrigação, etc.

A sua investigação levou em conta a estrutura do agregado familiar e como as relações de gênero foram construídas, bem como a medida em que essa migração contribuiu para a urbanização.

Em Moçambique, houve aumento da migração feminina entre o primeiro e segundo censo nacional, pós-independência 1980 e 1997. Segundo esta autora, existem diferenças geográficas visíveis na localidade da migração rural-urbana em relação ao local de origem para essas mulheres e estas desenvolvem atividades diferentes com as dos homens, sendo predominante o comércio, o que faz com que estas não fixem residência na África do Sul.

Mas quem iniciou, estudando e defendendo a sua tese na Universidade de Witwatersrand na África do Sul foi o Professor Zacarias Alexandre Ombe, no ano de 2006.

Zacarias Ombe continuador do Professor Aniceto dos Muchangos, sob ponto de vista de estudos na área Geofísica, preocupados em entender o meio físico, fez com os dois defendessem teses relacionadas à Geografia Física, Ombe trouxe o debate das Mudanças Climáticas, proteção e conservação ambiental e Dos Muchangos discutiu as Regiões Naturais.

Ombe (2006) traz, em sua tese, as formas pelas quais várias políticas públicas nacionais e internacionais contribuem para moldar as práticas de uso da terra. Sua tese intitulada *Mudança ambiental no centro-sul de Chibuto, sul de Moçambique*, com supervisão do Professor Doutor Collen Vogel.

Ombe desenvolveu a sua tese, discutindo a mudança de cobertura do solo, sendo, este um trabalho que busca servir de base para pensar políticas locais que assegurem a qualidade de vida, proteção e conservação ambiental.

Mesmo não trazendo de forma clara a categoria território, esta tese apresenta a materialização deste conceito, pensado a partir do olhar da Geografia Física.

De forma geral, em relação aos trabalhos de doutoramento apresentados nestas teses, encontramos o conceito de território, a começar pela visão ratzeliana, abordando as temáticas territorialização, (des)territorialização, (re)territorialização e a (multi)territorialização, discutidas, entre outros pensadores como é o caso Rogério Haesbaert.

Assim sendo, essas teses consistem na fundamentação teórico-conceitual a partir do levantamento bibliográfico acerca do território e certamente um avanço em possibilitar uma leitura do espaço, mesmo que sob outros olhares científicos.

No caso da pesquisa de Ombe, podemos dizer que ele segue os caminhos iniciados na Escola Russa, algo que tem uma relação com as bases de sua formação, mas uma vez fica claro que o professor só ensina o aprendeu ou sabe.

Em sua tese, ele conclui apontando para os impactos das mudanças ambientais verificadas no tempo estudado, na modificação das estratégias de sobrevivência das comunidades locais, nas adaptações desenvolvidas para fazer face às mudanças e na degradação ambiental resultante das mudanças constantes no uso e na cobertura (DUARTE, MANDALA, CHUNDO, 2009, p. 150-151).

Após ter iniciado as leituras das teses voltamos a pensar na teoria das estruturas sociais criadas ou entendidas a partir dos escritos de Pierre Bourdieu.

Nas teses e nas entrevistas vemos dois elementos interessantes para nos aproximar do que estamos a estudar, são eles: o campo e *habitus*.

O *habitus* é referido a um campo, e se acha entre o sistema imperceptível das relações estruturais, que moldam as ações e as instituições, e as ações visíveis desses atores, que estruturam as relações. O social é constituído por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria, não reproduzida e irredutível à lógica que rege outros campos. O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo

de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (THIRY-CHERQUES, 2006 apud BOURDIEU, 1996, p. 50).

As teses enquanto produtos individuais e cada um desses agentes devem ser entendidos como demarcadores de limites e ou territórios de capital científico.

Os campos da forma como nos apresenta Bourdieu não são estruturas fixas, mas sim produtos da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam (BOURDIEU, 2001, p.129). O que determina a existência de um campo e demarca os seus limites são os interesses específicos, os investimentos econômicos e psicológicos que ele solicita a agentes dotados de um *habitus* e as instituições nele inseridas.

Ora, vejamos mesmo que existam essas forças particulares (pesquisas e trabalhos científicos em áreas diferentes), existe uma tendência de criar ou estabelecer limites coletivos, daí podemos pensar que na Geografia em Moçambique existem dois grandes campos que são resultados das atuações particulares e também coletivas (ensino e pesquisa geográfica).

O que determina a vida em um campo é a ação dos indivíduos e dos grupos constituintes das relações de força, que investem tempo, dinheiro e trabalho, cujo retorno é pago consoante a economia particular de cada campo (BOURDIEU, 1987. p.124).

Os campos resultam de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo. Como tal, cada campo cria o seu próprio objeto (artístico, educacional, político etc.) e o seu princípio de compreensão. São “espaços estruturados de posições” em um determinado momento.

Podem ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes, isto é, como estrutura objetiva. São microcosmos sociais, com valores (capitais, cabedais), objetos e interesses específicos (BOURDIEU, 1987, p. 32).

Entendemos ter também uma reação muito forte entre as temáticas desenvolvidas e estudadas em Moçambique pela Geografia com as Escolas Clássicas da Geografia indicadas e caracterizadas por Moraes (1987) e Andrade (1987), afinal é a partir dessa relação que podemos identificar elementos que nos possibilitem falar de Epistemologia.

Segundo Claval (2011), em seu livro “Epistemologia da Geografia” temos uma análise da evolução do pensamento geográfico, a partir da contextualização e do debate crítico dos contextos históricos e culturais observados nas diferentes etapas da evolução da Geografia.

Este autor descreve na introdução deste mesmo livro, adotando uma perspectiva epistemológica de análise das práticas científicas dos geógrafos ao longo da evolução da ciência, buscando apontar a existência de dois níveis de conhecimentos geográficos: a geografia científica e as práticas e os saberes-fazer empíricos da vida cotidiana.

Retomemos a questão dos temas e Escolas que nutrem a Geografia em Moçambique.

Durante o trabalho de campo, fizemos para alguns entrevistados a seguinte pergunta: *Como definiria a Geografia hoje, a partir das realidades moçambicanas?*

Vejamos algumas respostas e como estas mostram a presença ou impacto de uma Escola.

A prática e o cotidiano revelam-nos ainda ser a Geografia da Escola Francesa a que permeia a formação tanto de professores bem como de geógrafos em Moçambique.

Segundo a Professora Alice Freia, uma das nossas entrevistadas em 2015, refere ser a Geografia o seguinte:

*[...] o dia-a-dia, é o Chiango<sup>36</sup> com seus conflitos, é a bacia d Rovuma, com seus conflitos, Geografia é o di-a- dia, é o que a gente faz ao caminhar, ao apreciar é o dia-a-dia [...] o que existe aí [...] onde existe, onde se localiza, a Vila Olímpica, onde está, estava a perguntar-me as coordenadas [...] é, isso é Geografia, Geografia é o dia-a-dia e prontos é o el Ninho, estamos em Janeiro e não chove, incrível. Então isso tudo é a Geografia (FREIA, 2015).*

Uma tendência em olhar para a região ou local e buscar formas de fazer a Geografia é herança da Escola Francesa, que valoriza da Região. Fazer a Geografia uma ciência que busca valorizar a questão e a presença do Homem para entender o espaço e suas relações.

*[...] a Geografia é aquela que estuda as diversidades territoriais e a sua localização, os processos que ocorrem que conduzem essa diversidade e os impactos que essa diversidade ocasiona para o próprio território, nós falamos, por exemplo hoje em dia, da questão dos reassentamentos, os reassentamentos hoje alteram, drasticamente as diversidades paisagistas do território, quer dizer que as mutações espaciais ocorrem em grande velocidade, que o conceito de Geografia clássica já não se aplica para os dias de hoje, porque ela já não só estuda o aspeto físico, ou aspeto natural, ou aspeto econômico, mas ela estuda a diversidade espacial (DGEDGE, 2015).*

---

<sup>36</sup> Um Bairro na Cidade de Maputo

Esta forma de observar a Geografia passa a ser a mesma decorrente da construção e desenvolvimento da Escola doutoral da UP, onde eles defendem a Geografia da Diversidade, tal como indicamos antes.

É interessante verificar que alguns agentes da Geografia em Moçambique, entender se a responsabilidade da Geografia em estudar essas mutações que as sociedades e territórios vão apresentando com o decorrer o tempo.

Quando fizemos a mesma pergunta para a professora Celeste Coelho, percebemos com mais clareza a presença da Escola Francesa na formação e no fazer da Geografia, principalmente pelo fato dele carregar com ela essa visão de saber científico que buscar juntar a Natureza e Homem, proposta que a Escola Francesa defender desde a sua criação.

*[...] A Geografia faz a ponte entre o meio ambiente e a sociedade como se costuma dizer, é como o ciclista, não é? que vai em cima de uma corda não é?, que tem sempre um pé num lado e o outro pé noutro, acho que a geografia hoje, atendendo à realidade e particularmente àquilo de que nós já percebemos, que são grandes pressões a que Moçambique está sujeito, não é, a pressão demográfica, as pressões ligadas à problemática das alterações, alterações climáticas, o problema das cheias, o problema das secas, as fomes, as doenças, eu sei lá, não é? (COELHO, 2015).*

Um outro trabalho que nos remete à presença da Escola Francesa é a tese de doutoramento do Professor Manuel de Araújo, com o título: *O Sistema das aldeias comunais em Moçambique: transformações do espaço residencial e produtivo*, orientado pelo Professor Doutor Carlos Alberto Medeiros.

Tese defendida na Universidade de Lisboa, num período em que Moçambique iniciava um trajeto de construção de Estado, a Nova Nação e a lógica socialista como elemento organizador do espaço.

Para Araújo (1988), esse trabalho visa abordar uma nova forma de povoamento rural em Moçambique, tendo como ponto de partida a herança da política econômica e social colonial, de forma a compreender as implicações introduzidas por uma nova política de povoamentos e de organização produtiva, com base na produção coletiva e com vista à socialização do campo.

É com base nesta mudança de sistemas políticos que surgem as Aldeias Comunais, unidades de povoamento rural e de produção que modificam de forma considerável as formas anteriores de uso, organização do espaço rural em Moçambique.

Araújo (1988) indica que as origens das Aldeias Comuns são diferentes, o que por sua vez faz com que o desenvolvimento e a sua localização também possam produzir distorções que venham a refletir-se não só no seu crescimento, mas também nas relações entre a dimensão demográfica e recursos naturais mais utilizados e na posição de cada uma destas novas unidades de povoamento quanto à formação de uma rede de centros rurais.

Seguindo os clássicos trabalhos de Geografia Humana, esta tese visava estudar sobre os seguintes conceitos-bases: localização e dimensão, redistribuição.

Referimos antes que as teses de Manuel de Araújo e Aniceto dos Muchangos foram as primeiras teses defendidas em cursos de Geografia, logo acreditamos que nelas haja elementos e princípios geográficos discutidos e ou apresentados em torno de seus objetos de pesquisa, mesmo que em áreas diferentes.

Segundo Duarte, Mandala e Chundo (2009) a tese do Professor Aniceto dos Muchangos visou primeiramente ser uma contribuição sobre a problemática do Meio Ambiente, buscando destacar os principais aspectos da transformação da Natureza.

A Tese intitulada: *O uso e a alteração da natureza numa cidade grande trópico-africana, o caso de Maputo – Moçambique*. Com orientação do Professor Doutor Hans Gregor Richter.

Muchangos (1983) indica que para uma racional utilização e transformação da Natureza em Maputo, foram considerados os seguintes pontos: I) forma de ocupação do espaço, II) a Natureza modifica-se de forma específica para cada uma das unidades urbanas, III) por causa das mudanças na estrutura e expansão da população em Maputo, também mudará a Natureza de forma rápida onde o subúrbio é onde mais vai mudar.

É interessante verificar que a tese mesmo tendo como centralidade o estudo da Natureza Muchangos entende na população um fator importante para determinar as alterações da Natureza, característico da Escola Francesa.

Em sua tese, ele continua indica outros dois pontos para entender as modificações da Natureza em Maputo, IV) embora as condições naturais sejam favoráveis aos desenvolvimento de Maputo, pois predominam áreas de areias vermelhas secas, existem determinadas formas naturais tais como: barreiras, as baixas alagadiças, os pântanos e lezírias onde a transformação e utilização

demandam medidas especiais e V) a vegetação é fundamental para entender o uso e transformação da Natureza (DUARTE, MANDALA E CHUNDO, 2009, p, 150)

Duarte, Mandala e Chundo (2009) indicam ainda que esta tese, apresenta resultados resumidos nos seguintes aspectos: influência das condições naturais sobre o desenvolvimento de Maputo, a divisão da cidade por formas de ocupação, grau de naturalidade e estabilidade contra processos prejudiciais e problemas de devastação e poluição do Meio Ambiente natural.

Outra tese que corporifica os estudos da Geografia Física em Moçambique é sem dúvida a pesquisa do Professor Gustavo Sobrinho Dgedge.

Defendida na Espanha, sob orientação da Professora Doutora Ana Maria Camarsa Belmonte, com o título: *O risco de inundações no Baixo Limpopo – Moçambique*.

Dgedge (2004) apresente neste estudo uma abordagem multidisciplinar para entender não só a questão física do rio, mas também a percepção social da população a quando as inundações.

Esta tese em Ciências Ambientais é a primeira em Moçambique trabalhando com riscos com objeto de estudo. Segundo Duarte, Mandala e Chundo (2009) a primeira parte centra se nas questões conceptuais sobre risco sendo a segunda uma análise e caracterização da bacia estudada.

A tese traz a periculosidade, vulnerabilidade e exposição como centro de análise da tese, sendo esta desenvolvida tendo o foco o ano de 2000. Esta contribui com seus resultados, destacando a produção cartográfica passando a ser este instrumentos base na gestão desta bacia.

Vale destacar ainda sobre esta tese que a percepção de risco está determinada não só pelas características físicas do lugar, mas também pelas condições sociais e econômicas da população.

Assim, podemos indicar como característica da Geografia em Moçambique esse olhar científico feito por vários pesquisadores de seus objetos de pesquisa mesmo que não sejam suas teses defendidas na Geografia; exemplo disso é a tese do Professor Boaventura Cau.

Esta tese é um exercício de entender a saúde na Geografia, o que para muitos pode parecer Demografia. Sabemos e temos acompanhado o crescimento de estudos em Geografia da Saúde, podemos dizer que em Moçambique inicia a exploração desse campo com este professor, com a sua tese intitulada: *Afiliação religiosa individual, contexto da comunidade religiosa e saúde em*

*Moçambique*. Ele fez essa aproximação entre a Geografia e a saúde, sua tese foi orientada pelo Professor Doutor Victor Agadjanian.

Cau (2011) examinou as associações entre afiliação religiosa, contexto da comunidade religiosa e saúde das mulheres e seus filhos em Moçambique com foco nas seguintes questões: (1) atendimento pré-natal consultas e entrada de crianças ao estabelecimento de saúde; (2) sintomas de DSTs; e (3) mortalidade em menores de cinco anos.

Para este autor, a afiliação religiosa bem como a concentração de igrejas e ou religiões na comunidade traduzem-se num efeito benéfico sobre algumas questões de saúde, por exemplo, o parto.

Este trabalho de doutoramento chega a resultados totalmente diferentes dos que se têm falado em Moçambique, sendo um dos fatores da não-aceitação da saúde, seus serviços, cuidados e a religião. Cau (2011) a partir de metodologia estatística afirma que a afiliação religiosa aumentou as probabilidades da sobrevivência infantil.

Assim sendo Cau (2011) com os seus resultados nesta tese indica um efeito protetor da religião que varia principalmente pelo grupo comunitário que as mulheres são pertencentes.

Este estudo é clássico para falar da Geografia Norte Americana, *a quantificação dos fenómenos*, que sem sombra de dúvida, é o indicar de sul para os estudos populacionais e demográficos na Geografia em Moçambique. Em Moçambique são dois os Professores que desenvolvem pesquisas usando de elementos teóricos e metodológicos da Escola Anglo-Saxônica, são eles: Carlos Arnaldo e Boaventura Cau, tendo se formado na Austrália e nos EUA, respectivamente.

Quando nos lembramos das lutas e tensões do campo científico, elas são possíveis de identificar aqui: a) a área de formação, b) as pesquisas decorrentes da formação do doutorado e principalmente a opinião de existência de uma Escola de Geografia Moçambicana.

Quase todos os professores que fizeram pesquisas na Geografia Humana, defendem existir uma Escola Moçambicana de Geografia e esses que assim afirmam tem também uma relação ou tiveram uma relação de trabalho com Professor Manuel de Araújo.

Foi Professor Carlos Arnaldo quem inicia e defende uma tese em Demografia no ano de 2003, sob orientação do Professor Doutor David Lucas, tese essa que em 2007, vira livro com o título: *Fertilidade e seus determinantes próximos em Moçambique: uma análise de níveis de tendências, diferenciais e variação regional*.

Nesta tese, aprofundou-se e sistematizou-se pela primeira vez dados sobre fecundidade, possibilitando, assim, uma visão aproximada da realidade do país. Três grandes assuntos desenvolvidos na tese possibilitam orientar-nos às seguintes visões; a) os determinantes da fecundidade em Moçambique, b) quais os desafios para a investigação da demografia em Moçambique e c) qual é o grau de preparação têm tanto os decisores como os políticos na análise da transição demográfica resultante do desenvolvimento de Moçambique.

Segundo Arnaldo (2003), a fecundidade é decomposta nos seus principais determinantes próximos (nupcialidade, infertilidade pós-parto, esterilidade e contracepção) e também pelos seus fatores socioeconômicos e culturais sobre cada um dos determinantes indicados.

Para dar corpo a esta tese, Arnaldo (2003) utilizou como base de informação os censos de 1980 e 1997, do Inquérito Demográfico de Saúde de 1997 (IDS).

Este trabalho desenvolveu-se a partir das análises bi-variadas e multi-variadas, elementos claros e fundamentais para desenvolver um trabalho na Escola Anglo-Saxônica que a Austrália segue no estudo geográfico. A quantificação dos fenômenos é o que dita a produção de conhecimento geográfico nesta Escola.

A Geografia em teses em Moçambique é verdadeiramente uma possibilidade afirmações entre sujeitos e agentes deste saber neste campo.

Nessa pequena análise de teses, destacamos ou melhor queremos terminar com duas teses, trabalhos que têm influenciado vários pesquisadores a seguirem pelo caminho da Geografia de Ensino (Educação), as teses das Professoras Rachael Thompson e Alice Freia.

A primeira defendida na Alemanha sob orientação do Professor Doutor Luduig Barth, com o título: *O estudo de Moçambique no ensino de Geografia da 5ª classe da escola moçambicana – uma contribuição para a estruturação do programa e a configuração do livro do aluno com vista ao processo de ensino-aprendizagem*, a tese como objetivo de contribuir para a melhoria da

qualidade e eficácia do ensino de Geografia na 5ª Classe, tendo como foco o desenvolvimento da personalidade de aluno.

Thompson (1990) traz em sua tese, a abordagem metodológica assente na pesquisa empírico-analítica e experimental, buscando verificar as concepções dos professores sobre o processo de ensino e aprendizagem, determinar as práticas de ensino e aprendizagem bem como experimentar um Programa e um capítulo sobre o Livro do Aluno.

Segundo Duarte, Mandala e Chundo (2009, p. 152), o estudo e avaliação da literatura resultaram na elaboração de um quadro teórico que não só contribuiu para o desenvolvimento de processo de ensino e aprendizagem, como também deu base teórica para o currículo no país.

Citamos, neste trabalho, que essa professora foi e tem ainda contribuído muito na gestão do setor de Educação, não só para Geografia.

Sua tese possibilitou um melhor entendimento de que os professores não são de forma exclusiva os agentes que detêm a fontes de informação, é o professor enquanto agente formado que deve possibilitar a mediação e compreensão teórica do ensino e da aprendizagem como um processo de tornar clara a multiplicidades da realização didática, de tal forma que a aplicação da teoria do ensino na prática seja facilitada para todos agentes (alunos e professores).

Com a tese intitulada: *A construção da Geografia escolar em Moçambique e o estatuto das figuras*, Professora Alice Freia teve a orientação do Professor Doutor Cristian Grataoup e juntos foram desenhando saberes na área didática da Geografia.

Freia (2006) desenvolveu uma tese cujo objetivo era compreender a partir da pirâmide etária e do gráfico termo pluviométrico, a Geografia escolar construída em Moçambique.

Nessa tese, Freia avança com uma abordagem dupla sob ponto de vista: visão histórica e didática.

Para Duarte, Mandala e Chundo (2009, p. 146) o primeiro ponto permitiu evidenciar as condições políticas gerais da introdução da Geografia escolar em Moçambique e situar os pontos de ruptura entre a evolução e as permanências desta disciplina escolar. O segundo ponto, indica que é importante ter se em conta a natureza do saber a ensinar, assim como ter uma base sobre os saberes do aluno e do professor.

Usando de caso de estudo, esta pesquisa desenvolveu se em 4 lugares (Beira, Maputo, Donde e Boane) entre 2004 e 2015.

Esta tese denuncia a falta de criação, adequação e atualização de figuras que são utilizadas na sala aula, passando desta forma a criar problemas de compreensão tanto para alunos bem como os professores.

As teses como um todo, apresentam uma preocupação com o processo de construção deste território que em 1975 se fez independente. A categoria território como já citamos se faz presente e permite uma interlocução com a questão do desenvolvimento regional, algo que acompanha o país desde 1975 e cresce bastante até os dias de atuais.

Estas duas teses e pesquisadoras são hoje em Moçambique a gênese e recurso de pesquisas de muitos estudos sobre a Ensino e Didática em Geografia.

Depois de aproximar se as teses aqui apresentadas e principalmente entendendo os centros de pesquisa, as dinâmicas que caracterizam as pesquisas e pesquisadores, emerge na atualidade uma preocupação em entender o local, suas cultura e peculiaridades muito delas que outrora foram negadas e invisibilizadas no ato de fazer ciência, o que leva hoje ao surgimento da Epistemologia do Sul na Geografia.

Ombe (2014) indica que é necessário introduzir e promover o paradigma da diversidade em Moçambique, esse paradigma pode ser resposta adequada ao atual cenário reducionista, por contrapor-se através de uma abordagem que, ao estudar territórios e grupos humanos, aprecie a riqueza de nuances das contribuições particulares para escalas cada vez mais alargadas.

O paradigma da diversidade tenta revitalizar a tradição da geografia desde os seus primórdios de estudar lugares, evidenciando as suas diferenças e vantagens comparativas. Qualquer região, por reduzida que seja, é geodiversa. A geodiversidade pode ser vista a diferentes escalas do local ao global e juntamente com a biodiversidade e a sociodiversidade constitui o suporte da cooperação internacional, incentivando o crescimento sustentável e a convivência pacífica entre diversos povos (OMBE, 2014, p. 15).

Este autor avança nesse texto com a forma de operacionalização do referido paradigma, propondo a caracterização dos espaços geográficos, expressos nos conceitos de *Geodiversidade*, *Biodiversidade* e *Sociodiversidade*, como forma de melhorar na caracterização da Geografia tradicional principalmente nos manuais de ensino.

É assim que a Geografia em Moçambique vai sendo feita, enquanto pesquisador fica claro que tem ainda na Geografia muito a ser estudado e o resultado disso tudo é certamente um caminho profícuo para construir essas várias leituras, conhecimentos e saberes que vão caracterizar no tempo e no espaço a Geografia em Moçambique. E isso não em si a existência de uma Escola.

## SÍNTESE DO TERCEIRO CAPÍTULO

O terceiro capítulo atende à materialização de três objetivos específicos desta tese que são: o primeiro, o terceiro e quarto. Uma análise de conteúdo das teses defendidas entre os anos de 1983 – 2016, pelos professores do Departamento de Geografia da UEM e UP, foi o que escolhemos para fazer a primeira pontuação sobre a epistemologia da Geografia em Moçambique e com isso, avançar na existência ou não de uma Escola de Geografia Moçambicana. Com a criação de pesquisas decorrentes de mestrados e doutorados resultantes do desenvolvimento da Pós-Graduação em Moçambique e em particular da Geografia, este cenário ajudará na sistematização dos vários produtos e saberes, possibilitando, assim um aprofundamento sobre a Escola. Em nosso entender, um caminho possível pode ser feito para estudar os saberes locais, a partir da Epistemologia do Sul na Geografia que é uma proposta construída no curso de Doutorado da UP, criado em 2014. Nossa pesquisa aponta sim à necessidade de fazer sempre esse debate e ir acompanhando os fatores que no desenvolvimento deste saber vão surgindo. Após análise das teses, um conceito ou categoria que podemos indicar como comum ou o que mais alimentou o debate teórico é o de território ou o da tríade TDR – Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização, uma característica forte para os países que buscam fazer uma Geografia entendida no contexto de formação do Estado Nação, preocupada em buscar um percurso próprio para avançar no desenvolvimento regional. Nesse percurso é visível a preocupação da academia em buscar seu caminho próprio, principalmente dando valor ao local, a cultura, isto é, as peculiaridades que podem servir para pensar e fazer Epistemologia do Sul na Geografia. Por terem ainda poucos doutores no campo científico da Geografia em Moçambique, não temos ainda pesquisas e temos que possibilitam continuidade nas práticas acadêmicas. Pra ter uma Escola, é necessário acima de tudo, ter estudos que reproduzem teórico e metodologicamente, coisa que em Moçambique não é visível, principalmente porque cada agente ou pesquisador buscar alimentar e construir seu percurso e daí virá seu capital científico. Logo não temos Escola em Moçambique.

## APONTAMENTOS FINAIS

“Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se forma ao ser formado. (...). Não há docência sem decência, as duas se explicam. (...). Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender ”

Freire (2000)

Sempre que pensamos em terminar esta pesquisa, vieram junto com esse pensamento várias possibilidades de não terminar este processo de investigação. Não escrevemos conclusão para deixar claro que sobre a Geografia em Moçambique só estamos a iniciar com o estudo, e o que pretendemos com esta parte do texto, principalmente com a temática aqui desenvolvida é deixar o que conseguimos apreender depois desse processo de pesquisa.

Então, o que podemos indicar como apontamentos finais são:

1. A Geografia em Moçambique é juvenil, pois nem 50 anos tem se olharmos como marco a sua institucionalização no ensino superior.

Ora, como não é usual fazer estudos de cunho histórico e epistemológico, foi bastante trabalho juntar material e seguir a rita com a metodologia que escolhemos para desenvolver es pesquisa. Acreditamos sempre que por ser jovem esse saber e Moçambique seria fácil também acompanhar os processos, ter acesso aos materiais de pesquisa, isto é, fazer as idas e vindas para pensar o rumo e os caminhos deste saber em Moçambique.

Daí mais uma vez é importante nossa pesquisa pois, ela servira de referência para as próximas pesquisas, tanto para continuar a narração desta história como também para fazer reparos a história que aqui narramos.

Durante os anos 1975 a 1990 foi possível verificar uma relação muito forte entre a Geografia e o Estado moçambicano, a Geografia, tomando dianteira para pensar e estruturar alguns processos que passaram a ser determinantes para o desenvolvimento desta Nova Nação que em 1975 se fez independente. Essa relação não tem muita diferença entre a Geografia e o Estado colonial português, daí podemos pensar que durante esse período (1975-1990) Moçambique esteve

num processo de criação de uma Escola de Geografia Nacional, isto é, a Geografia ditando o Sul da Nação, mas faltou a continuidade e estudos com mesmo conteúdo teórico e metodológico.

2. A Geografia em Moçambique nasce da Escola Francesa, passa pela Escola Russa e, na atualidade, com o aumento de vários profissionais com níveis de mestrado e doutorado, tem-se observado também uma vasta variedade de Escolas Geográficas, confluindo na Geografia em Moçambique.

Depois de vários cenários lidos e conhecidos por nós em que existem *Pais* dos saberes científicos, em Moçambique consideramos para a Geografia em Moçambique a existência de *Mães* para este saber, são elas as professoras: Maria Eugénia, Celeste Coelho e Clara Mendes. Foram estas três jovens, professoras, formadas em Portugal, que nos finais da década de 1960 e início da década 1970, iniciam e desenvolvem o projeto de formação de professores, professoras, geógrafas e geógrafos em Moçambique. Foi com elas que inicialmente se olha para o território moçambicano como início e fim da pesquisa na Geografia, indo até de contramão a proposta de currículo vigente naquele período.

Vários cenários e até momentos poderíamos usar para falar da Geografia em Moçambique, mas escolhemos o processo de formação, pois este nos possibilita entender várias dinâmicas que este saber científico protagonizou em Moçambique. Durante a pesquisa de doutorado em curso entendemos quão a história é importante para avançar, entender e fazer Pensamento Geográfico, sendo então, para nós, a História o primeiro passo para se chegar à História do Pensamento Geográfico, nosso desejo no futuro.

Apresentar estes elementos e fatos da forma como fizemos, faz com que a História da Geografia seja vista em Moçambique como uma possibilidade de estudar este saber. Esta linha de pesquisa permitiu-nos fazer um acompanhamento, seus avanços e recuos sem com isso fazer juízo de valor ao que estudamos.

Se indicamos as Mães, cabe espaço para falar de filhos, afinal em 1969 a Geografia nasce e vem crescendo até aos dias de hoje.

São vários os filhos deste saber, mas três são os que merecem destaque, nesta nota final os Professores: Aniceto dos Muchangos, Manuel de Araújo e Rachel Thompson. Estes três geógrafos de renome em Moçambique têm, de forma particular, contribuído para o desenvolvimento deste

saber. Devido à história quando falamos de gênese deste saber em Moçambique, muitos somente visualizam ou se lembram destes três moçambicanos, que, no nosso olhar, isso é, sem dúvida, a falta de conhecimento de história da Geografia em Moçambique e principalmente uma visão carregada nacionalismo.

Ora, por serem estes os mais conhecidos, muitos dizem ser também o Professor Manuel de Araújo o Pai da Geografia em Moçambique, mas em nossa pesquisa apontamos ser essa paternidade compartilhada com o Professor Aniceto dos Muchangos.

Não se questiona o que estes professores fizeram, fazem, e têm ainda feito para a Geografia, indicamos antes que Professor Manuel de Araújo tem um percurso que se fez entre os meandros da universidade (ensino), formando e produzindo material didático, daí muitos o conhecerem como Pai da Geografia em Moçambique.

Ora, nossa pesquisa, depois de seguir e juntar informações, indica para este título o Professor Aniceto dos Muchangos, principalmente pelo fato de ter sido ele quem, pela primeira vez, defendeu uma tese de Geografia. Por esse fato, este acadêmico teve um percurso profissional que o levou a trabalhar como governante e parlamentar, a Geografia sendo importante para governar.

Não fica de fora a Professora Rachel Thompson, a quem hoje podemos responsabilizar os estudos de Ensino da Geografia, a preocupação com a Didática na geografia, ensino e aprendizagem, fizeram e tem feito com que vários professores sigam esse sul e se preocupem com os saberes da Geografia na hora de formar professores e professoras, preocupação que tem reflexo na questão da Geografia na escola.

O aumento de objetos e assuntos de pesquisa têm possibilitado a Geografia em Moçambique um avanço e colocando este saber mais próximo das realidades moçambicanas, essa aproximação poder ser feita com estudos sobre a Epistemologia do Sul na Geografia, a cultura e local ganhando destaque nos estudos da Geografia, como indica Ombe (2014) em seu texto intitulado: *Moçambique Geodiverso: Por uma Geografia inclusiva no Ensino de Pesquisa*.

Já é possível verificar o aumento de pesquisadores fazendo seus estudos de mestrado, doutorado e até pós-doutorado, estudos, esses, que podem ser desenvolvidos em Moçambique, pois desde 2003 criou-se um Mestrado em População e Desenvolvimento na UEM, mais tarde em

2008 a UP criou o Mestrado em Ensino de Geografia e, em 2014, cria-se o primeiro curso de Doutorado em Geografia em Moçambique.

Quando iniciamos esta tese, já sinalizamos que deverá servir para o processo de formação de geógrafos e professores de Geografia, para tal, pensamos numa sequência didática para materializar esse processo de ensino e aprendizagem.

Dois princípios são fundamentais para isso: a) legitimidade e b) pertinência em relação a História da Geografia em Moçambique.

- a) Legitimidade - é o reconhecimento e análise de todos os saberes geográficos produzidos por moçambicanos ou não e que se debruçam sobre a Geografia em Moçambique;
- b) Pertinência - refere-se principalmente à eleição desses saberes e articular o processo de ensino e aprendizagem, por exemplo: a clarificação dos conceitos de História da Geografia e História do Pensamento Geográfico.

É nessa sequência didática que buscamos sempre apresentar uma estratégia na elaboração de caminhos para ensinar a Geografia em Moçambique.

3. Essa busca por caminhos não se faz somente importante na hora de ensinar, mas também na hora de construir o objeto de pesquisa que aqui estudamos. As metodologias usadas nesta tese foram os caminhos que facilitaram a aprendizagem.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2000), aprendemos quando equilibramos e integramos o sensorial, o racional, o emocional, o ético, o pessoal e o social.

Estes autores dizem ainda que aprendemos pelo interesse e pela necessidade, daí então, são importantes as metodologias que usamos nesta pesquisa, sendo elas: pesquisa documental, bibliográfica e entrevistas, pois, de forma dialética nos mostram que foi necessário e é interessante conhecer na Geografia em Moçambique.

Desde sempre indicamos que queríamos com este tecer metodológico (pesquisa documental, bibliográfica e entrevistas) apresentar uma proposta de metodologias para fazer estudos em História na Geografia. Acreditamos que nesta tese não o fizemos de forma cabal, pois, sendo para nós uma primeira experiência no uso e desenvolvimento de tais metodologias, não só as aplicamos como também aprendemos muitos delas, principalmente com as entrevistas e pesquisa documental.

4. Indicamos, como objetivo desta tese, apontar uma perspectiva da Geografia em Moçambique; por hoje é claro que estamos longe de ter uma Escola, mas não podemos deixar fora do nosso alcance de análise alguns cenários que podem ser fatores para entender este saber em Moçambique.

Podemos destacar nesses fatores o seguinte: o aumento de docentes com o título de doutor, de entre eles, doutores em Geografia.

A criação do curso de Doutorado em Geografia a ser desenvolvido na UP com um foco para pensar uma escola que valorize os saberes locais. Sem sombra de dúvida, algo que pode, sim, num futuro próximo determinar uma forma de fazer Geografia diferente dos moldes que são apresentados nos dias de hoje, é possível uma Geografia Moçambicana.

Uma linha de pesquisa que poderá dar corpo a essa é ideia é Epistemologia do Sul na Geografia. Este caminho pode ser resultado, primeiro da mudança dos parceiros na hora fazer Geografia em Moçambique. Nos últimos 10 anos, o Brasil passou a fazer-se presente na Geografia em Moçambique, por ser destino de formandos nos mestrados e doutorados (meu caso) e por ter também professores brasileiros que vão lecionar e desenvolver pesquisas em Moçambique e também principalmente pelo fato de vários processos de ensino e aprendizagem estarem a ser mediados por bibliografias brasileiras (autores brasileiros e ou traduções destes).

Ainda temos várias perguntas a fazer, ainda temos necessidade de ouvir várias respostas, sobre a Geografia em Moçambique daí achamos que seja necessário indicar o que poderá caracterizar nossa atuação como pesquisadores na Geografia em Moçambique.

- Reforçar a proposta da tese: estudar a Geografia a partir da história e epistemologia;
- Aumentar os objetos estudados para melhor entender epistemologicamente a Geografia em Moçambique;
- Identificar e estudar os outros agentes e produtores de saberes geográficos, pois a Geografia em Moçambique vai muito além dos saberes e conhecimentos produzidos na Universidade.

Nesses moldes e comprometido com a Geografia, alimentado com necessidade de quer saber mais, podemos dizer que temos na Geografia em Moçambique várias geografias e acima de tudo queremos conhece-las.

A última nota desta pesquisa tem a ver com a pergunta de partida e as hipóteses que nutriram a buscas e construção de informações e conhecimentos que aqui apresentamos.

Lembramos a pergunta de partida:

*Quais as percepções dos geógrafos e geógrafas na construção da Geografia nos períodos históricos e políticos de Moçambique e até que ponto pode-se pensar numa Escola de Geografia Moçambicana?*

Para responder a esta pergunta de partida elegemos duas hipóteses, que são:

H1- A falta de estudos e debates sobre a Geografia na perspectiva histórica e epistemológica, que resultaria na sistematização da Geografia em Moçambique, ofusca a percepção das geógrafas e geógrafos, mesmo tendo de forma implícita tais percepções em seus trabalhos científicos.

A presente tese, com o título *Geografia de Moçambique: um olhar para a história e epistemologia*, é a primeira na Geografia em Moçambique que traz como centro a abordagem histórica e epistemológica. Ora, isso não significa que o exercício das pesquisas e teses que apresentamos não fazem em si um exercício epistemológico.

Aliás, o exercício epistemológico esse é feito em todas as pesquisas, afinal, é com base nesse exercício que cada pesquisador indica suas referências teóricas e a partir disso avançar na pesquisa. É com base nisso que também indicamos em nossas pesquisas as áreas que caracterizam o saber geográfico em Moçambique (Regiões Naturais, População e Povoamentos e Ensino de Geografia) e também os agentes que vem com suas pesquisas dinamizando e dando sul a este saber (Aniceto dos Muchangos, Manuel de Araújo e Rachael Thompson).

H2- Embora haja crescimento qualitativo e quantitativo, demonstrados na forma de fazer a Geografia em Moçambique, o campo científico da Universidade Eduardo Mondlane e Universidade Pedagógica apresenta se distante de uma Escola de Geografia Moçambicana.

Para a criação ou surgimento de uma Escola, não basta que haja pesquisa, é necessário que essas pesquisas tenham o mesmo teor metodológico e teórico.

Essa similaridade das pesquisas é que vai fazer com haja continuidade na forma de fazer a Geografia em Moçambique.

Indicamos neste trabalho que os três geógrafos indicados anteriormente têm, já, em Moçambique, percussores. Entendemos que sejam percussores todos os pesquisadores que escolheram fazer em suas pesquisas nas três áreas acima indicadas. O que não aconteceu com nossa pesquisa, tornando ela única até ao momento de sua defesa.

Por ter a Geografia em Moçambique em várias pesquisas, ela torna-se mais distante desse projeto de criação ou surgimento de Escola.

São várias as percepções dos vários agentes em relação a Geografia em Moçambique e essas percepções variam também em cada período histórico e político que o país vivenciou e vem vivendo.

A partir disso, validamos as duas hipóteses que apresentamos nesta pesquisa e seguiremos estudando-as de modo a narrar a História da Geografia em Moçambique.

## REFERÊNCIAS

ALBERTO, S. A. **Estimativas de mortalidade adulta em Moçambique, 1987 a 2007**. Tese (Doutorado em Demografia) Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte. 169. 2003.

ALENTEJANO, P. R. R. & ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de Campo: **Uma ferramenta essencial para os Geógrafos ou um instrumento banalizado?** Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, Nº 84, P. 51-67, 2006.

ALMEIDA, A. A. M. (1988). A criação do ensino universitário em Angola e Moçambique. In: Africana - nº 3 (Setembro 1988), p. 9/144

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, M. M. Métodos e técnicas de pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Cap. 11, p. 129-136.

ARAÚJO, M. G. M. **O sistema das aldeias comunais em Moçambique: Transformações na organização do espaço residencial e produtivo**. Tese (Doutoramento em Geografia) Universidade de Lisboa. 1988.

ARAÚJO, M. G. M. **A investigação geográfica em Moçambique entre 1900 a 1975**. In: História e Desenvolvimento da Ciência e Portugal no Sec. XX. III Vol. Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa. 1992.

ARAÚJO, M. G. M. **A Geografia em Moçambique**. III Congresso da geografia portuguesa, Porto: Edições Colibri; Lisboa: Associação portuguesa de geógrafos, 1999.

ARAÚJO, M. G. M e RAIMUNDO, I. M. **A evolução do pensamento geográfico: um percurso na história do conhecimento da terra e das correntes e escolas geográficas**. Maputo. Livraria Universitária. 2002.

ARNALDO, C. **Fecundidade e seus determinantes próximos**. Tese (Doutorado em Demografia) Universidade Nacional da Austrália. 2003.

BARROS, J. A. Escola histórica, paradigma, matriz disciplinar – três conceitos para a teoria da história In: **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.3, n.2, agosto-2011.

- BERDOULAY, V. **A abordagem contextual**. Espaço e Cultura, n. 16, Rio de Janeiro, jul/dez, 2003, p. 47-56.
- BIKLEN, S. K, e BOGDAN, R. C. **Investigação qualitativa na educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.
- BOURDIEU, P. **Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. 311 p.
- BOURDIEU, P. **Lições da aula**. São Paulo: Ática, 1994.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155. (Grandes Cientistas Sociais, n.39)
- BOURDIEU, P. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Montessor, 2002.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Les Ediciones de Minuit. França. 1984.
- BOURDIEU, P. **As duas faces do Estado**. Jornal Le Monde Diplomatique Brasil, São Paulo, Jan. 2012, Ano 5, Número 54, p. 16-17.
- BOURDIEU, P. **Le champ scientifique** [Tradução de Paula Montero]. Actes de Ia Recherche en Sciences Sociales, n. 2/3, jun. 1976, 88 p.
- BRANDÃO, J. M. O “Museu de Geologia Colonial” das Comissões Geológicas de Portugal: contexto e memória. In: **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 184-199, jul - dez 2010.
- BRITO, L. **O sistema eleitoral: uma dimensão crítica da representação política em Moçambique**. In: Desafios para Moçambique. Org. Brito, L, Castel-Branco, C. N, Chivava, A, Francisco, A. IESE. MARIMBIQUE – CONTEÚDOS E PUBLICAÇÕES, LDA. 2010.
- BUQUE, S. L. **Conhecimentos docentes dos alunos da Licenciatura em Geografia da Universidade Pedagógica-Maputo**. (Tese Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais. 2013.
- CALLAI, H. C. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí, Unijuí,1988.
- CALLAI, H. C. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda a escola? **Terra Livre - Paradigmas da Geografia** Parte I, São Paulo: AGB, Número 16, p. 133-152, 1º semestre/2001.
- CAU, B. M. **Afiliação religiosa individual, contexto da comunidade religiosa e saúde em Moçambique**. Tese (Doutoramento em Sociologia) Universidade do Estado de Arizona. 2011.

CAVALCANTI, L. de S. **Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino.** In: CASTELLAR, Sonia (org.). Educação geográfica: teorias e práticas docentes. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, A. B. **Formação de quadros superiores moçambicanos em Portugal: trajetórias, identidades e redes sociais.** In: Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Estudos Africanos - IUL, Portugal. 2012.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143 – 159, 1998.

CLAVAL, P. **A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia.** In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: UFPR, 2009. p. 11-43.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia.** Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1995.

CRUZ, V. C. **A teoria como caixa de ferramentas': reflexões sobre o uso dos conceitos na pesquisa em geografia.** In: X ENANPEGE - Encontro Nacional Da Associação Brasileira De Pós-Graduação e Pesquisa Em Geografia, 2013, CAMPINAS -SP. Anais. 2013, p. 4454-4466.

COSTA, A. B. **Formação de quadros superiores moçambicanos em Portugal: trajetórias, identidades e redes sociais.** In: Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Estudos Africanos - IUL, Portugal. 2012

DGEDGE, G. S. **O risco de inundações no Baixo Limpopo (Moçambique).** Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) Universidade de Alcalá – Madrid. 2004.

DOMINGUES, J. L. **O cotidiano da escola de 1º grau: o sonho e a realidade.** Tese (Doutorado em Educação) Universidade Católica de São Paulo – São Paulo. 1985.

DORTIER, J. **À propos de Méditations Pascaliennes.** Sciences Humaines, p. 54-57, 2002. (Numero Spécial — Pierre Bourdieu).

DUARTE, S. M.; MANDALA, S. D.; CHUNDO, D. M. (Org). **Tendências da pesquisa em Geografia: os trabalhos de conclusão de curso na Universidade Pedagógica em Maputo 1989-2007.** Maputo: Educar, 2009.

DUBET, F. **Le sociologue de l'éducation.** Magazine Littéraire, Paris, n. 369, p. 45-47, oct. 1998.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

FERREIRA, J. **Estudo exploratório sobre a construção de hipóteses: entre o método e os contextos de produção.** Líbero, São Paulo, v. 14, p. 79-92, 2011

FRANÇA, V. R. V. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (Org). **Teorias da comunicação: escolas, conceitos, tendências.** Petrópolis: Vozes, p. 39-60. 2001.

FREIA, A.C.B. **A construção da geografia escolar em Moçambique e o estatuto das figuras.** Tese (Doutoramento em Educação) Universidade Paris 7. 2006.

FREIRE, I.M. **Informação; consciência possível; campo.** Um exercício com construtos teóricos. *Ciência da Informação* – vol. 24 (1). 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 2000.

FROLOVA, M. **A paisagem dos geógrafos russos: a evolução do olhar geográfico entre o século XIX e XX.** R. RA'EGA. Curitiba, n. 13, p. 159-170. Editora UFPR, 2007.

FROLOVA, M. Los orígenes de la ciencia del paisaje en la geografía rusa. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.* v. 5, n. 102, dez 2001. Disponível em:< <http://www.ub.es/geocrit/sn-102.htm>>. Acesso e setembro de 2016.

GERDES, P. **Mil e tantas teses de doutoramento de moçambicanos ou sobre Moçambique.** Academia de Ciências de Moçambique, Maputo, Moçambique (Fevereiro 2011) 3ª Edição: Maio 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. A abordagem qualitativa oferece três diferentes possibilidades de se realizar pesquisa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. In: **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29. 1995.

GOODLAD, J. I et al. **Curriculum inquiry: the study of curriculum practice.** New York: McGraw Hill.1979.

GOTTMAM, J. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia,** v. 2, n. 3. Traduzido de versão publicada no periódico *Social Science Information,* v. 14, n. 3, ago. 1975, p. 29–47. Tradução: Isabela Fajardo e Luciano Duarte. Revisão: Fabricio Gallo. 2012.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.** 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

- HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte MG. Ed. UFMG. 2002.
- HISSA, C. E. V. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte-MG. Ed. UFMG. 2013.
- KAERCHER, N. A. **A Geografia é o nosso dia-a-dia**. In: CASTROGIOVANNI, A. C, et al. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. Porto Alegre, Editora da Universidade. UFRGS, 1999.
- KELLY, A. V. **O currículo: teoria e prática**. São Paulo: Harbra. 1981.
- KROPF, S.P. & FERREIRA, L.O. **A prática da ciência: uma etnografia no laboratório**. História, Ciências, Saúde. vol. IV (3). p. 589-97. 1998.
- KUHN, T. **A Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003 [The Structure of Scientific Revolutions. Chicago: University of Chicago Press, 1962].
- KUHN, T. **As ciências naturais e as ciências sociais**. In: O Caminho desde a Estrutura. São Paulo: Unesp, 2006, p.265-273.
- KUHN, T. **The copernican revolution**. Cambridge Mass: Harvard University Press, 1957.
- LACEY, H. **Valores e atividade científica**. São Paulo: Discurso Editorial. 1998.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1991.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.
- LIMA, J. C. **Conflitos entre sabres na urbanização: as tradições das comunidades e o planejamento territorial no município de Mocuba**. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Pedagógica – Moçambique. 2016.
- MALTA, S.C.L. Uma abordagem sobre currículo e teorias afins visando à compreensão e mudança. In: **ESPAÇO DO CURRÍCULO**, v.6, n.2, p.340-354, Maio a Agosto de 2013.
- MANDALA, S. D. **Análise da degradação ambiental por erosão hídrica de solos na bacia hidrográfica do rio Lifidzi no planalto de Angónia: contribuição metodológica para Moçambique**. Tese (Doutorado em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. 2016.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática. (Série Princípios). 1986.
- MARRE, J. A. L. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Cascavel: Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 1991.

- MATOS, E. A. C de. **Desterritorialização e reterritorialização das comunidades atingidas pela exploração do carvão mineral em Moatize, Moçambique**. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre:295 f. 2016.
- MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MONDLANE, E. **Lutar por Moçambique**. Trad. Maria da Graça Forjaz., 1ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1975.
- MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hicitec, 1987.
- Moraes A. C. R. Geografia, História e História da Geografia », **Terra Brasilis** [Online], 2 | 2000.
- MORAN, J. M.; e MASETTO, M.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.
- MOREIRA, M. E. S. de A. Memórias (ou lembranças?) do Curso de Geografia da Universidade de Lourenço-Marques (1969-1975). In: **Revista de Estudos Ibéricos – Iberografias**. n.13, Ano XIII. Centro de Estudos Ibéricos. 2017.
- MOREIRA, A. F; SILVA, T. T. (Org) **Currículo, cultura e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Cortez. 2001.
- MOREIRA, R. **O que é geografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- MOREIRA, R. **Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na teoria e na prática geográficas**. São Paulo. Ed. Contexto. 2012.
- MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. Editora Contexto. 2006.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MURCHO, D. Epistemologia, teoria do conhecimento e filosofia da ciência. In: **Crítica**. 2004. Acesso em: 22 de Junho de 2016.
- MORIN, E. **Pensamentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MUANAMOHA, R. C. **Dinâmica moçambicana da migração laboral indocumentada na África do Sul**. Tese (Doutorado em Demografia) University of Kwazulu-Natal. 2008.

- MURCHO, D. Epistemologia, teoria do conhecimento e filosofia da ciência. In: **Crítica**. 2004. Acesso em: 22 de Junho de 2016.
- OMBE, Z. A. **Mudança ambiental no centro-sul de Chibuto, no sul de Moçambique (1965-2000)**. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) University of the Witwatersrand. 2006.
- OMBE, Z. A. Moçambique geodiverso: por uma geografia inclusiva no ensino e na pesquisa. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo, v. 10, n. 1, p. 2-16, jan/jun. 2014.
- ORTIZ, R.(Org). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água. p. 39-72. 2003
- PASSOS, M. M. **Paisagem e meio ambiente (Noroeste do Paraná)**. Maringá: Eduem, 2013.
- PASSOS, M. M. **A raia divisória: geosistema, paisagem e eco-história**. Maringá: Eduem, 2006- 2008.
- PASSOS, M. M. **A raia divisória: eco-história da raia divisória**. 1. ed. Maringá/Paraná: EDUEM, 2007. v. 500. 310p.
- PASSOS, M. M. **Biogeografia e paisagem**. -2 ed.-Maringá: [s.n.], 2003.
- PENAS, M. C., FISTEOS, L. R., RÍO, J. V. A revolução dos cravos. In: **Intres divulgativos**. 2007. Acessado em: <http://centros.edu.xunta.es/iesdemelide/webantiga/intres07b/p24-25.pdf>
- PORTUGAL. **Decreto Lei n° 46 550**. Boletim Oficial de Moçambique. Legislação da República, 2 de Outubro de 1965.
- PORTUGAL. Ministério da Educação Nacional. **Decreto n° 37 087**. Diário do Governo. I Série- Número 233, 6 de Outubro de 1948.
- PORTUGAL. Diário oficial. **Decreto Lei n. 44 530 de 21 de Agosto de 1962**.
- PORTUGAL. Diário oficial. **Decreto Lei n. 45180 de 5 de Agosto de 1963**.
- PORTUGAL. Diário oficial. **Decreto Lei n. 44 530 de 20 de Junho de 1969**.
- PREMUGY, C. I. C. **Colectânea de Legislação do Ensino Superior**. Ministério da Educação. 2012
- RAIMUNDO, I, M. **Gênero, escolha e migração: dinâmica doméstica e urbanização em Moçambique**. Tese (Doutoramento em Migração) University of the Witwatersrand. 2009
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROSÁRIO, L. J.C. Universidades moçambicanas e o futuro de Moçambique. In: **Revista Ensino Superior**. Unicamp - n 47 o 10 - julho-setembro.46-55p. – 2013.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SANTOS, B. S. A crise e a reconstituição do estado em Portugal (1974-1984). In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Número 14. Novembro – 1984.

SANTOS, M. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. O papel ativo da geografia: um manifesto. **Rev. Território**. LAJET/UFRJ, ano V, n. 9, jul./dez. 2000.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M. SOUZA, M. A. de; SILVEIRA, M. L. (Org). **Território: globalização e fragmentação**. 5. ed. Editora Hucitec – ANPUR. São Paulo: 2002.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

SILVA, T. T. **Teorias do currículo: uma introdução crítica**. Porto: Porto Editora. 2000.

SOBRINHO, A. de S. O “meu” curso de Geografia na Universidade de Lourenço Marques (1972/73-1974/75). In: **Revista de Estudos Ibéricos – Iberografias**. n.13. Ano XIII. Centro de Estudos Ibéricos. 2017.

SPOSITO, E. S., SOBREIRA, A. E. G. **Caminhos do pensamento geográfico**. UNESP/GESP. 2011. In: [http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40348/3/2ed\\_geo\\_m1d1.pdf](http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40348/3/2ed_geo_m1d1.pdf). Acessado em julho de 2016.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: EDUNESP, 2004.

SPOSITO, E. S. LANGE, J. M. R. C. JACINTO, R. Institucionalização, ensino e investigação da Geografia em Moçambique. In: **Revista de Estudos Ibéricos – Iberografias**. n.13. Ano XIII. Centro de Estudos Ibéricos. 2017.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço Geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova**. n. 93, 15 de julho de 2001.

SULZBACHER, A. W. **Política, Território, Poder e a Agroindustrialização em assentamentos de reforma agrária no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. 240p. 2015

TAÍMO, J. U. **Ensino Superior em Moçambique: História e Gestão**. 2010. 229f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Ciências Humanas. Universidade de Piracicaba, São Paulo, Piracicaba, 2010.

THIRY-CHARQUES, H, R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. In: **RAP Rio de Janeiro** 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006.

THOMPSON, R. E. **O estudo de Moçambique no ensino de Geografia da 5ª classe da escola moçambicana – uma contribuição para a estruturação do programa e a configuração do livro do aluno com vista ao processo de ensino-aprendizagem**. Tese (Doutorado em Educação) Pädagogische Hochschule Karl Wander, Dresden, Germany. 1990.

THOMPSON, R. E. **Reflexões sobre o ensino de geografia em Moçambique**. (Palestra proferida a GAM – Associação dos Geógrafos de Moçambique. 29 de Maio - 2007.

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE. **Catálogo de graduação e pós-graduação**. 2007.

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE. **Proposta de programa mínimo de didáctica de geografia**. Maputo, 1979.

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE. Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Departamento de Geografia. **Curso de Geografia. 1º ciclo**. Maputo, 2010.

UNIVERSIDADE DE LOUENÇO MARQUES. **Prospecto Geral**. 1969/1970.

UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA. **Direção Pedagógica. Relatório do desempenho pedagógico**. Maputo, UP, 2012.

UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA. **Plano Estratégico da Universidade Pedagógica 2011-2017**. Maputo: Imprensa Universitária (IUP). 2010.

UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA. **Plano Curricular do Curso de Licenciatura em Ensino de Geografia com Habilitação em Ensino de Turismo ou em Ensino de História**. Maputo.2009.

UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA. **Plano Curricular do Curso de Licenciatura em Ensino de Geografia**. Maputo. 2014

VANDENBERGHE, F. "The real is relational"; an epistemological analysis of Pierre Bourdieu's generative structuralism. **Sociological Theory**, v. 17, n. 1, p. 32-67, Mar. 1999.

WEBER, M. **Sobre a Teoria das Ciências Sociais**. São Paulo: Moraes, 1991.

YAMAMOTO, M. P; ROMEU, S. A. Currículo: teoria e prática. In: D'ANTOLA, A. (Org.) **Supervisão e Currículo**. São Paulo: Pioneira. (1983).

## APÊNDICES

### 1. Roteio de Entrevista

#### Roteiro de entrevista para Professores

1. Se aproxima o quinquagésimo aniversário da institucionalização da geografia em Moçambique, em primeiro lugar, gostava de saber como se deu contato entre o Professor(a) e a Geografia.
2. Nesse tempo, que marcos poderiam ser indicados para falar da Geografia de /em Moçambique?
3. Quem é que poderia ser indicado como fundamental para Geografia de Moçambique e por quê? Obras e autores, poderia destacar alguns e dizer a razão?
4. Como definiria a Geografia hoje, a partir das realidades Moçambicanas.
5. A Geografia como ciência em Moçambique está estática ou está em constante dinamismo (sob o ponto de vista de ensino, pesquisa e extensão universitária), por quê?
6. Diante desse cenário (pouca pesquisa) podemos falar de uma Escola de Geografia Moçambicana, por quê?
7. Quais são as principais áreas de pesquisa (Geografia de Moçambique) conceitos e com que abordagens são usadas para trabalhar esses conceitos?
8. A Geografia quase sempre esteve ligada ao poder Administrativo e de Governação, qual é o cenário hoje em Moçambique.
9. A GAM (Geógrafos Associados de Moçambique) é hoje uma realidade, é membro da GAM, como entende a sua atuação?
10. Pode falar um pouco sobre como vê o intercâmbio de debates entre geografia, ciências sociais e outras ciências?
11. O que conhece da Geografia ou de obras sobre o ensino de Geografia de outros países?

## 2. Termos de Autorização

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Rosita Alberto, depois de entender a conjuntura que a pesquisa de Doutorado intitulada **Geografia de Moçambique: um olhar para a história e o pensamento geográfico** poderá trazer e, entender os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, os pesquisadores **Me. José Maria Inga** e **Prof. Titular Eliseu Sposito** a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, como por exemplo: revistas científicas, congressos, jornais e livros;
3. minha identificação poderá ser revelada na publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 3 anos, sob a responsabilidade dos pesquisadores da pesquisa, e após esse período, serão destruídos
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Maputo, 08/ julho de 2015

Rosita Alberto  
Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Beaventim A, depois de entender a conjuntura que a pesquisa de Doutoramento intitulada **Geografia de Moçambique: um olhar para a história e o pensamento geográfico** poderá trazer e, entender os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, os pesquisadores **Me. José Maria Inga e Prof. Titular Eliseu Sposito** a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, como por exemplo: revistas científicas, congressos, jornais e livros;
3. minha identificação poderá ser revelada na publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 3 anos, sob a responsabilidade dos pesquisadores da pesquisa, e após esse período, serão destruídos
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Maputo, 13 de Agosto de 2015

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

Jose Maria Inga

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

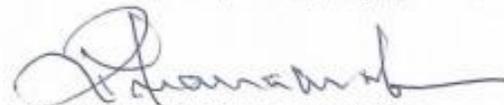
Eu, Zuzi Pharamola, depois de entender a conjuntura que a pesquisa de Doutorado intitulada **Geografia de Moçambique: um olhar para a história e o pensamento geográfico** poderá trazer e, entender os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, os pesquisadores **Me. José Maria Inga e Prof. Tutular Eliseu Sposito** a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, como por exemplo: revistas científicas, congressos, jornais e livros;
3. minha identificação poderá ser revelada na publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 3 anos, sob a responsabilidade dos pesquisadores da pesquisa, e após esse período, serão destruídos
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Maputo, 14 de Agosto de 2015

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do Pesquisador Responsável



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, INÊS RAIMUNDO, depois de entender a conjuntura que a pesquisa de Doutoramento intitulada **Geografia de Moçambique: um olhar para a história e o pensamento geográfico** poderá trazer e, entender os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, os pesquisadores **Me. José Maria Inga e Prof. Tutular Eliseu Sposito** a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, como por exemplo: revistas científicas, congressos, jornais e livros;
3. minha identificação poderá ser revelada na publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 3 anos, sob a responsabilidade dos pesquisadores da pesquisa, e após esse período, serão destruídos
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Maputo, 16/07 de 2015

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

## 2.1.Termo de Autorização Corrigido

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, STELA MITHA DUARTE, depois de entender a conjuntura que a pesquisa de doutoramento intitulada: Geografia de Moçambique: um olhar para história e epistemologia, **AUTORIZO**, os responsáveis desta pesquisa, **Me. José Maria Langa** e o **Professor Titular Eliseu Savério Sposito** a realizar gravação de voz, nos seguintes termos:

Esta autorização foi concedida mediante o compromisso do pesquisadores acima citados garantirem as seguintes condições:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. As informações resultantes da gravação serão para gerar conhecimento decorrente da tese em desenvolvimento, revistas científicas, congressos, jornais e livros;
3. Minha identificação poderá ser revelada nas publicações indicadas antes;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações, poderá ser feita mediante minha autorização;
5. As informações produzidas nesta entrevista poderão ser no final desta pesquisa oferecidas ao Arquivo Histórico de Moçambique, e outros Arquivos afins para garantir que a história permaneça;
6. Serei livre para interromper minha participação na entrevista e ou solicitar a posse da gravação e a referida transcrição.

Maputo, 05 de Outubro de 2017

Assinatura do Entrevistado(a)

Stela Duarte

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

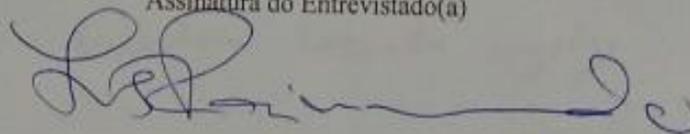
Eu, INES RAIMUNDO, depois de entender a conjuntura que a pesquisa de doutoramento intitulada: Geografia de Moçambique: um olhar para história e epistemologia, AUTORIZO, os responsáveis desta pesquisa, **Me. José Maria Langa** e o **Professor Titular Eliseu Savério Sposito** a realizar gravação de voz, nos seguintes termos:

Esta autorização foi concedida mediante o compromisso do pesquisadores acima citados garantirem as seguintes condições:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. As informações resultantes da gravação serão para gerar conhecimento decorrente da tese em desenvolvimento, revistas científicas, congressos, jornais e livros;
3. Minha identificação poderá ser revelada nas publicações indicadas antes;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações, poderá ser feita mediante minha autorização;
5. As informações produzidas nesta entrevista poderão ser no final desta pesquisa oferecidas ao Arquivo Histórico de Moçambique, e outros Arquivos afins para garantir que a história permaneça;
6. Serei livre para interromper minha participação na entrevista e ou solicitar a posse da gravação e a referida transcrição.

Maputo, 02/ outubro de 2017

Assinatura do Entrevistado(a)



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Gustavo Sabrinho Dgedge, depois de entender a conjuntura que a pesquisa de doutoramento intitulada: Geografia de Moçambique: um olhar para história e epistemologia, AUTORIZO, os responsáveis desta pesquisa, **Me. José Maria Langa** e o **Professor Titular Eliseu Savério Sposito** a realizar gravação de voz, nos seguintes termos:

Esta autorização foi concedida mediante o compromisso do pesquisadores acima citados garantirem as seguintes condições:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. As informações resultantes da gravação serão para gerar conhecimento decorrente da tese em desenvolvimento, revistas científicas, congressos, jornais e livros;
3. Minha identificação poderá ser revelada nas publicações indicadas antes;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações, poderá ser feita mediante minha autorização;
5. As informações produzidas nesta entrevista poderão ser no final desta pesquisa oferecidas ao Arquivo Histórico de Moçambique, e outros Arquivos afins para garantir que a história permaneça;
6. Serei livre para interromper minha participação na entrevista e ou solicitar a posse da gravação e a referida transcrição.

Maputo, 6 de outubro de 2017

Assinatura do Entrevistado(a)

Gustavo Sabrinho Dgedge

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, RAMOS CARDOZO RUANAMOHA, depois de entender a conjuntura que a pesquisa de doutoramento intitulada: Geografia de Moçambique: um olhar para história e epistemologia, **AUTORIZO**, os responsáveis desta pesquisa, **Me. José Maria Langa** e o **Professor Titular Eliseu Savério Sposito** a realizar gravação de voz, nos seguintes termos:

Esta autorização foi concedida mediante o compromisso do pesquisadores acima citados garantirem as seguintes condições:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. As informações resultantes da gravação serão para gerar conhecimento decorrente da tese em desenvolvimento, revistas científicas, congressos, jornais e livros;
3. Minha identificação poderá ser revelada nas publicações indicadas antes;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações, poderá ser feita mediante minha autorização;
5. As informações produzidas nesta entrevista poderão ser no final desta pesquisa oferecidas ao Arquivo Histórico de Moçambique, e outros Arquivos afins para garantir que a história permaneça;
6. Serei livre para interromper minha participação na entrevista e ou solicitar a posse da gravação e a referida transcrição.

Maputo, 05 de Outubro de 2017

Assinatura do Entrevistado(a)

*Ramos Cardoso Ruana Mocha*

### 3. Transcrição das Entrevistas

Universidade Eduardo Mondlane  
Centro de Análises Políticas  
Maputo, Novembro de 2015

#### Entrevista com Professor Manuel de Araújo

P - Eu já estou a gravar professor (já estas a gravar, isso não é para gravar) (risos) (não é para gravar professor (é para gravar o que eu vou responder, primeira pergunta tem a ver com) professor, eu comecei, sim, por causa de estar a trabalhar com a história, com a história da Geografia de Moçambique (sim) a primeira coisa que fiz, foi fazer um recuo e olhar para o tempo mesmo (sim) estamos quase com 50 anos do início da Geografia na UEM, desde 1969 (na UEM não, na Universidade Lourenço Marques) obrigado professor na Universidade Lourenço Marques, sim, já vão 50 anos, a primeira coisa é perceber com o professor, até para descontraír um pouco nesta nossa conversa, qual foi o primeiro contato que o professor teve com a geografia.

E – Olha, o primeiro contato que eu tive com a Geografia, com a Geografia, foi na Universidade Lourenço Marques, em 1966, 66 ou 67, 66, 67, naquilo que se chamava de curso de curso, era uma espécie de curso de formação de professores, desses de segundo grau, oitava, que havia, que não era propriamente de geógrafas mas era de professores de Geografia, esse foi meu primeiro contato, que havia na Universidade Lourenço Marques, mas em 68, 69, já com discussões no ano anterior, abriu-se o Bacharelato de Geografia, no qual eu entrei (sim) eu e outros, com duas Professoras portuguesas, foram elas que realmente começaram, não só a formação de Geografia mas também a pesquisa. Foi a Professora Maria Eugénia e a Professora Celeste (Coelho) Coelho, mas no ano seguinte juntou a ela a professora Clara, Clara Mendes, que ainda hoje temos estudos da Cidade de Maputo, que ainda hoje é de referência, que ainda hoje é de referência, depois, desse grupo, do primeiro grupo de estudante que eu fiz parte de Geografia, em 68, no ano letivo 68 e 69, eu fiz parte desse grupo que terminou, no ano letivo de 70/71 três anos, em Moçambique não ficou ninguém, porque eram todos brancos, com, antes disso, quando acabei o Bacharelato, aqui não havia Licenciatura ainda, porque na realidade foi na altura em que os Estudos Gerais Universitários de Moçambique, passaram para Universidade Lourenço Marques, (Lourenço Marques) então havia Bacharelato e eu fiz uma opção, fomos dois que fizemos uma opção e dois nos mantivemos ficar, dois, um de Geografia e uma de História, Geografia eu, Araújo e História Olga Iglesias, fizemos uma opção, vamos fazer a Licenciatura então fui para Lisboa fazer a Licenciatura (mas aí, professor era opção dos estudantes pra continuar o curso ou) opção, opção pessoal, não havia bolsas, não havia nada (ok) não havia, porque a situação política já estava nessa altura a ficar (tensa) tensa e havia risco, principalmente para as pessoas que tinham ligações com a Associação Académica de Moçambique (sim) foi minha opção, foi a minha custa, minha mulher, enquanto eu estudava trabalha, minha mulher, acabava o curso de medicina, ela acabou o curso de medicina eu acabei o Bacharelato e prontos, foi um opção, eu vou a Lisboa, a nossa custa e acabei a minha Licenciatura e regresssei a Moçambique com o 25 de Abril, deu-se o 25 de Abril eu estava em Lisboa, acabava de terminar a Licenciatura (ainda bem professor) como (ainda bem) não tinha cá mulher e filhos, e disse vamos para Moçambique, cheguei em Moçambique em 74 em agosto de 74, e comecei a estabelecer os contatos, e estabeleci contatos com Graça Machel, para, porque inclusivamente onde eu estive a estudar, em Lisboa ela também esteve, antes de ir para Tanzânia, França, Argélia, Tanzânia, estava na mesma Universidade

em que eu estava, só que ela estava na área de linguística, Literatura, só que na mesma universidade (sim) e através da Graça Machel eu concorri, para docente da Universidade Lourenço Marques, com um grande apoio das minhas antigas professoras Eugénia e Celeste, tinha acabado, então em 74, finais de 74 novembro de 74, vai fazer agora, 74, quantos anos, estamos agora em 2015, 41 não é (é 41) 41 anos, eu entrei como assistente contratado para o quadro, na Universidade de Lourenço Marques, estávamos num momento de polvorosa, havia um grupo de estudantes de Geografia, comecei a trabalhar com a Celeste e com a Eugénia e com a Clara Mendes, a darmos aulas ao grupo de Geografia, da qual, de que fazia parte Aniceto dos Muchangos e Rachael Thompson, foram uns dos meus primeiros alunos a partir daí, as coisas precipitaram se bastante, houve 7 de Setembro, houve Governo de transição, etc. Chega Fernando Ganhão, tem um encontro conosco na baixa, onde agora é arquivo da FRELIMO, por trás da Fortaleza, num edifício que por trás da Fortaleza, onde é arquivo da FRELIMO, na baixa, no primeiro andar funcionava História no segundo andar funcionava Geografia, e recebemos aí Fernando Ganhão, que vinha para centrar se na Universidade por parte do Governo de Transição e depois passamos alguns meses, penso eu em Janeiro de 75, passa para Reitor. Com o governo de Transição eu comecei como docente na Universidade Lourenço Marques sem precisar os meses, a Universidade passou a ser Universidade de Maputo deixou de ser Universidade Lourenço Marques e passou a ser Universidade de Maputo, por isso eu costumo dizer que, sem mudar de Universidade eu fui docente de 3 Universidades (risos) trabalhei na Universidade Lourenço Marques, Universidade de Maputo e Universidade Eduardo Mondlane, e nessa altura, eu também me lancei para escrever uma primeira Geografia de Moçambique, que chamei, Pequena monografia, tenho exemplares, Pequena Monografia Geográfica de Moçambique, coisa assim de género, que durante muito tempo, foi por ótimos pecados, bíblia dos estudantes, do que é equivalente a 5ª e 6ª classes do que era a Geografia de Moçambique, que comecei em 75 mas saiu em 75, foi editada pelo Notícias até, também nessa altura se juntou a nós, uma outra geógrafa Moçambique que era formada em Portugal mas que era moçambicana da Ilha de Moçambique, a Isabel Coelho, também era Coelho, mas era Isabel Coelho e no ano de 75 começamos a discutir com Graça Machel, como os estudantes da Universidade que na maioria em eram portugueses e foram todos embora a Universidade ficou esvaziada em termos de estudantes, naquela passagem à medida que ia se aproximando a data da independência ela se esvaziava e começamos a discutir com a Graça Machel e com Teresa Veloso, ela estava, trabalhava com Graça Machel no Ministério, da necessidade para formar professores, porque estavam todos a ir embora, começamos a ficar sem professores a nível do ensino secundário mesmo, e em 75 eu participo na criação do primeiro curso de formação de professores, eu essa Celeste Coelho, com a colaboração digamos assim, institucional da Graça e da Teresa Veloso, Graça Machel e Teresa Veloso cria se o primeiro curso de formação de professores de História e Geografia, não foi, o máximo em 78 que criou o curso de formação de professores (risos) o curso de formação de professores, está, existem as provas e existem as pessoas que foram formadas nesses curso, e assim, nós conseguimos, não deixar morrer a formação em estudos de História e Geografia, porque era um período em que a Universidade na altura de Maputo teve que tomar, porque ainda era de Maputo, só mais tarde é que passou a ser Universidade Eduardo Mondlane, em Maio de 76 se não me engano. A Universidade de Maputo, tinha que, o Ganhão teve que tomar, o Reitor na altura teve que tomar, tinha que tomar decisões, com os poucos alunos que tinham, fazer o quê, fechar a Universidade, Samora Machel foi sempre contra fechar a Universidade, apesar de ter havido muitas pressões, ele e o Fernando Ganhão foram sempre contra fechar a Universidade, não a Universidade tem que manter aberta, inclusivamente ele dizia onde não há alunos, fazem pesquisa, fazem investigação os poucos docentes que existem, maior parte portugueses ainda, na altura quem éramos os moçambicanos que ficamos nessa fase 75, 76, Carmo Vaz, eu, (...) Narciso Matos, depois entrou o Lobo, as duas mãos chegam para contar todos docentes (moçambicanos) moçambicanos que se afirmavam como moçambicanos na altura, haviam outros portugueses que se mantiveram aqui muitos anos, como Tarbácio Dias, mas outros, afirmavam se como

portugueses mas ficaram cá, aquela cooperação que se estabeleceu ao longo do Governo de Transição, depois veio continuar se, se mantiveram, algum esvaziamento muito grande. E a Geografia começa com estes contornos todos, e com aquele grupo, daquele grupo que foram os meus primeiros estudantes, como dois eram moçambicanos, ditos de gema (risos) um negro um mulato, um negro e outro mulato, que era o Aniceto e a Rachael Thompson, imediatamente que eles acabaram foram absorvidos para ficarem como assistentes, porque eles acabaram em 75/76 e entretanto começou se a os primeiros estudantes, para o curso de formação de professores de História e Geografia (então, parou, teve a primeira fase que teve o Bacharelato) o Bacharelato (é interrompido) é interrompido e depois, não há alunos, acabam aqueles alunos com a Rachael e, então cria se (o curso de formação de professores de História e Geografia) porque fecharam se os cursos, não haviam estudantes (sim) e todos os cursos de ciências, letras, letras, ciências, direito, o Ganhão fechou, Biologia, Geologia, tinham tudo ficou fechado, só ficou a funcionar as Engenharias, a Medicina e mais nada, os alunos que quisessem vir para a Universidade, aqueles poucos que vinham do ensino secundário moçambicanos, iam para (Medicina e Engenharias) Medicina ou para Engenharias, nós criamos essa ideia, tivemos essa ideia, foi ideia que vem a ser pela Graça Machel na altura a responsável pela Educação e punha problemas, como e que vamos fazer, como é que vamos recrutar esses estudantes, muita fácil, os estudantes tem que ter ensino secundário completo, não interessa, de que área do ensino secundário, na altura era mais fácil porque as alíneas, etc, manda-se para as províncias, uma nota dizendo que a província em que encontrar dois estudantes com estas características para mandar, cada província tem que manda dois, então cada província mandou dois e os resultados não foram tão como isso, ainda está, Ebenisário Chonguiça, ainda está Dionísio Cherewa, ainda está, Alberto da Barca (Dionisio Cherewa o que está na ANAMM) sim (é geógrafo) é geógrafo pois, mas começou nesse curso de formação de professores (...) de Nampula, Ebenisário Chonguiça veio de Maputo, Alberto da Barca veio da Beira, Leonel Lopes veio da Beira (então receberam, a primeira turma foi de basicamente) eram dois de cada província 20, das províncias eram 20, Tircio Santos, que agora está na UNESCO, é desse grupo, e esse curso de formação de professores, era, e cumpriu, curso de dois anos de formação, estando internos, aqui junto ao instituto industrial, ali ao lado agora é casa de padres ou freiras (sim) aquilo, na altura, tudo o que eram padres e feiras foi empurrados, foram para e ficar internos, quem tomava conta deles era uma brasileira chamada Mariusa já faleceu em São Paulo, tinha vindo da Luta Armada começado em Dar Es Salaam, com a FRELIMO, trabalhava com a Graça e a Graça colocou lhe a tomar conta dos meninos, e fizeram dois, fim dos dois anos, dar aulas (voltar pra) dar aulas nas suas províncias (ok) durante dois anos (depois) ao fim de dois anos todos regressaram, é verdade que todos não conseguiram fazer a Licenciatura, mas Ebenisário Chonhiça fez a Licenciatura, Leonel Lopes fez a Licenciatura, a Ebenisário fez, a Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, o Leonel Lopes, fez Licenciatura e Mestrado, Dionísio Cherewa fez Licenciatura e Mestrado, Tírcio Santos fez a Licenciatura e Mestrado, Alberto da Barca fez Licenciatura, não fez Mestrado, depois meteu se no INDE, depois naquela livraria, aquela editora escolar, aquela moçambicana, que produzia os livros escolares, (DINAME) DINAME, mas foram, assim que surgiram os primeiros geógrafos, mas cumpriu se, dois anos de formação, dois anos foram para as províncias depois voltaram e acabar a Licenciatura. Bom votando a Geografia, com esta dinâmica toda, durante este tempo de formação de professores, ou etc, ficávamos já algum tempo para fazer pesquisa, então eu continuei a minha pesquisa sobre as aldeias comunais, espaços rurais, entre tanto, calhou me em azar, ter que ficar com a direção da faculdade logo em 75, logo após a independência vive que ficar com a direção da faculdade, porque não ficou ninguém e começamos a ter que buscar professores para o curso de formação de professores, bom autorizamos a cooperação com os países de Leste, então veio o primeiro professor estrangeiro que foi o professor Martin Gloviar, que era Catedrático na Universidade de Sofia e depois veio, Nicha, da União Soviética, por tanto da Rússia, e mais tarde vieram dois chilenos, um brasileiro primeiro, que esteve cá a pouco tempo e dois chilenos, um dos quais continua cá, que é a Ximena, toda essa gente começou a trabalhar no curso de

formação de professores de História e Geografia, porque ele não parou, quando chegou a 78, então criou se, em março de 78 (sim) com Samora, influenciado por este curso deu orientações (para fazer isso com todas as disciplinas) com todas disciplinas, criaram-se os cursos de formação de professores, que está na origem ao fim a cabo, da atual UP, é essa, foi essa dinâmica que deu origem a Faculdade de Educação na UEM, mas articulada à UEM, depois de algum tempo deu se (Instituto de Educação) Instituto Superior de Formação de Professores, ou coisa do gênero, como se chamava, agora é UP, pronto, agora é a UP, como é que se chamava, (era Instituto Superior de Educação, depois é que passou a ser Pedagógico) acho que era isso sim Instituto Superior de Educação, não espera ai, Instituto Superior Pedagógico (acho que sim, era Pedagógico) era Pedagógico, era (Instituto Superior Pedagógico) ISP, foi assim que foi batizado, Instituto Superior Pedagógico (sim) o que é que eu lhe posso dizer mais sobre a origem, mas vê, na realidade isto é apenas formação, mas neste entretanto nós fomos pesquisando, eu escrevi esse tal livrinho de Geografia de Moçambique, mas depois produzimos já algumas coisas sobre, as aldeias comunais que depois serviu para meu doutoramento, inclusivamente, o Martin Gloviar escreveu algumas coisas, depois não sei onde foram parar, ou passaram, mas eu sei que ele publicou algumas coisas sobre o litoral, os regadios do litoral, regadios colônias do litoral, ele nos chamava, burros a todos nós, talvez os Ebenisário ainda se lembram disso, por um dia fizemos uma saída de campo, para Inhambane, após a independência tudo abandonado, e virou se para nós e disse, olha lá, porque não estão a utilizar estes regadios que estão aqui, houve alguém que disse, isso é colonial é tempo do colonial, o Martin Gloviar, disse eu sou comunista mas não sou burro, vocês não são comunistas mas são burros (ele disse, os não comunistas) (risos) ficamos a olhar (...) são burros mesmos, ele disse aqui tem um manancial de produção de riqueza, e não utilizam só porque foram os colonos que construíram, ainda bem, que eles construíram, aproveitem (agora é só usar) (risos) eu tive essa história, essa ficou marcada, porque realmente, era principalmente naquela fase, tudo o que vinha do colonial, as fabricas, tu deves não saber dessas histórias porque és muito jovem, as fabricas, ah, isto é do colono, ah isto não sei quê, estupidez realmente e ele tinha razão fomos burros mesmo, produziu se algumas coisas, e começou a criar, foi ai que começou se a caldear a Geografia de Moçambique, que é uma Geografia marcada da pela formação que eu tive, principalmente que tive, que é uma formação, quantitativa, mas uma quantitativa pedagógica, e a Geografia de Moçambique, ainda hoje é uma Geografia Quantitativa, qualitativa também (mesmo tendo começado com a grande expansão da Escola Francesa) sim, porque não, porque, nós viemos de um ramos da Escola Francesa, do ramo quantitativo da Escola Francesa, que não é o quantitativo da escola Americana, o quantitativo da Escola Americana é só números, o quantitativo da Escola Francesa não, fomos muito influenciados também, por algumas visitas que tivemos aqui, da minha responsabilidade, eu digo isto (é culpa do professor) é minha responsabilidade (risos) da min há responsabilidade, por exemplo logo em 75 ou 76, 76 tivemos aqui o Yves Lacoste, que era um nome sagrada da Geografia (não, continua sendo) continua sendo, e ele esteve aqui uma semana conosco, trabalhando com esses alunos do curso de formação de professores trabalhando conosco, fazendo visitas, incentivando, também nos influenciou, então há um quantitativo, também influenciado por alguma Geografia Radical, por alguma Geografia do questionamento (questionamento, a que hoje ficou consagrada como Geografia Crítica) é Geografia Crítica, nitidamente, e tivemos depois, uma historiadora, mas também com uma costela geográfica e geógrafa também, Catherine Votolavich, tivemos Surley Cannale da História, mas que, visita desses período, coisas que agora não temos, quem são os grandes nomes que agora vem pra aqui, (não em nada professor) nada (nós já estudamos sem ter, nada imagina agora) nada, mas nesse sentido, (...) tínhamos, por que tivemos, talvez, por mim, era minha coisas, talvez por minha costela e ter estudado muito a Escola Francesa, tínhamos um bom relacionamento com a Embaixada de França, então havia facilidade de desta vinda de professores, mas eram professores escolhidos a dedo, não era qualquer professor, professor Louchour veio cá, que é um nome conhecido para Geografia da África, então tudo isto começou a caldear uma formação em Geografia realmente uma Geografia Quantitativa, mas com

mesclas e misturas de cismos, também de, porque já a Escola Francesa já tinha alguma coisa de Geografia de comportamento, Geografia comportamental e que nós também absorvemos, com o tempo as coisas foram crescendo, foram começando a sair algumas publicações, algumas coisas publicadas, a Isabel Coelho, infelizmente abandonou nos, nunca mais quis saber de Moçambique, mesmo ela sendo de Moçambicana, lá da Ilha de Moçambique com suas raízes, nascida e criada etc, foi para Portugal, a Celeste Coelho e a Eugénia, foram a vida delas (Professora Celeste, diz que gostaria de voltar) como muitos fizeram, a Eugénia esta reformada, a Celeste gostaria de voltar sim, mas não depende de mim (risos) teria que ser, com ela costume me encontrar, a Eugénia está agora reformada, essa retirou se de Lisboa, está lá na quinta a tratar de suas plantinhas que ela sempre gostou, mas é interessante, algumas coisas que marcaram nesse período com essas duas senhoras, o melhor estudo, no meu ver sobre Umbeluzi, ainda pertence a Eugénia, o estudo mais completo, sobre o rio Umbeluzi, ainda pertence a ela, o estudo mas cuidado e mais aprofundado sobre as formas de povoamento em Moçambique pertence a mim, então ficam coisas, coisas que ficam, com a generalização do curso de formação de professores então, depois começaram a surgir, mais, surgiu a Inês, a Raimundo começou com o curso de formação de professores, a Professora Inês, (Professora Rosita), a Rosita Alberto, a Margarida Vaz, do segundo grupo, a Margarida Vaz é do segundo grupo de formação de professores, que está agora na Escola Portuguesa, e várias, várias outras pessoas, uma portuguesa, que ainda, pensão que ainda anda por ai, penso que nunca conseguiu passar comigo, nunca conseguiu acabar o curso, porque eu a chumbava sempre, porque ela não sabia nada, e, mas começou, e quando se reabriram os cursos das Licenciaturas, já se abriu com um (corpo já preparado) corpo já preparado, porque já tínhamos o Ebenisário, entretanto o Aniceto já tinha ido pra RDA, para fazer a Licenciatura para depois fazer p Mestrado e Doutorado, a Rachael Thompson, ficou muito ligada ao Ministério depois com a UP, tínhamos o Tírcio, que ficou algum tempo a trabalhar com e tivemos duas pedras, duas pedras fundamentais na Geografia, foi o Pablo e Ximena, os dois chilenos, que mantiveram cá durante bastante tempo e que deram, o Pablo chegou a uma altura que eu tive que (...) por causa da ONP, e de (...), o Pablo ficou como Diretor da Faculdade por um tempo, Pablo Garcia, e as coisas foram crescendo assim, é esta (e é ainda vivo o Pablo ) Pablo Garcia ainda, trabalha na Universidade de (...) ele está para se reformar também ele trabalha e a Ximena, que ainda está cá, muito doente infelizmente, (tinha operado) operou, mas agora ela está, teve um recaída, e está de baixa. Não sei o que é que lhe posso dizer mais (professor tem muita coisa, mas estou aqui olhando) mas isso só para a primeira pergunta (primeira pergunta), mas tu tens que organizar isso por aspectos, pormenores (tem coisas que vale a pena voltar a ver) pois diga.

P - Como segunda questão, eu não sei acho que professor consegue em 15 min, falar (sim) o que nós poderíamos chamar marcos, para fazer da Geografia de Moçambique (...)

R - Primeiro Ares de Azevedo, (professor, Ares de Azevedo) Ario Azevedo, o primeira Geografia de Moçambique foi feita por Ario Azevedo no tempo colonial, há na biblioteca, a biblioteca da faculdade de letras, tinha esse livro, não sei se na Biblioteca Central, tem ou não (não sei, também) Ario Azevedo, depois é um marco, depois, abertura do Bacharelato de Geografia, com a responsabilidade de Eugénia Lopes, agora Eugénia Correia, e Celeste Coelho, segundo Marco, terceiro marco, o surgimento dos primeiros geógrafos moçambicanos, começando por mim, e a sua inserção na formação e na pesquisa, eu e a Isabel Coelho, eu com alguma antecedência e essa Isabel Coelho, somos os primeiros geógrafos moçambicanos, ok, porque percorrendo a história não há anteriores, em Angola há, primeiro geógrafo Angolano é o professor Ilídio do Amaral, apesar de estar em Portugal ele vive por lá e o primeiro geógrafo africano é São Tomense, Francisco Pereira (ok) mas isso, são apartes, (isso são algumas coisas que a

gente vai, pensando para o pós doutoramento) (risos) (professor, eu estou a pensar) terceiro marco, o aparecimento dos primeiros professores, geógrafos moçambicanos, o grupo inicial, que éramos dois, eu e a Isabel Coelho, terceiro passo, quarto, não deixar parar a Geografia e a abertura do primeiro curso de formação de professores de História e Geografia m 76, eu considero estes passos, claro depois vem a Licenciatura, mas estes (são os primeiros) são aqueles que eu considero, são os que seguraram a Geografia, Ario Azevedo porque foi quem laçou a Geografia de Moçambique, perspectiva colonial, tudo bem, é, perspectiva colonial, mas o Ario Azevedo nessa sua obra é que diz, onde estão os recursos naturais, que agora estão a ser explorados, (risos) é (é mesmo na perspectiva colonial mesmo) claro (risos) e agora a perspectiva é qual não queremos saber onde estão os recursos (continua sendo) veja a obra do Ario Azevedo e diz onde estão as ocorrências das pedras preciosas, obra de 1930 e qual quer coisas, o carvão, o gás, não fala da bacia de Rovuma, mas de Panda fala, não é, então essa, porque, e porquê, porque marcou estes primeiros geógrafos que surgiram nessa, porque foi ele, se eles fizeram nós também podemos fazer, se eles na altura fizeram, nós também podemos fazer. Eu digo isso, porque foi isso que me desafiou a fazer aquele primeiro livrinho de Moçambique, foi, pois como Geografia de Moçambique, por um moçambicano, ok é um livro sem pretensões, pequenino, mas é tal, geografia física, geografia humana está lá, com o objetivo de estudarem os jovens do ensino secundário, etc, então são esses marcos que eu te posso referir, claro que depois vamos lá, mais marcos, mas os outros faz parte da programação normal de uma ciência, para a Geografia estes marcos foram fundamentais, , anos 30, depois finais dos anos 60, abertura de, 76, de , de Bacharelato em Geografia, e depois aquele período entre o Governo de transição e a independência, houve a criação, e o surgimento dos primeiros geógrafos moçambicanos, e depois a criação do curso de formação de professores de História e Geografia, para não morrer, foi isso que não deixou morrer, foi isso que não deixou morrer nem a Geografia e nem a História, muito próximo, (é bem próximo) sim, muito próximo (não só pelos dois departamentos, mas) não, mas próximo em termos de (o que foi, mesmo) foi (não, uma coisa interessante é que não só aqui em Moçambique, em muitos outros países a Geografia e História estão quase juntas) sim, a Geografia e História estiveram sempre juntas, tanto que, meu professor, a formação dele era História e Geografia, depois ele optou pela Geografia, mas quando ele se formou, era de formação em História e Geografia, Licenciatura em História e Geografia era assim, então são esses marcos que são, é importante que as vezes é preciso recordar também (sim) e é isso, e como tu estás a fazer um trabalho para ver isso, “epa”, podes falar, estas a ver por exemplo fala se em (...) eu além de já ter lecionado, todas não mas quase todas das disciplinas de geografia (é, essa é uma coisa que nós vamos, fazer, que trago aqui interessante, para o grande debate da Geografia hoje, parece que nós estamos a querer especializar o geógrafo) estamos a querer não, nós estamos a super especializar o geógrafo (risos) não, estamos a super especializar aprendizes, são aprendizes mas já são super especialistas, porque já sabem dizer Geomorfologia e mais nada, isso não é Geografia, a Geografia é mais abrangente (isso é parte da Geografia) é vamos com certeza conversar sobre isso (...) (então, professor faltam 2 min para 5, então nós poderíamos parar) paramos e na próxima quinta feiras se quiseres eu estarei aqui as 3, estarei aqui, das 3 as 4, claro se quiseres podemos continuar, ok (ok)

Entrevista Via Skype (Portugal e Brasil)  
Brasil, Setembro de 2015

Entrevista com Professora Celeste Coelho

P -Vamos começar então pela primeira questão professora, é assim, como nós, não temos muita atenção a questão histórica da geografia talvez vai passar despercebido ou começa, ou a falta de interesse nessa questão os tempos em que a geografia vem tendo em Moçambique. Mas eu como comecei a estudar olhei, que olha, aproxima-se o quinquagésimo aniversário da geografia, então a primeira coisa que eu busco entender tanto para os professores de Moçambique como para a professora, é entender como é que iniciou esse contato entre a professora e a geografia.

R - Ok então nessa eu estou à vontade para portanto lhe responder não é, se calhar eu posso fazer ou dar lhe um bocadinho do meu histórico pessoal ( por favor professora, por favor professora) como é que eu apareço no quadro como docente na então Universidade de Lourenço Marques, portanto, eu fiz a minha licenciatura em Geografia na Universidade clássica de Lisboa na Faculdade de Letras e durante o tempo em que estudei tivemos aquela disciplinas normais do currículo da geografia mas eu tive uma particularidade eu estava enquanto estudante, era também simultaneamente tarefeira do Centro de Estudos Geográficos (ok) e desse ponto, nesse aspecto eu tive um contato muito direto com os professores que faziam, então eu estou a falar, que fui aluna na década 60, pode imaginar, não é, estávamos período colonial e havia professoras da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que faziam missões em Moçambique ou em Angola ou em Timor e eu acabei de ter esse contato, não é, um contato, mas verdadeiramente como é que é que eu apareço em Moçambique, portanto eu fiz a minha licenciatura na área da Geografia Física, sempre trabalhei na área da Geografia Física e depois, faço como se diz agora apresentei uma candidatura, como se diz agora, uma candidatura espontânea e o meu currículo a direção, portanto a Universidade Lourenço Marques, a direção da escola que era a Faculdade de Letras e o meu currículo foi analisado passou se que era interessante e digamos iniciou-se um processo de contratação evidente que meu marido também, já agora era, também tenha se candidatado a Universidade mas na área da veterinária e portanto o meu currículo acho era aceitável, tinha uma boa média, tenha uma boa classificação no final do curso, etc, portanto, digamos, não fui com, como é que eu vou colocar isto, não fui com nenhuma recomendação de nenhuma escola (sim) fui com uma candidatura espontânea. Portanto fui em 1970, mas claro antes de ir estabeleci contatos com as pessoas que em Lisboa de alguma maneira tinham ligação forte como a Universidade, Como saberá, antes de haver o Bacharelato em Geografia, que foi criado se a memória não me falha e pode me corrigir mil novecentos (...) (sim) havia não é, havia aquilo que se chamava curso de formação de professores (de História e Geografia) História e Geografia exatamente em que, para os alunos o equivalente ao que chamamos de ciclo preparatório, para os alunos da 5 e 6 , o equivalente atualmente a 5 e 6 classes. os meninos e as meninas que acabavam o ensino primário tinham essa formação e havia portanto o interesse em criar e Moçambique e também em Angola, em Nova Lisboa penso o Bacharelato em Geografia com o objetivo de fazer 3 anos, os 3 primeiros anos em Moçambique e o restante seria realizado numa Universidade portuguesa (ok) conhece isto, está a par disso (sim, sim professora) conhece, portanto eu fui em 1970 e como era da área da geografia física fiquei responsável lhe digo, que era uma responsabilidade tinha-me licenciado havia pouco tempo a minha

experiência não tinha sido a nível docência, tinha sido mais na área de investigação porque eu tinha sido bolsista da Fundação do bem querido Instituto de Ciências e trabalhar no Centro de Estudos Geográficos mas fui dar disciplinas do primeiro ano, então foi da minha responsabilidade já agora posso acrescentar em criação ou programa da disciplina de Geografia Física 1, Acho que era assim que se chamava, e pronto, então cheguei e e também não sei se isso lhe interessará para sua tese, mas foi, também um bocadinho por mim iniciativa e se calhar bebendo um pouco da experiência que eu tinha tido no Centro de Estudos Geográficos que começamos a dar início aquilo que chamaríamos de Mapoteca, com as coleções de mapas de Moçambique, tudo isso foi iniciado nessa, portanto nessa altura. As instalações na altura era, não me lembro o nome da rua, era num prédio, no primeiro andar dum prédio, não era na Praça 7 de Março, era num prédio (ok) havia uma sala única para geografia onde havia professores, os alunos tinham aulas e nos intervalos das aulas nós tínhamos as nossas secretárias e lá tínhamos nosso ambiente de trabalho, não sei se respondi a primeira (professora conseguiu sim responder, é que, eu queria perceber como é que a professora chega lá, então a professora conseguiu responder, então a professora chega em 1970) eu chego em 70 em setembro de 1970, sim ( e ficou até) e fiquei até 74.

P - Então, a professora também acompanhou, acompanhou os primeiros estudantes que foram terminar o curso em Portugal?

R - Exatamente, exatamente, por exemplo o professor Araújo, Manuel Araújo foi meu aluno, o professor Aniceto dos Muchangos, foi meu aluno, não é (sim) estes são das pessoas, eventualmente o professor Aniceto e Manuel Araújo não foram do primeiro curso, mas foram do segundo ano, mas acompanhei exatamente, acompanhei os alunos claro (obrigado professora). Ok, mas vai perguntando que (pode ser assim, por assim fica até uma questão mais, mais, para não perdermos o ritmo da entrevista mesmo)

P - Professora, sobre os mesmos 50 em anos, quais seriam os marcos, pelo menos até ao período em que a professora esteve contato com Geografia de Moçambique, quais seriam os marcos que nós poderíamos indicar para falar da Geografia de Moçambique.

R - Portanto, como sabe os meus contatos foram 1970-74 e depois o ano letivo de 1977-78 (sim) depois, já depois da independência e o que é que eu posso dizer, de fato, digamos no início do curso eu penso que havia, eu acho que isto é de se registrar, um ambiente de muito interesse da parte duas estudantes que frequentavam o curso, muitos deles eram professores que davam a tal História e Geografia, já no ensino, portanto eram pessoas já com alguma experiência pedagógica (sim) Mas por outro lado, havia também da partes do corpo docente que era limitado, saberá quem seriam os professores na altura, havia na área de Geografia Humana a Professora Esmeralda acho que Teixeira se a memória não me falha, que era uma professora do ensino secundário, mas que foi chamada para dar a disciplina de geografia humana, a professora Maria Eugénia Soares de Albergadia, também deve ter ouvido falar, da área da Geografia Física, mas cuja formação, ela tinha sua licenciatura pela Universidade de Coimbra, isto ao nível do primeiro ano. Depois, havia uma colaboração estreita com o departamento de geociências, e estavam enquanto professores que davam a componente de mineralogia e geologia, porque saberá com certeza que o currículo era semelhante a aquele que era leccionado em Portugal, não é (sim) era o mesmo, exatamente o mesmo currículo e então haviam dois professores, o professor Renato de Araújo que depois veio a ser Reitor da Universidade de Aveiro da área da Geologia e o professor António Soares, era uma equipe, penso eu interessante e parece me que se calhar o primeiro marco e uma tentativa de adaptar um programa que estava desenhado a imagem do programa que estava sendo leccionado na Europa (ok). Mas tentar adapta-lo a uma realidade que é a realidade moçambicana, que é uma realidade tropical, e eu

penso que isso foi conseguido de algum modo nalgumas disciplinas, eu só posso falar por aquelas em que tive mais contato, nomeadamente: as disciplinas da Geografia Física, Geologia, mesmo a Geografia de Portugal, enfim, no ano, no terceiro ano, porque aquilo que nós fazíamos eu posso dar um exemplo, levávamos, eram grupos pequenos 10 a 12 alunos começávamos porque as visitas de estudo, entende, por exemplo, recordo-me perfeitamente de ainda não se falar em imagens de satélite e os jovens alunos de geografia física I, tinham climatologia, fomos ao aeroporto visitar o centro de previsão do tempo para a atmosfera, para aviação, (sim) então, imagine era muito interessante porque havia, qualquer coisa parecida com fax, estou a lhe a falar de 1970 (é) 71, então as imagens de satélite eram captadas na África do Sul, e da África do Sul vinha uma cópia, para os serviços meteorológicos de Moçambique sediados no aeroporto, e os alunos os nossos alunos, e nós próprios tivemos esse contato, portanto o que aconteceu com a climatologia aconteceu por exemplo com geomorfologia, com a professora Soares Albergaria que levava as pessoas a visitar por exemplo determinadas regiões, portanto houve uma, uma tentativa de dar um ensino da Geografia que em termos conceptuais era um ensino que se fazia na época (ok) que eu sempre Apresente uma outra questão, talvez o José está muito preocupado com as questões epistemológicas é que a escola de geografia de Lisboa e a escola geografia portuguesa nessa época, era uma escola que seguia a tradição da geografia francesa, e portanto o conhecimento que nós possuíamos, nós docentes não é, bebia ia beber à tradição escola francesa não é, e com, eu penso que o ensino era atualizado, Nas questões a geografia humana eu já não posso me pronunciar (ok), sobre a geografia humana eu não posso me pronunciar porque efetivamente, não foi tanto a minha área de trabalho mas enfim, em termos de geografia física e mesmo do acompanhamento da Geologia era, digamos tentava se dar o mais atualizado possível, não é, e portanto nós tínhamos a bibliografia, nós pedíamos e acho que ainda existem na biblioteca da universidade, Portanto o ensino que foi dado não era diferenciado em termos conceituais do que se fazia em outras universidades europeias (professora só uma questão) portanto esse seria talvez um marco importante, e também um outro aspecto, como nós estávamos muito treinados na ligação da geografia fora da sala de aulas, procurávamos muito fazer o contato com a realidade, posso lhe dar um outro exemplo, a primeira vez que funcionou o terceiro ano, eu fiquei responsável pela parte da geografia física, que se chamava geografia física de Portugal, então nós tínhamos aí um dilema, por um lado tínhamos que cumprir determinado programa, porque os alunos que frequentavam o curso de bacharelado em Moçambique, iria continuar a sua licenciatura em Portugal mas depois por outro lado tínhamos a realidade, a realidade moçambicana, não é, e aquilo que nós fizemos alguns de nós foi uma tentativa de, está bem temos algumas coisas que a geografia de Portugal mas precisávamos de nos concentrar na geografia e nas questões de Moçambique e penso que isso foi portanto, foi bastante, foi conseguido, recordo-me que entramos não só nas questões de geografia física como a geografia humana recordo-me só para lhe dar um pequeno exemplo, uma vez os docentes não é e os alunos fomos fazer, um estágio de campo, para onde para Inhaca (ok) para Inhaca, para Estação de Geologia Marítima, e qual foi o objetivo, não era estudar geologia marítima porque não era este o foco da Geografia, era estudar sim, ver as questões do litoral, as questões dos mangais, os problemas da vegetação os problemas prepare sempre num contexto local do outro, por outro modo, fizemos também no âmbito dessa disciplina e aí de minha responsabilidade, fomos até Ressano Garcia, fazer o quê, agora se calhar Ressano Garcia mudou de nome ( continua sendo) continuar ser e fomos durante vários dias fazer o quê, entrevistas, como está a entrevista a mim, aos Magaizas que vinham da África do Sul para tentar perceber não é, o que é que estava portando, por um lado, entre tanto entender as razões dos movimentos, as saídas, as questões que as pessoas tinham localmente e por aí, estou a dizer houve esta grande preocupação de tentar encontrar no território e na realidade local algum apoio para o ensino e penso que isso foi, portanto conseguido bem, eu só posso falar disso até 74 (ok) por exemplo tivemos,, depois há questões que devemos aborda-las mais adiante, mais sensíveis, tivemos por exemplo uma visita de estudo ao Distrito de Nampula, tivemos visitas a Gorongoza, com os estudantes, enfim, houve, havia aqui alguma

preocupação em tornar a realidade moçambicana visível e perceptível aos olhos dos estudantes portanto acho que isso são marcos, penso eu não marcos importantes da geografia.

P- Professora, professora em 74 volta a Portugal neste período a professora desligasse totalmente da Geografia de Moçambique ou continua (não, não, não)

R - Eu é 74 tive uma dispensa de serviço docente para ir fazer o meu doutoramento (ok) e portanto eu saí de Moçambique em agosto e nesse tempo esse ano iniciei o meu programa e doutoramento na Universidade de Aberdeen na Escócia, veja se estou a falar muito depressa ( está tranquilo, professora) está a gravar, portanto eu mantive o veículo com a universidade, certo, só que é evidente que em 74 as coisas começaram a mudar mas eu estava pouco distanciada, mas no ano letivo 77/78, voltei então e encontrei outra realidade, perto, esqueci-me de dizer que no período anterior eu fiz um trabalho e não Nampula, eu fiz inquéritos, enfim, nós estávamos interessados em colher informação e fazer investigação, eu trabalhei por exemplo na parte de levantamento funcional da cidade de Nampula isso fiz, penso eu em 76. Mas saltando agora, para depois, 77/78, aí sim, eu acho que houve uma mudança radical, no paradigma da geografia (ok) certo. E a mudança foi portanto eu penso muito grande porquê, talvez pela própria natureza do corpo docente, estamos em 77, 78 e a maior parte eu diria quase a totalidade do corpo docente era estrangeiro quando digo estrangeiro não era nem moçambicano e os estrangeiros europeus portugueses eram poucos (ok) eram praticamente poucos e com uma forte componente ideológica marxista leninista (ok) saberá isto perfeitamente não é (sim). Portanto de tal modo que a Geografia que havia sido ensinada no período anterior, era conotada como uma geografia de ideologia burguesa (sim) e inclusivamente, portanto se tentava encontrar explicação para muitas das teorias da geografia a luz do materialismo certo, o que às vezes se tornava um pouco complexo, devo dizer que nesse período a direção do departamento de geografia já na universidade portanto no novo edifício, na zona, como é que se chama aquilo, shommarschild (sim) no novo edifício a direção, o diretor era um professor da Bulgária (ok) e a visão que tinha da Geografia, pra já, pra mim repare estou a falar dos anos 77 e 78, eu não posso deixar de mencionar que eu tinha acabado, acabado de terminar um doutoramento avançadas da Europa (sim) numa das universidades mais avançadas da Europa (sim) agora não pode ser, alguma urgência, não estou a falar para o Brasil, pode ser daqui a bocadinho (....) ligue, ligue, desculpe lá José (tranquilo, tranquilo professora), pode, pode, pode e então eu tinha acabado de fazer o meu doutoramento não é, inclusivamente tinha recebido o confronto do que era geografia tradicional portuguesa, francesa e e tinha chegado, não é, a vir de um doutoramento que estava no auge da evolução quantitativa (é) em que o uso dos computadores, de lousa, enfim o recurso, portanto imensos recursos didáticos em questão de fontes de formação não é, e de repente chego a Moçambique e digo ó meu Deus, mas isto, ouve um retrocesso (risos) a sim, porquê, houve um retrocesso, porque houve uma reestruturação naquela altura e, houve uma reestruturação das disciplinas e penso que alguma delas eram muito interessantes, mas naquilo que era a minha área, geografia física houve na altura me entende houve um retrocesso, naquele primeiro naquele primeiro embate, porque não havia como é que eu hei-de dizer não tinha havido uma atualização, não é, da geografia como se esperaria, por tanto, como se esperaria, não é, portanto estava-se a voltar na algumas áreas a geografia descritiva, enumerativa, memorizadora entende? (sim, sim entendo professora) compreende e houve pra mim um primeiro choque, por um lado houve aspectos, em tempos estávamos a falar apenas em termos conceptuais, áreas que foram áreas novas, por exemplo houve uma disciplina que era, que eu agarrei penso que bem, que era uma disciplina sobre solos, que não existia antes do currículo, mas propriamente as questões da geografia física e questões da geografia humana, muitas delas eram tratadas de uma maneira que eu penso não estava

atualizado (ok) posso dizer que havia em termos de as pessoas que lecionavam, haviam cooperantes dos países do leste, haviam cooperantes do Chile, haviam alguns um cooperante americano, que é uma pessoa que ainda hoje é muito conhecida o Benjamin Wisner, não sei, não sei se ouviu, se ouviu falar (...) mas aquele, o primeiro embate, foi a geografia recuou um pouquinho, a par disso foi criada como sabe a faculdade preparatória, não é, e nós as pessoas que estávamos a lecionar no departamento de geografia tínhamos que depois lecionar geografia física para os alunos que iam ser professores e isto foi uma experiência que portanto uma experiência muito interessante, não sei se respondi (respondeu sim professora)

P - Agora professora (...) vou fazer aqui algum comentário, essa mudança que a professora entende que, entende sendo um retrocesso para aquilo que era o movimento da geografia a nível mundial é devida a mudança da programação sob o ponto de vista político porque olha só professora no tempo colonial podemos entender que a Geografia física era importante até para poder justificar esta colonização entender mais local e conhecer mais os espaços físicos e depois com mudança para o período de pós colonização talvez é interessante entender as pessoas por exemplo então há, uma fraqueza da geografia física e voltar a dar um pouco de importância a geografia humana será professora.

R - Eu penso que não, eu penso que tem a ver é uma questão circunstancial eu penso que tem a ver com as pessoas que foram convidadas ou enviadas, não é dos países de cooperação para assumir determinados cargos (ok) porque prepare há outros países que sofreram a descolonização de onde a geografia tanto a geografia física como a geografia humana continuaram a acompanhar aquilo que eram as escolas mundiais (ok) eu percebo que houve de fato e isso eu depois acompanhei, porque num determinado momento eu fiquei responsável, talvez por ser a docente mais graduada já não me recordo, mas fiquei responsável pela parte pedagógica e passou a ser dada uma disciplina de geografia econômica certo (sim) mas agora eu lhe digo que a questão era que a geografia econômica que era interessante só que havia, haviam Muitas dificuldades naquele tema, O professor era russo falava russo e mais nada (risos) agora exatamente pediu alguém para traduzir as suas aulas para português ora bem, isso só para lhe dar um exemplo e depois os textos chegaram a minha mão eu disse isto não faz sentido porque, quer dizer a matéria era até muito interessante mas a tradução era péssima (ok) e portanto havia aqui, era aquilo que a geografia econômica, geografia matemática muito na sequência, não é, muito portanto da escola Soviética e daí por exemplo se compreende como sabe na União Soviética os estudos de solos e pedologia foi onde nasceu e uma das preocupações foi introduzir isso no currículo. Eu penso que há aqui enfim, uma, eventualmente eu não sei o que se passou depois, não é, nos anos a seguir, mas penso que depois, nos anos a seguir mesmo também que passaram até porque passaram a haver professores moçambicanos que fórum fazer 6 doutoramentos em vários sítios não é, (sim) o Araújo, Manuel Araújo, o Aniceto, o Aniceto foi para república democrática alemã, o Professor Araújo o Araújo fez em Moçambique mas com uma orientação e uma universidade Europeia, etc, portanto e digamos essas pessoas deve ter conseguido penso eu, isso agora é só, como é posso dizer, suspeita, porque não tenho a vivência direta, devem ter conseguido tornar a geografia em Moçambique uma disciplina essencial e fundamental para o progresso e desenvolvimento do país (ok) qualquer que seja o sistema político que esteja por trás (ok) percebe, eu acho que é, que a questão aqui é, ver muitas (...) não é a questão das velhas premissas que as vezes os políticos os ideológicos que dizem, a geografia serve antes de mais para fazer a guerra (é) conhece, conhece esta frase (sim) e de facto isso é um fato, mas eu acho que a geografia a partir da década de 80 do século passado, começou a liberta-se e penso que Moçambique não ficou atrás, das pressões ideológicas que estavam por traz quer seja a pressão do estado colonial quer seja da pressão ideológica

marxista ou leninista, não é (sim) como saber provavelmente deve estar mais à vontade para falar disto, são ideologias diferentes não é, e que não tem pontos de contato eu tenho a impressão de que a geografia, penso eu e comparando as outras experiências que eu tenho e outros países conseguiu se libertar não é, do peso ideológico e afirmar-se como uma ciência ao serviço dos cidadãos não é (sim) mas diga, continuando.

P - Professora, acho que conseguimos ter alguma, professora aqui indicou alguns marcos e eu acho interessante eu estava aqui a ver qual seria a pergunta para não surgir muito desta questão podemos ir para a pergunta número 3 (ok, certamente) desculpa professora pergunta 4, depois voltamos a 3, eu acho interessante irmos a 4. Diante de tudo que professora viver em Moçambique como é que é professora definiria a geografia.

R - Como é que eu definiria (é) o que é Geografia hoje não é (é) eu acho que a Geografia é, faz a ponte entre o meio ambiente e a sociedade como se costuma dizer, é como o ciclista não é, que vai em cima de uma corda não é que tem sempre um pé num lado e o outro pé noutra, acho que a geografia hoje atendendo a realidade e particularmente aquilo que nós no Já percebemos que são grandes pressões a que Moçambique está sujeito, não é, a pressão demográfica as pressões ligadas a problemática ligada as alterações, alterações climáticas, o problema das cheias, o problema das secas, as fome as doenças, eu sei lá, não é. Imensos, imensos problemas, mas depois temos por outro lado uma população jovem nova, não é, que é uma população que sempre foi que é tenso que continuou a ser uma população rica na sua diversidade não é, e penso que é a geografia, não e verdade a geografia, a partir, portanto, pode ser um instrumento fundamental para o desenvolvimento de, de Moçambique. Pode ser e penso que já está a ser, pode ser, portanto a geografia como ciência, mas também como ciência que estabelece uma relação muito profunda entre a realidade biofísica em que no caso moçambicana, moçambicana é riquíssima, e a realidade da sociedade, portanto penso que a geografia tem um papel dessa charneira para ajudar a formar os jovens, não é, os jovens moçambicanos, ao nível da escola, mas não na escola, a geografia tem um papel inclusivamente para dar um contributo para o desenvolvimento, em todas suas áreas (ok) porquê, porque a geografia permite um conhecimento do território, da realidade como ela está, mas tem a capacidade de antecipar, prever cenários, eu penso que a geografia hoje e penso que os geógrafos moçambicanos seguem, não sei se seguem, depois o José pode me dizer se esta minha linha de pensamento é seguida ou não partilhada por outros geógrafos, portanto geógrafos moçambicanos seguindo com certeza estão a seguir esta linha e por aquilo que me é dado a conhecer da bibliografia que se publica estão, exatamente num bom caminho (...) então dá-me dois minutos (pode ser professora, obrigado professora) (...)

P - Professora então, é estávamos na questão da definição (4) então a professora entende como sendo a geografia essa ponte entre o meio ambiente e a sociedade (exatamente) tranquilo professora.

R - A Geografia tem essa capacidade (ok) não é, de fazer a ponte, a ligação entre as duas, as duas áreas, e aliais, enfim hoje em dia é praticamente quase impossível dissociar, por exemplo se a gente fala de questões, não sei se são do teu agrado, as questões sobre as alterações climáticas (ok) está a mudar, mas está a mudar porquê, não podemos tirar a sociedade (ok) as duas coisas estão intimamente ligadas, da mesma maneira se quisermos encontrar soluções para os problemas a sociedade (temos que ir buscar

algum entendimento da parte do meio ambiente) absolutamente, claro que a há coisas que não se podem, a geografia, não tem nada a ver com a sociedade não é, dou lhe por exemplo para um afloramento vulcânico (é) ou uma escarpa é geografia física mesmo não é, mas se a gente tiver uma escarpa e fizer passar uma estrada, lá por ou ao lado começa a haver desmoronamento e a estrada começa a ser intransitável, então ai já estamos a jogar (é) está a perceber é uma coisa com a outra, nesta perspectiva (ok)

P - Professora, a pergunta 4, alias a pergunta 2 e 3 estão meio relacionadas, então eu volto a pergunta 3 (certo) quem é que podemos, quem poderia ser indicado como fundamental para a geografia de Moçambique, olhando até para este cenário, que ela começa a geografia começa reproduzindo a geografia de Portugal sob ponto de vista do currículo e num outro momento ela reproduz toda uma questão da geografia dos outros países do leste e talvez agora, nós poderíamos estar a viver um momento da geografia de Moçambique para Moçambique então (um geografia própria) própria exatamente isso professora, então nesses primeiros dois períodos professora, quem poderíamos indicar como fundamental para a geografia de Moçambique, professora falou antes que não tem como pensar a geografia de Moçambique sem pensar na geografia francesa da escola francesa por causa da ligação que tinha a geografia de Portugal e a geografia francesa no outro período o que é que poderíamos indicar como fundamental para a geografia.

R - Pois, aí eu tenho alguma dificuldade não é, (sim professora) tenho alguma dificuldade porque vamos lá ver, portanto temos influencias nesse período muito não só do leste mas também países socialistas da América do sul (ok) do Chile, muita influência, muita e muitíssima eu penso que a componente de leste era mais na componente de dar geografia aquilo que se chamava de geografia econômica, geografia matemática em que todos os alunos, eu acho, achei que isso era um avanço, todos os alunos tinham que ter princípios fundamentais de matemática a nível da universidade (é) nesse tempo, todos cursos tinham que ter, porque se achavam que a matemática era fundamental para os geógrafos, de fato era um contributo, é um contributo, contributo interessante em termos das questões de geografia humana, geografia da econômica eu penso que as questões, as questões estavam, iam muito beber não é, as teorias marxistas da época (ok) é o que eu posso dizer, é o que eu posso dizer (professora teria, teria algum nome, algum autor, que não poderia se falar da geografia de Moçambique sem falar dele?) Nesse período (sim nesse período) no período do Marx, do pós independência (isso, professora) deixa-la ver, é um bocadinho, algum autor, (professora, depois a professora lembra, vamos) não, mas quer dizer, aquilo que estou a sentir neste momento, no momento em que estou a lembrar, o José não vai gostar de ouvir isto (risos) é que as coisas ensinadas estavam num nível muito péssimo, está a perceber, muito precário, certo (é) é o que eu posso dizer, é recorde me por exemplo ao nível, por exemplo existia uma referência que era uma referência mundial, que era o Bruch Shafer, chama se o senhor para a questão dos solos (ok) era universal não é, mas depois, eram muito, quer dizer eram referencias da escola dos países do leste e eu vou falar com toda franqueza eram partes das publicações que depois de traduzidas vinham do Russo ou do Alemão, haviam parte do materialismo histórico-dialético era muito a escola da RDA que dava essa formação, e portanto eu não domino nem o alemão e nem russo de modo que não poso lhe ajudar tanto (ok) neste ponto exatamente (tranquilo professora)

P - Professora a geografia como ciência em Moçambique, está estática ou naquele tempo, esta pergunta é aquela que vai desde o primeiro momento até hoje (sim, sim) no tempo em que a professora esteve lá, como é que a professora caracteriza, como é que a professora poderia caracterizar a geografia uma ciência

estática ou dinâmica, (eu penso) sob ponto de vista sob ponto de vista de ensino, pesquisa e extensão universitária.

R - Ora bem, nesse tempo repare, referindo a primeiro período, a geografia não era uma ciê..., não era considerada uma, pelo menos não era uma ciência estática não é, havia uma preocupação dos professores e também dos alunos de aprender e se atualizar ao máximo não é, por exemplo nós fazíamos, íamos as escolas mais próximas não é, íamos a Johannesburgo, íamos portanto as escolas vizinhas não é, tentar captar alguma, alguma informação, ideias etc. Eu penso que a geografia e houve no período logo a seguir a independência alguns aspectos que foram muito, muito interessantes por exemplo, eu penso com o apoio de uma organização internacional, pode ser, já não me recordo qual, foi produzido, deve saber o Atlas de Moçambique (sim) não é, eu recordo me que ainda dei uma ajudinha na revisão de algumas, de alguns instrumentos para esse Atlas, portanto em que se procurava digamos, dar a conhecer o território a sociedade e por tanto a geografia não estava, não estava (...) depois no ano letivo de 77, 78 houve uma coisa muito engraçada que eu achei, que aconteceu também que foi no mês de férias não é, havia um mês de janeiro eu acho e foi nos dado a todos os professores uma tarefa não é, e a geografia, era eu que estava na altura e fui eu que fiz lá de alguma maneira a coordenação a geografia preparou essa altura, se calhar ainda hoje existe esse material, o manual para o 11 ano (ok) para o ensino secundário, mas portanto, em que se procurou, portanto estamos em 78 não é, em que se procurou já introduzir conteúdos que fossem bastantes atuais (sim) não é, é portanto eu penso que surgiram casos de estudos entre tanto saíram há uma tese de doutoramento, deve conhecer A Bacia do Umbeluzi (sim) da Maria Eugénia (sim) Soares Albergaria, depois a tese do Manuel Assunção, já um pouquinho mais tarde, há vários estudos que mostram que, que a geografia em Moçambique não estava a dormir não é (é) se calhar passou alguns períodos de uma maior ativa, mas, mas estava sempre presente, agora isso aconteceu em 78 na minha segunda estadia em que os professores estavam muitos sobre carregados na altura com a docência (ok) não havia muitas condições para fazer investigação, as pessoas tinham docência na faculdade de letras, tinham docências na faculdade preparatória, depois estava se como sabe, enfim no momento da afirmação da identidade nacional portanto, haviam muitos comícios, haviam muitas reuniões e as pessoas tinham que estar presentes não é (ok) e também não haviam recursos disponíveis para fazer certo tipo de investigação mas quer dizer, eu diria que o embrião, a semente estava lá não é, que provavelmente a semente tem continuado portanto a germinar, talvez há alguns períodos em que se fez pouca investigação mas que depois começaram, eu recordo me de alguns anos da preocupação que houve da universidade em Moçambique de haver uma atualização em termos bibliográficos, em termos temáticos de programas, em que veio alguém, se calhar também já ouviu falar que era responsável pela biblioteca, Wanda do Amaral, lhe diz alguma coisa, talvez não (não professora, não conheço) então era a responsável em Moçambique pelas bibliotecas, todas as bibliotecas da universidade, portanto houve uma preocupação de vir a Europa, não só Portugal mas outros países, isto já em 84, 85 não é, no sentido de estabelecer convênios com bibliotecas para haver transferência de conhecimento, obras etc, portanto dá me a sensação que as coisas não estiveram paradas não é (ok) foi havendo um esforço de atualização, nem sempre feito com muita pressa, porque as condições talvez não o permitissem (ok, esta bom professora)

P - Professora acredita, que mesmo depois desse muito período sem ter contato com a geografia de Moçambique, professora acredita é uma questão bem aberta mesmo (sim) na existência de uma escola de geografia moçambicana, é muito pretensioso, mas é.

R- A questão é que, eventualmente eu não tenho informação suficiente (ok) não tenho informação suficiente, porque, provavelmente haverá outros colegas mais habilitados (está bem) como sabe há outras escolas que estivem mais, com contato mais em, mais presente, porque como eu lhe disse a pouco tempo, tenho tido vários alunos moçambicanos, mas tenho tido alunos engenheiros, alunos da história, físicos, eu sei lá, a frequentarem aulas de mestrado aqui na Universidade de Aveiro, mas não acompanhei diretamente (a questão da geografia) da geografia, portanto não lhe posso dar ajuda nesse ponto (obrigado professora)

P - Então professora vamos a última questão (eu fiquei muito admirada porque eu não sabia que havia a GAM – Geógrafos Associados de Moçambique) então **(agora é minha vez de lhe fazer uma pergunta por favor professora)**.

CC - Esta GAM, tem algum site, eu posso me inscrever, como é que funciona (professora) sabe como é que funciona?

JM - Ela é aberta para todos os estudantes a partir do 3 ano de geografia, tanto na Universidade Eduardo Mondlane como na Universidade Pedagógica, então os Licenciados em ensino de geografia também podem fazer parte da GAM (a sim) e é por via de inscrição (então) tem um formulário (consegue me mandar um formulário) professora eu consigo mandar para a professora e, eu vou mandar para, eu consigo mandar para a professora, o formulário e o estatuto aí a professora entende toda a abordagem da GAM, e o trabalho que ela vem fazendo, mas está-se a discutir muito hoje em Moçambique esta questão de uma escola da geografia de Moçambique ou uma escola de geografia Moçambicana (eu penso que fará, fará todo sentido) é, então (já tem um número suficiente de profissionais não é verdade) professora eu diria quem sim e não (hum) porque, porque uma coisa que eu fui vendo agora, eu estive em Moçambique agora a pouco em trabalho de campo e o percebi é o seguinte, até temos doutores em Moçambique, mas muitos, muitos deles não fizeram doutoramento em geografia (ahhh) isso nos remete a outro debate, o que é que os doutores das outras áreas ensinam no curso de geografia, é assim seria interessante ter na geografia doutores em geografia (não só) sim professora mas, olha, eu tenho aqui um levantamento a Universidade Eduardo Mondlane tem 7 doutores e somente dois fizeram doutorado em geografia, olha, olha, mas olha, olha (fizeram em Moçambique ou fora) fizeram fora, mas olha o interessante desses dois estão aposentados (risos) (deixa ler agora, há de ser o professor Aniceto) e o professor Araújo, então todos os outros (os meus ex alunos) é, todos outros que estão hoje a trabalhar que tem o título de doutores não se formaram em geografia (mas já agora de que áreas são, isso é interessante) professora tem, quase todos fizeram demografia, tem uns que fizeram migrações, um fez economia, tem que está na briga agora, porque ele diz que fez geografia da saúde, mas nós entendemos que ele é demógrafo, ele fez demografia, então (não há ninguém, ahhh, ok geografia da saúde) então tem, tem está questão que parece ser simples se queremos um dia ter uma escola de geografia, até porque para ter uma escola da geografia é necessário pensamos numa teoria, numa coisa nossa que possa explicar uma realidade local de Moçambique, é preciso que haja professores doutores em geografia, então esse é um debate que minha tese vai trazer um pouco (portanto esse debate, e a universidade em Moçambique já forma mestres em geografia) não ela tem um programa, tem um programa de mestrado mas é de demografia (pois são todos da demografia) e está, agora está-se a discutir um mestrado e doutorado em planeamento territorial (ahh, mas isso é interessante, planeamento territorial, pois planeamento territorial aí eu posso dizer uma coisa) por favor professora (aí eu posso dar lhe a minha experiência, como sabe eu sou geógrafa, doutoramento em geografia, mas num determinado momento da minha vida, saí da faculdade e de letras do Porto e fui para Universidade de Aveiro, fazer o quê? Fui ajudar a criar o curso

d planeamento territorial ) ok, (planeamento regional, urbano era mesma coisa, onde, não é, nesse curso geógrafos éramos 3, certo) sim (éramos 3 geógrafos tivemos um papel determinante ,e depois haviam outras formações, haviam os economistas, haviam nesta altura, tínhamos dois colegas com doutoramento em planeamento, dois indivíduos que tinham doutorado na Grã-Bretanha, um em planeamento regional e outro em planeamento do meio, do meio ambiente, mas digamos, tínhamos geógrafos, estes dois doutorados em planeamento, tínhamos um economista, tínhamos Arquitetos, portanto o curso era muito interdisciplinar) é (e aí se calhar esta informação é capaz de ser útil, a geografia conseguiu mais uma vez, fazer a ponte entre alguns daqueles saberes certo) ok (mas portanto, passando á frente, mais adiante ou noutro dia se quiser conversar um bocadinho sobre isto podemos, portanto estão a avançar para um mestrado em planeamento) mestrado e doutoramento é, em planeamento territorial é (ok, pronto) então esse é também um dos debates da Universidade Eduardo Mondlane, mas que segundo alguns professores já é bem avançado e que se der certo já no próximo ano vai ser lançado o curso (pois porque, isto (...) a semelhança do que acontece em muitas universidades europeias, se calhar também do Brasil, e outros sítios, muitas vezes nos departamentos de geografia, não é, a geografia tem uma, por exemplo em Lisboa, na universidade de Lisboa tem no curso mesmo, ao nível da licenciatura uma variante que se chama, não se chama planeamento territorial, se chama planeamento do território) é (certo, uma variante em que já há um conjunto de alunos que entram, entram mais para as questões do planeamento, não é) sim (planeamento regional, planos de desenvolvimento estudos de avaliação de impacto etc, as várias componentes, portanto, de fato e um debate interessante, portanto então, em vez de propor um mestrado em geografia no sentido lato, estão a afunilar para o planeamento) é, é o que está a acontecer, é o vai acontecer para falar a verdade (certo) mas essas coisas que vou tentar trazer na minha tese, vamos tentar discutir e avançar um pouco para as questões epistemológicas, o entendimento, u para entender o surgimento desses novos cursos, porque não avançar para um mestrado e doutoramento em geografia (sim) e avançar e propor um mestrado em planeamento territorial, mas é isso (é porque geralmente nas outras escolas muitas vezes um mestrado em planeamento territorial, as vezes é até realizado com a colaboração de vários departamentos) é ( não apenas da geografia não é, outras áreas, áreas do conhecimento não é, bem eu posso lhe dizer que no caso português o planeamento territorial, neste momento nós chegamos a ter uma licenciatura, mas depois os planeadores começaram a ter dificuldade de emprego) ok (e neste momento não temos doutoramento em planeamento regional e urbano, pode, se quiser pode usar, usar isto, como, como um argumento, os doutoramentos são muito mais, muito mais amplos não é, pois aquilo que confere verdadeiramente a especialização é o título da tese, por exemplo no seu caso, vai fazer um doutoramento em geografia na sua universidade) sim (mas depois a sua tese e que diz quem, história da geografia e epistemologia) é (não sei se estou enganada, o título da tese é que mostra) a área de atuação, a questão do trabalho e tudo mais ( exatamente, exatamente) ok (portanto há essa questão se há ou não uma escola de geografia em Moçambique, quer dizer isso, já agora desculpa a minha curiosidade, com está componente tão forte nas questões da demografia, da economia etc, a parte física está um bocadinho pelas ruas da amargura) é, está, está professora (está não e) é , quem sempre encabeçou estudos ou pesquisas na área, na área de geografia física foi professor Aniceto (sim) professor Aniceto já ( mas ele teve problemas de saúde, não é) teve problemas de saúde, esteve fora da universidade, a exercer cargo político (foi ministro) quando voltou ficou pouco tempo, defendeu a cátedra dele e saiu de novo (então ele, não deixou, não tem, ninguém o seguiu) então professora essa é (...) eu acho que é importante pensa na universidade, porque é assim, todos, todos, como a professora também disse, olha a geografia é dinâmica (pois) houve, tem pesquisa mas quando nós procuramos os resultados das pesquisas não encontramos (pois) aqui tem uma questão , se tem pesquisa tem que ter resultados, tem que ter livros, tem que produção , tem que ter, onde é que está, esses seguidores, foram seguidores só na parte de ensino, foram professores que o acompanharam na questão da lecionagem ou lecionação das aulas (certo) para fazer pesquisa não muitos, então isso é uma coisa que é interessante pensar, por

exemplo, já é diferente pra quem trabalhou com professor Araújo, professor Araújo não só trabalhou com os seus seguidores (sim, sim) na questão do ensino, mas também os encaminhou para continuarem os estudos na área de geografia humana (sim, sim, sim) então é umas das coisas que consigo trazer como resultados, olha temos duas grandes linhas de pesquisas, a geografia humana e a geografia física, uma encabeçada pelo professor Araújo, outra encabeçada pelo professor, pelo professor Aniceto dos Muchangos, os seguidores (sim, sim) uns ficaram só na questão do ensino e noutra linha de pesquisa elas avançaram para pesquisa mesmo e depois de um tempo surge o professor Carlos Arnaldo que ele faz demografia na Austrália e começam a surgir outros seguidores de Carlos Arnaldo que para além do ensino avançaram para pesquisa também, por isso hoje o que é que nós temos. Temos o departamento de geografia, tem pesquisa na geografia humana e tem pesquisa na geografia, na demografia, como foi criado um mestrado em Demografia temos mais demografia no departamento do que outra área de pesquisa (outra área de pesquisa) sim, então são basicamente alguns resultados que eu consigo ter com base naquilo que consegui colher, colher em Moçambique (sempre muito o gênero masculino a dominar não é) sim professora, sim professora (contrariamente ao que era antes não é, a criação do curso este ligado a, éramos duas mulheres ou três é engraçado como as coisas mudam) as coisas mudaram para outro extremo né professora (pois, pois exatamente é interessante, mas então continuando)

P - Professora íamos a última questão, é, o intercambio da geografia e outras ciências sociais da geografia e outras geografias, esta questão eu levanto porque, nós temos uma geografia até hoje em Moçambique com base na geografia da escola francesa (sim mantém, não é) mantém o que pode mudar, é o seguinte é o retorno, o retorno de vários pesquisadores de Moçambique que vão estudar fora, por exemplo, temos, temos, a demografia ela tem uma base da geografia quantitativa (anglo saxônica) anglo saxônica sim, então quem for fazer geografia. Deixa só explicar professora, o curso de geografia como é que está estruturado (como é que está estruturado) ele tem dois anos do ciclo, do ciclo, nós chamamos tronco comum (sim, sim) que ela pega basicamente todas as, as disciplinas são gerais e no terceiro e quarto ano tu te especializas, ou em população, ou em planejamento ou em GIS (hummm o GIS) então no primeiro momento nós bebemos da escola francesa e quando partimos para as especializações aí vigora tudo aquilo que é base para cada especialização, então que seguir demografia, vai ter maior contato com a escola da geografia quantitativa que a anglo saxônica, quem faz planejamento continua na geografia francesa e quem faz GIS, vai de novo para geografia, nós nem chamamos geografia, vai para cartografia, porque a cartografia é outra, é outro curso (pois é outra especialidade) é (outra especialização e atualmente a cartografia, o GIS passou a ser universal não é) é (as técnicas, os programas, praticamente estão, em todo mundo se faz da mesma maneira) sim (estão sempre numa atualização permanente, sim, sim o ArcGIS, sim, pois, pois aqui digamos que esta especialização é mais como uma ferramenta, não é) é (o GIS) o GIS sim (é uma ferramenta em que podem utilizar não tem muito de, como é que se diz de pensamento geográfico, não é) não aí, não, para quem vai fazer a especialização ele faz como técnica (como técnica não é) é (se calhar são esses que conseguem empregos em vários sítios) é (digo eu) mas é o que acontece professor, por que eu peguei um concurso do fundo de energia, o concurso era para trabalho e ele dizia que quer contratar um geógrafo (certo) mas nas habilidades ele colocava, habilidades de um cartógrafo (ahmm, ok) então, aqui eu com outros professores em Moçambique dizemos o seguinte, como é que a gente entende a questão da geografia, nós respondemos a demanda do mercado ou nós influenciemos o mercado, por que é assim, para mim geografia é uma coisa, e cartografia é outra coisa (aliás, a cartografia a luz atual é digamos, já houve tempo em que, por lá aos 400 anos em que geografia e cartografia se confundiam) é, hoje não (essa história já passou a mito tempo) a muito tempo, mas o mercado moçambicano continua trazendo isso, eu costumo dizer o seguinte ou o mercado não sabe o que quer, porque é uma questão de tu não saberes que tu precisas para aquela vaga, ou nós que estamos a fazer geografia, não estamos a saber mostrar o que somos, tem o problema ou do mercado ou de quem forma

né (provavelmente há aí uma questão que é, e que em alguns casos, principalmente quando se está a discutir novos currículos não é, que é na discussão dos currículos, quando se está a preparar pôr a volta da mesa não só os académicos não é, mas também as pessoas que estão no tanto produtivo, não é) é (para se chegar, quer dizer nós precisamos quais são as necessidades, aquilo que existem, nós precisamos formar pessoas com estas, do ponto de vista da geografia a gente precisa de ter um determinado perfil sólido, mas depois para além desse perfil sólidos, podemos encontrar uma, duas, três, quatro saídas profissionais) é (não é, mas isto muitas das vezes consegue se, primeiro com uma reflexão que acho, o que está a fazer é muito pertinente, uma reflexão teórica sobre o que é a geografia, qual é o papel da geografia em Moçambique e no Mundo no momento atual não é, acho isso extremamente útil, mas depois também, temos que olhar para a realidade e tentar ver como é que a geografia com todas as suas potencias, pode ajudar a criar uma sociedade mas junta mais equilibrada, essas coisas todas que a gente conhece teoricamente, mas sabe que as vezes é difícil mas acabamos, como ia dizer é difícil romper com princípios, não é princípios, com mecanismos já instituídos, não é) sim (se eu tenho um domínio da área de saber, não quero abrir mão dela não é, agora vem os outros lá, vamos admitir por exemplo das pessoas mais ligadas, me parece que é uma área que falta a história da geografia, as questões mais, que são fundamentais, que são, quem é que trata da questões físicas, quem é faz a gestão do litoral) é (por exemplo quem é que faz a gestão das bacias hidrográficas, quem é que faz as questões da energia, há, quer dizer são tudo questões da área física, que pode dar um contributo fundamental e se essa parte é sub estimável se calhar vai, acontecer o que está a acontecer, encomendam se trabalhos a empresas ou alguns estrangeiros que muitas das vezes não tem o conhecimento) é ( da realidade moçambicana e que, traz, quer dizer transferem modelos em que os resultados de algum sitio, mas que ali estão fora do contexto) sim , sim (mas percebo isso, estou a entender, por tano aí, há uma questão de investigação muito interessante, mas que vai dar muito trabalho não é) já está a dar trabalho professora porque, por não ser uma coisa que é habitual ser estudado, muitos que poderiam ajudar na pesquisa não estão a se abrir ao processo de colaboração, isso , isso, isso, já vem dando trabalho, mas no meio da minha pesquisa o que é que eu pensei a falta de colaboração por parte dos sujeitos que vou indicar como importantes para pesquisa é um resultado para o que eu quero estudar (sim, sim) afinal de contas só colabora, olha facilmente colabora aquele que está a par do que está a ser estudo, quando você não está a par você não se abre mais, então isso é um sinal de que a história da geografia em Moçambique nunca foi entendido como uma área para estudar geografia, então, é uma das coisas que eu trago como resultado (pois é, é uma das tuas questões) é uma das minhas hipóteses (certo) sim (sim, sim, sim). Mas lá está, continuam a ter, como é que eu hei de dizer a geografia continua a ter muitos alunos, não é (continua a ter, porque, eu não sei qual é a estratégia das admissões ou quais são os critérios) sim (mas no ano em que eu fiz a geografia, eu fiz a geografia entre o ano 2005 -2009 nós éramos 80, 80 vagas por ano) é muito, é muito não é (e já era esse número de vagas, acho que a dois anos atrás e agra acho que esse número subiu, de 80 para 120 vagas ano, no ano em que fiz, o curso era só no período laboral, a 4 anos o curso tem também no período pós laboral, então há mais procura, há mais oferta então, logo) provavelmente há pessoas que já estão no mundo do trabalho e querem fazer (...) exatamente isso professora.

CC - E diga me uma coisa, a licenciatura, as pessoas fazem uma tese de licenciatura, fazem o estágio profissional nas escolas, como é que funciona.

JM - Então, professora, o currículo é outra coisa que eu vou trazer em meu trabalho que a cada dois ou três anos quise muda, no ano em que eu fiz (aí é) é, esse é um problema, problema também para discutir em Moçambique, no ano em que eu fiz, nós fizemos um, um exame final de curso, fazíamos um estágio

profissional, em várias áreas, eu fiz numa ONG italiana, (sim, sim) que trabalha com gestão de resíduos sólidos (ahmm, ok) e com base na nota que o coordenador do estágio dá (sim) tu consegues ir fazer o exame final de curso. O exame final de curso (então não precisa apresentar nenhum relatório) o relatório eu apresento ao meu coordenador de estágio (ahmm, ok) e o coordenador dá nota, faz um, um, faz um apêndice do relatório e ele envia para o departamento. O departamento recebe esse apêndice de relatório e a nota e aí estou aprovado para r fazer o exame final de curso. No exame final de curso, o departamento dá-me três temas e tenho que me preparar com base na minha orientação de curso naqueles três temas (ok) são temas gerais, são perguntas e respostas e assim é feito o exame (ahmm, o exame é escrito) não é um exame oral (é um exame oral) é um exame oral é, hoje o estudante recebe um tema, faz um trabalho escrito e apresenta mas não é uma monografia (não é uma monografia e nem é um trabalho de investigação) nem é um trabalho de investigação (porque atualmente como sabe há esta preocupação logo na licenciatura haver uma iniciação a investigação) sim (começar a desenvolver pesquisa etc, não é, e depois muitas vezes é concretizado num trabalho, algo de original) é (mas tem algo, não é, isso de alguma forma levou as pessoas, para, para um trabalho de investigação, não é, mostrar que podem dar algum contributo, alguma inovação, quero eu dizer, pois, pois, estou a perceber como, mas também com tanto alunos não é) é difícil fazer esse, é assim poucos professores e muitos alunos, né professora (pois e os alunos, tem aulas práticas, penso que eu é que estou aqui a fazer entrevista) (risos) não professora, o curso ele é, as disciplinas tem a parte teórica e tem a parte prática, então para cada disciplina tem lá já um plano de aulas práticas e elas acontecem normalmente, só que a forma de terminar o curso mudou, no tempo da professora ele terminava com uma monografia, hoje não, hoje não termina com um monografia (certo, estou a perceber, certo, ok, pronto, mas aqui quando me diz sobre, o intercâmbio entre a geografia e ciências sociais e as outras ciências não é) sim (quer que eu responda a isto, queria não é)

P - Professora eu gostava, porque umas das coisas que se discute nesta questão da epistemologia é um pouco isso, um pouco, primeiro a questão do positivismo aí, que nos levou a uma separação, entender as geografias, as várias ciências como coisas separadas e hoje uma tendência muita forte em voltar a juntar tudo, então gostaria de ouvir (quer dizer estamos a voltar a voltar aos teóricos dos anos 40) é professora, eu gostaria de entender isso, ouvir isso da professora.

R- Ok, dizer, hoje, a geografia era entendida não é, em meados do século 20, não é como uma disciplina uma (sim) não é, com, com é uma componente física, quando eu chamo física tem ver com a componente de clima, solos, biogeografia, vegetação, não é e depois a componente humana, muito ligada, mas também muito liga a evolução histórica, por exemplo, posso dar um exemplo simples, que é português, mas que um excelente exemplo que era o professor Orlando Ribeiro se tiver a oportunidade de ler alguns trabalhos de Orlando Ribeiro, vai ver como por exemplo a Geografia é vista como um todo, não é, apesar de se reconhecer, estou a lhe falar dos anos 50, não é, apesar de se reconhecer que há, podem haver dentro da Geografia e há não é, áreas que exigem uma especialização mas depois a especialização pode dar, um contributo para a visão unitária da Geografia não é (ok) mas como todas as ciências não e, quer dizer isto foi um processo evolutivo natural não é, a Geografia começou também a subdividir-se e a aparecer com sabem imensas Geografias (é) geografia disto, daquilo, daquele outros, agora aquelas geografias radicais, que deve ter, deve ter, conhecer, radical geography, que é um conjunto de geógrafos, as geografias que tem a ver com o gênero, eu sei lá, por tanto há uma diversidade, por tanto muito grande, mas se calhar aí eu estou um bocadinho enviesada, porque estou muito, tenho trabalhado muito nas questões do ambiente (ok) e da experiência que eu tenho, da vivência que tenho, para solução de muitos dos problemas, que nós temos a nível mundial hoje, o aporte, digamos o contributo da Geografia tem que ser visto como,

digamos, como um contributo em que o conhecimento geográfico de base, não é, é tem que se olhar por exemplo para uma região, para uma área como um todo e não posso olhar para um sitio, e digo ok, estou aqui e tem uma região que tem por exemplo, apenas tem, só posso olhar para população, mas eu não posso, tirar a população num determinado contexto territorial certo (é) não é, e esse contexto territorial tem atrás de si, todo um passado histórico, tanto histórico sob ponto de vista da história não é, como nós entendemos, não é, da história das civilizações, das culturas, mas também tem passado da história geológica não é, e há, toda esta dualidade que a Geografia pode trazer para o debate e para agenda dos problemas atuais, não é, isto não quer dizer necessariamente que não continua a haver em termos de, de investigação, investigação de ponta em determinados assuntos, aquilo que podemos chamar nichos não é (sim) dentro da Geografia, investigações muito, muito específicas, mas tem que continuar ver lugar para a ligação, a interpelação profunda entre as várias componentes que tradicionalmente fazer parte da Geografia, a gente não pode esquecer, quando falamos do lago, não podemos esquecer, falamos um bocadinho da geografia do carácter da geografia humana, não se pode esquecer hoje em dia, uma questão que hoje em dia é muito importante, que são a questões, a questão da percepção social de determinados fenômenos (é) um exemplo, é um assunto, eu falo isto porque é uma assunto que eu tenho trabalhado, por exemplo, imaginemos uma população que vive numa área sujeita a seca, tem problema de desertificação, irrigação de solos, fortíssimos, que não tem acesso a água, nem isto, nem outro, mas, a maneira como as pessoas, o conhecimento como as pessoas dessa realidade, a sua vivência, a sua vivência desses problemas, pode perfeitamente em confronto com o conhecimento que a ciência, os académicos, os cientistas tem, pode trazer, ideias novas, que vão contribuir para a solução de determinados problemas (sim) e como sabe hoje em dia existem metodologias investigativas que, tem muito a ver com isto, quer dizer, por exemplo confrontar uma determinada comunidade com o ciclo da água, certo, não é, ciclo da água e depois ver onde é que estão os problemas e a própria população, mesmo que seja uma população iletrada, é capaz de chegar a encontrar soluções e o que é que eu quero dizer, com toda esta, com todo este, esta conversa, é que as coisas estão profundamente interligadas, interligadas não é, porque digamos a Geografia tem uma área de trabalho que está na interface com muitas das outras ciências, mas que continua a ter o seu objeto de estudo específico, não sei se concorda comigo (eu concordo professora) a Geografia está, está perfeitamente na interface, tanto nas ciências naturais, nas ciências físicas, das ciências sociais, das ciências da área da medicina etc, mas depois há ali um ponto, todos esses círculos acabam por ter um cor, um núcleo central, onde a Geografia tem o seu objeto não é, (é) eu vejo assim a Geografia, não se se, esta registrar, minha opinião, minha opinião é esta, pode concordar ou não, não é, mas é assim que, que eu vejo, e como tenho trabalhado bastante, na área e tenho trabalhado muito, e ai sim, posso dizer que criei a escola em Portugal e na Europa na área da influência dos incêndios florestais (ok) e por exemplo esse é, exatamente um incêndio que não é por causas naturais, não é, como é que se diz, os raios são 1% da origem dos incêndios, a maior parte dos incêndios, humanos, e são humanos por isto, por aquilo, por outro (ok), mas a gente diz, olha se nós fizermos alterações ao uso do solo, peço desculpas ok se fizermos alterações do uso do solo, será que vamos reduzir os incêndios, mas depois lá está, a população que vive nessa região (como é que ai adaptar se) pode não se adaptar as técnicas para fazer novas coisas (é) percebe, portanto, um exemplo esta aí, eu acho que nós, o geógrafo tem por excelência um pensamento sistêmico não sei se concorda, e a gente vê que as coisas estão perfeitamente interligadas, umas com as outras, e temos, pelo menos eu aprendi, assim, em todos os anos que tenho ensinado, tenho defendido muito esta premissa, portanto nós temos um pensamento, sistêmico, conseguimos ver a interações as interligações mas temos também a capacidade de fazer uma boa síntese, não é de chegar a algo de muito concreto (ok) isso tem sido até a pouco tempo e continua ser, uma das grandes vantagens da geografia (ok) pode olhar, tanto olhamos para migro cosmos não é, tanto conseguimos ter uma visão macro, mais alargada, e penso que ai somos como uma disciplina descharneira, entre ciências sociais, ciências naturais não é, quando há componentes, há pessoas que

dizem, mas a Geografia é uma ciência social, ok, uns dirão que sim, mas também tem uma componente de ciência natural muito forte (sim) estamos, estamos exatamente nessa, nessa charneira, e acho que o pensamento geográfico atualmente, como eu digo vai um pouco, a maneira como eu vejo, vai um pouco nesta linha, isto evidentemente, que não tira de modo algum toda aquela, digamos todo aquele horizonte, de especializações, investigações muito, muito, muito direcionadas, mas a Geo, portanto a maneira de pensar geográfica, não é, como provavelmente foram treinados, eu já estou assim, um bocado velhota, já tenho a esperança de que esta ideia da Geografia como uma ciência integrada, é quer dizer estamos a voltar ao Max Sorre, não é, mas basicamente próximo, quando eu quer chegar ai, para a solução dos problemas da sociedade atual, esta visão integrada da Geografia é fundamental e portanto eu que é um pouco por ai que temos que ir, mas sempre numa, quer dizer numa posição, eu acho que as vezes, o que é difícil são os debates sobre estes temas, não é, as vezes são difíceis, não é, porque as pessoas tem muita dificuldade em abdicar de todo, de todos os pressupostos que a sua área disciplinar contém e tem dificuldades as vezes em fazer um pouquinho, uma aproximação e pequenas cedências para, para perceber, até onde é que o conhecimento vai, e como é que ele pode avançar. Não sei se fui explicita (foi sim professora) falei demasiado (não, mas a gente está a gravar tudo professora e depois vamos fazer aqui uma triagem para ver o que ) depois se quiser me mandar, alguma coisa, alguma coisa por escrita se quiser (eu vou fazer o seguinte professora) depois me anda alguma coisa (eu vou fazer a transcrição da entrevista toda, e vou submeter para a professora ler a transcrição) está bem (e depois disso, professora aprova a transcrição e vamos tentar chegar ao que foi falado mesmo, para não ficar a questão foi dito, não foi, então vamos chegar a uma transcrição comum) ok (mas professora quero mais uma vez agradecer a colaboração a abertura) está bom (eu estou em contato agora com, o professor Rui Jacinto) aí eu vou, sei, sei (ele está bastante, bastante entusiasmado em eu vir a Portugal) muito bem, Rui Jacinto é de Coimbra (isso, então, estou a ver, vamos ver como é que vai ser para o próximo ano, que eu penso que vou qualificar em fevereiro, e depois de qualificar eu posso pedir um estágio doutoral, eu posso) então pensa em acabar já em fevereiro é (não qualifico, em fevereiro) o que é que quer dizer qualificar? (então e assim, o doutoramento aqui como é que ele é feito, são 40 e 4, 40 e 48 meses) sim ( mas o estudante tem que até aos 30 meses apresentar um relatório de todo o processo de pesquisa e as atividades que ele desenvolveu durante os 30 meses) ok (então, nesse processo, nesse relatório tu já apresentas as primeiras, os primeiros resultados da pesquisa) sim, sim, sim (apresentas a uma banca de 3 professores eles, já indicam um pouco, eles fazem uma modelagem da tua pesquisa, eles dizem, olha, está no bom caminho, não está, cuidado com isto, cuidado com aquilo, nesse, nesse, nessa qualificação tem quatro resultados, um deles é a reprovação) ham, ok (então o estudante pode reprovar) sim ( caso ele reprova, o estudante deve repetir a qualificação em 6 meses, e caso ele passe tem 6 meses para apresentar o trabalho final ou até os 48 meses para a apresentar o trabalho final) entendi (o que é que eu estou a pensar professora, como eu estou a mexer com a Geografia de Moçambique, eu costumo dizer, eu estou a estudar a Geografia de Moçambique a partir do Brasil (risos) e não tem como estudar a Geografia de Moçambique sem chegar a Portugal, então eu estou a pensar na minha qualificação ter os professores tanto do Brasil de Moçambique e de Portugal) muito bem, muito bem (e a mesma coisa gostaria que acontece a defesa final que acho que vai ser interessante) sim, sim (e para isso, vou ter eu ver, a professora é legível para estar nessa banca) eu (é, por ser) deixa que lhe digo o meu estatuto, neste momento eu sou, professora catedrática (sim) Jubilada isso quer dizer que sou reformada (sim) mas posso continuar a fazer parte de juris, doutoramento, tenho orientações no doutorado, portanto, continuo com a minha equipe, com meu trabalho de investigação, portanto, sou, quer dizer terá que, a concretizar se, terá que vir um pedido ao reitor que (é basicamente isso, vem um pedido saindo do programa, pedindo tanto da qualificação com da) por Skype é (então, professora, o Brasil, nós estamos nesse processo, entramos para crise) pois (e o Ministério de Educação 4 meses atrás reduziu as verbas de educação e todo mundo, sofreu, e nosso programa foi cortado quase mais de 30% de verba, e o que se decidiu na coordenação é que, caso os

pesquisadores indiquem um avaliador externo, essa avaliação tem que ser via Skype) ok (mas para mim eu acho que, vale mais a contribuição mesmo é verdade que se a professora viesse seria talvez, seria interessante pensar numa outra atividade para envolver mais estudantes, mais) pois (a contribuição na qualificação e na defesa acho que já é muito valiosa para mi há tese) mas é assim, eu estou habituada, quando foi, um ano ou dois tive um aluno, que foi meu aluno aqui no doutoramento, e eu portanto assisti, fui o orientando a distância e depois a defesa, a defesa pública foi como se estivéssemos agora a conversar (ok) por Skype, não é, mas terei, terei muito gosto, e ao longo desse processo se precisar de mais uma alguma coisa, mas nessa ótica já agra posso lhe dar uma sugestão (por favor professora) já preparou alguma coisa, para apresentar, numa comunicação, num congresso, ou qualquer coisa ou ainda não (professora eu escrevi no início, no início do doutoramento, eu escrevi um texto que dei o título de iniciando um estudo da Geografia de Moçambique) ah, pois (o que eu tentei trazer foi basicamente o problema da minha tese) sim (e um pouco como é que eu ia estudar, a parte metodológica) certo (agora, eu estou a pensar o que escrever para o relatório da qualificação o foco agora é a qualificação e logo depois, da qualificação eu acredito que dá para escrever mais coisas) pois, porque é assim, com certeza o Zé, tem a sua estrutura de tese, não é (sim) e daí o que eu percebi, não é, tem os objetivos, tem hipóteses, tem tudo, tem a metodologia não e, a metodologia que fundamentalmente faz o questionário, inquérito, questionário e ou faz a inquirição de outra maneira (eu estou a fazer revisão documental) sim (entrevista, questionário, para caso eu não consiga entrevistar) ok, e tem portanto ao nível da entrevista, tem muitas pessoas para serem entrevistadas (então professora eu, eu) isso pode ser, poder uma das dificuldades quando (então professora, eu primeiro escolhi entrevistar os professores doutores em Moçambique, os que estão no departamento, então pra mim 7 é um número muito pouco, mas acredite só consegui entrevistar 3, então são poucos, mas não é fácil entrevistar os professores doutores em Moçambique e isso me fez repensar um pouco, talvez seja necessário entrevistar não só entrevistar os professores doutores, mas buscar também entrevistar professores com um considerável tempo na universidade, aí entrevistei a professora Ximena, entrevistei a professora Rosita, então fui aumentando) ainda está a Ximena (ainda, ainda) (risos) estava quando eu estava não é (então, ainda está lá, ainda está lá, a entrevista com ela foi muito boa, não terminamos, porque falamos muito tempo, e chegou o momento que disse acho que vamos parar e continuar noutro dia, mas foi bom até para entender um pouco como ela chega em Moçambique, mas foi muito interessante e para ela, ela disse para mim que olha, é até falta de um pouco de atenção da universidade em não valorizar pesquisas de tal tipo, mas é necessário, por que olha só, daqui a pouco vamos começar a ter professores que não vão estar na universidade, é o caso do Professor Araújo e Professor Aniceto, por exemplo eu estou com problemas para conseguir entrevistar o Professor Araújo, que para mim eu tenho que entrevistar o Professor Araújo, mas ele não está em Moçambique) ele não está em Moçambique (ele está em Portugal agora) mas, veio de férias, (ele está, aposentado então, acho que ele decidiu passar por um tempo em Portugal, mas se ninguém não fizer isto agora, é bem possível que ninguém faça, porque em Moçambique não se dá importância a história da geografia eu falei com um professor que eu entrevistei, e passei para ele o termo de concessão, de concessão, autorização para a gravação de voz) sim (e uma das alíneas que eu coloquei é que o nome dele pode ser apresentado na tese, e ele disse não, eu não quero que meu nome seja apresentado, eu disse professor, meu trabalho é um trabalho de história) pois (colocar o nome do senhor faz parte da história da Geografia, o senhor é um sujeito da história da Geografia, então é difícil, é complicado, mas eu acho que estou, eu estou a gostar de fazer minha pesquisa professora, porque) pois (consigo entender até um pouco o porquê não se deu importância, exatamente por causas dessas duas linhas de pesquisa que nós temos em Moçambique, as grandes linhas de pesquisa, Geografia Humana e Geografia Física, mas o que eu digo é o seguinte, existe até uma história da Geografia Física e da Geografia Humana, não precisaríamos fazer história da Geografia de Moçambique, mas tu ensinares Geografia Humana, tu tens o pensamento geográfico da Geografia Humana) sim, sim (tu tens o pensamento geográfico da Geografia Física, é isso que eu quero

que os professores entendam, porque eu acredito numa dialética em que eu vou aprender deles e eles também neste processo de pesquisa ele vão despertar algumas coisas interessantes para eles continuarem trabalhar, então é assim, o professo que trabalha com Geografia Física ele pode trabalhar história da Geografia Física e o pensamento geográfico da Geografia Física) claro (então é um pouco isso professora) está bem mas quando eu falava na publicação, era só, mas agora é só um conselho de alguém que esteve muitos anos à frente de programas de doutorais, para doutoramentos (sim professora) e as vezes ajuda, as vezes ajuda, para essas avaliações haver já algum artiguinho, nem que seja de uma conferência (sim, professora) onde alguns, na verdade para fevereiro já está próximo, não é onde alguns dos resultados preliminares não é onde o ponto, o resultado de sua revisão teórica, é porque deve já ter lido, deve ter feito, obviamente aquilo que o state of diary, (sim) uma atualização, dos conhecimentos sobre isso que de alguma maneira, depois te vão ajudar a, como posso dizer a chagar a fortalecer ou não a suas hipóteses (sim) e as vezes, as vezes, digo não muitas palestras e nem muitas conferências. Se calhar esta é uma questão eu eventualmente esta é uma questão que pode discutir com seu orientador, com o seu orientador, é que as vezes ajuda, tano mais, que lhe digo como é que nós trabalhamos agora, nós agora em Portugal, pelo menos na universidade onde eu estou, só aceitamos as teses depois, quando os alunos terem já publicado dois artigos pulcados de seu trabalho e um artigo aceite, o que isto significa eu vou ter conhecimento dos pares a nível internacional se o trabalho é meritório está a perceber (ok) onde eu quero chegar (sim, sim professora) estamos aqui a afalar como dois amigos (sim professora) é isso, muito bem.

P - Professora eu vou fazer o seguinte, se a professora tiver ai (foi muito agradável) eu gostei professora, se a professora puder, passar para mim algumas revistas, que recebem em fluxo continuo artigos, eu ia aceitar porque (artigos sobre a história da geografia) sim professora (por que ouça, não me compete a mim fazer, mas se calhar acho interessante, não vai poder ter acesso, ter algum estudo, alguma pesquisa comparativa, por exemplo, dois países que tiveram um passado colonial e depois avançaram) professora eu, nesse mundo acadêmico, gente começa um curso e pensa nos outros próximos, e eu já pensei e vivo sempre pensando num pós doutorado (pois) em que eu use a mesma metodologia que usei para estudar a Geografia de Moçambique e buscar estudar a Geografia dos PALOPs, (PALOPs, sim, mas isso que estava a dizer, era dar lhe, por exemplo pesquisar, eu não sei como é a sua fluência em língua inglesa, lê bem, lê) leio tranquilo professora (pois porque as vezes, eu não estava a pensar em fazeres outra investigação) ler, como os outros (ver outras casos de estudo, que já tenham acontecido) ok (eu digo isso, porque já tive muitos alunos, Herasmus, do Ghana, da Nigéria, portanto países que também sofreram um passado colonial, e depois avançaram enfim num passado, mas isto é apenas uma ideia, evidente que isto, se calhar, só é possível se concretizar no teu Pós Doc, uma vez que agora já tem muito material para trabalhar, é só para arranjar uma fundamentação teórica, dizer que olha, isto é um caso de estudo e dizer que as coisas passaram se assim e assado, percebe) sim, sim, se a professora, puder, se a professora puder indicar eu agradeço (sé para fazer uma comparação) professora (como diz) se a professora puder indicar alguma coisa eu agradeço (pois, eu vou, ter isto, vou ter isto, como é que se diz em atenção, porque pode ser que apareça alguma, alguma coisa exatamente muito bem) Está bem professora, obrigado, continuação de bom dia (de nada) eu espero, ter o prazer de um dia estar com a professora (muito bem, muito obrigada e melhor êxito na continuação do teu trabalho) obrigado professora (apesar de eu não conhecer o teu orientador, enfim apresente lhe os meus cumprimentos formais) obrigado professora (e esperamos que vamos voltar a conversar, então quando puder mande me lá a ficha de inscrição da GAM, eu já agora gostava de ser membro, eu já sou membro dos geógrafos portugueses, geógrafos americanos, geógrafos britânicos, porque é que não hei de ser dos moçambicanos)(risos) (o meu coração é

moçambicano) obrigado professora, eu mano sim professora (muito bem, bem haja e melhor êxito no seu trabalho) obrigado professora (adeus, e bom almoço) agora são horas do almoço sim, obrigado professora

Universidade Pedagógica  
Centro de Educação Aberta e à Distância (CEAD)  
Maputo, Agosto de 2015

#### Entrevista com a Professora Alice Castigo Binda Freia

P - Então Professora, primeiro agradecer pelo fato de aceitar que eu lhe entrevistasse, eu tenho um roteiro de 11 questões

R - Uauu, deveria ter me enviado isso.

P - Eu, eu, pensei isso, mas umas das coisas que eu, que nós pensamos, quando estávamos a construir o roteiro, é o seguinte: se eu enviasse para professora, a professora já teria contacto com, com o que eu quero, e umas das coisas que eu exploro nestas entrevistas é a questão espontânea mesmo. Como muitos de nós não falamos de epistemologia e história da geografia, então este primeiro contacto vai remeter a professora a refletir algumas coisas neste momento, então, nós queremos aproveitar isso também. Então só mandamos. Eu posso depois mandar para professora, se a professora achar quem alguma coisa para aumentar na entrevista eu agradeço, mas nós exploramos muito a questão espontânea mesmo.

R - A primeira questão eu remeto, como é questão histórica mesmo, eu aproximo ou chamo atenção ao fato de, daqui a pouco nós vamos completar quase 50 anos da institucionalização da Geografia em Moçambique, ela iniciou em 1969 e estamos já em 2016, então estamos quase aos 50 anos. Eu queria saber primeiro qual foi o contacto com a Geografia. Uauuu, o contacto em que termos?

P - Como é que entra a geografia para Vida da Professora

R – Entro na escola né, a geografia entra na escola, desde o ensino básico, hoje ensino básico, naquela altura ensino primário, desde o ensino primário a geografia entra na escola, esse é o primeiro contacto com a geografia, na altura na Beira até, foi na Beira que tive o contacto com a geografia. Primeiro, naquela questão sobre astros astronomia é quando começa a geografia na escola, posso assim dizer.

P - Isso em que ano, professora?

R - Uff, vamos falar de quê, 77, no ensino primário.

P - Ok, a professora faz, tem o primeiro contacto com a geografia descritiva, depois o percurso de formação da professora?

R - Depois, ou para formação de professores e aí, se calhar começo a... dizer que a formação de professores não foi a primeira perspectiva de vida né, naquela altura era afetação, colocavam as pessoas para fazer os diferentes cursos, mas prontos, indo a área de formação de professores, trabalhando nessa área, passei a ter simpatia, primeiro pelo trabalho, trabalhar com alunos e prontos, acabo me especializando em didática de geografia, então foi assim.

P - Ok, Essa foi formação de professores para o nível médio, básico?

R - Para o nível básico, primeiro e depois fui crescendo, sempre na área de educação.

P - Ok, está bom. Professora, nesse crescimento, nesse percurso, o que a professora indicaria como marcos de geografia de Moçambique ou em Moçambique?

R - Ishiii, fazes perguntas difíceis, bom como Professor Araújo ainda a pouco tempo referiu, a pouco tempo nós tivemos um encontro com ele, e, sempre fala, nós tivemos uma geografia colonial, tivemos, se calhar continuamos, porque herdamos, é uma herança dessa geografia colonial podemos assim dizer, que depois foi continuada por vários pesquisadores moçambicanos, de entre eles: Araújo, Aniceto, Rachael foi mais para ensino de geografia, tal como eu, fomos mais para ensino de geografia, mas os outros trabalharam nas diversas áreas. Aniceto mais pela área física, podemos inclui-lo na área ambiental e o Araújo para a área humana. Bom a geografia em Moçambique, eu tenho contacto com a geografia em Moçambique, mais pela geografia escolar, não tanto a geografia em si, mas, a geografia escolar, olhando para, nós vemos aquela dualidade, geografia física e geografia humana, geografia econômica que alguns chamam humana, eh prontos mas nós vamos caminhando também para uma geografia que é ambiental e já há também várias pessoas que trabalham nesta área da geografia ambiental, para além da geografia física e humana e o ensino de geografia. Nós vamos caminhado para várias áreas da geografia, a física, a humana, o ensino e o ambiente, desde 1975 posso assim dizer. Mas, se recuarmos no tempo, para os anos 1969 é toda ela tanto a geografia como ciência assim como a geografia escolar, é toda ela uma herança do período colonial.

P - Então, pra Professora ainda não fizemos uma mudança sob ponto de vista de perspectiva.

Eu acho que não, eu acho que ainda não, ainda temos que redefinir a geografia em Moçambique e a geografia de Moçambique, temos que olhar para os nossos objectivos educacionais, como Nação o que pretendemos e redefinir a nossa Geografia, moçambicana, eu acho que é nesse sentido que ainda não fizemos, ainda estamos com, eu costumo comparar quando falo da geografia escolar, com um BUBU, Bubu invertido. O Bubu é aquele traje africano, estás a ver, um traje africano que quando tu olhas para o tecido no verso e no reverso parece a mesma coisa) é parecido, quer dizer, nós tivemos uma geografia colonial, quando depois da independência tivemos a nossa geografia mas não mudou muito, em termos de métodos e de estrutura. Falamos mais, se calhar, mais de Moçambique, mas sempre na mesma perspectiva, então temos que rever, mesmo se nós formos a olhar para a geografia de Moçambique, continuamos com esta dualidade e não temos muitos estudos sobre a geografia de Moçambique e precisamos pois continuamos a trabalhar muito com material dos anos 1950, do período colonial.

P - Está bom, tem aqui uma pergunta, a professora já começou a falar, mas eu prefiro fazer, por que é interessante ouvir, continuar ouvir a professora falar. O que seria indicado como fundamental para a geografia de Moçambique e porquê?

R - (risos) Opa é difícil dizer o seria indicado, para a geografia de Moçambique, porque depende muito daquilo que nós pretendemos. Eu já estava a falar, como Nação, o que é que nós pretendemos? Eh, alguns defendem uma regionalização, uma geografia regional, mas será isso que nós pretendemos? como é que

esta geografia regional será encarada? Se calhar, pensarmos no desenvolvimento econômico de Moçambique. Como é que nós podemos abordar, principalmente, os hidrocarbonetos em Moçambique, como é que podemos fazer uma regionalização a partir destes aspectos. Mas, também nós temos que fazer estudos de terreno e nós fazemos muito pouco em relação ao nosso próprio país, então eu acho que nós temos é que ver principalmente os objectivos da Nação, o que nós pretendemos como país e depois ver quais são as prioridades da geografia ou quais seriam as prioridades da geografia no estudo de Moçambique. Acho que é nesse sentido, quer dizer ainda não tenho uma resposta formada em relação (mas é isso que eu quero agora ter contacto, porque estava a dizer a professora se eu enviasse para a professora, a professora teria tempo para preparar as respostas, mas é interessante encontrar, porque algumas pessoas que eu tenho conversado também estão a pensar isso, nunca o pensaram para fazer uma tese...) há 3 anos eu estive, trabalhei um pouco com Professor Aniceto e estivemos já falar sobre isso, só que ele depois ficou doente, fomos protelando. O que eu pretendia com o Professor Aniceto, era a indicação de caminhos para uma geografia de Moçambique, como estudar Moçambique, mas depois o projecto parou porque está muito difícil a comunicação com ele. Mas, eu penso que é altura realmente de pensar-se na Geografia de Moçambique. Há um ano atrás estive a conversar, mesmo na UP, com um professor da Beira, o Professor Fenhane, e ele lançava a ideia de uma geografia regional, mas são ideias soltas que ainda não estão sistematizadas, mas que é necessário pensarmos que geografia queremos em Moçambique eu acho que é necessário.

P - Agora, uma questão que fiquei aqui a pensar, será que estamos nós, digo nós porque sou geógrafo e pesquiso geografia, estamos nós preparados para ir em frente daquilo que é todo um corpo político e econômico, nós dizendo o que nós temos que estudar, ou temos que fazer um trabalho de base para este corpo nos dizer o que nós temos que estudar. (Risos) Professora pode não responder isso é mais umas das coisas que eu fico pensando.

P - Professora, eu fiz o curso de 2005 a 2009, uma das dificuldades que eu senti nesse tempo, é que nós temos pouco material bibliográfico para falar de geografia de Moçambique. Quais foram, ou quais são as obras e autores que foram bases ou são bases para a formação em geografia de Moçambique ou em geografia em Moçambique

R - Sim, era isso mesmo que eu até tinha começado a falar, de que precisamos de pesquisa de terreno, né, as fontes que nós temos de geografia de Moçambique, Aniceto dos Muchangose Manuel de Araújo, são esses, que nós rodamos por aí para falar de geografia de Moçambique. Então precisamos de trabalhar realmente em pesquisa no terreno sobre Moçambique, tirando essas obras sobre Moçambique não temos muito. Nós no ano antepassado, tivemos uma conferência sobre ensino de geografia em Moçambique e estavam lá professores do ensino secundário e um dos constrangimentos que os professores encontram na escola é material bibliográfico para falar de Moçambique na 10ª classe. Existe um livro escolar mas não há um suporte, que acompanha o livro escolar. Então este é o grande problema, então nós como geógrafos precisamos de trabalhar muito, fazer pesquisa de terreno se calhar essa pesquisa de terreno é que vai nos orientar a perspectiva sobre que geografia de Moçambique ensinar, que geografia de Moçambique será fundamental para os moçambicanos

P - Eu participei do seminário, do seminário internacional do desenvolvimento local, acho que é esse o nome, que a UP, que a CEDECA organizou (CEDECA em Nampula) não foi aqui em Maputo (ano passado foi aqui em Maputo), o texto que eu escrevi foi para quem a geografia em Moçambique, por que é assim, já um pouco alinhado ao que estou a estudar agora no doutoramento, é assim, dentro desse percurso temos que saber o quê é que nós ensinamos, para quem e para quem, tem que existir essa relação e esta relação tem que ser clara. Para quem ensina, para quem aprende e para a comunidade que está a espera desses produtos que vão sair, então, pra mim aquele texto foi um chamado de reflexão para o comunidade (exatamente), tentar ver olha, será que temos. Um pouco ligada a aquela questão que eu fiz, devemos ir em frente nós, ou temos que trabalhar com alguns grupos para nos levarem ao caminho.

R - Não, é por isso que eu insisto nos objectivos, nos objectivo da Nação, o que esta Nação pretende, isso é fundamental para pudermos ver o que ensinar e para quê, quando e onde. Estamos num país democrático. Que geografia para um país democrático? Está tudo relacionado, é interessante essa reflexão.

P - Como é que a professora definiria a geografia hoje, com tudo isso (ah, ah, ahhhh) com tudo isso que já falamos agora.

R - A geografia é o dia a dia, é o chiango com seus conflitos, é a bacia do Rovuma, com seus conflitos, geografia é o dia a dia, é o que a gente faz ao caminhar, ao apreciar é o dia a dia. ya, o que existe aí, ya, onde existe, onde se localiza, a Vila Olímpica, onde está, estava a perguntar me as coordenadas (como foi e como está) é isso mesmo, estava a perguntar-me as coordenadas, então Vila Olímpica onde, então, isso é geografia, geografia é o dia a dia e prontos é o el Ninho, estamos em janeiro e não chove, incrível. Então isso tudo é geografia.

P - Quando eu comecei, quando estava a escrever o projecto de pesquisa, eu dizia olha, gostava eu, acho que era o primeiro mês de pensar num doutoramento (sim) dizia o seguinte, eu vou estudar a geografia ciência e esta geografia que nós sabemos que sempre existiu, com nossos avos (a vernacular) então a geografia não tem só 50 anos, tem muito mais (tem muito mais, tem séculos) ai meu orientador disse assim, você acha que vai conseguir em 4 anos (não, não é possível) estuda essa que vai completar só 50 anos, do que tu tentares descobrir ... está bom vamos ficar com Ciência mesmo. Mas é interessante como a professora responde porque, isso nos remete a um aceitar de todo um passado nosso (extactamate). Tem a questão, a geografia é a ciência, é uma tentativa de perceber o espaço, mas o espaço ele se dá mito antes de existir a geografia (é isso mesmo) então é interessante (é isso mesmo) saber que a geografia é tudo, obrigado (é isso) Então eu não estava muito, muito, não queria muito, só queria algo possível.

P - Esta bom Professora, já fizemos a quarta pergunta, estamos bem rápidos, (uau, uau) professora, a geografia como ciência em Moçambique está estática ou em constante dinamismo, eu quero que a professora, gostava que a professora fizesse um reflexão e respondesse esta questão, tendo em conta o ponto de vista de ensino, pesquisa e extensão universitária, e dizer porquê?

R - Uau, ya. Acho que foi, nos tivemos uma conferencia da Associação dos Geógrafos a GAM prontos, apresentou-se e acabou saindo um livro Geografia, passado, presente perspectivas, Geografia de Moçambique: perspectivas passado, presente e futuro) e dá para ver que não está estática, não está estática há um trabalho que está sendo feito, embora eu tenha dito que teremos, temos que fazer um trabalho de terreno, mas há um trabalho que está sendo feito, cada um na sua área, esta sendo feito um trabalho que vale a pena dizer que a geografia não está estática. Fazemos trabalho no terreno se calhar bem localizado, se calhar há áreas que ainda não estão sendo exploradas, mas há um trabalho que está sendo feito, ela não está estática, tanto a UEM como UP, estão a fazer um trabalho. Agora, se calhar podemos ter a percepção de que ainda há muito a ser feito porque somos ainda poucos que estão a fazer principalmente a pesquisa na área, tanto na geografa como ciência e na geografia como ensino, ensino de geografia. Está sendo feito um trabalho sim, e dá para ver a partir daqueles artigos o trabalho que está sendo feito, tanto para a geografia humana, assim como para geografia ambiental principalmente, estamos a trabalhar.

P - Então aqui, eu sempre no processo de construção do projecto, eu sempre pensei que olha, acho que avançamos muito na área de ensino, mas acho que paramos muito com pesquisa, até porque não temos produtos de pesquisa, porque é assim, não vale a gente dizer, olha pesquisa para produzir um artigo, a gente senta 3 ou 4 horas faz reflexão e avança, mas pesquisa como tal requer muita coisa, financiamento, objectivos e tudo mais, então eu ainda penso que estamos com um cenário de pouquíssima pesquisa. Na área de extensão universitária, acho que como é uma coisa que vem ligada ao ensino também avançou-se muito, então aqui temos duas coisas, um avanço na área do ensino e extensão universitária mas temos ainda pouca trabalho em pesquisa (não será porque somos poucos) talvez, pode ser (é) pode ser.

R - Porque somos poucos e também porque, como é que nós olhamos para pesquisa, eu acho que para além de sermos poucos, jovens é, qual é o prioritário. O que é prioritário para a universidade? O que é prioritário para o país em relação a pesquisa, aliás, ao ensino, a pesquisa e a extensão? Eu acho que só agora acordamos há 2, 3 anos que estamos a acordar para área de pesquisa mas é muito bom, estamos a acordar para área de pesquisa, estávamos preocupados em ensinar, sim que era uma prioridade, tendo em conta a situação do país, depois da independência, 93% de analfabetismo, era preciso ensinar (sim). Agora estamos a ir para uma outra fase, 40 depois, pra uma fase em que dizemos sim, ensinamos, massificamos, agora temos que encontrar focos ou pontos de priorizar a pesquisa, mas ainda temos muito que fazer sobre o ensino também, temos muito que fazer, porque sabemos qual é a nossa taxa de analfabetismo ainda. Por isso, que eu diria que estamos a caminhar pra pesquisa, estamos a caminhar para pesquisa e estamos a caminhar também para, para a extensão. Não sei, não querendo ver assim como (é, não vamos ser duros) exacto (vamos só olhar para aquilo que é a realidade) exactamente (o que eu pensei é o seguinte) como tu dizias, são as condições também que nós temos (sim) tenho uma sala onde estão 50 estudantes, depois, são as condições materiais do próprio docente que tem que andar de escola em escola para dar aulas, para puder ele próprio sobreviver, então é isso tudo e ainda são as condições que nos dão, que me dão como docente para fazer a pesquisa de terreno, então isso tudo conta, então eu acho que, prontos estamos a caminhar.

P - Esta bom, Ai eu faço uma pergunta, acho, segundo a professora são todas perguntas difíceis, mas são as necessárias para avançar na minha pesquisa, diante desse cenário pouca pesquisa podemos falar de uma escola de geografia moçambicana?

R - Hum, Podemos, podemos falar da escola de geografia moçambicana (porquê professora) já podemos falar, porque esse poucos pesquisadores eh, prontos, trabalham sobre determinadas áreas de pesquisa o que temos que fazer é sentar e ver que escola pretendemos como dizia, mas já se pode falar sim da escola de geografia moçambicana (como algo que queremos fazer, ou como algo que já existe) como algo que queremos fazer, que queremos construir (ok) só para ver, prontos como dizia preocupava-mo-nos com o ensino, estivemos muito preocupados com a licenciatura, com o básico, com o ensino básico secundário, licenciatura, mas de uns 5 anos, pra cá já estamos a preocupar-nos com mestrados né, já temos mestrados nas nossas instituições e de há 2, 3 anos pra cá já temos os doutoramentos, então isto vai-nos conduzir a escola do pensamento geográfico.

P - Professora disse que trabalha muito com a geografia escolar (sim) então, quais são os conceitos que são discutidos muito na geografia escolar?

R - Conceitos? (5 conceitos que não temos como não falar, quando falamos de geografia de Moçambique, mesmo na área escolar) falamos de região, falamos de lugar, falamos de território (então seriam, os mesmos conceitos teóricos da geografia) exactamente, são os conceitos teóricos da geografia (não vão ter uma especificação, acho que na questão escolar vamos ter, questão psicologia escolar, didática mas para questão pedagógica) sim, quando estamos ya, ya (então, por que é assim, eu fiz essa pergunta e

todos que responderam, responderam me também com conceitos teóricos) sim (lugar, são os mesmos conceitos) sim são os mesmo conceitos.

P - Ok, obrigado professora. Ok, aqui, agora fica mais tenso, por que aqui, vamos para pergunta oito, estamos quase professora. Professora a geografia essa é uma característica não só da geografia Moçambique mas de muitas outras geografias, sempre esteve ligado ao poder Administrativo e de Governação, qual é cenário hoje em Moçambique. Nós já tínhamos começado a falar que a geografia é colonial e a gente herdou disso, então é um pouco isso, hoje (risos) talvez ai vamos a um outro debate, porque é o seguinte em muitas realidades deu se importância a geografia (sim, sim, sim) qual é o cenário hoje em Moçambique.

R - Eu, eu as vezes fico confusa, em relação ao cenário em Moçambique, porque, se formos a ver pela história da geografia escolar, ela logo depois da independência foi militante, foi uma geografia que (revolucionaria) exactamente revolucionaria que deveria, prontos fazer com que o moçambicano ou o aluno aderisse ao projecto socialista, mas depois ela foi ficando menos explícita ( risos) foi ficando menos explícita a partir dos anos 90, 90 pra cá claramente a geografia, foi, foi ficando menos militante mas ela não é neutra, sabe-se muito em que a geografia não é neutra. Agora se está ligada explicitamente ao poder político é essa a questão ( administrativo e de governação) administrativo e de governação (risos) ohh que pergunta meu Deus ( o que nós, o que tenho, acredito que a professora tenha mais informações do que eu, quem fez o primeiro censo deste país foi o Departamento de Geografia, quem encabeçou, que tem esse poder administrativo, de visão territorial (...) esse trabalho todo, humano e censitário foi encabeçado a Geografia, façam vocês, vocês são quem pode fazer e isto não por acaso, que eu entendo) Claro (mas por causa desta herança que o nosso Governo teve quando conseguiu o país, nós não mudamos a forma e governar, nós continuamos a governar como) sim (o colono governou) sim, sim (alias professora dizia) mesmo ( o que é a geografia colonial) interessante ( o que é, aquilo é uma geografia para conhecer o lugar. E quem esta no Governo hoje, também quer conhecer) também quer conhecer (o lugar) sim. (Aí) A geografia serve em primeiro lugar para fazer a guerra (aí, aí, tem esta questão hoje, em que nós dizemos olha, nós podemos criticar, nós somos acadêmicos, nos temos que pensar, repensar, criticar. A critica de um acadêmico hoje é entendida como parte construtiva a um projecto ou parte não construtiva ao projecto é um pouco isso, porque por exemplo, se pensarmos olha, tem um papel fundamental o geógrafo para pensar um projecto para o país, tem que nos dar espaço para pensar o país, não estamos nessa situação) acho que não.

P - Professor Araújo falou uma coisa interessante, disse olha tinhamos mais voz no tempo do socialismo (certo) do que hoje, os governantes do socialismo de Moçambique ouviam os acadêmicos e principalmente geografia, hoje parece que hoje é isso, faz-me uma certa confusão, sim, hoje penso que não é depois se nós formos a ver própria geografia desde o ensino básico ao ensino secundário, ela hoje está aglutinada as ciências sociais, não é sintomático) é aquela questão para quem a geografia? (ya, ta aglutinado, são ciências sociais, aglutinada á história e chama-se ciência social e ela só aparece a partir da 8ª classe, então, penso que em 77) o que era muito importante (exacto) depois da independência, a geografia era fundamental para o cidadão entender-se como moçambicano (exactamente) agora não é muito importante isso, se ele não entender-se como moçambicano, continua a viver (é isso mesmo) ok (é o meu entender não sei)

P - Professora a GAM é uma realidade, professora faz parte da GAM

R - (risos) Eu faço parte da GAM, oh meu Deus, (começo assim, professor faz parte da GAM) faço parte da GAM.

P - Como a professora entende a actuação da GAM

R - Ya, é muito fraco, nós mesmos somos os culpados, como geógrafos deveríamos actuar mais, se calhar nós não temos o espírito do associativismo, mas também pode ser uma questão de tempo (ok) que as pessoas não tem. Os poucos, como eu dizia, estão em cargos de chefia, esses poucos geógrafos que nós temos, nas suas instituições, tanto de ensino e outras instituições estão em cargos de chefia, então, ainda não encontramos um momento para actuarmos em bloco, não sei, precisamos de trabalhar mais como associação de geógrafos (ok) precisamos de ser mais actuantes, estamos a trabalhar muito pouco, ya estamos a trabalhar muito pouco.

P - A actuação política dessa associação, como é que a professora entende?

R - Hum, ainda não entendi muito bem, é. Porque tirando os encontros que nós temos tido pra as eleições, alguns encontros para conferencias, não há mais nada que acontece (ok) não há mais nada que acontece, então, penso que deveria ser mais actuante realmente, mas eu acho que é mesmo porque os associados os que estão a frente estão ocupados em outros cargos (ok, ta bom, faltam dez questões, desculpa professora, só duas)

P - Professora como entende, ou consegue visualizar o intercambio que existe entre a geografia e outras ciências

R - Sim (a gente vive isso, como a gente vê, é coisa boa, que vale a pena fazer, sim, não) eu acho que sim, eu acho que vale a pena fazer, as outras ciências como sempre complementam, temos a física, que é importante para a geografia, a química que é importante para a geografia, prontos para falarmos um pouco sobre a constituição das rochas, a química neste caso, a física para interpretar o tempo é fundamental. Agora é importante que nós também tenhamos consciência de trabalhar em conjunto com estas outras ciências. Numa instituição de ensino podemos trabalhar com professores dessas áreas física, química, biologia, na área de biogeografia, o intercambio eu acho que depende muito de pessoa para pessoa, mas é a questão interdisciplinar e pluridisciplinar que deve existir entre as ciências, entre as diversas ciências incluindo a geografia e outras (eu agora fiquei pensar algo, a professora só falou de ciências exactas) (risos) (foi ao acaso professora) foi ao acaso sim, podemos falar de geografia e literatura, opa (foi ao acaso) sim foi ao acaso (é assim, o que talvez é fundamental que a gente saiba é o seguinte, a relação que nós temos que ter com outras ciências não podem nos fazer parar de pensar a geografia) claro, porque o espaço é fundamental (por exemplo eu sou meio critico a esta questão, vamos pegar história e geografia e fazer ciências sociais) exactamente (as ciências sociais é uma disciplina) não é o que eu dizia (a história é outra e a geografia, assim) a interpretação do espaço e tempo na geografia e na história são completamente diferentes (então) isso mesmo (nós temos, isso não é uma boa relação) claro (não é isso que temos que chamar que é relacionar-se com outras ciências) não, não não, longe de mim isso (ok). Longe de mim, não foi por isso que eu estava a dizer que fico um pouco confusa, quando estavamos a falar na anterior questão, em relação a força da geografia nas decisões (sim) porque a tendencia é eliminar, é eliminar, no ensino básico temos ciências sociais, mas quilo não são ciências sociais é aglutinação de história e geografia e se formos a ver o programa é mais história que geografia (ok)

P - Um familiar meu disse estamos num país em que temos que escrever o que fazemos ou fazer o que era escrito, a gente não consegue fazer nem uma nem outra coisa, mas nós só temos duas opções ou escrever o que fazemos ou fazemos o que está escrito, é um pouco isso (é isso mesmo, é isso que estamos a fazer, se formos a ver, quem são os professores que estão a lecionar as ciências sociais (são professores de história) e a geografia ya.

P - Esta bom, Professora ultima questão. O que a professora conhece de outras geografias, autores, debates, algumas cosas que vale a pena trazer para esta entrevista, eu coloca esta questão, aqui quero

aprender, porque eu costumo dizer o seguinte, eu estou a estudar a geografia de Moçambique a partir da Geografia do Brasil (risos) ( todos nós fazemos isso) se alguém pegar, quando minha tese estiver pronta, mesmo sem ver vai dizer estudou no Brasil (Ruy Moreira( estudou no Brasil (Douglas Santos) não tem como (é isso) é interessante se nós queremos fazer geografia, temos que conhecer as outras geografias, se não podemos correr o risco de pensar que estamos a fazer algo novo aqui, enquanto já foi feito talvez em outras escolas.

R - Bom, eu estudei na França, então li se calhar pode se assim dizer outros autores, autores franceses, essa é se calhar a minha orientação, eu estava a falar de Yves Lacoste, Geografia, serve para fazer a guerra, e outras, Vidal De La Blache, René Clozier, Christian Grataloup, Pierre George, Bailly, Ferras, Pinchemel, Hugonie, Claval, prontos, por aí. Brasil comecei a entrar também, nós temos uma relação com autores, com o Brasil, mas quando estava a estudar na França, também tive contacto com alguns autores brasileiros porque alguns deles estudaram lá (professora pode dizer alguns autores que estudaram lá no tempo da professora) opa, não no meu tempo não, estudaram na França. Não no meu tempo. Li-os quando estava lá e um deles é, Milton Santos. Então, para além desses, os alemães através da história da Geografia, quando a gente vê, começamos a falar de todos os autores, então é isso. E hoje temos o contacto dizia com o Brasil, são vários também que estudamos, estava a falar do Ruy Moreira, Douglas Santos e outros que trabalham na área de ensino, ensino como Lana Calvacante, por aí, então são esses os autores.

P - Professora mais uma vez muito obrigado (espero que tenha esgotado) não professora não esgotar, não é para isso que pesquisamos.

Universidade Eduardo Mondlane  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Departamento de Geografia  
Maputo, Agosto de 2015

Entrevista com Professor Boaventura Cau

P - Obrigado mais uma vez professor, por conceder a entrevista, vamos tentar, tentar aproveitar o máximo. Professor, a minha primeira questão, é um pouco, é aquela mesmo para começar e deixar o professor a vontade (Ya), eu olho para o tempo do curso de geografia, estamos quase a 50 anos de curso, sob ponto de vista de ciência estamos ainda numa geografia juvenil, é jovem ainda, sob ponto de vista do tempo que se vem fazendo o curso, mas minha questão é interessante pensar um ou pouco a relação ou o contacto entre a geografia e o professor, como é que se deu? Em que momento o professor começa a trabalhar com a geografia, como esse começo.

R - Na altura quando eu fiz a 11 classe, bem ali havia uma, uma, haviam algumas possibilidades em termos de cursos que eu poderia concorrer para eles, para poder frequentar na universidade e, bem geografia foi o curso que mais me interessou e assim concorri, fui admitido, ingressei para começar a estudar o curso (sim, em que ano foi isso professor) isso foi em 93 ( em 93) em 93.

P - Professor fez o nível médio onde?

R - Eu fiz o nível médio no Xai-Xai (ok, isso foi em 92, então foi na antiga EPUXX, Escola Pré-Universitária de Xai Xai) Escola Pré-Universitária de Waxicolane, chamava-se de Waxicolane, claro que

foi depois transferida de Waxicolane para Xai-Xai, mas continuava com o nome, foi transferida para por causa d situação político militar, a guerra civil naquela altura (sim)

P - Ok, então professor termina o nível médio, já começa a a fazer o curso de Licenciatura em Geografia, já, já a separação já existia entre e ensino de geografia e licenciatura em geografia (sim)

R - Nessa altura só existia Licenciatura em geografia, era curso de licenciatura em geografia (ok)

P - Professor, de lá para cá de 93 até hoje, quais seriam os marcos que o Professor indicaria ao falar da geografia de Moçambique, aqui poderíamos pensar, marcos sujeitos, marcos temporais, o que, o quê, quando se fala de geografia de Moçambique, o que o professor visualiza sob ponto de vista de importância, algumas coisas para reflexão.

R - Bem, alguns aspectos importantes que vejo é que esse curso de licenciatura, não existi como tal até 1990, começou em 1990, uma formação de licenciados e que é importante que o curso tenha conseguido continuar e manter-se até esta altura e, é formou vários geógrafos, não posso dizer quantos agora, mas formou vários geógrafos que eles estão a contribuir positivamente para o desenvolvimento sócio econômico de Moçambique e também para o progresso da ciência em Moçambique e a nível global. Porque cada um contribui com seu conhecimento a nível global. E nesse sentido também mesmo em termos do, da natureza da formação os geógrafos, do ponto de vista, não só de, do ponto de vista de número, mas também sob ponto de vista da qualidade, tendo em conta o grau que eles são formados, de certa maneira também durante este período aqui de quase 25 anos, se eu contar desde 1990. Então, fomos cada vez mais tendo mestrados, alguns com nível de mestrado e outros com nível de doutoramento e no passado eram muito poucos os docentes com nível de doutoramento ou de doutorados. Mesmo na minha própria altura, na altura que eu fui formado eram poucos, eram poucos, lembro-me do Professor Araújo, existia também o professor Aniceto dos Muchangos, mas a mim particularmente não chegou de me dar aulas mais tarde veio a ter o professor Ebenizário Chonguiça, não é, mas mais tarde. Mais maior parte dos docentes eram licenciados e (poucos mestres) pouco mestres, mas hoje e dia a situação já é diferente, temos mais, a ainda continuamos com mais licenciados, quer dizer mais licenciados até não só aqui na faculdade, mas também na universidade em geral, mas temos um número maior de, de mestres e doutorados, isso ai é um aspecto muito importante. Para além disso, nós introduzimos o curso mestrado em População e Desenvolvimento, embora esteja a funcionar no Centro de Análises Políticas ele pertence ao Departamento de Geografia, então introduzimos esse curso mestrado, que já penso que teve duas ou três edições em termos de ter graduados mestres, não é e depois, neste momento por exemplo, está num processo de revisão, de revisão, já depois de ter sido implementado um bom número de anos e ter já tido graduado alguns técnicos superiores ao nível de mestrado e que estão a contribuir de diversas formas quer para docência, como para o exercício de várias atividades profissionais a volta do país. E para além disso também nós estamos a pensar e expandir o nosso, quer dizer a nossa formação, porque achamos que neste momento já temos mais condições, sob ponto de vista de corpo técnico de docentes, quer dizer estamos a preparar-nos para introduzir por exemplo o curso de mestrado em, em ordenamento território e ambiente, mas também um curso de doutoramento, um curso de doutoramento, um programa de doutoramento, não é, que ainda não temos bem o nome ainda, porque estamos anda na fase inicial, mas vai tentar abordar aspectos ligados a população, desenvolvimento também ao meio ambiente (ok).

P - Professor, nesse mesmo período eu voltarei um pouco, um pouco mais, porque eu olho o curso, o curso (...) o curso de geografia ele começou com essa vertente pedagógica, foi para formar professores de geografia e história e depois de um tempo é que separa se e somente passasse a ter a o curso de licenciatura em geografia, o que nos poderia indicar professor para falar da geografia de Moçambique, porque das coisas que já li e algumas que já ouvi de alguns professores, nós começamos com um curso

português, com o tempo com a formação de pessoal cá que foi fazendo essa viragem ou mudança do pessoal que trabalha no curso. Se quisermos falar hoje, aquela questão da história da geografia, quem é que nós indicaríamos como fundamental para falarmos da história da geografia.

R - Bem, pessoas que ainda existem, que conheço neste momento que eu poderia indicar, um deles é o Professor Manuel Araújo, bem, ele foi estudante aqui na antiga Universidade Lourenço Marques, não é, então, penso que ele acompanhou o processo todo, desde essa altura em que (começa com curso de) a orientação era, preparar professores para ensinar geografia e história até a altura em que se introduz o curso de licenciatura em geografia, mas para além dele, também temos o Professor Aniceto dos Muchangos. Também, o Professor Aniceto dos Muchangos também é alguém que acompanhou o processo, ou viveu, foi parte do processo digamos, digamos do desenvolvimento da ciência geográfica se assim posso dizer em Moçambique, mas para além deles também temos a Professora Ximena Andrade, a Dra. Ximena é também uma pessoa importante, que peso que seria, tem muito conhecimento sobre isso, já que inicialmente estávamos a falar de ensino médio, alguns livros de geografia que eu tive no ensino médio ela foi uma das autoras, haviam dois, penso que haviam dois livros de geografia, um de geografia física e outros de geografia econômica, ela foi umas das autoras de um dos livros. Ela também acompanhou esse processo da introdução do curso de licenciatura em geografia, então é uma pessoa importante e penso que seria, seria bom ouvi-la sobre a história de geografia em Moçambique. Para além desses, poderão existir outros que eles mesmos poderão indicar pessoas que tenham vivido com ele naquela altura (Professor Araújo quando conversei com ele, ele me falou da Professora Maria Celeste, Professora Celeste Coelho, foi uma das portuguesas que começou o curso cá) ok (e estamos a ver se conseguimos, conseguimos) uma entrevista (entrar em contacto com ela, então ver se ela concede uma entrevista e acho que seria interessante, ouvir parte esses portugueses que criaram o curso) (...) (forma-se o curso basicamente português depois fica a assegurar toda a questão do curso até aos dias de hoje) sim. Mas para além deles, temos alguns dos nossos colegas hoje que fizeram parte dessa turma ou das turmas dessa formação (ok) de professores de geografia e história, uns que estão (falei com a Professora Rosita, ela disse olha, ele fez parte do curso e também ela contribuiu com algumas coisas interessantes de se pensar, depois vamos ver como a gente organiza) ok;

P - Professor, nós temos hoje um grande problema, não é só sobre a geografia de Moçambique mas é a geografia em todo o mundo, a definição da geografia, como é que o professor define a geografia, olhando para o que é Moçambique ou para o que é a geografia de Moçambique, porque acreditamos nós que toda a necessidade de definição ela tem um contexto local, tu defines a geografia a partir daquilo que tu entendes que é a geografia do teu espaço de atuação, de trabalho de vivência, então como é que o professor definiria a geografia olhando para Moçambique.

R - Sim, é uma pergunta difícil essa (risos) que penso que não é uma pergunta que teria que responder assim, é uma pergunta que, é uma pergunta de reflexão essa (ok) que eu teria que sentar e criar um conceito de geografia tendo em conta a realidade moçambicana e nesse sentido procurar ver se há alguns aspectos, alguns domínios fundamentais que eu não esteja a deixar de lado. Então, ao invés de procurar definir geografia no contexto moçambicana, penso que provavelmente posso lhe dizer é algo que os geógrafos moçambicanos poderiam se preocupar, que domínios, que aspectos (deveriam ser tomados em conta para definir a geografia) exatamente na questão da geografia, não necessariamente na definição do conceito como tal, então isso precisaria de algum tempo para sentar e escrever e refletir naquilo que estou a escrever, não são. Mas tendo em conta a realidade atual em Moçambique, penso que, nós continuamos interessados em perceber as relações e inter-relações que acontecem no espaço, tendo em conta vários domínios, várias dimensões, a questão da população, a própria questão física, da natureza física do espaço em si, mas não só, também essas outras dimensões, a dimensão da população, os aspectos socioeconômicos numa maneira geral, que de certa maneira poderiam incluir a população, os aspectos

ambientais, não só o ambiente físico, mas também o ambiente social, etc e as inter-relações existentes, não é e cada vez mais também, nós estamos tendo uma expansão sob ponto vista de interesse dos geógrafos hoje em dia, quer me parecer, não é, contrariamente ao passado, porque no passado quer me parecer que, quer dizer, havia aquela orientação, geografia física e geografia humana como tal, embora que hoje em dia continuamos a fazer, estamos a fazer possa englobar-se numa dessas grandes, duas grandes áreas, mas de certa maneira, acho que hoje em dia há uma certa tendência de procurar-se se expandir um pouco mais, se expandir um pouco mais e talvez isso influenciado pela, pela, pela relevância que a multidisciplinaridades na ciência ou a trans-disciplinaridade na ciência vem ganhando nos últimos anos, talvez por causa disso aí nós também temos tendência de abraçar algumas áreas, por exemplo a área da geografia da saúde que de certa maneira está em voga, nos outros países, mas que aqui embora os geógrafos moçambicanos trabalhassem nessa área mas, mas não havia assim, quer dizer essa área não se destacava como uma área trabalho em que muitos estivessem lá para fazer alguma coisa. Então as preocupações continuam as mesmas do passado, mas com um pouco mais de, de procurar expandir mais, expandir mais.

P - Uma questão interessante, olhado para esse período de geografia de ensino nosso curso foi sempre orientado realmente dessa forma, geografia humana, que é, foi por muito tempo encabeçada pelo Professor Araújo, geografia física encabeçada pelo Professor Aniceto dos Muchangos, então tu tens isso aqui, mas é interessante talvez começar a pensar o seguinte, é um pouco naquela questão que fiz, antes de começar a gravar a entrevista, nós formamos pra quem, o que nós fazemos de geografia é o que mercado quer, ou nós temos que nos apresentar como, assim é uma demanda interna da geografia ou é uma demanda externa, qual, como é que professor vê nesse tempo.

R - Bem eu vejo isso como uma combinação, como uma combinação das duas coisas (ok) por lado temos a demanda interna e por outro lado a demanda externa, demanda externa, no sentido de externa, de externa a universidade (sim) (...) sim por que nós formamos técnicos superiores para servir a sociedade, então temos que formar para resolver os problemas e ou ajudar a resolver os problemas, ajudar a compreender os problemas que afligem a sociedade (ok) mas ao mesmo tempo também, nós procuramos responder aos nossos interesses, interesses especiais sob ponto de vista de investigação, como uma instituição, mas também os interesses dos nossos vários colegas ou docentes, investigadores que fazem parte dos departamentos de geografia, então, porque eles também tem seus interesses, ambições, paixões particulares e termos de estudar a geografia, penso que isso aí é importante, porque é isso aí que vai fazer com que a roda avance, não é, quando as pessoas tem interesse naquilo que estão a fazer, então há possibilidade de mais criatividade (...) respondendo rapidamente penso que respondemos, procuramos combinar as duas partes, a nossa demanda interna e demanda externa (ok).

P - Professora, sob ponto de vista de ensino (na minha opinião, na minha opinião [risos] é claro provavelmente outros colegas transmitirão outras opiniões) sob ponto de vista de ensino, pesquisa e extensão universitária como o professor entende a geografia de Moçambique, é uma geografia estática ou é uma geografia em constante dinâmica

R - Ensino (ensino, pesquisa e extensão universitária) bem eu penso que é dinâmica, dinâmica como fomos falando inicialmente, antes de iniciar a entrevista, mesmo olhando pra mudanças curriculares que aconteceram, acho que em si, mostram essas ( podemos usar essas mudanças como indicadores de dinamismo) de dinamismo ou se, mesmo ao analisar os currículos provavelmente não veja grandes diferenças entre elas, mas de certa maneira essa mudança mostra que há alguma inquietação, não é, com a maneira em que as coisas estão e que há uma necessidade e uma busca continua em procurar melhorar as coisas, isso do ponto de vista de ensino (sim) que certa maneira está ligada a investigação (pesquisa)

quando nós melhor preparamos os nossos estudantes aqui, então, preparamos não só para ensinar mas também para própria pesquisa, então, na área de pesquisa também penso que classificaria como dinâmica, não é, claro que com as limitações que nós temos, temos limitações como país, quer dizer a universidade aqui está dentro de um país, contexto do país, mas acredito que a investigação está a avançar na minha opinião, se for a pedir nesses colegas que fazem parte do departamento de geografia, tentar procurar ver em termos de seu repertório, da sua bibliografia pessoal, em termos daquilo que eles publicaram, não é, então poderá notar que tem alguns que fizeram algumas publicações, em revistas externas, claro que alguns na língua inglesa, mas existem, mesmo aqui internamente, também começamos a ter alguns livros, alguns livros resultantes dos trabalhos de investigação no âmbito de Programas de Doutorado de alguns de nossos colegas, que depois mais tarde foram transformados em livros, então isso é importante também, porque, não só torna possível partilhar aquele conhecimento que foi produzido, não é mas também faz com que nós tenhamos, possamos acumular algo escrito sobre a geografia e no passado, nessa altura dos anos 90 que está falar tínhamos muito pouco, tínhamos muito pouco, agora temos um pouco mais e ainda agora, atualmente para além dos artigos, também temos livros até que sejam mesmo fora do contexto do, do, duma dissertação de doutoramento não é, temos alguns, então isso, é um bom sinal ( Professor) agora do ponto de vista da extensão é, bem, também continuamos, quer dizer, temos trabalhado nessa área, ou tenho visto algo dos colegas nessa área, embora é extensão mais orientado para consultoria não é, mais orientada para consultoria, mas não só, até não diria mais orientada, mas eu citei uma parte muito forte também, essa parte, mas também a parte de ligação institucional com outras organizações, por exemplo, mesmo aqui no nosso Departamento nós é, mandamos regularmente os nossos, alguns dos nossos discentes, estudantes finalistas aqui, pra estagiar lá fora, como no Programa Mundial de Alimentação, então eles vão lá estagiar, por um lado, eles aprendem lá mas também eles ajudam o PMA a resolver vários assuntos, não é, pelo menos aqueles assuntos que precisam de incorporação de uma análise espacial, etc, etc. São alguns exemplos de nossa colaboração, nós colaboramos com o Ministério da Coordenação, Coordenação (Ministério das Obras Públicas, Ministério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural) exatamente, o antigo Ministério da Coordenação e Acção Ambiental.

P - Professor, eu, uma coisa que vive, o reflexo da mudança do currículo foi a forma de conclusão de curso, durante muito tempo a forma de conclusão do curso de Geografia era com base numa monografia, que isso pra mim permitia a pratica de exercício de fazer pesquisa do estudante pera ele puder terminar o curso, no nosso ano foi retirada este, esta forma de terminar o curso, isso não poderá, não pode influenciar no, na produção de pesquisa, quando a pesquisa, fazer pesquisa no Departamento, isso não influenciou?

R - Penso que não, porque na verdade eu não sei se de fato foi retirado com esta a dizer, eu penso que não foi retirado o que aconteceu foi que abriram-se mais outras portas, mais outras formas de (conclusão) conclusão de curso, quer dizer, para além da monografia há uns que poderiam culminar de outra forma, por exemplo, agora para além da monografia, há uns que fazem projeto de, um projeto de pesquisa, não é, e há outros que fazem uma defesa de um exame oral (ok) o que nós procuramos fazer na verdade é dar mais possibilidades aos estudantes, escolherem as suas formas de culminação de curso, não é. Mas ao mesmo tempo também o próprio currículo foi, reforçando a componente do trabalho prático, não é, do trabalho prático, por exemplo em todas as disciplinas, requerem que es estudantes façam o trabalho prático e penso que isso ajuda em termos de, digamos, solidificar essas competências de pesquisa nos estudantes. Mas, por outro lado também, como eu disse nos introduzimos cursos de mestrado, não só aqui no Departamento de Geografia, que temos aquele mestrado em população e desenvolvimento, mas também teu outros curso de mestrado, na faculdade de agronomia, onde os nossos estudantes tem ido lá, então nós pensamos que neste momento há possibilidade do estudante poder ainda reforçar, consolidar não é, as suas competências do ponto de vista de investigação, contrariamente a esse período do primeiro

currículo, por exemplo em 1990, porque, se alguém, um licenciado, bem para ele melhorar as suas competências sob ponto de vista de formação de pós graduação só tinha que ir para fora do país e não era fácil, não era fácil de contrário todos iam para o mercado de trabalho, mas neste momento já temos essas possibilidades aqui no país, mas para além disso também, esta não é uma experiência única nossa, mesmo olhando para os currículos de outros cursos, universidades fora do país, fora do país também, há universidades que não há nenhuma monografia ao nível de licenciatura os estudantes terminam apenas com a parte curricular, e terminam e só no mestrado é que tem (ok)

P - Tinha uma questão aqui que perde sentido fazer, depois que o professor falou, porque, é durante a construção do roteiro eu identificava um cenário de pouca pesquisa, eu (sim) então eu, com essa questão eu remetia a possibilidade ou não de falar de uma escola de geografia moçambicana, essa questão eu associei a, algumas coisas que eu conversei com professor Araújo, que diz que olha já é tempo de pensar numa escola de geografia, uma escola de geografia moçambicana aí, eu remetia isso, será possível isso com essa pouca pesquisa? E hoje por exemplo eu faço a outra questão, associado a isto, olha mesmo com indicadores mostrando mais pesquisa a nível do curso, temos pesquisas na mesma linha para nós pensarmos numa escola da geografia, porque como falou o professor, a gente pesquisa mas, se formos a olhar, vamos encontrar pesquisas particularizadas, o professor em mais gosto a estudar A, outros, então como falar de uma escola de geografia moçambicana se não temos pesquisas numa linha (sim, sim na verdade) primeiro professor, aceitaria falar de uma escola de geografia moçambicana?

R - Eu penso que provavelmente, na sua análise não é, na sua análise depois de investigar poderá dizer se de fato se esta emergir, se existe (risos) (o professor está a responsabilizar me) ya uma escola de geografia moçambicana, neste momento dizer isso aí, não estaria em condições, mas eu tenho esperança que a sua pesquisa possa nos dizer alguma coisa, vai tentar identificar algum padrão, quer sob ponto de vista de rumo que a geografia esta, digamos que esta seguir em Moçambique. É, agora, em termos de, de, de definir uma escola, pré-definida digamos em que as pessoas tem de seguir, embora isso desejável, creio que no contexto atual é, me parece difícil, me parece difícil, porque quer dizer o contexto actual é um contexto em que nós, quer dizer, procuramos trabalhar dentro de, algumas incertezas, algumas incertezas a maior delas é sob ponto de vista financeiro, financeiro por exemplo realizar pesquisa etc. Porque, no ponto de vista, no passado até tínhamos problemas de acesso a literatura, bibliografia, mas hoje em dia já foi ultrapassado, foi ultrapassado, hoje em dia a Universidade Eduardo Mondlane já tem acesso a revistas, até muito importantes a nível mundial, não é, já tem acesso a essas revistas, então já temos acesso a bibliografia de topo, a nível mundial, isso é muito bom pra ajudar no processo de pesquisa, mas temos a parte financeira. Claro que essa parte financeira está a melhorar, a Universidade tem estado a lançar concursos, não é, para se buscar financiamentos pra trabalhos de pesquisa, mas não só também no Ministério da Ciência e Tecnologia, também tem lançado concursos, mas muitas das vezes o que torna difícil, digamos seguirmos um caminho pré-definido é essa disponibilidade de recursos, na minha opinião, para poder se avançar, porque muitas das vezes se o estudante, aliás o investigador ele concorre para um certo, um certo (fundo de pesquisa) fundo de pesquisa ele tem que fazer, faz pesquisa nessa linha, mas também não só, nós também muitas vezes a pesquisa aqui é feita de forma colaborativa com outros investigadores de fora do país, não é, então muitas das vezes os problemas são definidos lá, claro que nós também ajudamos a melhorar a definição desse mesmo problema. Então os nossos docentes entram colaborando com pesquisadores de outras Universidades que de certa maneira pesquisam noutras áreas, provavelmente noutras linhas de pesquisa que provavelmente não iam encaixar naquilo que se consideraria uma escola pré-definida de geografia, não é, mas todos esses, eles contribuem no ponto de vista de publicar etc. Então, mas acredito que ao longo do tempo, uma escola de geografia vai emergir, eu acredito que vai emergir uma escola de geografia moçambicana, mas neste momento, temos ainda esse desafio (ok) esse desafio.

P - Professor, eu coloco, venho aqui, nessa linha de questão de geografia (mas ainda se, desculpa ainda, um outro aspecto que queria me referir, nesses programas de pós graduação que estamos a criar, eles já em si define uma certa (linha) área (atuação de pesquisa) exatamente nós vamos ter graduados nessa linha, nessa orientação (sim) então de certa maneira eles também vão contribuindo para criação dessa tal escola de geografia moçambicana. Professor, quais seriam, já é claro, pelo menos nesta conversa ficou a expressão dessas duas linhas de pesquisa, uma maior na área de geografia humana e outra na área na geografia física, dá para ver isso olhando para os currículos, conseguimos ver aqui a questão da geografia da população e ambiente e podemos entender que isso tudo nos leva a demografia depois temos a GIS e nos remete ao saber prático da geografia física, teríamos já professor conceitos, isso é também uma coisa que eu quero perceber, teríamos conceitos específicos para pensar a geografia de Moçambique? Por exemplo, quando estávamos a discutir com meu orientador, ficamos a pensar, quais seriam os conceitos que a geografia de Moçambique discute, que estuda, aí eu disse pelo o que eu estudei, eu diria com força que nós ainda nos preocupamos com paisagem ou só com paisagem, aí ele disse olha interessante pensar que vocês discutem paisagem, discute se muito a questão da população, território, aqui, estamos a olhar, não só para outras formas de fazer geografia, por que é assim, a questão do território não é só uma questão, não vamos nos limitar muito na questão de descrição aqui já temos que apostar mais na análise e começar a perceber algumas forças de poder para definir e outro território. Quais seriam os conceitos hoje discutidos na geografia de Moçambique.

R - Ya, é uma questão também complexa (risos) (o que foi me dito foi, Langa, tu vais, estas a fazer uma pesquisa de doutoramento, tu não podes ficar, em algum momento tens que subir no nível, para que alguém olhe e sim, temos aqui uma tese) ya (porque) olha é o que, é muito complexa essa questão, mas o que eu podia lhe dizer é que de facto é, não sei se chamaria de conceitos não sei, mas temos, quer dizer, tenho visto por exemplo olhando para as dissertações que tem sido, tem sido realizadas ou defendidas não é, também nas conferencias e seminários que tem havido, não é, aquilo que tem sido apresentado eu penso que há alguma preocupação com as questões ambientais, não é, uma preocupação com questões ambientais, que não sei como é que eu enquadraria na sua pergunta, mas há, você vai saber como enquadrar isso, eu penso que há alguma preocupação com essas questões ambientais, não é, também a uma preocupação com aspectos ligados a população, não é, população, de uma maneira geral, não só do ponto de vista da sua estrutura, distribuição, crescimento, né mas também do ponto de vista de suas características, e também tem essa parte física, mas a parte física muito mais acoplada a questão ambiental do ponto de vista de mudanças ambientais (sim) não é, que penso que onde eu tenho visto alguma preocupação, não é em termos de trabalhos que estão sendo realizados e apresentações que tenho visto. Mas acredito que outros colegas provavelmente poderão melhor lhe responder essa questão.

P - Nesse percurso histórico e temporal nós identificamos que o curso de geografia sempre esteve, não só aqui em Moçambique, em muitas outras escolas esteve sempre ligado ao poder administrativo e de governação, até para ser mais dramático, até hoje temos o curso de geografia, ligados a uma questão de estratégia militar, aqui a geografia é entendida como reforço para estratégia militar de onde ele estudou, ou de onde ele vai estudar. Qual é o cenário hoje, olhando para o tempo em que começou o curso, tem sinais, sob ponto de vista de, documentos que mostram essa relação, era uma geografia de Estado e Colonial, por isso muita importância se deu em estudar a geografia física, era necessário para o governo colonial conhecer o território que ia colonizar, hoje, depois da independência vimos ainda uma relação forte, daí eu levanto como hipóteses de meu trabalho, que a geografia em Moçambique não mudou, continua sendo uma geografia de Estado, ora antigamente foi uma geografia de Estado Colonial, e agora uma geografia de Estado do governo actual que é moçambicano, porquê, logo depois da independência houve também uma relação forte de trabalho demandado pelo governo para a geografia, temos por exemplo o caso do censo de 1980 , aquele censo foi pensado aqui na geografia. Então hoje, essa relação

continua, é mais forte do que antes, como é que o professor entende, a relação geografia e o poder administrativo e de governarão.

R - Bem, bem, bem, eu não sei se poderia colocar as coisas nesse sentido (por favor, fica a vontade) (risos) o que eu penso é que de fato a geografia ela esta, ou procura também ajudar a resolver os problemas que, resolver e compreender melhor os problemas que afligem a sociedade, a sociedade moçambicana, os problemas que tem a perspectiva geográfica, dimensão geográfica como um elemento fundamental, não é, e nessa linha não é, alguns desses problemas são também problemas que preocupam também o (o poder administrativo) o poder administrativo, então é uma questão, na minha opinião seria uma coisa, não tinha pensado nessa linha que esta a indicar (risos) (seria isso uma coincidência professor, essa é, acho que poderíamos fazer a questão diferente, seria isso uma coincidência). Bem, na verdade o que é certo é que, nós por exemplo, olha para hoje em dia dum ponto geral, a preocupação é no sentido de acabar com a pobreza, ou criar mais riqueza (sim) ok, criar mais riqueza, então a geografia também ela pode contribuir nesse sentido por exemplo, tentando mostrar as melhores formas de fazer, por exemplo o uso sustentável dos recursos, de maneira a não perdermos muito dinheiro não é, por exemplo com a recuperação de áreas erodidas, por exemplo não é, ok, e ao fazer isso aí, de certa maneira pode estar a contribuir para se alcançar esse objetivo que é de criação de riqueza ou vencer a pobreza, que acontece também é o objetivo do ponto de vista administrativo. Mas eu não olharia isso como algo só da geografia, acredito que também mesmo as outras ciências elas também têm essa linha de procurar contribuir para o progresso socioeconômico do nosso país não é. Então o professor, é um dos primeiros que não aceita muito essa ideia, é uma coisa que vamos pensar melhor.

P - Professor, eu termino, é termino, ou começo a terminar a entrevista, buscando um elemento que noutros locais é fundamental para pensar o papel da geografia na sociedade em que está inserida, é a criação da GAM. Eu trago a criação da GAM como um dos marcos da, deste percurso todo (exatamente, é um elemento que não tinha me ocorrido, tinha me escapado, quando você fez, aquela sua pergunta, a criação da GAM é um elemento) que temos de destacar. Hoje é uma realidade, ou já a algum tempo é, como o professor entende a sua atuação, a atuação da GAM.

R - Ya, eu penso que, a atuação de GAM, da GAM é uma atuação dinâmica, é uma atuação dinâmica, tendo em conta que é uma organização recente, é uma organização recente, mas penso que é dinâmica, já houveram vários encontros, já houveram alguns seminários, e até houve uma publicação de um livro, que penso que foi no ano passado ou antepassado, quer dizer é o primeiro livro que trata, que procura abordar da geografia de Moçambique, quer dizer traz ali, algumas contribuições, contribuições de geógrafos de diferentes áreas, não é e diferentes unidades, não só aqui dentro da UEM, mas também englobando outras universidades, até que também geógrafos que estão fora do contexto (acadêmico) acadêmico não é, e isso aí foi graças a GAM. Foi a GAM, que conseguiu fazer isso, conseguiu juntar todos esses geógrafos para contribuir, então em penso que é uma organização que, é, atendendo que uma organização muito recente, eu penso que está num caminho certo e penso que é dinâmica.

P - Tem uma questão que o professor respondeu durante o debate, que é a relação entre a geografia e as outras ciências, que hoje não tem como fazer geografia sem buscar esses subsídios exatamente nas outras ciências.

R - Ya, por isso que até, alguns dos geógrafos, ou temos geógrafos que de certa maneira, quase se confundem (risos) (ou se deixam confundir no mínimo) ya, ou até estamos numa situação em que,

algumas vezes provavelmente os geógrafos podem não dialogar (risos) entre, quer dizer com a profundidade (eu há dias estava conversar) por causa dessa grande diversidade (estava conversar com uns colegas é interessante perceber duas questões quando falamos de nossa profissão, tem a questão ser profissional e tem a questão fazer a profissão) ya (é necessário repensarmos o fazer geografia, porque tem muita gente que faz geografia e não é geógrafo e muitos geógrafos e não fazem geografia, é uma coisa que, eu gostaria que esse debate de escola) ya (o estudante que entra para fazer geografia saber que ele tem que sair geógrafo e fazedor de geografia algumas coisas que é preciso de discutir) ya.

P - Por fim, professor eu termino com esta questão que é meio provocatória, como a primeira, o que professor conhece da geografia de outros países, obras, autores, aqui é um pouco relacionada com aquela questão, estamos a pensar na geografia nossa (ya), é necessário saber se tem as outras geografias (sim).

R - Bem é, bem é, algumas, algumas obras que mais me interessam (sim), ou alguma linha de pensamento que mais me interessa, provavelmente aqui tenho mais usado, por exemplo a universidade de Sat, St. Andrews, penso que St. Andrews no Reino Unido, mas parece que é na Escócia, eles fazem alguns trabalhos que certa maneira me identifico com eles, não é, eles procuram trazer a dimensão espacial na análise de fenômenos ligados á saúde, etc, a saúde. Então me identifico mais com eles, em termos de ler, leio mais esses trabalhos, não é, leio mais esses trabalhos, em termos de algumas revistas, por exemplo, algumas revistas, aquela revista population, space and place (sim) é uma das revistas que publicam se mais, quer dizer é uma das revistas que tenho lido mais com muita atenção, há uma outra também health and place, não é, também, então existem vários autores mas (então professor, está mais focado para geografia de saúde) geografia de saúde é a área que procura mais expandir, não demografia como tal mas geografia de saúde, incorporar seriamente a questão espacial na análise desses fenômenos populacionais, dinâmica de saúde (uma questão que surgiu e fomos falando nas outras entrevistas que fiz, foi a seguinte, será que estamos em condições de buscar, deixar nascer, deixar nascer uma escola de geografia moçambicana, sem doutores em geografia, essa é uma questão interessante pensar, porque se olharmos para o corpo docente temos pouco doutores em geografia, aquela questão de fazer geografia, nós temos doutores mas estes doutores não estão a fazer geografia, como pensar numa escola de geografia sem fazer geografia, acho que é uma questão que vou, depois de fazer o doutoramento vou ficar a estudar essas coisas) (risos).

P - Bem, eu penso que, provavelmente isso e que vai fazer com que tenha essa nossa geografia moçambicana (ok) porque temos combinação de (outras áreas) investigadores, digamos que, beberam de (outras áreas) várias áreas que trazem uma outra dimensão e ajudam a enriquecer essa mesma análise geográfica (quem defende, assim defende o Professor Araújo) ya (que não vamos pensar numa escola, numa escola de geografia naqueles modelos, por exemplo das outras escolas) ya (vamos pensar numa escola de geografia pelo facto de termos uma geografia, feita por várias pessoas, não geógrafos) ok (quer dizer, uma geografia que não é feita por geógrafos, é isto que vai trazer-nos a escola, uma característica da escola, em Moçambique tem uma geografia que quando tu chegas procuras geógrafos não encontras, mas o produto final é geografia) mas isso também depende de como nós definimos, de como é que nós definimos também o geógrafo não é? Como definimos o, quem é o geógrafo (geógrafo é uma questão de profissão) ok (é questão de título, documentação) ya (mas tem o fazer geografia essa é o que nós temos que nos reocupar, se queremos ter uma escola de geografia, porque podemos ter aqui vários geógrafos e fazer história) ok (pra nós conseguirmos avançarmos para uma escola de geografia é necessário que se faça geografia, então a pergunta que deve se fazer logo no início e o que é fazer geografia) o que é fazer geografia, ya (porque não preciso ser geógrafo para fazer geografia, é preciso fazer geografia, como é que nós faríamos a geografia de Moçambique, com que conceitos, é que nós poderíamos dizer, olha se

você que falar de Moçambique, não tem como falar sem trabalhar este conceito, não tem como falar sem trabalhar com esta abordagem)

R - Eu penso que, volto a dizer que os conceitos eles vão emergir, por exemplo, análises desta natureza, penso que provavelmente seja o primeiro, no seu caso em que está a fazer doutoramento, tentar pensar a geografia aqui em Moçambique (sim) se calhar há alguém que fez mestrado nessa área (acho que ainda ninguém) então análises desta natureza é que podem nos revelar isso, se estão a emergir alguns conceitos ou não, não é, o que é que esta a acontecer em termos do que está a acontecer, por isso eu ia lhe encorajar, não só a entrevistar nos como está a fazer agora, mas também a ver os trabalhos, é isso que eu está a dizer que (então, a uma questão que) (...) era importante ver (o que é que esta a discutir-se nesses encontros de geografia) mas não só também você, deve ver o que cada um produz, o próprio Professor Araújo, você, hoje em dia há muita facilidade de ter a literatura, porque a literatura é eletrônica, claro que existe a não eletrônica, mas aquela que foi publicada em revistas sérias ou em livros sérios é eletrônico, então você pode ler e ver o que é que as pessoas fizeram e a partir de dali, lendo vários trabalhos de mesmo autor você pode, qual é a linha que está a seguir, etc e vendo dos vários autores, penso que seria interessante combinar as entrevistas com o que é que de fato (análise de produção acadêmica) que pode ir na linha daquilo que estava dizer, que fazer geografia, pra ver se aquilo que estão a fazer de fato é ou não geografia, não é, ok. Então, seria interessante se combinasse essas duas partes, e eu acredito que estudos dessa natureza, que está a fazer é que podem nos revelar isso, não é, esses tais, conceitos etc, que podem estar a emergir e podem nos revelar o que está a acontecer do ponto de vista da geografia moçambicana, por isso, estou mesmo ansioso em ver esse teu trabalho (risos)

P - Bom, professor, quero mais uma vez agradecer pelo tempo, eu disse pra mim quando decidi fazer, quando decidi estudar a história da geografia, que olha é por uma contribuição á própria geografia de Moçambique (ok) não tem sentido eu dizer que estou a estudar pra mim, não. Isso é uma coisa que já se faz necessário, para realmente termos um pouco, um cenário, não no sentido de orientação mas ter um cenário do que foi e do que pode ser a geografia de Moçambique, acho, foi uma das coisas que um indiquei como justificativa de porquê esse estudo, de algum que os avaliadores, uma das questões que colocaram os avaliadores é porquê mais de depois de anos você decidiu estudar história da geografia, se nunca estudou isso, é interessante ver a linha de estudos, você quer hoje fazer uma tese em história da geografia e nunca estudou isso, como isso vai ser possível isso. Vai ser possível isso a partir do momento em que é necessário estudar, estamos aqui a lutar contra, quer dizer a favor da geografia mais uma vez professor muito obrigado, eu acredito que vamos ter momentos de retorno desde nosso.

Entrevista com a Professora Inês Macamo Raimundo

P- Nós entendermos como, como já pesquisadores da universidade, e isso só acontece quando tu tens um outro vínculo que não seja só ser estudante na universidade, em todo caso obrigado Professora, nós (...) Primeira pergunta professora, eu faço primeiro um olhar, estamos quase com 50 anos de curso, (ya) eu queria saber o contato da professora com a geografia, com é que começa

R - É, ya bela pergunta ya, (risos) foi por acidente na verdade, nem foi por opção né, eu faço parte daquela geração que não tinha opção do que estudar, do que escolher porque nós saíamos dum país, é, com é que se diz, em independência, por tanto a 40 anos eu estava a fazer o meu ensino secundário e depois entro para universidade em 80 e fui forçada para fazer o curso de Geografia isso em 82 de tal forma que houve uma altura que tive uma certa magoa, mas depois acabei por me adaptar, gostei da geografia e se calhar podemos, se a gente acredita em destino, eu me lembro de uma das minhas irmãs mais velhas, ofereceu me um atlas, em 79, eu não sabia ara quê é que pera aquilo ali, mas fiquei fascinada porque era alguma coisa bonita, cheia de mapas, aquelas cores todas, então, mas não porque eu tivesse algum interesse especial, o meu interesse, inicialmente já tive interesse por medicina, mas depois que vi, fiquei de baixa no hospital e vi pessoas com gesso, não aguentei eu disse ao meu pai que não queria medicina, mas que eu queria fazer economia, então pronto foi isso, até tinha notas que eram exigidas para fazer economia, que era ter boa nota a matemática, boa média no ensino secundário médio, uma boa média a matemática e geografia e eu tinha isso, mas infelizmente não foi isso que aconteceu, fui para geografia, mas ao longo da minha carreira acabei por gostar né (tá bom) ok.

P - Professora, nesse tempo 69 até hoje, marcos da geografia quais seriam, olhando para geografia do nosso curso, aquilo começa em 69 até hoje, quais seriam os grandes marcos.

R - Pra mim seria difícil, pra mim é mais fácil falar de 90 pra cá, porque eu fui moldada de 90 pra cá, não é, quando entra o novo currículo, dito currículo de geografia que tinha tudo quanto e chama e ciência, de conhecimento, de tal forma, isso se calhar esteja inserido naquilo que é a nossa divagação, porque nós até hoje não sabemos certamente o que é que é a geografia, o que nós queremos, porque mesmo eu, bom digo sou geógrafa de formação porque na verdade fiz aquelas disciplinas todas, mas depois fiz especialização não necessariamente em geografia então esse é o grande problema, em 1990 entra um currículo de licenciatura de cinco anos, e os primeiros dois anos tem aquelas chamadas disciplinas. que diziam que eram as disciplinas complementares, que um geógrafo precisa de saber, nomeadamente, ter conhecimentos de química, física de matemática, mas naquele currículo matemática começava no primeiro ano até o quinto ano, porque era matemática básica, método estatísticos, probabilidades estatísticas, análise matemática, mas isso o argumento era quem fizesse demografia, demografia não é geografia, mas era preciso ter conhecimento dos métodos matemáticos, probabilidades essas coisas todas, para poder ser demógrafo e as questões como por exemplo, estudar a análise de uma função, até hoje ainda me pergunto porque tive que estudar análise de função na matemática, aqueles exercícios complexos ou estudar isômeros, que importância, até hoje nunca usei isômeros, mas eu estudei na disciplina de química, mas o bom disso tudo é que aquele currículo permite um grande conforto, no

sentido eu converso a vontade na geografia humana, converso a vontade na geografia física, converso a vontade naquilo que são as ciências ambientais e converso a vontade na geografia da população, então esse currículo, na verdade pra mim até agora foi um dos melhores currículos que nós já, já, já tivemos, as pessoas reclamam porque não tinham bases a matemática, eu também não tinha bases a matemática, nem bases a química ou física mas em consegui fazer e graças isso que eu tenho esta capacidade, a única parte vamos lá dizer, da geografia, a pesar de não se geografia que eu na verdade não pego, é a ciência cartográfica isso aí, prontos, andar ai com mapas etc, ou trabalhar com software para GIS essa parte não é minha praia como se costuma dizer, mas não que eu possa fazer, eu posso fazer, mas nunca me interessei. Mas este conhecimento todo me permitiu que eu fizesse. Depois começam aquelas reformas curriculares que dizem que prontos, aqueles disciplinas, física, química, geologia, não geologia ainda vai, física, química e todas aquelas matemáticas já não devem fazer parte, e é por isso que hoje continuamos com problemas, porque uma das disciplinas que eu acho que pra mim, eu acho que é obrigatória, não só para a geografia mas devia fazer parte de todos os cursos é a análise matemática, já não se dá análise matemática, então as pessoas já não tem essa capacidade de analisar e relacionar os factos, pergunta a um estudante, explica me lá porquê é que em Chicualacua não chove tanto como por exemplo na cidade de Maputo, o estudante não tem esta capacidade de estabelecer associações, porquê, porque não tem essas bases que eu acho que são fundamentais de análise matemática, porque é uma disciplina que ensina a pensar. Então tivemos essa mudança acho que foi o ano 2000, se não estou em erro, nessa altura estava a sair para formação e, e uma outra etapa que nos obrigou a mudar (...) depois disse que houve uma outra, outra, prontos como eu disse, o que acontece a geografia esta ir para uma área que não é geografia, tem aquelas variantes, bom variante em população e desenvolvimento não é geografia, variante em, em desenvolvimento regional e planificação, etc não é geografia e variante em ciências cartografias e sistemas de informação geográfica, prontos no meu entender aquilo que é a geografia que eu aprendi, essa orientação que nós estamos a ter agora não é geografia é tudo, qualquer pode fazer, não necessariamente dizer que está a fazer geografia, pra mim esses são os 3 grandes marcos de 90, este currículo que estava muito bom, passando pelo segundo que reduziram estas cadeiras todas, por que diziam que o currículo ficou para 4 anos e esta fase em que começamos com essas 3 variações ( especializações) variações ya.

P - Nesse, nesse, a professora disse que prefere olhar de 90 pra cá, nesse tempo, a partir de 90 pra cá, quem seriam as pessoas, as pessoas, autores, obras, que elementos podemos indicar como fundamentais para geografia de Moçambique a partir de 90 pra cá.

R - Ya, pra Geografia de Moçambique, pra nós é incontornável falar do Professor Manuel Araújo, é uma das pessoas que faz parte da geografia de Moçambique, aliás foi um dos primeiros se não o único geógrafo que fez lá dizer, livros sobre a geografia de Moçambique, onde fala dos aspectos físicos, fala dos aspectos económicos e de, aspectos humanos que tem a ver com a população. Depois tem o professor Manuel, aliás, não é o professor Manuel Araújo, professor Aniceto dos Muchangos, mas a abordagem dele está mais virada para questões ambientais e geografia física, e quem é outra pessoa em termos de geografia tem o dos Santos, não é o Tírsio é o Alberto da Barca, Alberto da Barca ele escreveu algumas coisas sobre a geografia de Moçambique, estamos a tentar escrever, mas cada um está com a sua orientação e está sendo difícil escrever uma geografia de Moçambique, onde nós, por exemplo onde a gente possa, discutir sobre as condições físicas de, de Moçambique a delimitação, que tipo de rios, e agora, hoje ainda mais as questões climáticas o que está a acontecer com o caudal dos rios isso aí é muito importante, porque não basta só falar o rio nasce não sei onde e deságua não sei onde, é importante ver

o comportamento do rio durante os últimos, 30, 40 ou 50 anos, ya será que caudal mudou, porquê mudou, que implicação isso tem com as mudanças climáticas por exemplo, depois falar das cidades de Moçambique, porque cada vez mais nós estamos a encontrar, a população moçambicana está a ficar urbanizada, por ai cerca de 37% de população urbana, então o que está a acontecer com as cidades e tudo isto de fato ainda ninguém está a fazer não é, ainda ninguém está a fazer. E são essas pessoas que eu mencionei, Professor Araújo, Professor Aniceto dos Muchangos, Alberto da Barca (ok) ya.

P - É assim, olhando para o tempo que a professora indica que começa, que professora escolheu para fazer análise é basicamente o tempo em que separa todo o curso que era de formação de professores e depois começa a licenciatura em geografia (em geografia) neste percurso de formação de professores não tem ninguém que passou para este tempo.

R - Não, porque nessa altura era mais dominado por professores da união soviética, ya honestamente não conheço ninguém (essa tendência, em deixar, em ter muitas disciplinas das ciências exatas não seria um reflexo desse passado com união soviética, que estava a dominar) pode ser, não sei quais foram os fundamentos na verdade que levaram para fazer isso, mas pode ser (ok) pode ser, porque há, dependendo de cada escola, uns tendem mais para geografia física outros tendem mais para as humanidades, é verdade nós tínhamos muitas das disciplinas das chamadas áreas exatas mas nem por isso o curso de geografia estava fora da faculdade de letras, continua sempre na faculdade de letras mesmo tendo essa (inclinação) inclinação.

P - Professora falou, eu não sei se a professora vai conseguir repetir agora (risos) como é a professora definiria hoje a geografia, professora disse que estamos, de 90 pra cá conseguia se entender toda uma questão da geografia, mas hoje com essas ramificações a finalização não é mais geografia.

R - Exatamente, hoje não é mais Geografia, hoje é aquilo que o indivíduo é, se é demógrafo vai tender mais para demografia, é só olhar, mesmo todos esses professores, que enunciaste das formações, excetuando o Professor Araújo e o Professor Aniceto dos Muchangos, todos nós não fizemos doutoramento em Geografia, (ok) todos nós, ou fizemos doutoramento em migrações que é meu caso, ou doutoramento em estudos da população como é o caso do Professor Ramos, estudos da população não significa geografia da população (da população) são coisas diferentes, Professor Carlos Arnaldo demógrafo, Professor Boaventura Cau, também demógrafo, este Serafim demógrafo, estas a ver qual é a tendência, então os nossos doutoramentos ou estão na população ou estão em demografia, não e geografia (não é geografia) ya, então, nós na verdade como geógrafos, estamos a usar os conhecimentos que tivemos durante a licenciatura, é isso. Honestamente falando eu não estou a, e mesmo os doutoramentos, ou outros que estão na área da, vamos dizer da geografia física, não estão a fazer Geografia física, o Zé Rafael, está a fazer em questões de mudanças climáticas, esta perceber, o próprio Professor Inocêncio, ele está, está, algo ligado a mudanças climáticas, até posso ver o título dele, é muito fácil ver em que área, o Baloi, acho algo ligado a hidrologia como essa e pronto.

P - Então estaríamos no caso de ter um curso de licenciatura em geografia e não estar a formar geógrafos

R - Não estar a formar geógrafos no meu entender, não está a formar, por exemplo do Inocêncio é este, Aplicação do SIG e teledeteção na formulação de estratégias de mitigação e adaptação a variabilidade

climática em zonas áridas e semiáridas em Moçambique, ya, na verdade não sei, pra mim dizer que está a formar geógrafos porque, é (porque o curso é de geografia não é válido) é não vejo como tal, ya.

P - Tá bom professora, eu (risos) uma análise sob ponto de vista de ensino, pesquisa e extensão, como é que a professora faria a avaliação, do nosso curso de geografia, sob ponto de vista de ensino, pesquisa e extensão universitária.

R - Bom o que os professores fazem a gestão do plano temático, em que eles ensinam os conteúdos (sim) e dizer que estão dar e ensinar geografia (ok) eu não quero, porque na forma como aquilo esta, a forma como eu fui moldada, como eu aprendi a geografia, é que não podes falar só dos fatos sem relaciona-los com o espaço, sem relaciona-los com o território mas nós fazemos isso, conseguimos dar isso sem ter que dizer que, aqui o espaço foi criado como produto de disto (sim), neste especifico território, isso não se faz, isso não se faz, pouca vezes até se usa, porque o nosso instrumento é o mapa (é o mapa) mas poucas vezes se usa o mapa, até eu introduzi como algo obrigatório, desde que eu voltei da formação em 2008, quando comecei a dar aulas eu passei a obrigar os estudantes a usar o Atlas de Moçambique, imagina que nem se usava nas salas de aula, que cada estudante tem que ter um Atlas de Moçambique, se ele quer ser geógrafo, se ele quer ser geógrafo moçambicano, tem que conhecer o seu território, então ai começamos a trabalhar com as coordenadas, localização geográfica, pra o estudante ver na forma pratica sobre isso. Agora em termos de extensão, a extensão é toda ela virada pra aquilo que o mercado quer e não aquilo que o geógrafo acha que tem que fazer, a tano tempo que estamos a falar de um livro de geografia de Moçambique, mas o grade dilema é quem estaria em condições de abdicar das coisas que está a fazer, que lhe dão renda, para fazer um livro sobre geografia de Moçambique, este é o grande desafio que existe, pelo menos aqui ao nível, se calhar a outra Universidade possa fazer isso, mas aqui entre nós é difícil, mesmo eu que estou na área das migrações neste momento eu trabalho, naquilo que é, vamos la dizer a moda internacional, qual é tendência, o que é que está sendo olhado na questão de migrações, não aquilo que acontece em migrações em Moçambique, ya esse é o grande desafio.

P - Então, temos aqui um problema, temos aqui o que, talvez é interessante pensar, temos uma universidade que aposta na pesquisa, buscando respostas daquilo que o mercado, fora a universidade (exatamente) estamos numa universidade, no curso de geografia particularmente que não estamos a fazer pesquisa por pesquisa (fazemos pesquisa por encomenda, porquê, porque infelizmente não há pesquisa sem dinheiro, não há pesquisa sem dinheiro, mesmo que você queira fazer um estudo algo interessante, como seria a produção industrial e distribuição geográfica do sapato, se não houver alguém, um financiado como é que você vai fazer isso, ya, como é que poderia fazer isso) então poderíamos assumir que a fraca pesquisa em geografia, estudos sobre história e epistemologia da geografia pode ser por causa desta não apreciação do mercado (exatamente, ya, porque isso não interessa, primeira pergunta, o que é que eu faço com isso) ok, (primeira pergunta esta ai, por isso é que a gente vai se firmando em outras áreas tudo aquilo que dá dinheiro, está a perceber)

P - Eu quando comecei a falar (...) a professora questionou sobre o papel timbrado, eu expliquei um pouco aquela questão das pesquisas temáticas e as pesquisas particulares dentro da Universidade, que na realidade nossa da minha escola, as temáticas, são, costuma ser pesquisa por pesquisa, em que o professor diz olha eu já trabalho nesta área e eu quero ensinar estes estudantes a pensarem a partir destes referenciais teóricos e a partir deste espaço, então acaba-se por fazer pesquisa por pesquisa, por causa das pesquisas temáticas, e as pesquisas temáticas tem financiamento, porque entende-se sempre que tem que haver dinheiro, só que aqui, um grande problema que temos em Moçambique eu acho, é que nós não temos financiamento para pesquisa.

R - Exatamente, somos muito dependentes de doadores (ok) é verdade que a nova visão da Universidade, quer ser uma Uni, como já há muitas universidades, e nós somos os mais velhos e a Universidade Eduardo Mondlane a sua visão, a nova visão é torna-la uma investigação de pesquisa, ya e agora já estão sendo desenvolvidas e discutidas linhas de pesquisa, etc (ok) creio que a partir daí, nós vamos saber nos colocar, ya isso significa apostar mais na pós graduação, pós graduação é a área que leva a pesquisa (leva a pesquisa) pesquisa e publicação (ok). Ya, julgo que tudo isto é uma reforma que está a acontecer dentro da universidade e obviamente vai ter impacto nos diferentes cursos e, porque antes era só dar aulas, dar aulas, dar aulas, mas estamos com 40 e tal universidades (sim) e instituições de ensino superior, então nós não vamos só dar aulas, temos que ter uma nova visão, e foi definida que é uma universidade de pesquisa (de pesquisa) sim (ok, então esperamos que aconteça) (risos) creio que sim, já está.

P - Em relação ao curso nosso, assim isso é uma visão, é nova, é estratégico sob ponto de vista de tempo e proposta da universidade é a questão de pensar na pesquisa, mas dentro do nosso curso, nesses quase 50 anos era possível indicar linhas de pesquisa?

R - Quer dizer a questão é a seguinte, é preciso entender que país é este (ok) antes da independência, depois da independência, antes da Independência é o que foi (sim) portanto, tudo era regido pelos, o que os portugueses queriam, honestamente não sei o que eles queriam (risos) depois da Independência, o país é um país novo, é um país de regime socialista, também tinha que ser orientado, praticamente não existia, um pensamento único, todos nós éramos moldados ao mesmo pensamento, depois entra a economia de mercado, entra a liberalização, entra o multipartidarismo etc, e a liberdade de expressão, tudo isto vem ajudar a uma nova forma, e outro fator importante é que a própria universidade começou a ter novos pensadores que vem de diferentes escolas, até na altura depois da independência todos eles vinham do leste, mais depois disso começamos a receber de todos os países, desde as Américas, norte, sul e centro, passando pela Europa, passando pelo continente africano e oriente, e tudo isto, obviamente que vem ajudar a ver e a ter uma nova forma de pensar e repensar, e creio que este debate de tendências da Geografia, é moldada em função de, onde essas pessoas se formaram, onde as pessoas se formaram, ya.

P - Essa questão que coloco, quero tentar segui-la por muito tempo porque na minha conversa com Professor Araújo, diz olha estaríamos talvez no tempo para pensar numa escola de Geografia de Moçambique, a questão que eu lhe coloquei no tempo foi, qual seria a base para esse pensamento, é o tempo da escola, ou existe nessa escola um mesmo percurso, então ficamos um pouco a discutir isso.

R - Ele é que tinha na verdade responder isso, não é, porque para mim o que é que seria uma escola da Geografia de (Geografia Moçambique) uma escola geográfica de Moçambique, não é, pra mim quer dizer, seria como, vamos lá recuar, temos a escola alemã, temos a escola francesa, né temos o aquele debate do dualismo ou separação da geografia, não é, então o que seria uma escola de Geografia de Moçambique, pra mim e tenho dúvidas, quer dizer, tenho receio em dizer que se teríamos capacidade de dizer há uma escola geográfica de Moçambique, seria por exemplo dar o enfoque só sobre estudos de Moçambique, seria isso? Não sei, mas para todos efeitos se darmos enfoque aos estudos de Moçambique, estamos a pensar numa geografia regional (e logo) seria a escola francesa, esta ver (seria uma continuação da escola francesa) se queremos o dualismo dos alemães o que é que é, e nos agora a não ser que com estas orientações todas que estamos a dizer, porque estamos a dizer que há uma orientação que, a orientação cartográfica, a cartografia não é geografia, mas pode ser um marco, porque ok, uma escola que já incorpora questões da cartografia, é assim não sei, honestamente pra mim é difícil o que seria (conversando com algumas outras pessoas, olha) sim (que tal pensar, que tal pensar nesta fusão destas várias escolas, por causa destes professores quem vem de muitos lugares e de muitas escolas, pensar que isso seria a diferença para se pensar uma geografia, porque isso por exemplo, dá para ver pra quem passou

da escola, pra quem fez o curso na UEM, tem facilidade em pensar tanto na geografia da escola francesa) francesa (e a geografia da escola alemã) alemã (isso poderia ser uma coisa que nós poderíamos olhar, olha vamos fazer nossos geógrafos assim) ya que tanto podem ser geógrafos regionais ou se calhar, ou aqueles que separam geografia física e (geografia econômica) ya pode ser porque não, pode ser porque na verdade é bem assim, e me lembro que quando fui para África do Sul, para fazer mestrado isso em 2000, fiquem assim, porque, eu quando me inscrevi o meu diretor de curso chamou me e disse não, Inês tu não podes estar naquele departamento porque naquela departamento esta dizer que tu vais fazer ciências exatas, mas o teu programa, aquilo que tu queres não podes estar ai, tens que estar aqui, por isso que eu encontrei um colega lá, um professor de física, o professor Queface, ele fez doutoramento na área de aerossóis, e ele fazia parte do meu departamento, está a ver, eles os físicos faziam parte disso, então para os sul africanos tudo o que tem a ver com física (está separado) está separada, faz parte de outro departamento (ok), e isto, foi quando eu vi, ahhh, afinal há diferenças então, isso, quem sabe se calhar seria nessa perspectiva que professor Araújo queria dizer uma Geografia de Moçambique (ok) e nós somos confortados, somos confortados, em qualquer parte do mundo nós (conseguimos dialogar sob ponto de vista Geografia) conseguimos dialogar, exatamente por causa deste antecedente que tem, mas não sei se diria, portanto começou com, conforme tu disseste porque foi assim com os socialistas, os países do oriente, o leste neste caso, os países do leste ele organizaram se assim, porque na verdade quem separa isso é como disse tem a ver com as escolas.

P - Já desde o começo, isso é uma coisa interessante e eu trago na minha pesquisa como hipótese, eu digo, vou tentar provar com esta pesquisa, que a Geografia hoje, continua ser ao serviço do Estado, essa é minha hipótese, ai eu coloco uma questão que é a seguinte, qual é o cenário hoje professora, da Geografia e a ligação com o poder Administrativo e de Governação.

R - É ya, essa pergunta é difícil, mas eu não diria que seja só a Geografia, todo o sistema, todo o sistema aqui em Moçambique, mesmo esses que dizem que estão no ensino privado, ele não passa se não for aprovado pelo Estado, duma ou de outra forma sim, nós servimos porquê, no sentido em que tem que espelhar aquilo que o Estado Moçambicano quer, não vai desenvolver um programa que não seja do interesse. E outra questão é preciso ver que este país ainda é novo é um país que foi, sujeitou-se á vários momentos, nós ainda estamos a procura é que nem um rio, o rio que vai dando as suas voltas etc, até atingir o seu perfil de equilíbrio, não esqueçamos que foi a independência, foi a guerra civil, são as cheias, é assinatura de acordos de paz, são as hostilidades político-militares, as eleições, tudo isto é um processo tão rápido que ainda estamos que nem a poeira, ainda está no ar, até assentar vai levar o seu tempo, então não temos como dizer que olha não estamos ao serviço do Estado, que é esse mesmo Estado que nós vamos ser, e neste momento como geógrafo fora do Estado o que o geógrafo pode fazer neste momento aqui em Moçambique (em Moçambique) sim estou dizer em Moçambique, o que o geógrafo pode fazer (ok).

P - Professora, com essa ligação, forte, porque é muito forte e não de hoje, isso é já vem há muito tempo, como é que nós entenderíamos esta nova geografia, a geografia crítica que vem com muita força.

R - A questão é assim, geografia critica aonde, aqui ou lá, (aqui) não sei (aqui, professora) se é mesmo geografia crítica (risos) ainda a bocado falamos de (...) não sei até que ponto é que é geografia crítica (ficamos a pensar isso, imaginemos que o Professor Elmer, chegue e volte com o doutoramento dele) sim (ele vai voltar moldado a pensar na) (...) (como é que ele faz geografia aqui, em Moçambique) não sei, honestamente eu estou naquela fase que eu vou fazendo as coisas né, ya vou fazendo e vamos vendo,

ya e vamos vendo, porque eu não sei, nunca ouvi dizer que alguém foi perseguido porque por exemplo, veio com uma ideia, uma ideia contrária (sim) nunca ouvi dizer, aqueles que trabalham nas questões ambientais por exemplo falam, vão coiso, por isso é que eu digo como o país está assim, é difícil e mais, e como já passamos por momentos difíceis neste país (mais difíceis) mais difíceis, então tem aquele provérbio que diz que um gato escaldado até de água fria tem medo, porquê, não dá, ficasse sem saber, se eu disser aquilo, ou aquilo não é assim, vem uns jornalistas e vão me atacar, então vamos deixar, desde que não seja subversivo, subversivo significa estar a ai a incitar a violência etc, desde que não seja para incitar a violência tudo bem (ok) ya.

P - Aí tem uma coisa, um marco eu chamo um marco da geografia que é a criação da GAM - Geógrafos Associados de Moçambique, hoje uma realidade, não sei quanto tempo tem, professora é membro da GAM.

R - Sou, eu fui presidente da GAM (professora foi presidente da GAM, como é entende a atuação da GAM), é assim, como qualquer outra associação nós ainda estamos em, ainda queremos nos afirmar, porque prontos, aqui há várias gerações, dentro dessas várias gerações, nós encontramos profissionais de geografia, que são professores de geografia, encontramos aqueles que dizem que são geógrafos porque fizeram geografia mas não estão a exercer geografia, tem cargos de direção não sei o quê etc, depois encontramos aqueles simpatizantes, o bom de tudo isto, é que pelo menos criamos a associação e queremos fazer trabalhos, queremos desenvolver trabalhos, ainda estamos por exemplo a preparar uma conferência para próximo ano, já tivemos uma em 2012 inclusive, até publicamos um livro e pronto ainda é algo que, e devo dizer que esta associação ela surgiu pela vontade dos mais novos, de entre eles o Elmer, o Elmer, Davide Malawene, Amida, trabalharam bastante e Tangule, Manuel Tangule, trabalharam bastante, porque os mais antigos só passavam a vida a discutir, vamos fazer associação, vamos fazer associação e nunca se entenderam, foi preciso os mais novos pegarem nisto e assim a associação, a associação surgiu, nós tivemos que nos render a evidencia pela força, é o que eu disse, é o que eu tenho dito, são esses mais novos que vão fazer avançar a associação, mas o importante é que ela existe e estão interessados na questão de fazer estudos, trabalhos na área de exploração de recursos naturais, ver que esta acontecer e toda essa problemática, mas, mais uma vez é toda aquela problemática, os debates quem tem surgido, ah é porque a poluição ambiental, ah porque o land grabbing porque esta acontecer, os camponeses estão a ser expropriados, quer dizer pra mim são coisas que são de índole político, índole ambiental mas do que a própria geografia, quer dizer o que tem aparecido aqui em algum momento há um sentimento de, aquela sentimento xenófobo porque os estrangeiros vem nos (...) o que isso tem a ver com geografia não é isso que em que fazer como geógrafos ( talvez pode ser pelo fato de não terem feito geografia, o olhar que se está a dar para o espaço não tem sua base na geografia, ok)

P - Professora nosso curso de geografia e o seu intercambio com o debate com outras geografias e outras ciências, por exemplo esta relação que nós temos na UEM, que o curso de geografia está na Faculdade de Letras em outras escolas a Geografia está nas escolas exatas, de ciências exatas (até a Universidade Pedagógica criou ano passado) separou das ciências sociais (separou) como é que a professora entende isso.

R - É quer dizer, mais uma vez é aquilo que eu digo tem a ver com a escola, que escola é que nós queremos, ainda a pouco na semana passada, estivemos na reunião do Departamento de Geografia, discutimos algo como isso, eu disse olha, o mais importante é que a gente se defina, e diga o que a gente

quer como geógrafos, o que quer com a geografia, estão a dizer, ah porque não nos dão atenção, porque não ser que, eu disse não, a questão não é se não se prestam atenção ou não prestam atenção é que nós geógrafos algum momento temos que definir, o que é que nós queremos, que geografia é que queremos, as tantas podemos sugerir e sair daqui da Faculdade de Letras, como a Universidade Pedagógica fez, eles são mais práticos, não ficam ai a discutir, leva e não sei o quê, pensaram aquilo, pronto executam, depois lá no caminho a coisa vai se endireitar, mas nós não, porque estamos imbuídos de espírito de perfeccionismo, então vamos andando muito lentamente, mas agora a outra questão, se nós agora olhamos do ponto de vista da interdisciplinaridade e do ponto de vista de, de, como é que se diz, cross cutig, como é que se diz em português, oh Jesus, disciplinas transversais (transversais ) da transversalidade, pra mim estar na Faculdade de Letras, estar na Faculdade de Medicina, estar na Faculdade de Ciências, não vejo que seja o problema, a questão essencial, o que é essencial é na verdade é se queremos geografia, geografia para fazer o quê (pra quem e onde) exatamente, ya a essência, a forma como nós estamos a caminhar no mundo, quem sabe se calhar vamos chegar numa altura em que só existe uma única ciência, porquê esta compartimentação, que eu estou aqui, que ao fim a cabo hoje eu vou estudar aquilo que eu penso que é área do outro, ou depois vem estudar a minha área, não sei, esta a perceber a minha ideia (sim) ya. Eu me lembro, quando nós iniciamos a licenciatura em Geografia em 90, então tínhamos aulas lá na Faculdade de Ciências, aulas de geologia e química, então uma colega ali, ela já tinha terminado ou estava quase a terminar, disse vocês estão a meter se na nossa área, porquê, porque ela ia fazer gestão dos recursos hídricos, eu tinha um professor que também estava a fazer, mas essa é nossa área, está a perceber. Como área dela, porquê área dela? Onde está essa delimitação que isto só pode ser feito por estes, eu costumo dizer, o que u não posso fazer é entrar na sala de operações e andar a operar pessoas, mas eu posso entender por que aquela pessoa tem aquela doença, posso entender, posso ajudar porque não, porque eu estudo uma parte que o médico não estuda, o médico estuda pra curar, identificar a doença e curar, mas eu vou para além, eu posso associar com o espaço, com o território onde a pessoa se encontra, até muito mais com o espaço do que com o território, sim pode ser isso, então, pra mim o que não devia, nós sim estamos nessa área podemos ter muitos assuntos por debater, mas acho que em algum momento e as próximas gerações vão nos mostrar isso, que isso de Geografia, de História, de Química, de Física, de Matemática vai desaparecer, vai acabar por ficar uma única, porquê, porque todos nós acabamos, já vii a Faculdade de Ciências hoje, tem um curso que se chama, como é que eles chamam mesmo, mas são professores do Departamento de Geografia que estão a dar aulas lá, hoje, até então quem fornecia demógrafos para o instituto de estatística era o Departamento de Geografia, hoje é o Departamento de Matemática, porque esta levar aquela área que a gente disse que era nossa, eles dão demografia, né. Está a haver, então o que é que isso significa, eventualmente, algumas disciplinas, algumas ciências vão desaparecer, vão desaparecer e dar origem a qualquer outra coisa que não sei como chamar né, pela tendência (ok) pela tendência.

P - Professora, esta pergunta é como a primeira, a primeira e a última para professora. O que é que a professora conhece de outras geografias, autores.

R - É quer dizer, tem aqueles autores clássicos (clássicos) sim, que quando a gente fala em Geografia são eles os responsáveis pela constituição da ciência (ciência geográfica) Humbolt, karl Ritter, são eles que no caso da Geografia Moderna, vamos falar de Vidal De LA Blache e a sua Geografia Regional, depois vamos falar de todos aqueles que foram percussores das teorias e das escolas, depois disso começa aquilo que é a minha área de especialização, que não são necessariamente geógrafos mas que contribuíram para um estuo das migrações (ok, tem uma coisa interessante eu trago no meu trabalho, quando eu falo da

história, que é assim, tivemos realmente uma forte influência no curso de geografia, da Geografia da Escola Soviética, depois tivemos forte influência da escola francesa e depois começamos a ter várias escolas, escola americana) americana que é muita quantitativa, escola da geografia americana era isso que queria dizer, muito quantitativa, eu me lembro a primeira vez que fui ao Estados Unidos em 2000, numa conferência sobre migrações oh, afinal pode ser estudado migrações desta maneira (risos) muitos são modelos, muita modelização, migração é mais modelos do que exatamente como os outros (...) ( e aí uma coisa interessante pensar é como a geografia brasileira, que eles começam a entender como uma escola, chegou aqui no nosso curso. Eu lembro que fizemos os nossos cursos sem estudar Milton Santos, hoje parece que é quase impossível fazer Geografia, até aqui em Moçambique sem Milton Santos) ya, mas as pessoas que estudam Milton Santos são as pessoas que estudaram no Brasil, quem vem com Milton Santos (risos) mas não é isso, só pessoas quem vem do Brasil é que falam de Milton Santos ( quem esteve no Brasil aqui) é o Professor Muanamoha, Professor Mungoi, a um que falaram tanto, que quando eu fui para a Universidade Grande Dourados (Professora procurou) já me esqueci, mas é isso quem fala desses, Milton Santos na verdade são pessoas que estudaram no Brasil (ok) Nós que não estudamos lá mencionamos, pronto sobre tudo nas questões urbanas ele trabalhou e o famoso livro da Geografia da Fome, etc mas não como um coiso, eu reconheço, respeito muito bem, até tenho livros dele que professores brasileiros me ofereceram, né mas não tanto, não assim, menciono, tanto que na minha área não encontrei nada que ele tenha escrito (ok), então por isso, mas a gente reconhece sim pelos feitos dele como geógrafo, mas em termo de coiso aqui em Moçambique na verdade e creio que Universidade Pedagógica deve se falar muito dele (também) muitos estudaram no Brasil (ok). Eu pelo menos na África do Sul Nunca ouvi falar de Milton Santos, nunca estudei, não se falava de Milton Santos, mesmo em Portugal, desculpa interromper, mesmo em Portugal, nos contactos que eu tenho com os professores, pouco se fala (mas aí deve ser, é aquela questão de qual é a proposta de geografia que eles apresentam) eles são muito escola francesa.

P - Ta bom Professora, mais uma vez muito obrigado. Nós vamos tentar, para fazer pesquisa por pesquisa é importante ter o nível de doutor, então nós vamos procurar primeiro ter o nível depois nos virar para a pesquisa por pesquisa. Mas muito obrigado, professora (espero ter ajudado) ajudou professora (quanto tempo foi) vou ver agora, mas acho que foi, fomo tranquilos.

Universidade Pedagógica  
Faculdade de Ciências da Terra e Ambiente  
Maouto, Outubro de 2015

Entrevista Prof. Gustavo Sobrinho Dgedge

P - Tá bom Professor, obrigado por me receber, é, professor já sabe qual é a minha pesquisa, eu estou a estudar história. História de geografia de Moçambique e quero com essa história avançar para o estudo epistemológico da geografia de Moçambique então tem algumas coisas que não posso deixar pra trás porque não tem como na História da Geografia de Moçambique separar o ensino de geografia e a ciência de geografia em Moçambique, porque pelo histórico que já tenho a geografia começa em Moçambique exatamente com ensino de geografia só ponto de vista de institucionalização a nível da universidade, em relação ao tempo professor de 1969 até hoje estamos quase a 50 anos desta institucionalização da geografia, eu gostava de saber do professor qual foi o primeiro contato com geografia.

R - Bem, o meu primeiro contato com geografia foi na hora, quando era estudante, quando era estudante já no ensino primário nas ciências naturais, né, nós tínhamos aquela geografia de Moçambique que dávamos na escola primária na altura eu estudava na escola primária Eduardo Mondlane em Xai-Xai, então nessa altura, está gravar bem (esta gravar, só estou a tirar rede para ninguém não nos atrapalhar) então nessa altura, nós foi o contato com geografia de Moçambique, como instituição, através da geografia de Moçambique, nós tínhamos, eu recorro que naquelas altura os cadernos escolares tinham mapas de Moçambique, então era mais uma geografia de patriotismo, né, em que nós éramos obrigados a conhecer as províncias, as capitais provinciais as características do território e os cadernos já mostravam isso, e n'altura era uma geografia muito cartográfica, muito corológica né, mais de localização, e nós éramos obrigados a desenhar, tínhamos escantilhões para desenhar os mapas do Moçambique nos cadernos e prontos, isso nos deu o conhecimento da geografia de Moçambique, a uma escala de território que permitia ter uma visualização dos fenômenos a nível de, a nível nacional.

P - Isso, em que ano, professor, falou de escola (escola primária Eduardo Mondlane), eu falo dos anos 75, 75, (quando eu cheguei a Xai-Xai, 75 pra cá, esse foi meu primeiro contato, então eu já estudava) (esse tempo já em que, já o governo, é período pós-colonial) sim foi depois da independência.

P - De lá para cá professor, olhando, de lá pra cá não, ou olhando para esses quase 50 anos, quais seriam os, que é que nós indicaríamos como marcos pra geografia de Moçambique?

R - Bem, eu entendo, nós podemos ver uma geografia política, Moçambique naquela altura, que está associada ao, as questões de unidade nacional, questões ideológicas né, uma geografia política em que o ensino de geografia preocupava-se muito mais amostrar a divisão política mundial, os dois blocos, o bloco socialista e o bloco (capitalista) capitalista, a Guerra Fria, essas coisas todas, de tal modo que nós observamos mesmo a nível de ensino superior, né essa tendência de ver a geografia com grande matriz de docentes que vinham de países socialistas, era a orientação que o país tinha naquela altura, então nós estávamos muito essa divisão territorial em que a havia aquela questão de hegemonia política, mesmo toda a geografia que se fazia era uma geografia orientada para mostrar essa divisão política né, quem era mais forte, quem era mais fraco, os países socialistas aparecendo como os mais fortes, com maior produção, maiores produtores de trigo, maior produtor disto, maior produtor daquilo, os países capitalistas como aqueles que são mais fracos, ok, isso era uma geografia mais ideológica do governo. Agora, depois começamos, eu entro para o ensino superior, isso continua até esse momento, já no ensino superior quando começa, o caso do ISP, na altura a atual Universidade Pedagógica, então começa a produção das mono, das dos temas de trabalho de diploma, na altura trabalhos de diploma, nós na UP, começamos como a geografia de território, uma geografia local posso dizer assim, em que as grandes monografia científica, começam a produzir no ramo da geografia física com temas como caracterização físico-geográfico do território, caracterização físico-geográfico dos distritos, caracterização físico-geográfico disto, caracterização físico-geográfico daquilo, então ai, começa a parecer uma tendência, uma preocupação, isso começa com professores como Zacarias Ombe, Aniceto dos Muchangos que eram os professores aqui ISP, mesmo na UEM. Então o ISP com o curso de geografia começa a vez, muito com a caracterização dos territórios de tal modo que eu tenho aqui a minha, a minha, o meu trabalho de diploma que posso te mostrar, nessa altura né, que era caracterização físico-geográfico de Xai-Xai, é um exemplo que há uma grande preocupação com o conhecer o território, conhecer suas características locais e mesmo na área econômica, também começa uma geografia econômica no global (assim, basicamente o início do tipo de geografia que se faz no Instituto Superior Pedagógico é mais uma geografia de descrição, ainda não avança para uma questão de análise, basicamente descrição, ou também, começam já incorporar a questão de análise) sim dependendo das áreas, (dependendo das áreas) na área econômica,

eu falo mais da geografia física que é minha área, em que eu mais trabalho né, na geografia econômica, nós temos estudos da população por exemplo há estudos feitos da população, o João Mendes Lima, por exemplo ele virou um grupo bom aqui da geografia econômica que estuda a população, em coordenação com FNUAP, e houve um grupo de quase umas 10 pessoas que fizeram monografias de estudo da população mesmo né, tem pessoas como Justina Winged, que depois foi para, foi para Instituto Nacional de Estatística, podes depois procurar por Junstina Winged, o João Carlos Mendes Lima, que foi chefe de Departamento aqui também nessa altura, ele está na UP - Quelimane, então ele liderou um grupo bom nessa área da geografia da população, ele fez mestrado em população, quando ele veio formou um grupo né, e teve esse financiamento, eu posso falar mais da parte da geografia física nessa altura né, e há essa preocupação em descrever territórios. Depois nós, há um período que eu saio, mas entra depois a parte geografia de ensino, a preocupação da geografia de ensino, então começa muito a parte da didática da geografia e a Rachel Thomson a Stela Duarte, são pessoas que podem falar dessa componente de (ensino de geografia) ensino de geografia, o Januário Língua, é um docente aqui também, ele pode te ajudar nessa parte de ensino de geografia né, e depois começam o advento das modas, as modas ambientais, começa a preocupação pela geografia ambiental, impacto ambiental disto, impacto ambiental daquilo (isso é bem recente)isso é bem recente, eu falo doas anos 2000, 2000, pra cá, então começam a aparecer com o aparecimento das empresas, os mega-projetos, então há uma tendência das pessoas se especializarem através das monografias para poderem ter emprego nessas grandes multinacionais (sim) então começa uma geografia ambiental, quer dizer, já não é uma geografia física, mas uma geografia aplicada para a utilidade pública, então começam os estudos do ambiente e nos últimos 10 anos com a questão do Turismo que também é a moda, então começa também a geografia do turismo a aparecer em grande volta, hoje aqui na UP o que mais se fala em algumas áreas é: a área de geografia do ecoturismo, coisas assim né, mas em geral (ok).

P - O que é que poderia ser pensado como fundamental quando falamos de geografia de Moçambique, sob ponto de vista de obras, autores.

R - O grande problema que nós temos aqui em Moçambique é que não há uma sistematização dos estudos geográficos feitos né, é nós encontramos muita informação dispersa, há informação dispersa de caracterização físico geográfico do território, desde o antigo Instituto Investigação Agronômica do tempo colonial, depois temos estudos como do Loreno Barradas, que estudou muito as questões de geologia do quaternário no Sul do Save, entramos encontramos estudos feitos no âmbito de grandes projectos como das bacias hidrográficas, encontramos estudos na DNA, encontramos também no INIA, então, agora em termos de geografia física de Moçambique, não existem ainda uma sistematização de estudos já feitos, porque, eu não conheço bem a UEM, mas UP, é fez muitos estudos de caracterização físico-geográfico dos distritos né, a UEM acho que foi mais para área da geografia humana do que a geografia física. Então neste momento, o que nós estamos a tentar fazer a nível da GAM, e a nível de nossa faculdade Ciências da Terra e Ambiente, tentar conciliar esforços pra ver se nós conseguimos sistematizar a geografia de Moçambique porque há vários de estudos, em Teses, monografias, dissertações mas já não encontramos aqueles trabalhos iniciais de observação, descrição e levantamento do território, o que existe hoje são trabalhos mas como se fosse por encomenda, quer dizer trabalhos que visam a dar uma perspectiva de profissionalização do geógrafo, mas as pessoas estão a deixar de pegar o essencial da geografia que é levantamento de campo, que é a descrição de território, que é o levantamento da descrição empírica do território, conhecimento as particularidades físicas do território, ou mesmo aqueles dados que dizem respeito ao território e buscam mais os aspectos que são mais aplicáveis né, a relação entre o social e humano. Quer dizer é mais uma geografia sócio ambiental do que uma geografia clássica como havia nos tempos, nós sabíamos muito bem, Este agra está a falar da componente humana econômica e este da componente físico-geográfica. Né, porque o nosso currículo, da forma como está feito, os primeiros anos são todos geografia física e o segundo ano geografia Econômica, o que acontece o estudante, pode querer

geografia física nos primeiros anos, mas depois quando vem a geografia econômica, ele até perde-se, então ele prefere já terminar uma monografia com algo econômico (que é a último conhecimento que ele esteve em contacto, ok)

P - Como é que o professor definiria hoje a geografia a partir das realidades moçambicanas?

R - Ya, é um conceito muito variado não é, nós na nossa escola doutoral, nós falamos de um Moçambique geodiverso (risos) nós definimos a geografia como uma ciência que estuda a diversidade territorial, a localização das diversidades, porquê, já é difícil nós encontrarmos, um território que não encontramos diversidades, então o que nós estamos preocupados agora, é a localização e distribuição dessas diversidades. Porquê um conceito clássico da geografia, como aquela que a geografia descreve as paisagens, descreve o território, etc, etc, está a ficar meio ultrapassada, porque a componente social agora no espaço é muito forte, então pra nós a geografia é aquela que estuda as diversidades territoriais e a sua localização os processos que ocorrem que conduzem essa diversidade e os impacto que essa diversidade ocasiona para o próprio território, nós falamos, por exemplo hoje em dia, a questão dos reassentamentos né, os reassentamentos hoje alteram, drasticamente as diversidades paisagistas do território, quer dizer que as mutações espaciais, ocorrem em grande velocidade, que o conceito de geografia clássico já não se aplica para os dias de hoje, não se aplica para os dias de hoje, porque a geografia já não só estuda o aspecto físico, ou aspecto natural, ou aspecto econômico, mas ela estuda a diversidade espacial, né Milton Santos, fala muito das territorialidades essas coisas todas, e nós estamos a ter uma geografia com várias escolas juntas, temos a escola brasileira, a francesa, a espanhola, a americana, a Inglesa, a Russa também (E tendo começado com a francesa) a francesa sim (com a chegada dos portugueses cá).

P - Professor, a geografia como ciência em Moçambique, está estática ou em constante dinamismo, peço uma análise tendo em conta o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Eu, creio está em grande dinamismo (grande dinamismo) grande dinamismo e esse dinamismo pode se ver através da lista dos trabalhos de fim de curso, né, hoje em dia se nós formos a uma defesa de monografia, dissertação, etc, nós encontramos estudos sobre terras Húmidas, estudos sobre características geo, hidro, ambientais, né mas também vais encontrar estudos sobre impacto da mineralização, vais encontrar estudos sobre conflitos de terras, vais encontrar estudos sobre desflorestamento (...), vais encontrar estudos sobre desflorestamento, sobre mudanças climáticas, então nós temos estudos que mostram a dinâmica espacial dos mega-projectos, temos que mostram as dinâmicas relacionadas com o, com a própria ocupação do espaço, temos estudos que mostram essa relação entre o Homem e o Ambiente, por exemplo, nós temos o Centro de Estudos e Desenvolvimento Ambiental o CEDECA na Beira, que preocupa se muito com a relação Homem e Recursos Naturais, né mas temos dentro da própria escola doutoral, essas três áreas, que é a área da natureza, a área da sociedade e a área da relação sócio ambiental e área do ensino. Só a temática de ensino, as temáticas do ensino vão desde estudos de cartografia escolar até estudos sobre saúde, geografia da saúde, né, o que acontece a grande abertura que Moçambique está a ter para o exterior e com a cooperação com universidades de fora do país, a vinda dos projectos fazem com que haja uma grande diversidade de temas e abordagens da geografia (ok). Nós só aqui na nossa Faculdade, por exemplo, nós temos um grupo que fala da Geografia da Saúde, um grupo que fala de urbanismo e territorialidades, um grupo fala da geografia física e risco ambientais, temos um grupo que está falando sobre população e povoamentos, temos um grupo de ensino de geografia né, e temos um grupo que está a falar de gestão de recursos naturais, então isso, e esse dinamismo é visível quando acontece uma conferência, os temas das conferências, já é difícil ter uma conferência com uma área apenas, nas conferências, os temas são diversos, que mostram que há uma grande dinamismo dos estudos geográficos.

P - Então minha pergunta, tinha aqui uma pergunta que para alguns é válida e para outros não tanto. Era uma pergunta que dizia assim, diante do cenário de pouca pesquisa é possível falar de uma escola de geografia moçambicana, porque para alguns professores, são outras coisas que eu vou depois cruzar, mas para o professor dá para pensarmos numa escola de geografia moçambicana, olhando até esse dinamismo, essa força que a geografia vem tendo, podemos já pena numa escola de geografia moçambicana.

R - Ya eu crio que, o conceito de escolas acontece quando há, o problema é que a fundação de escola é visível através da sistematização de conhecimentos, então não havendo uma sistematização de conhecimentos ninguém pode afirmar que existe uma escola (ok) ok, mas nós por exemplo a nível da UP, nós notamos essa escola, uma geografia moçambicana, mas uma escola mais da geografia dos processos locais, por exemplo né, é por isso que digo nós estamos a tentar criar essa escola Moçambique geodiverso, quer dizer com um lema Moçambique geodiverso, quer dizer que, mostra a relação entre a geodiversidade, biodiversidade e a sócio diversidade, né, que já tenta mostrar que a geografia não é aquela geografia localística, corológica ou datológica, que esta mais preocupada com os factos, mas é uma geografia que mostra a dinâmica dos processos, a partir do conceito de geosistemas, nós usamos muito conceito de Shochava, geosistemas e nós trouxemos esse conceito de geosistemas para própria faculdade, de modo que já se fala de riscos ambientais, coisa que não se falava antigamente, por exemplo do ecoturismo, coisa que não se falava muito, geografia cultural que não se falava muito, eu creio que o que estamos a fazer agora é, tentar, os geógrafos durante um tempo, andaram todos espalhados, todos espalhados, por exemplo na primeira conferência de geografia de Moçambique, né, e agora estamos a tentar organizar o congresso de geografia de Moçambique, então, essa, o congresso de geografia de Moçambique é uma tentativa de identificar qual é a escola que nós temos ou qual é a direção que nós seguimos na geografia de Moçambique, por que como eu te disse, o que acontece o nosso geógrafo vem de diferentes áreas de formação, desde a Russa, União Soviética né, Francesa, a Espanhola que é também produto da Francesa, a Alemã, a Americana ou Inglesa também, e temos agora a escola Brasileira (essa ai parece que vai tomar conta da geografia de Moçambique) sim, porquê, porque a geografia, a escola brasileira é mais geodiversa (a identificação dos geógrafos é mais forte na escola brasileira, do que em outras escolas seria isso) sim (é mais fácil perceber toda uma geografia brasileira a partir do que nós vivemos, então, buscamos a conexão teórica) porque também as fontes de consulta que nós usamos (ajudam) agora são brasileiras (as brasileiras) por isso que eu digo, que nós estamos a voltar para uma geografia de descrição de território, por que o que acontece, eu até posso dizer que a geografia de Moçambique parou um pouco no tempo, parou no tempo, em termos de quê, em que sentido, nós quebramos os estudos de território, de levantamento observação, de trazer informação nova para o território e fizemos mais uma geografia documental, uma geografia mais documental, baseada em estudos de documentos né, de tal modo que tu vais que estudos de descrição de território, físico-geográfico não sei que e quê, já desapareceram no tempo, eu crio que aqui na nossa faculdade desde os anos 95, 96, 97 já não aprecem estudos como este em que nós tínhamos que produzir mapas, fazer a regionalização geográfica do território, etc, etc enfim, e começam a aparecer estudos que são baseados nas fontes documentais, quer dizer, pegam mais documento do INE, documento do Distrito, é mais uma geografia, uma geografia humana e social. Então a geografia humana social eu creio que deu um grande salto mais que a geografia física (parou um pouco) parou um pouco isso a nível mundial também é quase a mesma coisa (mas só para aproveitar um ganchinho, isso não é um pouco o resultado de quem influencia os centros académicos, porque é assim, o que é que nós temos, nós temos para minha leitura, nós temos a o início da geografia em que a questão física, a questão física era fundamental, ligada a questão da colonização, logo após a descolonização temos o governo nacional em que preocupa-se não só com a questão física para demarcar os territórios das regiões, mas começa-se a discutir aqui a questão do homem, quem está nesse território, quem está nesse território é ou não moçambicano, uma questão de pensar unidade nacional mas com sentido de demarcar, é assim lógica colonial não mudou muito com o

governo nacional, porque o governo em Moçambique quer controlar os seus e depois de toda aquela crise de fome, seca nos anos 80, vem toda essa força das Nações Unidas em querer discutir, a pessoa, o homem a população, aqui por exemplo dá para ver a geografia a acompanhar este ritmo, que quando o fundo das Nações Unidas para População chegou, só se fez população aqui neste país, até por isso temos até com, com são pequenas observações e conclusões que vou tendo a partir do que estou a ler, temos até a própria academia abrir se mais, a avançar para um mestrado em população do que mestrados em outras áreas, agora estamos a pensar em outros mestrados, mas o que tivemos depois de 1908 foi pensar em população, pensar a questão populacional, então não podemos pensar na relação entre a academia e as forças que determinam o que se faz na academia) Sim, por exemplo eu digo que, uma das tendências rápidas dos temas que eu, da moda ambiental foi isso, é a perspectiva de empregabilidade do estudante (sim) porque um estudante que faz um trabalho como este que eu fiz de geografia física, caracterização físico-geográfica de não sei o que e quê, ele depois pensa que se ele for a uma empresa com a Vale, não vão lhe admitir, mas se ele fizer um trabalho sobre impacto da mineração sobre não sei que, quê, então ele pensa que isso aí é uma perspectiva que pode lhe dar emprego, então deixamos de ver uma geografia clássica tradicional e passamos para uma geografia utilitária (utilitária, uma coisa que pensei é há dias li um concurso de vaga, que dizia o seguinte, vaga geógrafo, mas a habilidades eram de cartógrafo, então aqui, o que eu pensei naquele momento foi o seguinte, somos nós na academia que não conseguimos dizer ao mercado o que é um geógrafo ou é o mercado que nós diz o que nós temos que fazer do geógrafo).

R - Ya, o problema é o seguinte (nem está aqui, mas eu vou) ya, as academias, as universidades tem que se adaptar muito ao mercado de trabalho, o que acontece nós em Moçambique somos lentos, os nossos currículos são estáticos, quer dizer se tu fores a pegar a UP modernizou bastante a UEM modernizou bastante nos últimos anos, nós incorporamos coisas novas através da vinda das pessoas que vão se formando, então quando vem a gente mete um tema da área que a pessoa se formou então vai evoluindo, mas o que acontece é que durante muito tempo, nós um ensino em que só tínhamos licenciados, não tínhamos mestrados, não tínhamos doutorados não sei o quê. O mercado evolui mais rapidamente do que as academias, porquê, tu no mercado tu tens a tecnologia das empresas a sofrer uma grande evolução em relação ao conhecimento, ou as competências da própria universidade, tu tens no mercado um tipo que é mestrado em ambiente e desenvolvimento, tens no mercado um indivíduo que é doutorado em GIS, não sei que, quê, mas tens na academia (um geógrafo), um geógrafo, um cartógrafo tradicional, então ele lá no mercado ele tem exigências, de acordo com a certificação a GIS etc, etc do, que mostra um interesse que ele tem, então as universidades não conseguiram em Moçambique acompanhar esse desenvolvimento (do mercado) que o mercado tem, daí que tu tens, temos universidade com 50 anos, que não conseguiram uma patente de alguma coisa, né mas por porquê, durante muito tempo a nossa preocupação foi formação de graduados mas não a especialização nos diferentes ramos do saber, e a UP, por exemplo já está preocupada com esta questão da especialização nos diferentes ramos do saber, é quando estão a surgir os laboratórios, já temos laboratório de GIS, coisa que não tínhamos a 15 anos, não tínhamos isso, já estamos a pensar em laboratório de solos, laboratório de águas, né uma cartoteca boa, isso aí é que vai levar pouco a pouco a especialização e a criação de uma geografia mais forte (ok).

P - Professor, quais são, o professor disse que era possível pensar nessa, nessa escola mas primeiro tínhamos que fazer essa sistematização de todos produtos geográficos de Moçambique, mas quais são as grandes áreas de pesquisa nessa escola de geografia de Moçambique, olhando um pouco, recuando um pouco na história temos, dois grandes pilares na geografia, temos um pilar que é a geografia humana, basicamente liderada pela Professor Araújo, trabalhando alguns elementos da geografia, da geografia humana, temos depois geografia física, liderada pelo Professor Aniceto dos Muchangos, mas também trabalhando alguns elementos não trabalhando tudo, essas duas grandes áreas mantêm se ou temos outras áreas?

R - Eu crio que mantém se, né porque, mantém se porque a geografia hoje em dia, nós podemos alar de uma geografia regional, né uma geografia regional, porque o que está a acontecer agora é a grande preocupação com os territórios, quer dizer, não é a geografia física como tal mas, se eu tivesse que sistematizar a geografia de Moçambique eu faria em geografia física, estudo de geografia física, né depois teria estudos território, que é geografia mais regional, depois teria a geografia social e teria a geografia aplicada (seriam grandes, grandes linhas) a geografia aplicada porquê, pra mim a geografia aplicada seria, seriam aqueles estudos que mostram a utilidade da geografia, eu falo por exemplo da geografia de riscos ambientais, que é uma geografia sócio ambiental, mas que tem, quem um certo público, que é aplicada, a tentativa de . é aquela geografia que e feira para responder algumas preocupações da sociedade, hoje falamos de geografia de estudos dos impactos ambientais, né geografia do ambiente, que é uma geografia mais aplicada para solução de alguns problemas, porque há, aquela geografia que nós vamos levantar e trazer informação empírica, que pode servir de bases para outros estudos (outros estudos) mas há aquela geografia que já aparece para mostrar as tendências de atividades, para dar respostas a alguma preocupação que pode ser útil para outros tipos de organismos, (ok).

P - Quais seriam professor, 5 conceitos, que nós não podemos deixar de falar ou pensar quando falamos da geografia de Moçambique, conceitos teóricos e práticos.

R - Epá, a questão do território por exemplo, território como território, que é uma questão muita discutida e agora mesmo, nós acompanhamos diariamente as novas divisões administrativas que vão surgindo, então, quais, onde começa um território termina outro território, o que é um território, o território é algo administrativo, é algo, o limite é físico, é administrativo, porque o território é que é motivo de grandes conflitos hoje em dia, temos a questão da gestão dos recursos naturais, né, o que é um recurso natural como é que é feito, em que consiste esse aspecto, hoje em dia falamos de riscos ambientais, que é uma coisa que sempre foi esquecida e nunca houve essa especialização e agora a UP foi a primeira que, bem Gustavo Dgedge foi o primeiro que veio com essa temática de geografias de riscos aqui em Moçambique, e nós introduzimos no curso de gestão ambiental, evoluímos isso para os mestrados, mestrado em ensino de geografia, todos os mestrados da UP tem essa disciplina de Geografia dos Riscos Ambientais e já há tendências de algumas pessoas fazerem cursos de gestão de riscos ambientais né, mas também falamos da questão do urbanismo, né o urbanismo porque o urbanismo hoje em dia é uma coisa que, que é preocupante quer dizer, os municípios hoje em dia é talhão aqui, talhão ali, mas afinal de contas o que é urbanismo e falamos da geografia do território e geografia territorial, que está tudo junto, mas também falamos da questão do, do próprio homem, o espaço, o espaço, quer dizer como é que o espaço e ocupado, como é que o espaço evolui, e essa geografia espacial hoje em dia é que é alguma grande preocupação (ok)

P - Professor, a Geografia desde sempre, é uma característica que eu entendo não ser só da geografia de Moçambique, mas de muitas outras geografias, esteve ligado ao poder administrativo e de governação, não só em Moçambique, hoje qual é cenário em Moçambique.

R - Ya, o grande cenário em Moçambique é que (continuamos sendo sobrinhos do poder administrativo e de governação ou começamos a ganhar o nosso, porque é assim com o surgimento da geografia crítica, a geografia se posiciona face a face e até, pressiona ao próprio poder de governação ao poder político para pensar em soluções para o espaço, mas nós sentimos cá, nós ainda não temos muito de geografia crítica, então como é que nós estamos, continuamos nesse dinamismos de estar junto ao poder administrativo de governação ou estamos a ganhar outros caminhos, pegar outros percursos) estamos

apagados (risos) (ném sabemos se estamos juntos ou) estamos apagados, sim estamos apagados, eu digo isso porque nos grandes órgãos de poder administrativo tu não encontra geógrafos, encontras economistas, encontras biólogos, que se assumem com o papel de geógrafos ou com o papel de ambientalistas, porque o órgão do governo não entende o que é a geografia, e a geografia é a tal ciência de síntese, que ninguém entende o que é a geografia, qual é o papel da geografia, então, enquanto nós geógrafos não mostrarmos a utilidade da geografia, o nosso geógrafo é pouco interventivo, se repares qualquer fenómeno que houver aqui, calamidades, riscos ambientais, tufões, ciclones, não sei que, quê, nenhum geógrafo aparece a falar. Não, aparece (é mais fácil aparecer um sociólogo) aparece, um sociólogo, um economista, um biólogo, ok, mas o geógrafo não dá a cara, então a nossa geografia só existe nas salas de aulas, só existe nos seminários, nas conferências, epa, talvez perguntar ao presidente da GAM, porque esta a acontecer isso ai, (risos) (daqui a pouco eu chego a GAM, e é já agora)

P - GAM, Geógrafo Associados de Moçambique, é uma realidade, estou a falar com o presidente agora, pra mim é uma honra, como é que o presidente da GAM entende a actuação da GAM?

R - Ya, a GAM é uma Associação que está ainda a funcionar, prá mim está a funcionar muito mal (está a funcionar?) funciona mal (mal) funciona mal e a minha apreciação eu dique que é essa, porque, o que acontece é que, nós montamos uma estrutura directiva de pessoas que ocupam cargos de chefia noutros locais que não é a GAM, logo não temos um grupo de executivos da GAM, mas também porquê, nós em Moçambique não percebemos o associativismo, quer dizer não percebemos que o associativismo não é para ganhar dinheiro é uma coisa para você dar, fazer esforço para isso andar e funcionar, então, quando uma organização só vai funcionar quando está o cabeça, para dar ideias, faz isso, faz aquilo então isso é difícil, é grade problema que a GAM tem (ok) e a GAM só pode funcionar se nós, nós não temos um escritório, não temos espaço físico, não temos dinheiro, ok, então a GAM para funcionar bem, tinha que ter um grupo de pessoas, que ocupassem esses cargos, o presidente é um cargo político e simbólico, pode ser o ministro, pode ser não sei quem, é um cargo simbólico, é um carga que da imagem e dá seriedade a coisa né, mas por exemplo, ao nível da execução, nós temos que ter pessoas de facto tenham tempo e disponibilidade para fazer as coisas funcionarem né, agora, as pessoas tem vontade, mas isso não é um problema da GAM, é um problema do país, nós como moçambicanos funcionamos bem em eventos de seminários, workshops, mas vais ver que depois de workshop é como se não tivesse acontecido nada, as pessoas voltam para casa e a vida core normalmente, a gente por reunir aqui, traçar um bom programa, um bom esquema de funcionamento, mas se o chefe não está em cima, faz isso, faz aquilo, a coisa não vai andar, mas esse é um problema do país, nós somos assim aqui em Moçambique, a GAM não foge a esta, a esta cultura que nós temos de associativismo que não temos iniciativas de fazer coisas do dia a dia, quer dizer, hoje, fizemos isto, fizemos aquilo, fizemos aquilo, fizemos aquilo, não, se não é o chefe a dar ideias, que tal isto, que tal aquilo, a coisa não acontece.

P - Professor conheceu, eu também conheço um pouco a AGB, estaríamos muito distantes da atuação de uma AGB, que é assim a AGB começa pensando a geografia só para academia, mas ela hoje ocupa outros espaços e até faz pressão política a partir da geografia, nós estamos longe desta realidade.

R - Estamos longe dessa realidade porque a nossa GAM é muito recente, é muito recente e eu vou te dizer, o primeiro presidente foi o Araújo, não é, teve um elenco foi se embora, agora estou eu (o professo é o segundo presidente) acho sim, não sei muito bem, mas o que está acontecer, o geógrafo moçambicano, é um geógrafo que na maior parte das vezes é professor de geografia, ou então desempenha outras atividades que não tem nada a ver com a geografia, quer dizer está num local de trabalho, e há de ver que se houver um conferências ou um seminário ele não parece, então, enquanto nós não tivermos grupos de

pesquisa a funcionar então, o papel do geógrafo não há de ser visível, se nós formos a fazer um censo, veremos que há geógrafos na administração, há geógrafos nas empresas privadas, há geógrafos em todo local, mas se nos provocarmos aqui, vamos lá falar de geografia de Moçambique, ele próprio da sua área de trabalho não há de falar, há de falar de uma área na qual ele não trabalha, que ele gosta mas na qual ele não trabalha, então a maior parte das pessoas estão a trabalhar em áreas que eles também não gostam, eu posso gostar de geografia física, mas se me dão oportunidade de trabalhar no Ministério do Comércio, eu vou falar da contabilidade, eu vou falar de gestão de projetos, não sei o quê, já não vou falar da geografia física que eu quero, então se houver uma conferência, eu não tenho nada por apresentar porque lá no comércio e não vou tentar, geografizar a atividade que eu faço, então nós temos um grupo de pessoas formadas em geografia mas não são investigadores (em geografia) em geografia esse é o problema da GAM, (temos geógrafos mas não temos investigadores em geografia e para ser investigador em geografia não precisa ser geógrafo) não precisa ( esta é uma questão que vale a pena deixar claro) ya.

P - Professor, peço, estamos só com duas últimas perguntas, eu disse que íamos ser rápidos, peço que professor fale um pouco do intercambio e debate entre a geografia, as ciências sociais e as outras ciências.

R - É grande, é grande, é grande porque, nós temos, o nosso geógrafo é multidisciplinar, a quem diz interdisciplinar mas eu prefiro falar de multidisciplinar porque a geografia em si ela é multidisciplinar né, há uma grande dificuldade de nós fazermos a interdisciplinaridade, mas podemos fazer a multidisciplinaridade, quer dizer eu posso, deixar de falar de climas e falar de gestão de recursos naturais, deixo por traz e falo de população (isso é ser multidisciplinar) multidisciplinar, agora quando eu pego os recurso natural e eu mostro como é que isso influencia (nas outras) noutras atividades estou a ser interdisciplinar , então nós temos pessoas multidisciplinares, mas temos poucos interdisciplinares, então o geógrafo fala tanto de transportes fala tanto de urbanismo, fala tanto de população, fala de não sei o quê, quê, então essa ligação existe, existe por isso temos grupo de população, grupo de gestão de recursos humanos, grupo de gestão de recursos naturais, etc, riscos ambientais, etc, mas nós ainda não conseguimos fazer essa interdisciplinaridade, em que num único estudo nós possamos ter um sociólogo, possamos ter botânico, ter um agrônomo, ter um hidrólogo (e talvez seria essa proposta para pensarmos numa geografia de Moçambique) claro.

P - Professor, essa é para fechar mesmo, o que é que o professor conhece de outras geografias, acabamos dizendo aqui que nós temos influencias de outras geografias, mas o que se conhece, o que é que o professor conhece das outras geografias.

R - Por exemplo eu olho para a geografia espanhola, a geografia espanhola desenvolveu muito a geografia dos riscos, (...) a geografia física, a geografia física, principalmente a geografia dos leitos de inundação, desenvolver muito a geografia de riscos ambientais, eu estive numa escola, numa faculdade em que eram mais ricos, incêndios florestais, riscos e inundações, riscos daquilo, geografia corológica da vegetação essas coisas todas, então, esse tipo de geografia é um tipo de geografia que relaciona a interdisciplinaridade por que ai tu juntas, os aspectos tanto de fito, de zoo, de geo, e de hidro, por exemplo então tu consegues ser interdisciplinar e no mesmo estudo tu consegues juntar pessoas de várias, de várias áreas. Na geografia brasileira, empreendemos muito, eu acho que a geografia brasileira tem muito a ver com o local, quer dizer é uma geografia, aqui nós falamos da localidade, esta muito preocupada com o estudo de minuciosidade do território, quer dizer não vai muito para a generalizações, mas vai mais para o conhecimento do local e isso nós estamos a aproveitar bastante, né, nós temos a geografia francesa, a geografia francesa preocupa-se mais com a questão do espaço ( a questão da região) né, e aproveitamos um pouco isso para a regionalização espacial, tivemos algum contacto com geógrafos franceses, quando eles chegam aqui eles falam mais da região, falam mais, é uma geografia social hoje em dia a componente física foi se perdendo eles agora estão mais preocupados com o social a França

tornou se um país de entrada de muita gente, saída de muita gente então tornaram se mais sociais , desde a confusão da guerra da Argélia, eles mudaram a percepção do lugar , do espaço, da região, temos um pouco da influência da geografia americana, a geografia americana é mais uma geografia mais técnica (quantitativa) quantitativa é muito matemática, é muito quantitativa e é quântica mesmo, tivemos aqui alguns projectos com alguns americanos e a preocupação deles é saber quantos são, quantos fazem (risos) quanto ganham, quanto rendem, então é mais estatística e com muito sistema de informação geográfica e sistema de informação geográfica é muita mais base de dados, então é mais uma geografia quântica.

P - Professor Dgedge muito obrigado

4. Lista de produção bibliográfica de Geografia e geógrafos (as) de Moçambique (livros e trabalhos de conclusão de cursos, Dissertações e Teses)

<b>Titulo da Obra</b>	<b>Autor(s)</b>	<b>Ano</b>
Noções elementares da geografia de Moçambique	Manuel de Araújo	1975
O uso e a alteração da natureza numa cidade grande trópico-africana, o caso de Maputo – Moçambique.	Aniceto dos Muchangos	1983
As aldeias e o seu papel na distribuição territorial da população rural na república popular de Moçambique	Manuel de Araújo	1983
Meio Ambiente: a cidade de Maputo	Mario Gaviria, Aniceto dos Muchangos	1986
Traços gerais da Cidade de Maputo	Aniceto dos Muchangos	1987
O sistema das aldeias comunais em Moçambique: Transformações na organização do espaço residencial e produtivo.	Manuel de Araújo	1988
Aspetos geográficos da Cidade da Beira	Aniceto dos Muchangos	1989
O estudo de Moçambique no ensino de Geografia da 5ª classe da escola moçambicana – uma contribuição para a estruturação do programa e a configuração do livro do aluno com vista ao processo de ensino aprendizagem	Rachael Thompson	1990
Cidade de Maputo: aspectos geográficos	Aniceto dos Muchangos	1994
Geografia dos povoamentos: assentamentos humanos rurais e urbanos	Manuel de Araújo	1997
Geografia física de África: pequena monografia	Mario Jessen, Manuel de Araújo	1998
Moçambique: paisagens e regiões naturais	Aniceto dos Muchangos	1999
Geografia de Moçambique: física e econômica	Alberto da Barca, Tircio dos Santos	2000
Avaliação da aprendizagem de geografia: desvelando a produção do fracasso escolar na 10ª classe do ensino secundário geral - Cidade de Maputo (Moçambique), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brazil	Stela Duarte	2001
A evolução do pensamento geográfico: um percurso na história do conhecimento da terra e das correntes e escolas geográficas.	Manuel de Araújo e Inês Raimundo	2002
O risco de inundação da Bacia do Limpopo.	Sobrinho Dgedge	2003
Fertilidade e seus determinantes próximos em Moçambique: uma análise de níveis, tendências, diferenciais e variações regionais.	Carlos Arnaldo	2003

A população das cidades da Matola e Maputo: espaços urbanos multifacetados	Manuel de Araújo	2005
Cidade de Maputo: algumas características geo-espaciais	Elmer Matos, Luisa Vanessa Lopes e Francisco Chicamisse, Org Manuel de Araújo	2006
Mudança ambiental no centro-sul de Chibuto, Sul de Moçambique (1965-2000)	Zacarias Ombe	2006
Fecundidade e seus determinantes próximos em Moçambique	Carlos Arnaldo	2007
Dinâmica moçambicana da migração laboral indocumentada na África do Sul	Carlos Muanamoha	2008
Desenvolvimento Regional no Vale Zambeze - Moçambique em Perspectiva	Claudio Mungoi	2008
Desenvolvimento do turismo e resposta comunitária: o caso da zona costeira de Inhambane, Moçambique.	Emidio Samuel Nhantumbo	2009
Os conteúdos da urbanização em Moçambique: considerações a partir da expansão da cidade de Nampula	Alexandre Baía	2009
Gênero, escolha e migração: dinâmica familiar e urbanização em Moçambique.	Ines Raimundo	2010
Fatores associados à mortalidade infantil em Moçambique, 1998 a 2003	Serafim Anberto	2010
Afiliação religiosa individual, contexto da comunidade religiosa e saúde em Moçambique	Boaventura Cau	2011
A Nova abordagem de gestão de áreas de conservação e suas implicações socioespaciais: o caso de Chimanimani no centro de Moçambique	Elmer Matos	2011
Dinâmica socioespacial e produção habitacional na periferia de maputo-moçambique a partir da década de 1970: destaque para os bairros Polana Caniço “A” E “B.	Arménio Neves da Silva	2011
Análise de impactos da produção de alternativas agroenergeticas em Moçambique: o caso da província de Manica	José Maria do Rosário Chilaúle Langa	2012
Estimativas de mortalidade adulta em Moçambique, 1987 a 2007	Serafim Anberto	2013
Juventude e aids em Moçambique	Francisco Chicamisse	2013
A segurança em territórios turísticos: o caso do Município de Inhambane em Moçambique	Helisio Amiro Motany de Albuquerque Azevedo	2014
Dinâmicas de População e Saúde em Moçambique	Boaventura M. Cau, Carla Jorge Machado, Carlos Arnaldo, Cassiano Soda Chipembe, Inês Macamo Raimundo, João Mangue, Ramos Cardoso Muanamoha, Roberto do Nascimento Rodrigues e Sandra Dzidzai Matanyaire	2015
Desterritorialização e reterritorialização das comunidades atingidas pela exploração do carvão mineral em Moatize, Moçambique	Elmer Matos	2016

A urbanização moçambicana: uma proposta de interpretação	Joaquim Maloa	2016
Análise da degradação ambiental por erosão hídrica de solos na Bacia Hidrográfica do Rio Lifidzi no Planalto de Angónia: contribuição metodológica para Moçambique	Sabil Mandala	2016
Conflitos entre sabres na urbanização: as tradições das comunidades e o planeamento territorial na Município de Mocuba.	João Lima	2016

## ANEXOS

### 1. Currículos de Geografia na UEM

	[1969 - 1974]	[1979-1989]	[1990 - 2000]	[2001 - 2008]	[2009 - 2011]	[2012 - ...]
Introdução à Geografia		1	2	1	1	1
Geografia Física	12	6	5	3	4	4
Ambiente / Paisagem / Recursos Naturais		1	2	4	3	4
Geografia Humana	4	6	5	7	8	11
Geografia Regional			6	2	1	2
Geografia de Portugal / Moçambique - África	2	6	4	1	1	2
Metodologias		2	2	1	1	1
Desenho Topografico/ Cartografia/ Teledeteção/ SIG	2	1	1	7	3	9
Planeamento (Territorial, Urbano, Urbano, ...)		1	2	2	1	3
Seminário / Práticas de investigação		3	6	1	1	1
Trabalho Diploma / Lic. / Fim de Curso		1	1	1		1
Estágio		2		1		1
História de Portugal / Moçambique	4	1				
Etnologia Geral/ Materialismo/ Sociologia	2	2	2	1		
<b>Economia Política</b>		1				
<b>Meterialismo Histórico e Diáletico</b>		1				
<b>Geografia Económica dos Países Capitalistas, Socialistas e em Desenvolvimento</b>		1				
Outras disciplinas / opções	4	2	10	7	2	8

Fonte: Sposito, Langa e Jacinto (2017)

## 2. Trabalhos defendidos no curso de Geografia na UEM

### Licenciatura em Geografia

<u>Autor</u>	<u>Título</u>
FERNANDO, Agostinho-	Análise da distribuição espacial da população do distrito de Búzi.
MAGAIA, Célia Margarida António-	Dinâmica da Costa no Sul de Moçambique: estudo de caso do distrito de Xai-Xai.
NHAMPOSSA, Paulo Bento Gomes-	Os problemas ambientais resultantes do desenvolvimento agro-pecuário na área do Sábie- distrito de Moamba.
MECHISSO, Micas da Cruz Fernando dos Santos-	Influência da estrutura agrária na segurança alimentar da população.
BIÉ, Sérgio Salomão-	Problemática de uso da terra nas áreas periurbanas da cidade de Maputo: caso dos bairros de Magoanine C e Zimpeto.
NHANTUMBO, Emílio Samuel-	Análise diferencial da ocupação e utilização do espaço suburbano da Beira.
NAFTAL, Amélia-	Ensaio para a elaboração do plano de estrutura da vila de Inhassoro.
MUSSAMBALA, Figueiredo Timóteo Manuel-	Gestão dos recursos naturais no distrito de Nhamatanda: qual o papel da participação comunitária.
TSANDZANA, Armando Fernando-	Estudo da expansão horizontal da cidade de Maputo: o caso do Bairro de Laulane.
RAPOSO, António Francisco-	Análise da ocupação da força de trabalho na cidade de Chimoio: um estudo de caso na localidade urbana n3.
SINGANO, Carlos Creva-	Estudo do processo de reassentamento humano do pós-guerra no distrito de Bárue.
COVELE, Paulo Alberto-	Erosão hídrica em Gondola e Chimoio: uma contribuição na avaliação dos factores que influenciam a erosão.

**CHAMBAL, Olga-** Ilha de Inhaca, Ponta Malongane e Ponta de Ouro: actividade turística 1992-1995.

**DENGO, Cláudio António-** Avaliação integrada dos recursos naturais como base para o planeamento do seu uso e desenvolvimento sustentável; caso de estudo da Bacia de Umbeluzi.

**TAUACALE, Francisco Pronto Isaias-** Determinação do padrão do caudal ecológico da bacia do rio Umbeluzi: uma contribuição para discussão sobre gestão sustentável dos rios.

**MACIA, Clemente José-** A erosão de solos na cidade de Chimoio e arredores.

**ERNESTO, Armindo Raúl-** Diferenciação espacial do uso e aproveitamento dos recursos florestais no distrito de Matutuine.

**MUCHANGA, Víctor Paulo Meque-** Delimitação de terras comunitárias para a segurança de posse em Alto Molócue: uma alternativa para a sustentabilidade do distrito.

**MANJATE, Benefício Benedito-** O corredor de desenvolvimento de Maputo: a sua influência na expansão e no reordenamento de ocupação do solo urbano da cidade da Matola.

**MAUEIA, Lote Simione-** Mudanças nas formas de uso e aproveitamento da terra: o caso da região de Macalauane, distrito de Chibuto (1950 a 1999).

**MALÓ, Sérgio Adriano Maria Domingos-** Diferenciação espacial de uso e ocupação do solo na cidade de Maxixe.

**MARTINHO, Araújo Simão-** Determinantes da fecundidade em Moçambique: caso específico das mulheres da cidade de Chimoio.

**LAISSONE, Jacinta-** Uma contribuição para o estudo de alguns impactos ambientais das minas de carvão de Moatize.

**ALFEU, Maria-** Influência da migração para a África do Sul no desenvolvimento socioeconómico e nas características demográficas do distrito de Massinga.

**NHAPURE, Gilberto Elgina-** Análise da distribuição espacial da precipitação e sua influência na produção agrícola nos distritos de Massinga e Funhalouro.

- SÍLVA, F. Da-** Aplicação de imagens de satélite na avaliação da dinâmica da cobertura vegetal de mangal no delta do rio Zambeze.
- CAU, Boaventura Manuel-** A degradação do solo: o caso da área entre Chidenguele e Quissico no Sudeste de Moçambique.
- NHAMPOSSA, Verlopes Pascoal-** O turismo e os ecossistemas costeiros: estudo de caso da praia de Závora.
- MURREVEIA, Alexandre Alua-** Estratégias de combate a erosão actual na vila de Marrupa: uma contribuição para a gestão ambiental urbana.
- WACATE, Zeca Joaquim Ramadane-** Mobilidade espacial da população no distrito de Mandimba.
- ZIMBA, Jorge Jossefa-** Recolha e tratamento de lixo urbano (1970-2000) e o seu impacto na saúde da população: caso da cidade de Maputo.
- CASTIGO, Pedro-** Análise da produção agrícola no distrito de Sussundenga (1992-1999).
- MWALUZA, Romão Cinco-** A funcionalidade do transporte rodoviário de carga para a comercialização agrícola: caso ilustrativo de Domue (1985-1994).\*
- DUCE, Pedro Bernardo-** Análise da expressão espacial da habitação na cidade da Matola.
- CHAVRY, Maria dos Anjos Fernanda-** População e degradação dos recursos florestais em Marracuene.
- LIQUIDÃO, Adelaide Leta Tiago-** Análise da diferenciação espacial da população feminina da cidade da Matola.
- CUAMBA, Patrícia Graça-** Potencial agro-pecuário do distrito da Moamba: estudo de caso da Vila-Sede e Posto Administrativo de Sábie.
- CONZO, Simião Fernando-** Gestão dos rios internacionais em Moçambique: estudo de caso do baixo Limpopo.
- SILVA, Joaquina Carrilho Almeida da-** Aspectos ambientais do litoral da cidade de Pemba.

**HENRIQUES, Alfredo Joaquim-** O papel da avaliação ligeira moçambicana na interligação territorial do desenvolvimento nacional.

**FREDERICO, Mónica-** Especialização da precipitação actual usando imagem de satélite meteorológico METEOSAT- Moçambique: de 20 de Janeiro a 20 de Março de 2002.

**PIQUITAI, José Ruivo-** Impactos socioeconómicos da auto-estrada Witbank- Maputo: estudo de caso entre Ressano Garcia e cidade de Maputo.

**MAGAIA, Célia Margarida António-** Dinâmica da Costa no Sul de Moçambique: estudo de caso do distrito de Xai-Xai.

**BECHARDAS, Lavínia Maria Fernandes-** Situação da erosão na província de Maputo: uma análise baseada no modelo SLEMSA.

**MACUCULE, Luís Bassanhane-** Análise da contribuição do turismo na vida socioeconómica da população da cidade de Inhambane.

**RAIMUNDO, Inês Macamo-** Arquipélago do Bazaruto, 1995: população, suas actividades e recursos naturais.

**VALE, Maria de Lurdes Gomes Miranda do-** Análise do ordenamento do espaço urbano na vila do Bilene.

**ANTÓNIO, Pedro Cláudio Barroso-** Contribuição da bicicleta de carga nas actividades comerciais de carácter informal na cidade de Quelimane.

**ADAMO, Mário António-** Mercado de terras nas áreas urbanas e sua implicação na ocupação e uso de terra: estudo de caso da área periurbana da cidade da Matola.

**GULELE, Jorge Jerónimo-** Relação entre a expansão urbana e a actividade pesqueira: estudo de caso do bairro da Costa de Sol.

**MACANDZA, Manuel Madeira-** Análise dos factores que influenciam a diferenciação espacial da erosão do solo na cidade de Xai-Xai.

**CANGIRA, Paulo Hivala-** Factores de degradação dos solos no Posto Administrativo de Namialo- Distrito de Meconta (1970-2000).

**CHIGOMA, Atanásio Domingos Emanuel-** Degradação de solos e movimentos populacionais no Posto Administrativo urbano de Muatala cidade de Nampula.

**ABECHANDE, Hassane-** Contribuição para a melhoria da gestão urbana e ambiental da Matola-A.

**MARTINHO, Maria Celeste-** População e uso dos recursos naturais na cidade de Lichinga.

**GUALE, Rosaque João-** Potencial da Bacia do rio Movene para a construção da Barragem: uma análise quantitativa e qualitativa da água do rio.

**LANGA, Joaquim Vasco-** Gestão integrada dos recursos hídricos em Moçambique: o caso da bacia hidrográfica do rio Licungo.

**MARTINHO, Araújo Simão-** Determinantes da fecundidade em Moçambique: caso específico das mulheres da cidade de Chimoio.

**WATE, Filimone José-** Mobilidade espacial da população e uso dos recursos florestais: Posto Administrativo de Maluana, distrito de Manhiça.

### 3. Deliberação da criação do Mestrado em População e Desenvolvimento



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
Conselho Universitário

*Gracioso na  
criação do Mestrado em  
População e Desenvolvimento  
19/12/04*

#### DELIBERAÇÃO Nº 16/CUN/2003

Reunido na sua Terceira Sessão Ordinária nos dias 17, 18 e 19 de Dezembro de 2003, o Conselho Universitário apreciou a proposta de "Mestrado em População e Desenvolvimento", submetida pelo Centro de Estudos de População do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, e constatou que nela se encontram definidos, inseridos e devidamente fundamentados e interligados:

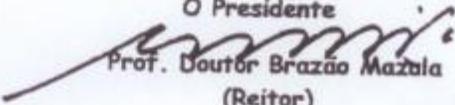
1. Os fundamentos no contexto institucional e nacional e a filosofia do curso;
2. Os objectivos gerais e específicos;
3. O perfil geral do mestre;
4. A estrutura do curso, o plano de estudos e os planos temáticos;
5. As estratégias de admissão e de avaliação;
6. Os recursos humanos e as infraestruturas necessários e a sua sustentabilidade.

Nesta conformidade, ao abrigo da alínea c) do nº 2 do artigo 18 dos Estatutos da Universidade Eduardo Mondlane, aprovados pelo Decreto nº 12/95, de 25 de Abril, do Conselho de Ministros, sob proposta do Conselho Académico, exarada na Resolução nº 09/CA/2003-04 de 5 de Dezembro de 2003, o Conselho Universitário delibera:

1. É aprovada a abertura do *Curso de Mestrado em População e Desenvolvimento* na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, e igualmente aprovado o respectivo Plano de Estudos.
2. A presente deliberação entra imediatamente em vigor.

Feita na Sala dos Actos Grandes no dia 19 de Dezembro de 2003.

O Presidente

  
Prof. Doutor Brazão Mazala  
(Reitor)

#### 4. Lista de Dissertações defendidas no Mestrado em População e Desenvolvimento

##### Mestrado em População e Desenvolvimento

**MACARINGUE, Francisco Alberto-** Determinantes do uso de contraceptivos em Moçambique.

**CHICOTELA, Daniel Pedro Januário-** O papel da agricultura urbana em Moçambique: estudos de casos das cidades de Nampula e de Nacala-Porto.

**BALOI, Judas Laiçane-** Programas de desenvolvimento na província de Inhambane: impacto da Horta Orgânica e da construção a baixo custo.

**DUARTE, Laura Gomes-** Comportamento sexual em Moçambique: factores sócio-demográficos associados a vida sexual dos jovens adolescentes.

**MAPENGO, Manuel-** Migração rural urbana e crescimento populacional da cidade de Maputo.

**GUEVANE, Luís Adriano-** Pobreza e gestão urbanas na cidade de Maputo: que interrelações.

**RECAMA, Dionísio Calisto-** Segurança social do INSS: desafios para integração do sector informal.

**ABREU, Cremildo-** Dinâmica da resposta de Moçambique a violência contra a mulher.

**CINTURA, Sónia das Dores Catarina José Baptista-** A responsabilidade da (s) mulher (es) e do (s) homem (ns) na fecundidade: um estudo sobre a fecundidade na cidade de Maputo.

**CEITA, Dinasalda Santana de-** Mulher migrante São-Tomense e a sua inserção no meio urbano.

**NTAUMA, Agatha Manuel Teodoro-** Mecanismos tradicionais de protecção da criança órfã e vulnerável no contexto de HIV/SIDA: caso do distrito de Sussundenga.

**BILALE, Cecília Castanheira-** A mulher migrante na cidade de Maputo: a migração feminina interna, causas e consequências socioeconómicas e demográficas.

- GUAMBE, José Júlio Júnior-** Contribuição do turismo no desenvolvimento local em Moçambique: caso da zona costeira de Inhambane.
- MAÚSSE, Alcido Hamben-** Turismo e recursos naturais: contribuição da actividade turística para defesa e conservação dos recursos naturais no distrito de Matutuine.
- HAMELA, Ebenizário-** Os custos das cadeias para a sociedade: que contribuição ao desenvolvimento de Moçambique.
- SUMBANA, Amélia Matos-** O parlamento moçambicano e a equidade de género.
- TEIXEIRA, Jerónimo Victor-** A participação das comunidades na gestão das florestas: caso do distrito de Inharrime. -
- AMAD, Algy Abdul-** Uma análise sobre o papel da Estratégia de Desenvolvimento Rural (EDR) no processo de desenvolvimento em Moçambique.
- PINDULA, Humberta Isabel-** Violência doméstica e desigualdades sociais: uma questão de género e cultura, casos do Sul de Moçambique-cidade de Maputo-DU3.
- NOVELE, Belmiro Bento-** Renda familiar e segurança alimentar em Moçambique: caso do distrito de Namaacha.
- TCHAÚQUE, Francisco Paulo Uamba-** Contribuição dos Mass Média na difusão de conhecimento para prevenção da Malária no distrito da Moamba.
- SILVA, Júlio António Domingos da-** A contribuição do microcrédito no alívio a pobreza em Moçambique: estudo de caso na cidade de Maputo e arredores.
- MECUPA, João-** O crescimento da população e seu impacto no acesso a educação básica em Moçambique, 1975-2007.
- TEMBE, Josué Filipe-** Suburbanização e as interações que se estabelecem na evolução da [população nas cidades de Maputo e Matola, 1997-2007.
- MANJATE, Carla Ester Venâncio-** A mulher na pesca Artesanal: estudo de caso de Vilankulo.
- JOAQUIM, José Joaquim Paulino-** Análise socioeconómica da relação educação e pobreza na cidade de Maputo.

**JÚNIOR, António Jorge Melembe-** A contribuição do comércio transfronteiriço no desenvolvimento local: o caso do distrito de Muidumbe, Cabo Delgado.

**GOVO, Orlando Alberto-** Estratégias de comunicação para o desenvolvimento humano e sua contextualização nas dinâmicas sociais locais.

**COSSA, Patrício Feliciano-** A ocupação dos campos de cultivo pelas habitações e o seu impacto no desenvolvimento socioeconómico dos agricultores familiares do distrito de Marracuene.

**MACHAVANE, Carmino Augusto-** Factores de risco de mortalidade infantil na região Norte de Moçambique: avaliação de diferenciais Neonatal e Pós-Neonatal.

**NGALE, Arlindo João-** Pesca artesanal: a sua contribuição no rendimento dos agregados familiares da cidade de Maputo- estudo de caso das comunidades de pesca de Gwachene e de Marítimo.

**TIAGO, Eustáquio Daniel-** Produção de alimentos, segurança alimentar e nutricional: caso do distrito da Manhica, província de Maputo.

**MALATE, Constantino António-** A água como factor de desenvolvimento nas áreas urbanas: caso do distrito municipal Kamubukwana, na cidade de Maputo.

**MAPOSSE, Adelina Hercília Sete-** O papel do comércio informal na ocupação da força de trabalho em Moçambique.

**REBELO, Manuel S.C.-** Ameaças á conservação da natureza e ao desenvolvimento sócio-económico nas áreas de conservação da natureza: o caso da reserva especial do Maputo (REM).

**HUO, Teles Chigamane Sociado-** Renda e pobreza rural no Centro e Norte de Moçambique, 1996-2002.